



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Mara Karina Sousa Barbosa da Silva

O que o jornal pensa: *media populism* nos editoriais dos jornais *Folha de S. Paulo*, d'*O Globo* e d'*O Estado de S. Paulo* sobre o Governo Bolsonaro

**Brasília
2025**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Mara Karina Sousa Barbosa da Silva

O que o jornal pensa: *media populism* nos editoriais dos jornais *Folha de S. Paulo*, *d'O Globo* e *d'O Estado de S. Paulo* sobre o Governo Bolsonaro

Tese apresentada à Banca Examinadora como requisito parcial para obtenção do grau de doutora em Comunicação.

Linha de pesquisa: Poder e Processos Comunicacionais

Orientadora: Profa. Dra. Liziane Guazina

**Brasília
2025**

Mara Karina Sousa Barbosa da Silva

**O que o jornal pensa: *media populism* nos editoriais dos jornais da *Folha de S. Paulo*,
d'O Globo e d'O Estado de S. Paulo sobre o Governo Bolsonaro**

Tese apresentada à Banca Examinadora como
requisito parcial para obtenção do grau de
doutora em Comunicação.

Linha de pesquisa: Poder e Processos
Comunicacionais

Aprovada em: __ / __ / ____

Banca examinadora:

Profa. Dra. Liziane Guazina – PPGCOM FAC/UnB
Orientadora

Prof. Dr. Bruno Bernardo de Araújo – PPG Comunicação e Poder – UFMT
Membro externo

Prof. Dr. Marco Antônio Roxo da Silva – Departamento de Estudos Culturais e Mídia – UFF
Membro externo

Prof. Dr. Fernando Oliveira Paulino – PPGCOM FAC/UnB
Membro interno

Camila Quesada Tavares – Universidade Federal do Paraná – PPGCOM
Suplente

AGRADECIMENTOS

Faço-me de movimentos e mudanças. Conto histórias, reescrevo a vida. Renasço a cada passo e troco de pele como a *Dan*, que na mitologia iorubá é representado pela sagrada serpente arco-íris, o *Orixá* que carrego no *Ori*, cabeça: *Oxumarê*. Agradeço os caminhos abertos e prósperos a *Exú*, *Orixá* fundamento da comunicação e da linguagem, a quem entrego esta tese de doutorado. *Adupé, Orisá!*

Estou aqui por todas as minhas ancestrais pretas!

Esta é mais uma tese de doutorado de uma pessoa preta do Brasil. Estudo produzido em meio às adversidades comuns da vida, uma pandemia, lutos devastadores, a soma da dedicação à academia, entre 40 e 60 horas semanais de trabalho profissional. Ainda assim, sou grata por ter conseguido!

Agradeço e saúdo aos meus avós Geralda e Geraldo Martins (*in memoriam*). Vocês cumpriram o propósito. Criaram filhos, netos e bisnetos felizes e corajosos, que têm rompido barreiras para estabelecer uma caminhada rumo à liberdade tão almejada e o direito de ser o que é.

Sou grata a Maria, minha mãe, Ana Negra e Júlia, minhas irmãs; Célia Martins, Rayssa Dias, Evellyn Dias, Ryan Dias, Ravy Dias e Fernando de Souza, pelo cuidado nos momentos em que precisei de amparo e por me colocarem em lugar de destaque e respeito na vida de vocês. Que eu possa, a cada celebração de sucesso como esta, pavimentar caminhos possíveis para todos nós e honrar nossa família!

Agradeço minha *yalorixá* Jaciara Ribeiro, minha âncora espiritual e guia nas lutas, pelo amor e cuidado diários. O Candomblé me salva. Mesmo com a distância física entre Brasília e Salvador/BA, meu coração está no *Axé Abassá de Ogum*, em comunhão com a *yakekerê* Danielle Felício, minhas *yás*, *babás* e irmãos a quem agradeço a acolhida de sempre.

Agradeço a Ana Flávia Magalhães Pinto, irmã que acolhe, orienta e ensina com amor e paciência a ter “fé na fé da moçada” e com quem também “aprendo a ler para ensinar meus camaradas”. Aos meus amigos, amigas, obrigada pelo amor, partilha e confiança. Vocês me preenchem de alento e firmeza todas as vezes que me acolhem e me dão forças para seguir.

Agradeço também, em nome da minha querida orientadora Liziane Guazina, a todas/os professoras e professores do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília e às pessoas que também se dedicam a produzir conhecimento no Brasil. Agradeço à Capes pelo financiamento na reta final de conclusão da pesquisa.

*Pela janela do quarto
Pela janela do carro
Pela tela, pela janela
Quem é ela? Quem é ela?
Eu vejo tudo enquadrado
Remoto controle*

Esquadros, Adriana Calcanhoto, 1992

RESUMO

Tendo como referência a ascensão da extrema direita na política brasileira na última década, também resultado de um movimento global, esta pesquisa busca identificar a ocorrência do *media populism* (Mazzoleni, 2008) na cobertura editorial dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* sobre o governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). Para isso, utilizamos como fundamentação teórica os debates sobre o populismo (Mudde; Kaltwasser, 2017; Laclau, 2003), bem como autores que entendem o fenômeno a partir das perspectivas de estilo de comunicação (Jaggers; Walgrave, 2007) e como estratégia de comunicação política (Vreese *et. al.*, 2018). Partindo de uma reflexão sobre o cenário de crise política, econômica e de confiança nas instituições no Brasil, discutimos os impactos desse contexto na eleição de Bolsonaro, bem como identificamos elementos do populismo radical na estratégia retórica e política do ex-presidente (Tanscheit, 2023; Guazina, 2021; Rodrigues, 2021; Mudde, 2019). Buscamos entender os reflexos do cenário nos *quality papers* do país (Hallin; Mancini, 2004) e analisamos o papel político dos editoriais e a relação entre os veículos de comunicação brasileiros e a defesa das agendas das elites do país (Azevedo, 2003; Albuquerque, 2010). Em um *corpus* de 681 editoriais publicados em 300 dias do Governo Bolsonaro (100 primeiros dias; 100 dias na pandemia da Covid-19; e os 100 últimos dias de governo), aplicamos a metodologia de análise dos enquadramentos editoriais (Entman, 2004; Firmstone, 2019; Gamson; Modigliani, 1989; Guazina; Araújo; Prior, 2018). A análise de conteúdo foi realizada com auxílio do *software* SPSS. Como resultado, identificamos que a ocorrência do *media populism* nos principais jornais brasileiros é minoritário, mas estratégico, uma vez que o uso dos enquadramentos populistas, referenciados nas retóricas de apelo ao povo, reforço ao discurso “nós x eles” e reforço ao sentimento antielites não é aleatório e busca padrões que reflitam as identidades editoriais dos veículos analisados e contribuam para a defesa de suas agendas de interesse. Os resultados indicam que a ocorrência do *media populism* nos períodos analisados também está vinculada à defesa das agendas de interesse dos veículos. Revelam, ainda, a variação na ocorrência do fenômeno nos três períodos analisados, sugerindo que os meios adaptam o uso da retórica de acordo com o contexto político. Por fim, a análise tornou possível observar padrões distintos na adoção de elementos e estratégias discursivas que merecem observação, principalmente porque a ocorrência do *media populism* nos veículos de comunicação pode ter sido adotada como resposta ao cenário de um governo alinhado à extrema direita radical.

Palavras-chave: Populismos; *media populism*; enquadramento; editoriais; *quality papers*.

ABSTRACT

Considering the rise of the far-right in Brazilian politics over the last decade—a phenomenon also linked to a global trend—this research seeks to identify the occurrence of media populism (Mazzoleni, 2008) in the editorial coverage of the newspapers *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, and *O Globo* during Jair Messias Bolsonaro's presidency (2019–2022). The study is grounded in theoretical debates on populism (Mudde & Kaltwasser, 2017; Laclau, 2003), as well as scholars who approach the phenomenon from the perspectives of communication style (Jagers & Walgrave, 2007) and political communication strategy (Vreese et al., 2018). Reflecting on Brazil's political and economic crisis, as well as the erosion of trust in institutions, we examine how this context influenced Bolsonaro's election and identify elements of radical populism in his rhetorical and political strategies (Tanscheit, 2023; Guazina, 2021; Rodrigues, 2021; Mudde, 2019). We aim to understand how this scenario impacted the country's quality papers (Hallin & Mancini, 2004), analyzing the political role of editorials and the relationship between Brazilian media outlets and the defense of elite agendas (Azevedo, 2003; Albuquerque, 2010). Using a corpus of 681 editorials published across 300 days of Bolsonaro's government (the first 100 days, 100 days during the Covid-19 pandemic, and the final 100 days), we apply editorial framing analysis (Entman, 2004; Firmstone, 2019; Gamson & Modigliani, 1989; Guazina, Araújo, & Prior, 2018). Content analysis was conducted using SPSS software. Our findings indicate that while media populism in Brazil's leading newspapers is relatively rare, its use is strategic. Populist frames — such as appeals to "the people," reinforcement of an "us vs. them" discourse, and anti-elite sentiment — are not employed randomly but rather reflect the editorial identities of the outlets and align with their political agendas. The results suggest that the occurrence of media populism in the analyzed periods is also tied to the defense of the outlets' own interests. Additionally, variations in the phenomenon across the three periods indicate that media outlets adapt their rhetoric according to the political context. Finally, the analysis reveals distinct patterns in the adoption of discursive elements and strategies, warranting further attention — particularly because media populism in these outlets may have emerged as a response to a government aligned with the radical far-right.

Keywords: Populism; media populism; framing; editorials; quality papers.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Construção da questão política dos enquadramentos	93
Quadro 2 – Principais contribuições para a elaboração da estratégia metodológica.....	95
Quadro 3 – Pacotes interpretativos e enquadramentos populistas.....	98
Quadro 4 – Enquadramentos populistas temáticos.....	99
Quadro 5 – Identificação do jornal.....	101
Quadro 6 – Período de publicação do editorial	102
Quadro 7 – Tipo de editorial	102
Quadro 8 – Enquadramento principal	103
Quadro 9 – Definição do enquadramento principal	104
Quadro 10 – Enquadramento populista.....	104
Quadro 11 – Definição do enquadramento populista.....	105
Quadro 12 – Editoriais publicados em 100 dias na pandemia da Covid-19.....	107
Quadro 13 – Acomodação dos enquadramentos populistas às definições dos <i>framings</i>	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Jornais selecionados para codificação de teste	110
Tabela 2 – Editoriais publicados nos períodos analisados	113
Tabela 3 – Agendas frequentes nos editoriais	114
Tabela 4 – Agenda de temas tratados na cobertura editorial sobre o Governo Bolsonaro	117
Tabela 5 – Tipo de editorial publicado por período	119
Tabela 6 – Enquadramentos preponderantes nos editoriais por período	121
Tabela 7 – Definição dos enquadramentos preponderantes (Entman, 2004)	126
Tabela 8 – Enquadramentos preponderantes e o tipo de editorial	128
Tabela 9 – Ocorrência do populismo nos editoriais dos <i>quality papers</i>	130
Tabela 10 – Relação entre a agenda de temas tratada e o populismo como enquadramento	133
Tabela 11 – Relação entre período e a ocorrência do enquadramento populista	135
Tabela 12 – Ocorrência do enquadramento populista e a definição do <i>framing</i> (Entman, 2004)	137

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Critérios de valores editoriais	66
Figura 2 – <i>Print</i> de tela de conversação do <i>site</i> de inteligência artificial generativa Claude. AI.....	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 O QUE COMPREENDEMOS COMO POPULISMO	25
1.1 POPULISMO: CONCEITO, ABORDAGEM IDEACIONAL E A ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA POPULISTA	26
1.2 POPULISMO COMO ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA	32
1.3 POPULISMO DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO (MEDIA POPULISM).....	34
2 CRISE POLÍTICA E ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA NO BRASIL: ELEMENTOS DO POPULISMO BOLSONARISTA.....	41
2.1 A MEDIDA DO CAOS: CRISE BRASILEIRA E O POPULISMO DE EXTREMA DIREITA	42
2.2 POPULISMO DE BOLSONARO: ELEMENTOS DA ESTRATÉGIA POLÍTICA DISCURSIVA DO 38º PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO BRASIL	48
3 O PAPEL POLÍTICO DOS EDITORIAIS: A VOZ DOS VEÍCULOS E AS CARACTERÍSTICAS DA IMPRENSA BRASILEIRA	58
3.1 OS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO COMO ATORES POLÍTICOS.....	61
3.2 ELABORAÇÃO DO VALOR POLÍTICO DOS EDITORIAIS DOS QUALITY PAPERS	63
3.3 A VOZ DA FOLHA DE S. PAULO, D'O GLOBO E D'O ESTADO DE S. PAULO DURANTE AS CRISES POLÍTICAS NO BRASIL (2007-2022).....	68
3.4 REFLEXÕES SOBRE OS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL: RELAÇÕES ENTRE A MÍDIA E O CAMPO POLÍTICO E DEFESA DAS AGENDAS DA ELITE ECONÔMICA.....	73
4 REFLEXÕES SOBRE ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS EM TEXTOS EDITORIAIS	82
4.1 REFLEXÕES TEÓRICAS PARA ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS DOS TEXTOS DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO	83
4.2 ANÁLISES DE ENQUADRAMENTO NOTICIOSO: CONTRIBUIÇÕES BRASILEIRAS NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO E POLÍTICA.....	85

4.3 POPULISMO COMO ENQUADRAMENTO DOS EDITORIAIS DOS QUALITY PAPERS	89
5 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA: ENQUADRAMENTOS COMO PACOTES INTERPRETATIVOS NOS EDITORIAIS DA IMPRENSA BRASILEIRA	92
5.1 ROTEIRO PARA A ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS POPULISTAS	97
5.2 DEFINIÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE: 300 DIAS NO GOVERNO BOLSONARO (2019-2024)	105
5.3 PRÉ-TESTE: ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS POPULISTAS.....	109
5.4 SPSS (STATISTICAL PACKAGE FOR THE SOCIAL SCIENCES) NA ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO	110
5.5 TESTE DE CONFIABILIDADE: RESULTADOS NO ALFA DE KRIPPENDORFF	112
6 ANÁLISE: O QUE OS JORNAIS PENSAM: OCORRÊNCIA DO <i>MEDIA POPULISM</i> NOS EDITORIAIS DOS <i>QUALITY PAPERS</i> BRASILEIROS	113
6.1 A AGENDA DOS QUALITY PAPERS: QUESTÕES TRATADAS NA COBERTURA EDITORIAL SOBRE O GOVERNO BOLSONARO	114
6.2 ENQUADRAMENTOS PREPONDERANTES NA COBERTURA EDITORIAL SOBRE O GOVERNO BOLSONARO	120
6.3 MEDIA POPULISM NOS JORNAIS O ESTADO DE S. PAULO, FOLHA DE S. PAULO E O GLOBO	130
CONCLUSÕES.....	139
REFERÊNCIAS	145
APÊNDICE I.....	155
APÊNDICE II	164
APÊNDICE III.....	215

INTRODUÇÃO

Em sua escalada até o topo do Executivo federal, o ex-presidente Jair Bolsonaro contou com uma campanha que priorizou a comunicação direta com os eleitores por meio das mídias sociais. O político também teve apoio dos setores conservadores e religiosos da sociedade para disseminar os ideais *antiestablishment*, críticos às elites, de ataque sistemático às minorias representativas (mulheres, populações negra, indígena e pessoas LGBTQIA+), com forte apelo moral e religioso, de exaltação ao período da ditadura brasileira (1964-1985), ao nacionalismo, aos militares e às forças de segurança pública (Silva; Rodrigues, 2021).

A biografia recente identifica a figura pública de Bolsonaro no espectro dos políticos filiados à extrema direita (Mudde, 2019), ancorada em análises que revelam elementos tanto na construção política do ex-presidente quanto no seu estilo, discurso e gestão, características comuns às lideranças desse movimento que emergiu no século XXI, também a partir do panorama de crise global das democracias (Tanscheit, 2023; Aggio; Vaz; Castro, 2022; Araújo; Soares-Campos, 2022; Guazina, 2021; Bronze; Ribeiro, 2021; Oliveira; Maia, 2021; Fischer; Vaz, 2020).

A retórica adotada por Jair Bolsonaro durante seus mais de 30 anos como parlamentar ganhou reforço com os discursos de combate à corrupção, que se configurou como uma das principais preocupações dos eleitores brasileiros naquele ano por conta das crises políticas ocasionadas pela Operação Lava Jato, do golpe contra a ex-presidenta Dilma Rousseff¹ e das tensões econômicas que o país enfrentava, pelo menos, desde meados de 2013 (Albuquerque, 2020; Hunter; Power, 2019; Miguel, 2018).

Em uma análise das narrativas dos procuradores da Lava Jato em perfis nas plataformas de mídias sociais e publicados na mídia, Sá e Silva (2020; 2022) concluí que os procuradores envolvidos na operação construíram discursos de caráter conservador e apelo religioso em torno do combate à corrupção, traduzidos em ataques ao Supremo Tribunal Federal (STF) e ao Congresso Nacional, com potencial de fragilizar a democracia brasileira. Os autores indicam

¹ Em 27 de março de 2022, a 7ª Turma Especializada do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (Rio de Janeiro e Espírito Santo) extinguiu o processo contra a ex-presidenta Dilma Rousseff, sem resolução do mérito, por danos financeiros causados pelas chamadas “pedaladas fiscais”. (Fonte: <https://www.conjur.com.br/2022-mar-27/trf-extingue-acao-dilma-rousseff-pedaladas-fiscais>). Entre dezembro de 2015 e agosto de 2016, a acusação contra a presidenta por praticar manobras fiscais para ocultar informações financeiras e orçamentárias do Governo Federal motivou o processo para seu *impeachment*. O cenário controverso e de ruptura entre o governo e a base parlamentar e de constantes pressões do setor financeiro e dos veículos de comunicação, levaram setores da sociedade civil, da academia brasileira e internacional a considerar o processo um golpe (Löwy, 2016; Miguel, 2016; Perissinotto, 2016; Souza, 2016).

ainda que, posteriormente, essas premissas foram incorporadas à agenda de campanha de Bolsonaro².

Nos anos do Governo Bolsonaro, os ataques dos apoiadores do ex-presidente, conhecidos como “bolsonaristas” (Reis, 2020; Cesarino, 2019), contra o STF se intensificaram, tomando a centralidade do tradicional discurso antielite que compõe a agenda política do ex-presidente. Essa movimentação culminou na presença da Suprema Corte no epicentro dos ataques ocorridos em 8 de janeiro de 2023 às sedes dos Três Poderes e à democracia brasileira, em Brasília, em reação à eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, no pleito de 2022³.

Apreendemos que o contexto socioeconômico em crise possibilitou a chegada de Jair Bolsonaro à Presidência do Brasil, revelando a fragilidade da democracia e do sistema político brasileiros (Albuquerque, 2020; Chagas-Bastos, 2019), e sua vitória eleitoral pode ser entendida como reflexo da crise democrática global, que provocou a ascensão do movimento social da direita conservadora no país (Mendonça, 2017; Tatagiba, 2017).

Esse cenário de crise institucional pode ter sido um dos fatores para a emergência de Jair Bolsonaro como liderança populista de extrema direita no Brasil e para a estreia do fenômeno na América Latina (Tanscheit, 2023), uma vez que, como observam Mudde e Kaltwasser (2017), configurou a conjuntura ideal para a ascensão de personagens alinhados a esse estilo político, da perspectiva do *zeitgeist* populista (Mudde, 2004), que tem como desdobramento da evidência crescente desse movimento na política global a defesa dos ideais conservadores e autoritários na última década (Mudde, 2019).

Tendo como referência Mudde e Kaltwasser (2017), entendemos populismo como estilo, sob a perspectiva da abordagem ideacional (*ideational approach*), e ideologia “afinada” (*thin-centered ideology*). Assim, partimos da premissa de Vreese *et al.* (2018), que compreendem o discurso como a base fundamental para o populismo como estratégia de comunicação política, com potencial para ser utilizado por atores do campo da política, dos

² Destacamos que Lagunes, Odilla e Svejnar (2021, p. 13) compreendem que a operação teve muitas facetas e personagens e não pode ser vista por uma única perspectiva. De acordo com os autores, a ação ultrapassou o *status* de força-tarefa contra a corrupção e impunidade no sistema político brasileiro com impactos significativos também para a conjuntura latino-americana. E, dessa forma, a Lava Jato colocou “à prova a independência, autonomia e capacidade das agências e agentes de controle” da região, mostrando “avanços no combate à corrupção e, ao mesmo, tempo, uma latente tensão entre o enfrentamento da impunidade e a manutenção do estado de direito” (Lagunes; Odilla; Svejnar, 2021, p. 15).

³ Terrorismo em Brasília: o dia em que bolsonaristas criminosos depredaram Planalto, Congresso e STF. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/o-dia-em-que-bolsonaristas-invadiram-o-congresso-o-planalto-e-o-stf-como-isso-aconteceu-e-quais-as-consequencias.ghtml>. Acesso em: 30 maio 2025.

veículos de comunicação ou afins, sempre que pretendem falar em nome do povo ou mostrar proximidade à realidade dos cidadãos comuns (Jaggers; Walgrave, 2000; Taggart, 2004).

Portanto, é possível identificar no discurso e no estilo de Bolsonaro elementos populistas relacionados ao apelo ao povo, à retórica “nós x eles” e ao reforço ao sentimento *antiestablishment* e antielite (Tanscheit, 2023; Mendes; Silva, 2022; Oliveira; Maia 2021; Guazina, 2021; Fischer; Vaz, 2020; Cesarino, 2019), bem como a relação com a agenda da extrema direita global, relativa ao combate à corrupção, à defesa irrestrita das forças de segurança pública e, no caso de Bolsonaro, perseguição à esquerda e às elites intelectuais, artísticas e do Judiciário.

Também entendemos tanto a crise brasileira quanto a eleição de Jair Bolsonaro como resultado do fenômeno explicado pela teoria do *cultural backlash*, cunhada por Norris e Inglehart (2019), que diz respeito a uma possível reação dos cidadãos às mudanças culturais, que se deram pelo fortalecimento das identidades sociais conservadoras e autoritárias, pela crise de confiança na política e nas instituições, pela ascensão de movimentos e políticos populistas e pelo surgimento do populismo autoritário.

Essa concepção diz respeito ao cenário europeu, mas também pode ser vista, em certa medida, como as bases da emergência da extrema direita brasileira. Reis (2020) e Kalil (2019) apontam que, no país, a reação dos setores conservadores da sociedade aconteceu a partir da ampliação do escopo das políticas de promoção dos direitos humanos, no final do segundo mandato do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2006-2011).

Nota-se, conforme mapeamento de Mendonça (2017), que a movimentação popular do campo identificado com o espectro político da direita brasileira acontece a partir das Jornadas de Junho de 2013 e recebe apoio dos veículos de comunicação, fomento das elites financeiras e endosso da elite política. Esses movimentos capturaram as pautas estudantis e dos trabalhadores, que deram início às manifestações que ocuparam as ruas brasileiras naquele ano e transformaram os atos em mobilizações em defesa de temas da agenda conservadora e neoliberal (Albuquerque, 2019; Messenberg, 2017; Souza, 2016).

Tal cenário se configurou como decisivo para que demandas ligadas ao neoliberalismo e ao conservadorismo recebessem mais adeptos e defensores pelo país. Assim, Jair Bolsonaro e outros políticos brasileiros passaram a adaptá-las às bases do discurso tradicional, com agendas conservadoras e autoritárias contrárias ao Partido dos Trabalhadores (PT), o “petismo”, e aos ideais de esquerda (Silva; Rodrigues, 2021).

Dessa forma, compreendemos o populismo bolsonarista⁴ a partir da construção da imagem de herói no discurso *outsider* lançado pelo ex-presidente e nos discursos de apelo ao povo, em que se localiza a defesa do “cidadão de bem, patriota”, em contraposição a minorias políticas, como pessoas negras, indígenas e da comunidade LGBTQIAP+ (Mendes; Silva, 2022; Guazina, 2020; Bronze; Ribeiro, 2020). O elemento autoritário do populismo bolsonarista também está contido na redução do diálogo amplo e na crença em verdades absolutas, além das ameaças constantes aos grupos localizados fora ou à margem do espectro de atenção do ex-governante (Oliveira, 2021).

Já a retórica “nós x eles” está centrada no ataque às esquerdas e, principalmente, ao PT, enquanto o reforço ao sentimento *antiestablishment* e anti-instituições reside nos ataques a jornalistas, veículos de comunicação, classe política, membros do Judiciário e cientistas, sempre que se manifestam de maneira crítica ou contrária aos posicionamentos do ex-presidente, bem como no discurso que o apresenta como líder de um movimento de renovação política (Tanscheit, 2023; Gagliardi, Tavares; Albuquerque, 2022; Guazina, 2021). A íntima relação entre militares, forças de segurança pública e seus membros, por meio da defesa de privilégios para esse grupo, também está contida no estilo populista de Bolsonaro (Silva; Rodrigues, 2021), bem como o uso da religiosidade e a defesa dos valores e da moral cristã como agenda política (Mendes; Silva, 2022; Bronze; Ribeiro, 2021; Fischer; Vaz, 2020).

Também identificamos que o alinhamento do populismo bolsonarista à extrema direita global se dá, principalmente, no ataque aos imigrantes de nacionalidade venezuelana e na luta contra o globalismo e as organizações do sistema internacional de governança (Gragnani, 2019). Outra característica do populismo bolsonarista que merece destaque é a defesa do neoliberalismo, do militarismo e do regime ditatorial brasileiro (1964-1985). O uso da desinformação como estratégia de comunicação política também é identificado como elemento do populismo bolsonarista (Silva; Rodrigues, 2021).

A partir desse contexto sócio-histórico, e tendo como referência pesquisas no campo da Comunicação e Política que já discutem as relações entre mídia, política e populismo e a ascensão da extrema direita, o objetivo desta pesquisa é identificar a ocorrência do *media*

⁴ Elementos do populismo bolsonaristas estão descritos com detalhamento no capítulo 2 desta tese e foram elaborados a partir das contribuições de autores como Fischer e Vaz (2020); Bronze e Ribeiro (2021); Guazina (2021); Oliveira (2021); Mendes; Silva (2022); Cesarino (2019); Casarões; Magalhães (2020); Azevedo (2015); Silva e Rodrigues (2021); Messenberg (2017); Tanscheit (2023); Gagliardi, Guazina e Albuquerque (2025); Monari, Araújo, Sousa e Sacramento (2021); Seibt e Dannenberg (2021); Aggio, Vaz e Castro (2021); Ares *et al.* (2022); Goés e Lindner (2021); Tanscheit (2023); Gagliardi, Guazina e Albuquerque (2025); Camargo Pentecado, Goya e Santos (2022); Oliveira e Maia (2021), entre outros.

populism (Mazzoleni, 2004) na cobertura editorial realizada pelos jornais brasileiros *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* sobre o Governo Bolsonaro (2019-2022).

De acordo com Mazzoleni (2008; 2014), *media populism*, ou populismo dos veículos de comunicação, se refere à compreensão de como a mediatização da vida pública pode ter contribuído para a ascensão do populismo político na conjuntura internacional, na medida em que lideranças e movimentos populistas receberam atenção dos veículos de comunicação, e esses, por sua vez, inserem elementos do fenômeno em seus produtos.

Mazzoleni (2014) analisa que os veículos de comunicação, para atender os imperativos comerciais, pode assumir, tanto em suas rotinas produtivas quanto por orientação ideológica, elementos comuns do populismo, como antielitismo ou estímulo ao sentimento *antiestablishment*, por meio de seus conteúdos, e criar um ambiente favorável à disseminação dos ideais do populismo em momentos de crise de confiança nas instituições e na capacidade do Estado de resolver os problemas sociais. De modo semelhante, Krämer (2014) pontua que eles tendem a recorrer a esses subsídios quando se apresentam como porta-vozes dos cidadãos, contrapondo-se às elites, assim como ao exercício do papel de fiscalizador da atividade de agentes políticos e governos.

Os jornais analisados nesta pesquisa estão no rol do que a bibliografia pertinente relaciona aos *quality papers* do país, considerando o impacto que exercem no campo político, ao orientar interpretações sobre fatos políticos, fornecer repertórios de análise e agendar os acontecimentos para debate público (Azevedo, 2016; Hallin; Mancini, 2004). Sendo assim, realizamos um levantamento de estudos que exploram a atuação da cobertura editorial desses jornais durante as recentes crises brasileiras.

Isso porque a perspectiva que orienta esta pesquisa aborda o jornalismo como instituição política e os jornalistas como atores políticos que, por meio das atividades que desempenham, tanto traduzem quanto têm o potencial de influenciar o campo da política partidária e de governos (Cook, 2005; 2003; Eberwein; Porlezza; Splendore, 2015). Consideramos esse debate fundamental para compreender como, por meio dos editoriais, as empresas jornalísticas brasileiras podem analisar e se posicionar sobre a conjuntura do país.

Ressaltamos que, de forma peculiar e mais evidente do que nas notícias, os editoriais, ao visibilizarem a opinião dos jornais, constituem-se meios para pressionar o poder público e inserir temas de interesse na agenda de debates da sociedade. Logo, configuram-se como uma das principais expressões da ação política do jornalismo, com capacidade para influenciar as

decisões do campo e de seus atores, além de orientar interpretações à audiência sobre os acontecimentos (Firmstone, 2019; Marques; Mont'alverne, 2015).

Com base nessa premissa, discutimos como as vozes dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* refletem as agendas das elites brasileiras, com marcas presentes no processo de produção e na elaboração do valor político dos editoriais dos *quality papers*, por exemplo, na adoção de critérios e valores específicos que orientam os temas que receberão atenção do time de editorialistas dos influentes noticiários brasileiros (Marques; Mont'Alverne, 2019).

Compreendemos, assim, os editoriais como o espaço em que os jornais relevam e defendem os interesses das elites políticas do país, uma vez que, como empresas, fazem parte desse grupo, em um esquema “ganha-ganha” de compartilhamento de dinheiro, poder e influência que se estende, pelo menos, desde o nascimento do mercado de jornalismo no país, passando pelo fortalecimento das organizações de comunicação durante os períodos da ditadura no país e a intensificação do papel da grande imprensa brasileira de fiscalizar a atuação do Executivo federal.

Entendemos ainda que os estudos dos enquadramentos preponderantes em editoriais configuram uma oportunidade de acessar o posicionamento político dos veículos. Conforme sugerem Guazina, Prior e Araújo (2018), sobre como esses textos podem revelar e transmitir a opinião e os valores das instituições jornalísticas, analisar os editoriais permite o mapeamento das dinâmicas das coberturas noticiosas sobre determinados temas e a identificação das agendas predominantes e das principais narrativas elaboradas sobre os eventos políticos.

Isso porque a ação dos enquadramentos nos editoriais direciona atenção a determinados aspectos dos fatos em detrimento de outros, uma vez que esses textos são do gênero textual argumentativo. Assim, esses conteúdos cumprem o papel importante de orientar os assuntos em debate público, definir e enquadrar a realidade política por meio de princípios, normas e valores ideológicos que guiam as empresas jornalísticas (Guazina; Prior; Araújo, 2018).

É importante destacar que, mesmo depois de a imprensa tradicional ter perdido parte do poder de agenda para os perfis de lideranças políticas nas plataformas de mídias sociais, os editoriais seguem como espaços institucionais importantes na negociação das agendas de interesse das elites brasileiras, superando bandeiras político-partidárias, mas intimamente ligadas ao mercado.

Autores brasileiros como Fontes (2022), Gagliardi, Tavares e Albuquerque (2022), Araújo e Soares-Campos (2021), De Paula (2020), Araújo e Prior (2018), Guazina, Prior e

Araújo (2018), Azevedo (2018), Miguel e Coutinho (2007) se dedicaram a estudos sobre o papel político do editorial e as agendas defendidas em momentos que, embora distintos da conjuntura do país, se entrelaçam. Diferentemente do que realizaram, este estudo propõe identificar a ocorrência do *media populism* como enquadramento nos textos que se dedicaram à cobertura do Executivo federal, considerando o contexto de movimentações políticas atípicas no país, à luz da emergência populista de extrema direita brasileira.

Assim, a partir da proposta teórica de Gamson e Modigliani (1989), compreendemos os enquadramentos como pacotes interpretativos e, por meio da *News Framing Analysis*, de Robert Entman (1993; 2004), buscamos identificar a ocorrência da retórica populista nos argumentos da cobertura editorial dos *quality papers* sobre o Governo Bolsonaro (2019-2022), por meio dos elementos de apelo ao povo, retórica “nós x eles” e reforço aos sentimentos antielite e *antiestablishment* (Laclau, 2013; Mudde; Kaltwasser, 2017).

A questão que move esta pesquisa questiona se o contexto da ascensão de um líder populista de extrema direita, Jair Bolsonaro, ao cargo mais alto do Executivo do país, impulsionou a ocorrência do fenômeno *media populism* (Mazzoleni, 2008) na cobertura editorial dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, que analisam as ações relacionadas ao Executivo federal entre 1º de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2022.

A partir da identificação dos enquadramentos nos editoriais, temos como objetivo principal mapear a ocorrência do *media populism* na cobertura editorial dos *quality papers* em 300 dias do Governo Bolsonaro, por meio do mapeamento dos argumentos preponderantes relacionados aos elementos de: (i) apelo ao povo; (ii) retórica “nós x eles”; e (iii) reforço aos sentimentos antielite e *antiestablishment*, presentes nos textos dos editoriais para definição dos problemas tratados, das causas, das soluções ou do julgamento moral nos textos, conforme propõe Entman (2004).

De forma específica, esta pesquisa também pretende: (i) analisar a utilização da retórica populista de apelo ao povo na cobertura editorial dos veículos de comunicação; (ii) verificar os argumentos que fazem referência ao antagonismo entre atores políticos (nós x eles) na conjuntura; (iii) examinar os pacotes interpretativos que reforçam o sentimento *antiestablishment* e antielite e quais são as principais questões; e (iv) observar a ocorrência do *media populism* (Krämer, 2014; Mazzoleni; 2014).

As hipóteses são as seguintes: (i) os *quality papers* operacionalizam nos enquadramentos os elementos dos discursos populistas, relacionados a: apelo ao povo, retórica “nós x eles” e reforço ao sentimento antielite e *antiestablishment*, como enquadramentos para

a cobertura editorial que analisa os acontecimentos relacionados ao Governo Bolsonaro; e (ii) o *media populism* se configura como estratégia dos veículos para fortalecer o papel político dos editoriais em meio ao contexto populista de extrema direita brasileiro.

Compreendemos que, nesse cenário, a imprensa brasileira pode ter atuado para a normalização do comportamento tradicional de lideranças do fenômeno, validando na cobertura editorial posicionamentos históricos como a resistência a políticos, partidos e agendas localizadas no espectro político da esquerda progressista, centralizada na crítica ao PT e na defesa da lógica neoliberal como orientadora das políticas de governo.

Dessa forma, nesta pesquisa, analisamos a cobertura editorial dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* sobre o Governo Bolsonaro (2019-2022) em busca de compreender como a emergência de um líder populista de extrema direita à Presidência da República do Brasil pode ter alicerçado o *zeitgeist* que impulsionou os *quality papers* a utilizarem elementos da retórica populista como enquadramento dos textos que carregam as análises das empresas jornalísticas sobre aquela conjuntura.

Lembramos que os jornais brasileiros podem ter contribuído para a chegada de Bolsonaro ao poder (Guerreiro; Guazina; Le Cam, 2025; Guerreiro, 2023; Araújo; Prior, 2020), utilizando o *media populism* como estratégia na cobertura noticiosa do cenário político brasileiro. Todavia, os resultados da análise dos editoriais indicam mudanças consideráveis na cobertura editorial ao longo dos quatro anos de governo.

Em uma observação sobre os editoriais no início do Governo Bolsonaro, destaca-se a ocorrência de editoriais com avaliações positivas sobre agenda, formação do governo e indicação de mudanças nos rumos econômicos do país, com críticas em momentos específicos. O acirramento das críticas negativas se dá, principalmente, no contexto da pandemia da Covid-19 e durante o período eleitoral, até o fim da gestão, impulsionado por avaliações dos editoriais que evidenciaram a falta de soluções da gestão bolsonarista para a crise econômica, o aumento da pobreza e do número de brasileiros em situação de fome, as crises no primeiro escalão do Executivo federal, os arroubos autoritários de Bolsonaro, entre outros acontecimentos, como ataques e ofensas de Bolsonaro contra jornalistas e as constantes tentativas de impedir o trabalho da imprensa na cobertura noticiosa da gestão.

Como apontam vários autores (Camargo Penteado; Goya; Santos, 2022; Ares *et al.*, 2022; Casarões; Magalhães, 2020), o uso de desinformação como estratégia discursiva empregada tanto no perfil pessoal do presidente nas plataformas de mídias sociais quanto nas páginas das instituições de Estado e sobre temas de interesse da população, características

comuns aos líderes da extrema direita contemporânea, também pode ter contribuído para a deterioração da imagem do presidente junto aos veículos de comunicação.

Isso porque, conforme argumentam Guazina *et al.* (2023, p. 268), esse processo contribuiu “para um ambiente de crescente desconfiança na capacidade das instituições de governos de produzir informações coerentes e de qualidade”, matéria-prima do fazer jornalístico. Esta pesquisa, inclusive, dá bases para compreender que a ocorrência do *media populism* pode ter sido uma forma de resposta dos *quality papers* a esse cenário, nos momentos que recorreram aos enquadramentos de apelo ao povo e críticos às elites políticas, por exemplo.

Diante desse cenário, partimos de um *corpus* de 3.423 editoriais publicados pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, em dezembro de 2022, que analisaram o Governo Bolsonaro, para selecionar 681 textos publicados pelos *quality papers*, relativos a três períodos importantes de seu mandato:

- i) 100 primeiros dias do governo, que vai de 1º de janeiro a 10 de abril de 2019;
- ii) 100 dias durante a emergência sanitária da pandemia da Covid-19, de 6 de fevereiro de 2020 a 22 de maio de 2022, escolhidos de forma aleatória por meio do *site* de Inteligência Artificial *Claude.AI*⁵; e
- iii) Últimos 100 dias do Governo Bolsonaro, de 23 de setembro a 31 de dezembro de 2023.

Do total de 681 editoriais analisados, 294 foram publicados pel’*O Estado de S. Paulo*, 207 pela *Folha de S. Paulo* e 180 pel’*O Globo*. Todos os editoriais foram coletados por busca manual nos *sites* e nas versões impressas dos jornais. A seguir, indicamos como a tese foi estruturada e os percursos descritos em cada um dos seis capítulos.

Esta tese apresenta, no primeiro capítulo, discussões sobre os conceitos de populismo, a emergência do populismo autoritário no cenário europeu, a perspectiva do fenômeno como estilo e estratégia de comunicação política e o *media populism*. Também se desdobra, no segundo capítulo, em debates sobre as implicações da ascensão da extrema direita no cenário brasileiro como resultado das crises políticas e econômicas que se desencadearam na última década, culminando na eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República, e identifica elementos populistas no estilo e na retórica do político.

A análise do terceiro capítulo reúne os esforços teóricos que dão bases para a compreensão do *media populism* nos *quality papers* brasileiros e da proposta de um

⁵ Claude.AI: <https://claude.ai/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

levantamento dos estudos que se dedicaram a compreender os acontecimentos recentes por meio da cobertura editorial de jornais nacionais e internacionais, tendo como referência que esses textos carregam e defendem a opinião das empresas de comunicação, seus anunciantes, e são endereçados às elites políticas e financeiras do país.

O quarto capítulo reúne contribuições teórico-metodológicas que mapeiam a ação dos enquadramentos nos textos noticiosos de estudiosos brasileiros na área de Comunicação e Política, com destaque aos estudos brasileiros, além de uma reflexão sobre a constituição do mercado brasileiro de comunicação e como as raízes ideológicas dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e o *Globo* podem servir como orientadores da cobertura editorial do Executivo federal.

A reflexão metodológica sobre análise dos enquadramentos em textos noticiosos compõe o quinto capítulo desta pesquisa, no qual também identificamos os elementos populistas como argumentos dos *framings*. Apresentamos, ainda, a estrutura analítica para investigar o uso de enquadramentos populistas na cobertura editorial dos jornais. Para guiar a análise e possibilitar sua replicação, foi elaborado um *Livro de Códigos* (Apêndice I) com a descrição das categorias para análise de conteúdo.

Por fim, a análise tornou possível compreender que a ocorrência do *media populism* nos editoriais dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* é minoritária, mas estratégica, uma vez que a análise dos enquadramentos populistas nos editoriais tornou possível observar padrões distintos na adoção de elementos. Isso porque, por mais que os *quality papers* evitem enquadramentos relacionados ao fenômeno, a ocorrência dos elementos apelo ao povo, retórica “nós x eles” e discurso antielite e *antiestablishment* revela estratégias discursivas que merecem observação, principalmente no que diz respeito a essa postura ser adotada como resposta ao cenário de um governo alinhado à extrema direita radical.

É importante indicar ainda o uso de ferramentas de inteligência artificial (IA) generativa Claude.AI para a seleção dos 100 dias durante a pandemia da Covid-19, cujos editoriais publicados pelo *quality papers* foram analisados. O Chat DeepSeek foi utilizado para ajustar referências bibliográficas, de acordo com as regras recentes da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT NBR 14724:2024 –, bem como para traduzir o resumo da pesquisa para o inglês. A utilização de aplicativos de IA na pesquisa seguiu as orientações de Sampaio, Sabbatini e Lomongi (2024). A declaração sobre uso das ferramentas supracitadas está disponível no Apêndice III desta tese.

As motivações desta pesquisa estão centradas em estudos realizados no campo da Comunicação e Política que buscaram compreender o papel dos veículos de comunicação brasileiros e internacionais na cobertura política brasileira, assim como a atuação dos noticiários na construção dos acontecimentos e a capacidade de influência sobre o que a sociedade brasileira apreende por meio da imprensa acerca da conjuntura sociopolítica.

1 O QUE COMPREENDEMOS COMO POPULISMO⁶

Neste capítulo, apresentamos a discussão dos conceitos de populismo, a partir da emergência do populismo autoritário no cenário europeu, dialogando com a perspectiva do fenômeno como estilo e estratégia de comunicação política e com o conceito de *media populism*. Com base em trabalhos recentes, majoritariamente de autores brasileiros, conectamos as agendas históricas defendidas por Bolsonaro durante sua carreira política aos ideais relacionados ao populismo de extrema direita.

Compreendemos “populismo” como retórica e estilo de comunicação política em que os elementos que o compõem podem ser utilizados tanto pelos atores políticos quanto pelos veículos de comunicação, de acordo com as discussões de Canovan (1999), Jegers e Walgrave (2007) e Mazzoleni e Bracciale (2017). Essa perspectiva sugere que os ideais populistas de apelo ao povo, retórica “nós x eles” e sentimento antielite e *antiestablishment* são comunicados em mensagens endereçadas ao público por meio da comunicação direta com a população.

Como mencionado, partimos do entendimento de que o cenário brasileiro que tornou possível a eleição de Jair Messias Bolsonaro à Presidência do Brasil, político populista de extrema direita, conforme sugerem análises de autores como Silva e Rodrigues (2021), Guazina (2021), Bronze e Ribeiro (2021), Fischer e Vaz (2020), Mudde (2019) e Chagas-Bastos (2019), foi influenciado pela ascensão global do populismo, de acordo com a perspectiva de Mudde (2004), que propõe a conformação de um clima favorável e impulsionador de lideranças populistas (*populist zeitgeist*) nos anos recentes.

No Brasil, além da movimentação internacional, autores como Messenberg (2019), Mendonça (2017) e Tatagiba (2017) nos ajudam a mapear o caminho para entender o ambiente político instável como resultado das movimentações sociais de grupos do espectro político da direita conservadora, iniciadas nos protestos de junho de 2013, que se desdobraram nos anos seguintes e aprofundaram a polarização no cenário político nacional.

Essas movimentações foram palco para que demandas ligadas ao neoliberalismo e ao conservadorismo recebessem mais adeptos e defensores pelo país. Compreendemos que Bolsonaro, bem como outros políticos brasileiros, passaram a adaptar as bases do seu discurso,

⁶ Uma primeira versão deste capítulo foi apresentada no 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizados entre 8 e 10 de novembro de 2023, na Universidade de Brasília. Disponível em: <<https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/enquadramentos-populistas-nos-editoriais-dos-jornais-folha-o-globo-e-o-estado-de?lang=pt-br>>. Acesso em: 11 Jul. 2025.

articulando as “demandas do neoliberalismo com as do autoritarismo em uma cadeia de equivalência, forjada através de uma fronteira agonística contra o petismo” e as esquerdas (Silva; Rodrigues, 2021, p. 96).

1.1 POPULISMO: CONCEITO, ABORDAGEM IDEACIONAL E A ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA POPULISTA

Para a análise que estamos propondo, é fundamental destacar, conforme estudiosos do campo têm orientado, a amplitude do conceito de populismo e certo desafio para delimitar um escopo, por conta das várias definições do termo. As análises de Laclau (2013) buscam fugir de julgamentos pejorativos e interpretam o fenômeno como lógica retórica de confrontação social, utilizada pelas massas em oposição à elite dominante, por meio da invocação da soberania do povo.

De acordo com o autor, o populismo se realiza por meio de processos de equivalência que transformam as demandas de diferentes grupos isolados em questões de todo o povo. Essas necessidades costumam ser associadas aos indivíduos que esperam que sejam atendidas pelo sistema público. Se isso não acontece, ficam insatisfeitos, estimulam conflitos e polarizam o campo político (Laclau, 2013).

Cabe ressaltar que o populismo não é um fenômeno recente. As análises de Capdevila, Vergniolle e Vinel (2019) indicam que o fenômeno está localizado nas primeiras décadas do século XX nos Estados Unidos, especialmente relacionado às revoltas agrárias contra as elites de banqueiros e de origem progressista. A partir década de 1950, explicam os autores, elementos populistas despontaram do movimento chamado “macarthismo”⁷ e da luta anticomunista na acepção de um povo puro ameaçado por um inimigo a ser combatido, que serviram de base para ideologias de defesa da manutenção de uma nação conservadora e branca.

Nos países da Europa, Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser (2017) entendem que o populismo está relacionado às experiências com o fascismo e o nazismo, a partir da Segunda Guerra Mundial, e tem vinculação com manifestações de xenofobia, racismo, nativismo, aclamação à pureza racial, reação aos imigrantes e conservadorismo religioso. Nesse caso,

⁷ O macarthismo foi um movimento, semelhante a uma “caça às bruxas”, que destruiu a esquerda norte-americana no início dos anos 1950 e atingiu as organizações afiliadas ou associadas a causas defendidas pelo comunismo, como sindicatos ou grupos promotores dos direitos civis. Esse movimento foi capitaneado pelo então senador americano Joseph Raymond McCarthy (1908-1957). Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c14k1nr7y22o>. Acesso em: 20 maio 2025.

consideram os autores, historicamente, as lideranças e os partidos populistas convergiram agendas autoritárias aos ideais políticos da direita radical e da extrema direita.

Na América Latina, Capdevila, Vergniolle e Vinel (2019) explicam que o fenômeno se incorporou à luta dos trabalhadores agrários norte-americanos e às urgências das populações da região, realizando-se em três ondas que contemplam diferentes posicionamentos ideológicos. A primeira, entre 1930 e 1960, com o “cardenismo”, no governo de Lázaro Cárdenas, no México, e com o “peronismo”, no governo de Juan Domingo Perón, na Argentina.

No Brasil, os autores reconhecem como populismo o “varguismo”, na ditadura de Getúlio Vargas, todavia consideramos importante destacar o “ademarismo”, de Adhemar Pereira de Barros, governador de São Paulo, reconhecido por seu estilo carismático e por suas promessas políticas voltadas para a conquista do apoio popular (Gomes, 2001). As lideranças dessas movimentações pregavam discursos contra as desigualdades, focados em “dar voz” ao povo, e buscavam aliar os interesses desse grupo aos das elites econômicas (Capdevila; Vergniolle; Vinel, 2019).

Na concepção dos autores, a segunda onda do populismo latino-americano marca os governos da década de 1990: Alberto Fujimori, no Peru; Carlos Menen, na Argentina; e Fernando Collor de Mello, no Brasil. Nesses períodos, apesar do forte apelo ao povo, as agendas incorporavam as premissas neoliberais na elaboração de políticas públicas nas áreas sociais e econômicas e foram denunciadas por envolvimento em grandes esquemas de corrupção (Capdevila; Vergniolle; Vinel, 2019).

Ainda sobre a experiência brasileira com o populismo, a historiadora Angela de Castro Gomes (2001), ao sistematizar as contribuições teóricas sobre o surgimento do fenômeno no país, a partir do início da década de 1950, realizadas por um grupo de sociólogos que buscavam compreender as estruturas do poder político no país, localiza o período do Estado Novo (1937-1945) como origem histórica.

Embora não buscasse construir um conceito para o populismo, a autora descreve que análises relacionam o populismo à brasileira aos resultados de acontecimentos que se iniciaram na Revolução de 1930, passando pelo Golpe Militar de 1964, pelo processo de industrialização e urbanização do país, bem como pela migração do trabalhador rural para os centros urbanos, operando como fundantes do comportamento da população em busca de ampliar as práticas políticas, partidária e sindical, e por representantes mais próximos da classe operária e menos das elites brasileiras.

No terceiro momento, Capdevila, Vergniolle e Vinel (2019) indicam o que pode ser considerado o populismo de esquerda, sustentado na retórica anti-imperialista e contrária à submissão da América Latina aos Estados Unidos, sendo implementado por lideranças que reivindicavam autenticidade pelo pertencimento ao povo, em uma busca de agendas políticas e econômicas de promoção de condições de igualdade para todos. São expoentes desse momento Evo Morales, na Bolívia; Rafael Correa, no Equador; e Hugo Chaves, na Venezuela⁸.

Assim, para discutir o fenômeno e a importância política na contemporaneidade, Mudde e Kaltwasser (2017) o posicionam como ideologia comum às democracias liberais, uma vez que as lideranças populistas mais relevantes se mobilizaram nesse ambiente ou mesmo em sistemas políticos que aspiram a essa concepção. Os autores desenvolveram a perspectiva ideacional (*ideational approach*) que, para observar a ocorrência de fenômenos populistas, captura o núcleo do conceito dos elementos que o compõem.

Nessa abordagem, os autores partem da ideia de populismo como ideologia afinada (*thin-centered ideology*), considerando que a sociedade está dividida em campos homogêneos e antagônicos formado pelo “povo puro” *versus* a “elite corrupta”, que se alinha à defesa da política como a expressão da vontade geral do povo (*general will*) e conta com manifestações ou críticas ao *establishment* e de exaltação às pessoas comuns (Mudde; Kaltwasser, 2017).

Assim, Mudde e Kaltwasser (2017) elucidam que o conceito de “povo” é uma construção que se refere a uma interpretação específica e simplificada da realidade. Semelhantemente a Laclau (2013), para esses autores, “povo” tem um significado vazio, capaz de fazer do populismo uma ideologia política e um fenômeno poderoso ao oferecer as condições para que se enquadre nos diferentes contextos e maneiras, que, de forma articulada, gera a identificação entre indivíduos e grupos tradicionalmente diferentes.

Para Mudde e Kaltwasser (2017), a flexibilidade do conceito de “povo” em fenômenos populistas pode ser utilizada a partir de compreensões que indicam esse grupo como: (i) soberano ou governante, que reivindica a sub-representação dos cidadãos pela elite política e os convoca a se rebelar contra o *establishment*; (ii) pessoas comuns, combinando *status* socioeconômico, tradições culturais ou valores para criticar a cultura dominante; e (iii) nação,

⁸ Não incluímos o presidente Luiz Inácio Lula da Silva entre os populistas latino-americanos desse período, pois, embora existam acadêmicos que o compreendam como uma liderança desse fenômeno, em pesquisa desenvolvida pelo *Team Populism*, que utiliza critérios para medir o populismo numa escala de 0 a 2, sendo considerado populista aqueles com nota superior a 0,5, Lula recebeu 0,25, enquanto Collor e Bolsonaro, 0,5 (Rebouças; Costa; Silva; Gonçalves; Nascimento, 2022). Todavia, entendemos ser possível identificar na opção retórica do político elementos do discurso populista na perspectiva ideacional (Mudde; Kaltwasser, 2017) e como estratégia de comunicação política (Jagers; Walgrave, 2007).

que reforça os valores comuns daqueles que nasceram em determinado país ou comungam de uma ideologia, formando uma comunidade e excluindo os que não têm a mesma origem, costumes ou crenças.

Sobre a definição de “elite” no populismo, os autores explicam que o termo diz respeito à distinção entre “povo puro” e “elite corrupta”, que domina as posições socioeconômicas mais privilegiadas e de poder na sociedade. É partir dessas bases que os populistas elaboram a retórica *antiestablishment* e antielite, ao argumento de que as pessoas reais não vivem numa democracia, pois os políticos eleitos fazem parte da elite e não a representam como deveriam. Como consequência, articulam diferentes interpretações de elite, povo, classe, origem étnica e moralidade, a depender de como vão favorecer suas demandas (Mudde; Kaltwasser, 2017).

Os estudiosos também explicam que o elemento populista de vontade geral da população (*general will*) se aproxima da noção de que o povo tem a capacidade de se unir para legislar como comunidade, pelos seus interesses e em defesa da vontade de todos como a soma de interesses particulares. A abordagem ideacional do populismo sugere ainda que as distinções entre “povo” e “elite” reforçam a existência de uma vontade geral contrária ao *establishment* (Mudde; Kaltwasser, 2017).

Contudo, Mudde e Kaltwasser (2017) salientam que, embora esse elemento populista pareça positivo, ao defender sua afinidade aos processos democráticos por meio da adoção de mecanismo de representação direta como referendos e consultas populares, também pode oferecer suporte à ascensão de tendências autoritárias que correm o risco de instrumentalização contra qualquer grupo social ou instituição, caso considerados como ameaça à homogeneidade do que é considerado como povo.

Além disso, sugerem ser preciso avaliar as análises que interpretam o populismo como fenômeno essencialmente antipolítico, que cria utopias antipolíticas, por meio do dissenso e da manutenção do conflito como estratégia, com consequências negativas para a democracia liberal. A ilustração dessa compreensão está nos populistas que atacam e reduzem direitos das minorias representativas, se aproveitam dos mandatos políticos para erodir as instituições independentes, como as que compõem o Judiciário e os veículos de comunicação, e desencorajam o discurso e o compromisso civil (Mudde; Kaltwasser, 2017; Vreese *et al.*, 2018).

Por fim, Mudde e Kaltwasser (2017) avaliam que a abordagem ideacional de populismo revela a maleabilidade do conceito e a possibilidade de fenômenos populistas estarem ligados a outras ideologias, às vezes contraditórias, mas cruciais para a promoção dos projetos políticos que se constituem do apelo ao povo, como comunismo, socialismo e neoliberalismo. Assim,

indicam que o “populismo precisa ser entendido como um mapa mental por meio do qual indivíduos analisam e compreendem a realidade política” (Mudde; Kaltwasser, 2017, p. 7).

Maria Galito (2017) esclarece que o populismo pode assumir as ideologias dos espectros políticos da esquerda à direita. No caso da primeira, o populismo pode assumir características progressistas, baseadas na reivindicação de que é possível um sistema de sociedade que promova a igualdade e seja “bom para todos”. Tal manifestação do fenômeno é comum em nações em desenvolvimento ou de maioria da população pobre e, mesmo refletindo uma legítima luta de classes, pode se tornar uma ditadura do proletariado.

Sobre um possível populismo de “centro”, John Postil (2018) sugere que os políticos desse espectro costumam ser acusados de serem tecnocratas oportunistas. Devido aos seus interesses capitalistas, se utilizam das bases da retórica populista, misturadas às linguagens pró-mercado, e vislumbram o crescimento econômico e a valorização do empreendedorismo, atuando como conservadores pró-*establishment*. Para ilustrar, o autor aponta como líder com este perfil Emmanuel Macron, presidente da França.

O populismo de direita, explica Galito (2017), está vinculado à revolta contra a elite progressista e prega o patriotismo, a exaltação da identidade cultural ou religiosa. Nesse caso, a autora compreende que o fenômeno defende questões favoráveis à redução do Estado e contrárias aos monopólios públicos, com foco em medidas radicais de segurança pública, endosso à responsabilidade social privada e centralização na figura de um líder carismático que detém todo o poder e tem inclinação acentuada à tirania.

Na contemporaneidade, os pesquisadores Claes de Vreese, Frank Esser, Toril Aalberg, Carsten Reinemann e James Stanyer (2018) e Pippa Norris e Ronald Inglehart (2019) analisam a emergência do fenômeno como resultado do crescimento eleitoral de partidos populistas de direita e de esquerda no contexto europeu, que se valeram discursivamente de interpretações da realidade daqueles países para estimular nos cidadãos o sentimento de insegurança econômica e de reação às mudanças culturais que ocorreram nas décadas recentes.

Norris e Inglehart (2019) desenvolveram a Teoria da Reação Cultural (*The Cultural Backlash Theory*), a qual tenta explicar que a ascensão do populismo autoritário nas democracias europeias contemporâneas se deu também por meio do fortalecimento do sentimento de defesa das identidades sociais conservadoras, dos valores familiares, da religião e da nação como reação às mudanças culturais.

De acordo com os estudiosos, o que estimula esse cenário são as inovações provocadas pela emergência das políticas por igualdade de gênero, pela defesa dos direitos das minorias

não brancas, da comunidade LGBTQIA+ e de imigrantes e pelas mudanças tecnológicas e econômicas que ocasionaram a redução das atividades industriais e, conseqüentemente, dos empregos no setor (Norris; Inglehart, 2019).

Os autores sugerem que esse cenário é também resultado da queda na confiança nos partidos mais tradicionais, da ascensão de grupos e líderes populistas liberais autoritários e da entrada desses políticos de forma permanente na política institucional, os quais, cumprindo as bases de sistemas democráticos que têm o voto popular como uma de suas principais expressões, foram eleitos representantes do povo, corroborando o *zeitgeist* populista (Mudde; Norris; Inglehart, 2019).

De acordo com os autores, portanto, o populismo autoritário se configura pela união dos elementos populistas de reforço à visão de que a classe política é formada por políticos “profundamente corruptos” aos “valores autoritários” de: (i) conformidade, por meio da adesão de costumes tradicionais; (ii) de segurança, que justifica como proteção do grupo a agressão aos “estranhos” que ameaçam suas normas; e de (iii) lealdade e apoio irrestrito às lideranças (Norris; Inglehart, 2019). Os estudiosos indicam ainda que o fenômeno pode se realizar com estilo retórico de comunicação que tem o povo como a única autoridade legítima.

Com base nas considerações de Norris e Inglehart (2019) e Mudde e Kaltwasser (2017), é possível entender que a junção dos elementos do populismo clássico aos ideais conservadores representa ameaça às democracias atuais. Isso porque líderes populistas de direita tendem a reduzir a legitimidade e desgastar estruturas que as compõem, por meio de estratégias políticas discursivas que as indicam como danosas à real democracia e que impõem a cultura do medo.

Na obra *The far right today*, Mudde (2019) propõe uma análise a partir da combinação entre direita conservadora e direita radical para discutir a ascensão do populismo de extrema direita, tendo como referência a experiência de países da Europa, da América Latina, dos Estados Unidos e do Brasil, a partir da eleição de Bolsonaro, em outubro de 2018.

Da proposta do autor, entendemos que tal contexto foi provocado por uma nova onda global de populismo de direita, bastante focada na figura de lideranças políticas que se denominam *antiestablishment* e adotam ideologias hostis aos pilares das democracias liberais. Nos contextos norte-americano e europeu, esses grupos, mesmo diversos, compartilham características ideológicas relacionadas ao racismo e ao antissemitismo, questões relativas a migração, segurança pública, corrupção, política externa e religião, articulados aos elementos populistas de “nós x eles”, bem como aqueles relacionados ao antielitismo na construção do que entendem como “os outros” (Mudde, 2019).

Assim, Mudde (2019) explica que os populistas de extrema direita do Norte Global entendem a questão da imigração como ameaça à soberania dos países. Sobre segurança pública, a interpretação supera a proteção dos indivíduos e inclui a perspectiva de nação ou raça, cujo inimigo está entre aqueles que não compõem esse grupo, formando um permanente estado de insegurança. No que diz respeito à corrupção, o autor indica que eles costumam atribuir como comum aos outros, sejam imigrantes ou políticos da oposição, ou a uma elite específica. Nas considerações de Mudde (2019), os integrantes desse movimento entendem que cabe a eles, os honestos, o combate a esses “males” na sociedade.

Com relação à política externa, de acordo com Mudde (2019, p. 39), os populistas de extrema direita recorrem à compreensão de que disputam um jogo em que, se um país ganha, o outro perde e estimulam a desconfiança em organizações supranacionais de governança (como a Organização das Nações Unidas – ONU), as quais acusam de querer “impor uma visão unificada de um mundo” que, para os populistas, está dividido. Em último ponto, entendem a religiosidade como parte da cultural nacional. E, no caso brasileiro e de alguns países da Europa, os costumes como parte da nação.

No Brasil, os vínculos da extrema direita com a religiosidade estão alinhados ao Cristianismo conservador evangélico e às igrejas neopentecostais. Isso porque parte significativa da agenda no país é comunicada por líderes religiosos, em apoio ideológico e político, e por parlamentares filiados, principalmente, à figura de Bolsonaro, o que confere sustentação significativa à expansão do apoio político entre esse segmento social (Sousa; Sousa, 2020).

1.2 POPULISMO COMO ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA

Uma vez que esta pesquisa busca compreender a forma como elementos do populismo podem ser identificados nos enquadramentos da cobertura editorial dos três principais jornais brasileiros, recorreremos à proposta teórico-metodológica elaborada por Jagers e Walgrave (2007) em que o discurso se configura como artifício fundamental para o sucesso do fenômeno. Ou seja, quando os atores sociais apelam ao povo, deixam implícita a defesa da soberania dos cidadãos e da vontade popular, afirmando que se importam com os interesses das pessoas, que não estão “alienados do público” e sabem do que querem ou precisam. “O lema implícito do populista é: ‘Eu ouço você porque eu falo sobre você’” (Jagers; Walgrave, 2007, p. 323).

Para chegar a essa concepção, os autores distinguem o populismo de duas formas: o *thin populism* (ou populismo sutil), que diz respeito às estratégias políticas que fazem referência ao povo; e o *thick populism* (ou populismo consistente), relacionado às táticas que, além de fazer referência ao povo, combinam outros elementos clássicos populistas como antielitismo, ou reação ao *establishment*, e a exclusão dos grupos sociais considerados os “outros” (Jagers; Walgrave, 2007).

Isso porque, na definição dos autores, o apelo ao povo se configura como característica essencial ao populismo, mas é, ao mesmo tempo, uma “concha-vazia” (*empty shell*) que serve como recurso operacional e pode receber outros elementos ideológicos para a formação de um populismo mais robusto (*thick populism*). Assim, quando políticos se referem ao povo e combinam o sentimento antielite e a exclusão de determinados grupos sociais, preenchem essa “concha vazia” e formam um conceito de populismo clássico (Jagers; Walgrave, 2007).

A perspectiva que compreende o populismo a partir do seu caráter discursivo ganha reforço com a análise de Vreese *et al.* (2018). Segundo esses autores, o fenômeno também se configura como conteúdo e estilo de comunicação política, no qual os ideais populistas podem ser comunicados por atores sociais por meio de mensagens endereçadas diretamente ao público.

De acordo com o grupo de estudiosos, a compreensão de populismo do ponto de vista do conteúdo faz referência à disseminação de informações ao público, cujo componente central está relacionado à ideologia populista, e tem os elementos de apelo ao povo e reforço ao sentimento antielite, entre outros, como característica principal do enquadramento dado às mensagens. Já a visão do fenômeno como estilo de comunicação versa sobre como tais mensagens estão associadas a determinadas características relacionadas à atitude e à forma de apresentá-las (Vreese *et al.*, 2018).

Nessa concepção, as mensagens que carregam os ideais populistas podem ser elaboradas por atores sociais com objetivo de atingir sua audiência, seja por comunicação direta, por meio de conteúdos publicados nas páginas dos políticos e plataformas de mídias sociais, ou pelos veículos de comunicação. Nesse caso, salientam os autores, eles podem adotar uma estratégia de comunicação populista ao visibilizar de forma mais acentuada as atitudes de lideranças populistas que costumam romper com os padrões da arena política tradicional (Vreese *et al.*, 2018).

Nesse sentido, de acordo com o pesquisador italiano Gianpietro Mazzoleni (2008), é possível identificar certa cumplicidade entre a mídia e os populistas. O autor entende essa relação como um poderoso mobilizador para os ideais do populismo, ainda que de forma não

intencional, mas que se realiza por meio dos critérios de produção noticiosa e dos imperativos comerciais que determinam quais fatos merecem ser visibilizados na cobertura jornalística política. Por exemplo, ao recorrer aos relatos inflamados e belicosos sobre temas importantes para os cidadãos sobre questões políticas, os meios podem gerar sentimentos de desconfiança com potencial de fácil manipulação e utilização por políticos populistas. Contudo, esse fator não é a única variável para a emergência do populismo nas democracias contemporâneas, sendo necessária a análise de outros pontos estruturais como a natureza das pessoas, o sistema político e os contextos socioculturais em que o fenômeno ocorre (Mazzoleni, 2008).

Diante disso, compreendendo o populismo como conteúdo e estilo de comunicação política, discutiremos no próximo tópico o papel que os veículos de comunicação podem assumir na construção, manutenção ou reverberação do fenômeno, num cenário de mediatização da política, das instituições e das relações sociais (Chadwick, 2013; Mazzoleni, 2014).

Os conceitos logo mais apresentados servirão para compreender se, no contexto de um governo liderado por um populista de extrema direita, como o vivido pelo Brasil com a eleição de Bolsonaro à Presidência, os *quality papers* nacionais assumiram os elementos do populismo como enquadramentos nos editoriais sobre o governo federal, conforme hipótese levantada por esta pesquisa.

1.3 POPULISMO DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO (*MEDIA POPULISM*)

De acordo com Araújo e Prior (2020) e Guazina (2021), os veículos de comunicação brasileiros foram fundamentais para normalizar os discursos autoritários de Bolsonaro. Destacamos o estudo de Ana Gabriela Guerreiro (2023), que revela os elementos do jornalismo político praticado pelos principais jornais brasileiros e as implicações para a naturalização das narrativas do político ao longo de uma década, por meio da reprodução literal de falas e da ausência de contraditório, por exemplo, com potencial de contribuir para a difusão do populismo de Bolsonaro no país.

Por outro lado, na concepção de Mendes e Silva (2022), os veículos também trataram o político com “ironia e desprezo”, colaborando para elaborar a imagem de Jair como gestor “irascível e incapaz de planejamento”, tendo como base o discurso e a estratégia empreendida durante toda sua trajetória. Mas sua eleição à Presidência do país mostrou o contrário: a vitória do discurso simplificador das soluções dos problemas enfrentados pelos brasileiros.

Esse cenário, em que a ação dos veículos foi decisiva para a ascensão de Bolsonaro, nos leva a procurar entender como a ação dos jornais tradicionais, mais precisamente a *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, podem ter criado um clima favorável à ascensão de políticos e movimentos populistas de extrema direita no país, seja dando espaço para essas lideranças, seja assumindo elementos do fenômeno como enquadramentos para os textos noticiosos e, no caso dos editoriais, que carregam a opinião das empresas mantenedoras dos periódicos.

A perspectiva de Mazzoleni (2014) sugere que o desenvolvimento das tecnologias de comunicação tornou possível o fenômeno da mediatização das atividades sociais e, de certa forma, obrigou instituições, atores políticos e pessoas comuns a se acomodarem à lógica dos veículos de comunicação (*media logic*) e, por sua vez, elaborar dinâmicas para moldar-se à “sociedade mediatizada”.

Chadwick (2013) indica que a expansão da internet e das tecnologias digitais mudou as regras da relação entre os veículos de comunicação e o campo político, por meio do aumento da quantidade e da diversidade de novas ferramentas de comunicação e de plataformas de mídias sociais, com potencial de atingir grandes audiências. Para o autor, as inovações tornaram possíveis que as novas mídias e os meios se fundissem, formando um sistema de comunicação híbrido e indissolúvel.

O autor esclarece que a nova lógica de mídia excluiu a assimetria entre emissor e receptor nos veículos tradicionais e sua cadeia de *gatekeepers*⁹, que foi substituída pelas possibilidades de estabelecer relações de interação direta entre atores políticos e cidadãos, ocasionadas pela evolução tecnológica que driblam o poder dos veículos de comunicação (Chadwick, 2013).

Nesse cenário, Mazzoleni (2008) elucida que os meios ganharam posição central na maioria das rotinas políticas, campanhas eleitorais, comunicação governamental, diplomacia pública e estratégias de construção da imagem de atores políticos. A mediatização da política institucional assumiu importância fundamental para o exercício do poder e dos relacionamentos afins e pode ter sido decisiva para a ascensão dos populismos contemporâneos.

Como sugere o teórico, os veículos de comunicação e as plataformas de mídias sociais se emanciparam da política a ponto de elaborar formatos próprios e robustos, tornando

⁹ Introduzido por Kurt Lewin (1947), o conceito de *gatekeepers* refere-se às etapas de tomada de decisões na produção jornalística e compreende que as empresas jornalísticas são compostas por vários *gates* (em português: portões) que atuam ininterruptamente nos processos de seleção dos fatos que serão notícia.

imperativo para qualquer pessoa com pretensões de influenciar a opinião pública que se adapte a eles. “A pressão da mídia para adoção de estratégias discursivas que provaram ter sucesso no domínio comercial tem sido tão forte que o discurso mediatizado se tornou a forma aceita para a política abordar temas relacionados à cidadania” (Mazzoleni, 2014, p. 43).

De tal modo, analisam Mazzoleni e Bracciale (2018) e Waisbord (2018), as plataformas de mídias sociais se tornam peças-chave da comunicação populista digital também por conta dos formatos de produção, distribuição e uso das informações que a internet propiciou tanto para políticos quanto para cidadãos.

Mazzoleni e Bracciale (2018, p. 3) pontuam que os *sites* de mídias sociais possibilitam a produção de conteúdo de forma individualizada, segmentada de acordo com o perfil do público, de modo que a viralização – ou seja, a capacidade de que determinado conteúdo seja amplamente compartilhado pelos usuários das plataformas – reforce uma das características do populismo, que é “estabelecer o relacionamento direto entre as lideranças políticas e as massas”.

São muitos e variados os estudos que se dedicam ao populismo digital, contudo, neste estudo, o foco é entender as relações entre a comunicação populista de lideranças, especialmente durante o Governo Bolsonaro, e os veículos de comunicação tradicionais. Nesse sentido, interessa compreender como jornais brasileiros e internacionais enquadraram as categorias semânticas do populismo nos editoriais sobre a eleição de Bolsonaro, em 2018.

Os pesquisadores Bruno Araújo e Helder Prior (2020) assinalaram que, no processo de mediatização da política, atores políticos e partidos dependem dos veículos para construir suas imagens públicas, disseminar ideias e receber reconhecimento e aprovação dos eleitores, principalmente por meio dos veículos de comunicação de massa: televisão, rádio e jornais.

Consequentemente, dizem os autores, as lideranças populistas dividem com a imprensa o estilo de comunicação no que se refere aos critérios de noticiabilidade: ineditismo, probabilidade, interesse, apelo público, empatia e proximidade (Traquina, 2005). Os veículos, por sua vez, tendem a cobrir fatos que representam certa ruptura no cenário político e os mais variados casos de escândalo, por exemplo (Araújo; Prior, 2020). Esse cenário, conforme perspectiva de Kuhn (2004), revela a terceira fase do jornalismo político e a maximização da audiência sobre informações relacionadas à arena política, bem como o foco na vida privada dos atores políticos.

Assim, para conquistar êxito eleitoral, os políticos são impelidos por uma “aura de celebridade”, tendo que adaptar seus estilos às lógicas de produção dos veículos, se transformando em “queridinhos da mídia” (Mazzoleni, 2014, p. 48). Além disso,

[...] os as vezes disruptivos, e frequentemente politicamente incorretos, discursos de líderes populistas cabem nos critérios de valores-notícia da máquina de narrativas dos meios perfeitamente. Em particular, a personalização, a dramatização dos eventos mundiais, o emocionalismo, a transformação da linguagem e dos eventos políticos em um espetáculo, e uma certa atitude *antiestablishment* que pode trazer uma maior cobertura aos líderes populistas. (Araújo; Prior, 2020, p. 5 – tradução livre)

Portanto, é com base nesse cenário de mediatização da vida política e no uso dos veículos de comunicação para reverberar discursos populistas que Mazzoleni (2008; 2014) elabora o conceito de *media populism*, ou populismo da mídia. Na acepção do autor, trata-se da implicação dos veículos na emergência dos movimentos populistas, na medida em que a cobertura informativa sobre a política está orientada para a personalização, o drama e a espetacularização da cena pública, estratégias de comunicação que também são utilizadas pelas lideranças do fenômeno (Mazzoleni, 2014).

Para Mazzoleni (2014), além dos veículos específicos de populismo da mídia, como programas de infoentretenimento e noticiários no estilo tabloide, as características populistas podem ser observadas em conteúdos e formatos variados e contextos políticos altamente mediatizados. Logo, o autor compreende que a conexão entre a atuação política baseada na lógica dos veículos de comunicação e o fenômeno populista pode tanto ser compreendida a partir dos formatos internos da comunicação de massa quanto relacionada à ideologia das empresas do setor.

Não obstante, o teórico observa que os veículos de comunicação tendem a responder primeiramente aos imperativos comerciais para produzir conteúdo em conformidade com as necessidades da empresa e da audiência variada e indefinida. É desse modo que podem assumir a forma mais consistente de populismo, quando carregam em suas ideologias elementos como antielitismo ou reforço ao sentimento *antiestablishment* e, por meio da escolha dos fatos ou de enquadramentos inseridos nas coberturas jornalísticas, “criar um clima de opinião favorável ao populismo político” (Mazzoleni, 2014, p. 47).

Assim, Mazzoleni (2014, p. 49) explana que os veículos de comunicação podem, ainda, combinar ideologia e os formatos de produção de informação para marcar o favoritismo por grupos de interesse, promover hostilidade contra as elites e erosão das instituições da democracia representativa, estimular a confiança no senso comum e apelar aos sentimentos morais, funcionando como “atores primários promovendo a agenda populista”. Para esse autor,

o processo de “Mediatização 2.0” da política evidenciou questões que ilustram a relação entre os políticos populistas e o diversificado ambiente dos veículos de comunicação.

Mazzoleni (2014) identifica que a atuação dos veículos promovendo atores e movimentos populistas acontece em quatro fases: (i) *preparação do solo*: quando os meios passam a abordar temas políticos sensíveis para sentir, preparar o humor do público e mostrar o descontentamento dos cidadãos quanto às questões apresentadas pelos populistas; (ii) *insurgente*: quando os líderes populistas se tornam *outsiders*, os meios passam a cobrir ações controversas por meio de retórica incendiária e retratá-los como resposta diferente ao jogo político; (iii) *estabelecida*: quando populistas conquistam o governo, os meios tendem a cobrar comportamentos mais responsáveis para conquistar legitimidade política; e (iv) *declínio*: os meios passam a dar mais ênfase aos conflitos internos dos governos populistas e o envolvimento da cúpula em escândalos.

De maneira semelhante a Mazzoleni (2014), a concepção de populismo dos veículos de comunicação (*media populism*) também foi objeto de análise de Benjamin Krämer (2014) em estudo que verificou como políticos de partidos populistas seriam beneficiados pelas coberturas noticiosas em tabloides e programas de rádio. Krämer (2014) salienta que o populismo dos veículos independe de qualquer relacionamento entre mídia e atores populistas, uma vez que os noticiários também podem fazer oposição aos partidos políticos e governos, utilizando as estratégias do fenômeno.

Do mesmo modo, o populismo dos veículos de comunicação não é uma característica comum dos veículos de comunicação, mas pode ocorrer em coberturas específicas, com destaque aos fatos que dão conta de disputas do campo político. Nesses casos, como postulou Mazzoleni (2014), Krämer (2014) aponta que o discurso destinado à audiência concentra elementos estilísticos e ideológicos do populismo como construção e favoritismo de grupos internos; promoção de hostilidade e afastamento contra elites e instituições da democracia representativa; e fortalecimento da confiança no senso comum disseminado por determinados grupos por meio do apelo aos sentimentos morais, como emocionalização, personalização e discursos inflamados.

Krämer (2014) analisa que o populismo da mídia adapta os elementos do populismo político a partir da presunção de que essa retórica também é compartilhada pela audiência e, principalmente, por pessoas que não fazem parte do que é compreendido por eles como elite. O teórico nota que, a partir disso, é superada a noção de que o *media populism* constrói somente um clima de opinião, pois envolve aspectos ideológicos comuns ao antielitismo, como crítica

às instituições democráticas ou representativas e a determinados grupos sociais e inclinada a realizar avaliações positivas sobre lideranças políticas carismáticas.

Em investigação da cobertura sobre Jair Bolsonaro nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* durante uma década, Guerreiro, Guazina e Le Cam (2025) observam que os periódicos utilizaram mecanismos de normalização do político, de forma a contribuir para o aumento de visibilidade e legitimação pública na construção do que o populismo bolsonarista entende como “outros”.

As autoras salientam que, mesmo antes de ser eleito presidente do Brasil, os principais veículos de comunicação do país deram espaço a Bolsonaro e suas ideias, de forma a transmitir os ideais da extrema direita radical, sem que houvesse mecanismos para conter ou questionar suas posições, principalmente a partir de 2015 (Guerreiro; Guazina; Le Cam, 2025).

Nesse sentido, as autoras indicam que os veículos normalizaram seus discursos, conferindo visibilidade, por exemplo, aos ataques a mulheres, pessoas negras e comunidade LGBTQIAP+, sem apresentar argumento contrário ou questioná-los de forma crítica. “Isso contribuiu para a disseminação e legitimação do discurso de ódio e da intolerância no debate público” (Guerreiro; Guazina; Le Cam, 2025, p. 187).

Assim como Mazzoleni (2014), Krämer (2014) reforça a ideia de que as rotinas de produção noticiosa oferecem terra fértil para a emergência populista por meio da disseminação dos seus ideais em uma estrutura estabelecida que cria condições favoráveis para o posicionamento populista dos veículos de comunicação. Em tais situações, os meios recorrem ao apelo do populismo quando se apresentam como porta-vozes dos sentimentos do público; como antídoto à elite alienada, ao ponto de assumir que têm conhecimento sobre “as pessoas comuns”, a “vida real” e o dia a dia da sociedade; e no exercício do “poder moderador”, ou quarto poder, em que, ao fiscalizar partidos políticos e governos, adotam atitudes antidemocráticas (Krämer, 2014, p. 49).

Portanto, consideramos fundamental entender o papel dos veículos para a emergência de fenômenos populistas por conta da influência que exercem na arena política em contextos democráticos em que a relação entre governo e cidadãos é também realizada pela mídia. Mesmo com a emergência das plataformas de redes e o uso cada vez mais frequente por atores políticos, os cidadãos ainda buscam informações nos veículos de comunicação impressos ou *online* para a “qualificação da vida pública” (Gomes, 2018, p. 340).

Isso porque residem nos argumentos do autor as razões que sustentam a necessidade de considerar as múltiplas possibilidades de comunicação em análises sobre a democracia

contemporânea, uma vez que as compreende decisivas para a “existência e qualidade da democracia”. Numa leitura sobre as contribuições da comunicação para contextos democráticos, o autor salienta considerar os momentos em que o jornalismo vai de encontro ao seu papel nesses cenários, ao dificultar a realização da democracia, por exemplo, operando para acirrar assimetrias sociais, enviesar discursos e limitar acessos e visões de diferentes atores sociais, provocando apatia e descrença da audiência sobre o campo político (Gomes, 2018).

Delinear o conjunto de características populistas a partir da literatura internacional serve para aterrar a compreensão sobre o fenômeno em perspectiva mais ampla, situando a leitura do cenário brasileiro. No capítulo a seguir, partimos de um caminho contrário: analisamos as condições sócio-históricas nacionais nos anos recentes e as relações da mídia, especialmente da imprensa *mainstream*, com os rumos da política nacional, indicando o papel dos editoriais na construção pública da ascensão de uma liderança populista de extrema direita ao mais alto cargo do Executivo do país.

2 CRISE POLÍTICA E ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA NO BRASIL: ELEMENTOS DO POPULISMO BOLSONARISTA

Neste capítulo, discutimos as implicações da ascensão da extrema direita radical no cenário brasileiro como resultado das crises políticas e econômicas que se desencadearam na última década, culminando na eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República, bem como outros impactos na democracia brasileira. “Se a América Latina é a terra do populismo, o Brasil é o primeiro país onde a versão da direita radical chegou ao poder” (Tanscheit, 2023, p. 13).

Portanto, buscamos explorar como o político aproveitou o cenário de reação cultural, desconfiança nas instituições e insatisfação popular com a realidade do país para se apresentar como via para solução dos problemas que o país enfrentava, unindo as pautas das movimentações pós-2013 e pós-*impeachment* de Dilma Rousseff à sua agenda política histórica e acrescentando elementos clássicos do populismo autoritário (Hunter; Power, 2019; Silva; Rodrigues, 2021; Guazina, 2021; Reis, 2020; Albuquerque, 2020; Cesarino, 2019; Messenberg, 2017).

Entendemos que a trajetória de Bolsonaro é marcada por uma retórica populista que apela diretamente ao povo, utilizando uma linguagem simples e direta para comunicar suas ideias de forma desintermediada com os cidadãos, principalmente por páginas nas plataformas de mídias sociais.

Pontuamos que as plataformas digitais se tornaram espaço para a construção de sua imagem pública e da agenda populista radical no país, bem como para a propagação de desinformação sobre pautas importantes para o país, por exemplo, as relacionadas à pandemia da Covid-19. Muitas vezes, os posicionamentos de Bolsonaro serviram para deslegitimar adversários e instituições democráticas (Camargo Penteado; Goya; Santos, 2022; Aggio; Vaz; Castro, 2022; Seibt; Dannenberg, 2021).

Essa abordagem, combinada com a retórica *antiestablishment*, antielite e de “nós x eles”, a partir da oposição aos partidos localizados no espectro das esquerdas do país e às agendas de defesa dos direitos humanos (Guazina, 2020; Kalil, 2019; Messenberg, 2017), de defesa dos ideais neoliberais na economia e fortemente ligada à religiosidade cristã e conservadora foi fundamental para conquistar o apoio de diversos setores da sociedade (Fischer; Vaz, 2020; Bronze; Ribeiro, 2021; Mendes; Silva, 2022).

Com base em uma série de pesquisadores brasileiros, identificamos os elementos da retórica populista radical adotada pelo ex-presidente, indicando como, em momentos cruciais

para o mandato, esses elementos saíram da esfera do discurso personalista para se tornarem diretrizes orientadoras das ações do Executivo federal.

2.1 A MEDIDA DO CAOS: CRISE BRASILEIRA E O POPULISMO DE EXTREMA DIREITA

O conturbado cenário político brasileiro pós-2013 e a depreciação da imagem do PT, também em razão das investigações da Operação Lava Jato, foram fundamentais para a ascensão de Bolsonaro e de políticos e movimentos de extrema direita no país (Silva; Rodrigues, 2021). Todavia, depreendemos que Bolsonaro não é fruto direto da década de crise política no país, mas soube aproveitá-la ao convergir parte das demandas apresentadas pelos movimentos aos “vínculos identitários” de sua estratégia política discursiva histórica.

De acordo com as análises de Albuquerque (2020), a crise institucional que se instaurou a partir de 2013 e a ascensão de Bolsonaro na política brasileira são legados da Operação Lava Jato, operação que se tronou responsável por fragilizar as instituições do Estado e fortalecer uma narrativa antipolítica, com impactos na democracia brasileira.

A leitura de Albuquerque (2020) faz notar que Bolsonaro estabeleceu uma relação hostil com a maioria das instituições democráticas do país, como o Congresso, o STF e a imprensa, além das universidades e do corpo científico, na tentativa de interferir no funcionamento dessas instituições. O estilo autoritário do ex-presidente impactou a atuação de alguma delas, provocando a perda do papel na defesa da democracia, uma vez que podem ter ofertado condições que permitiram a chegada de um líder populista de extrema direita ao Executivo federal (Albuquerque, 2020).

Para Hunter e Power (2019), uma crise multidimensional ocasionou a situação perfeita para a chegada de Bolsonaro à Presidência da República, que pode ser explicada em quatro dimensões simultâneas no país: (i) crise econômica causada pelo prolongado período de recessão; (ii) outra crise política, com aumento da polarização e queda da confiança nos partidos do *establishment*; (iii) escândalos de corrupção ocasionados pelas investigações da Operação Lava Jato; e (iv) deterioração do ambiente de segurança pública.

Os autores salientam que as movimentações políticas nas ruas brasileiras, iniciadas em junho de 2013, ainda que difusas e desorganizadas, colocaram o governo de Dilma Rousseff em alerta e revelaram a emersão de duas tendências na sociedade brasileira: profundo sentimento de rejeição e hostilidade contra o PT e presença de uma pequena, mas visível,

extrema direita brasileira, unida à expressão da nostalgia pela “ordem e o governo limpo da época da ditadura militar” (Hunter; Power, 2019, p. 72).

Outra questão destacada pelos autores é o contexto de aumento do medo da criminalidade, que atravessou linhas socioeconômicas e ideológicas, combinado com o discurso de “olho por olho”, que já integrava a agenda de Bolsonaro, pelo menos, desde o início de sua carreira política; e das reações contrárias à subordinação dos direitos humanos à segurança pública. Tal cenário deu ao ex-presidente a oportunidade de construir amplo apoio político.

A visão generalizada de que os governos recentes falharam em manter a segurança pública fortaleceu o apelo por um candidato que anunciou abertamente sua disposição de combater o crime restringindo o devido processo legal, diminuindo a idade em que os réus podem ser acusados como adultos, flexibilizando as leis sobre armas e dando à polícia mais autonomia, bem como maior poder de fogo. (Hunter; Power, 2019, p. 74 – tradução livre)

Dos fatos decisivos que fragilizaram a democracia brasileira e beneficiaram Bolsonaro¹⁰, destacamos a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ex-presidente e pré-candidato à Presidência da República em 2018, após julgamento em segunda instância de acusações da Operação Lava-Jato, decretada pelo ex-juiz da 2ª Vara Criminal de Curitiba, Sérgio Moro¹¹. Posteriormente, o ex-magistrado entrou para a política, assumiu o Ministério da Justiça e Segurança Pública do Governo Bolsonaro¹², onde permaneceu até abril de 2020¹³. Um ano depois, o STF anulou as condenações contra Lula por falta de provas, declarando Moro suspeito para julgar os processos do ex-presidente¹⁴.

¹⁰ Para se entender o cenário de como a retirada de Lula da disputa presidencial pode ter beneficiado Jair Bolsonaro, resgatamos que, até a pesquisa eleitoral realizada pelo Instituto Datafolha, em 22 de agosto daquele ano, Lula apresentava 39% das intenções de voto, contra 19% de Jair Bolsonaro (então PSL) e 8% de Marina Silva (REDE)¹⁰ (Gielow, 2018). Em um cenário sem o petista, o levantamento indicava liderança de Bolsonaro. Com a prisão de Lula, a campanha do ex-presidente foi assumida pelo candidato Fernando Haddad (PT) e sua vice Manuela D’Ávila. No segundo turno, Bolsonaro foi eleito com 57,8 milhões de votos (55,13%) contra Fernando Haddad, que foi a opção de 44,04 milhões de eleitores (44,87%) (Mazuí, 2018).

¹¹ Lula se entrega à PF e é preso para cumprir pena por corrupção e lavagem de dinheiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml>. Acesso em: 24 maio 2022.

¹² Sérgio Moro aceita convite de Bolsonaro para ser ministro da Justiça. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/11/01/sergio-moro-aceita-convite-de-bolsonaro-para-ser-ministro-da-justica.ghtml>. Acesso em: 24 maio 2022.

¹³ Ex-juiz Sergio Moro anuncia demissão do Ministério da Justiça e deixa o governo Bolsonaro. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/moro-anuncia-demissao-do-ministerio-da-justica-e-deixa-o-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2022.

¹⁴ STF confirma anulação de condenações do ex-presidente Lula na Lava Jato. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=464261&ori=1>. Acesso em: 14 abr. 2021.

Guazina (2021, p. 54) avalia que Bolsonaro soube articular as pautas das manifestações à direita a seu favor, engajando os temas mais controversos da sua agenda “entre faixas importantes da população”. Letícia Cesarino (2019) pontua que o cenário foi propício para o ex-capitão do Exército cunhar a imagem de herói, liderança sem envolvimento com a política tradicional, mesmo atuando por quase 30 anos como parlamentar no Congresso Nacional.

Para a pesquisadora, essa narrativa auxiliou o político na elaboração da própria imagem como figura capaz de retirar o país da “situação difícil em que se encontrava e devolver a valorização da pátria, a estabilidade econômica, reduzir a violência nas ruas e resgatar os valores cristãos”, que teriam sido destruídos por anos de “políticas de identidade no Brasil e alhures: gênero, raça e orientação sexual”, promovidas pelos governos petistas (Cesarino, 2019, p. 541).

Em texto opinativo publicado em semanário nacional, a antropóloga Isabela Kalil (2019) analisa que, embora as manifestações de 2013 tenham descortinado os movimentos de direita no país, esse fenômeno nasceu como reação ao Plano Nacional de Direitos Humanos (PNH3), criado pela Secretaria de Direitos Humanos do Governo Luiz Inácio Lula da Silva e instituído por decreto em setembro de 2009¹⁵.

Na avaliação da antropóloga, tratou-se da reação dos setores conservadores da sociedade brasileira à ampliação do escopo das políticas de promoção dos direitos humanos, que propunha, entre outras medidas, o reconhecimento do racismo como estruturante e a necessidade de medidas compensatórias para a população negra; a criação da Comissão Nacional da Verdade para apurar crimes ocorridos durante a ditadura; a descriminalização do aborto, a união civil entre pessoas do mesmo sexo; e a regulação dos veículos de comunicação, a fim de evitar o proselitismo religioso (Kalil, 2019).

Para a autora, a reação a essas medidas integrava as agendas das movimentações conservadoras que foram às ruas em 2013 e fizeram parte dos posicionamentos defendidos por Bolsonaro em programas de TV, por meio discursos e entrevistas para os veículos de comunicação em pautas

¹⁵ Aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 e dá outras providências.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm. Acesso em: 24 maio 2022.

[...] contrárias à laicidade do Estado; ampliação da posse e do porte de armas; posições antigênero; contra a diversidade de orientação sexual; contra a discussão de temas ligados à sexualidade nas escolas; contra a ampliação do acesso ao ensino superior por parte de jovens negros, pobres, indígenas ou mesmo egressos de escola pública; defesa de intervenção militar; entre outras pautas. O ano de 2010 também marcou o início da ruptura da base religiosa com os governos do Partido dos Trabalhadores. (Kalil, 2019, *online*)

Nesse sentido, Silva e Rodrigues (2021) propõem que toda a trajetória do ex-presidente esteve ancorada no autoritarismo, por meio de uma estratégia política discursiva de defesa de valores radicais e conservadores que compuseram os “vínculos identitários” entre o ex-capitão do Exército e seus eleitores tradicionais. Esses elementos foram constituidores de sua agenda política desde a primeira eleição como vereador, em 1988, passando pelas oito vezes em que foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro, até a chegada à Presidência do Brasil.

Os autores compreendem que, entre as pautas mais relevantes de Bolsonaro, estão a defesa de um modelo de segurança pública baseado no punitivismo; a exaltação aos militares e ao período da ditadura no Brasil; e a defesa dos direitos previdenciários desse grupo. Além disso, a defesa da violência legítima e a facilitação do uso de arma de fogo pelo cidadão comum; a constante crítica aos direitos humanos, também por meio de discursos hostis contra minorias sociais; e “a contraposição com a esquerda, associada à corrupção política e moral” (Silva; Rodrigues, 2021, p. 91).

Nascimento, Alecrim, Oliveira e Oliveira (2018) salientam que as agressões verbais a adversários compuseram parte significativa da imagem pública de Jair Bolsonaro, uma vez que “as polêmicas desencadeadas por insultos terminam por alimentar a visibilidade, parecendo forjar uma espécie de ‘estilo’ que se tornou uma das marcas mais características” (Nascimento *et al.*, 2018, p. 149).

Compreendemos, portanto, que a efervescência do cenário sociopolítico brasileiro marcou a ascensão do bolsonarismo, movimento político-ideológico populista de extrema direita, centrado na figura de Bolsonaro. De acordo com Cesarino (2019), o bolsonarismo tem como pilar constitutivo a defesa de um eixo liberal para as medidas econômicas e conservador na pauta de costumes, orientada pelas crenças cristãs, sobretudo neopentecostais. Trata-se de um movimento brasileiro que nasceu da união entre liberais e conservadores, remontando elementos do populismo por meio de discursos que pregam a exclusão dos outros e o sentimento *antiestablishment* (Cesarino, 2019).

Nesse sentido, Reis (2020) indica que o bolsonarismo insere-se no contexto internacional de reações às mudanças culturais. Nesse ponto, resgatamos a teoria *cultural*

backlash, de Norris e Inglehart (2019), para propor que o movimento emergiu de um cenário político semelhante à onda do populismo autoritário nos contextos europeu e norte-americano, segundo esses autores.

Entretanto, no Brasil, o movimento se caracteriza como uma espécie de “reação nacionalista” e tem características do contexto brasileiro que permitem, por exemplo, o agrupamento em torno da exaltação dos “conceitos de ordem, segurança e defesa da Pátria”, bem como com as igrejas evangélicas “aglutinadas em pautas conservadoras”, e articula apoio junto ao agronegócio e ao capital financeiro (Reis, 2020, p. 8-9).

Para Reis (2020, p. 4), o nascimento da militância centrada na figura de Jair Bolsonaro também está relacionado aos sentimentos autoritários que marcam a história da sociedade brasileira e foram se aprofundando desde a promulgação da Constituição Federal, em 1988, até chegar ao ápice em 2018, funcionando “como ingrediente para a vitória do político no pleito à Presidência da República”.

Nesse cenário, Tanscheit (2023) argumenta que o definidor populista da direita radical brasileira pode ser observado no estímulo a uma identidade política negativa, relacionada ao antipetismo, bem como ao sentimento *antiestablishment*, principalmente no que diz respeito à definição de inimigos internos e ao antagonismo entre eles, “a elite corrupta” e o “povo puro” (Tanscheit, 2023, p. 9).

Isso porque o bolsonarismo se alimentou do antipetismo e de discursos contrários ao PT e às esquerdas, em que as ideias mais fortes nos anos seguintes às movimentações de 2013 eram pelo *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff; de apoio ao combate à corrupção; pela solução da crise na economia; e pelo enfrentamento ao politicamente correto, bem como ao “bolivarianismo” e ao comunismo (Fischer; Vaz, 2020; Messenberg, 2017). Esse conjunto de elementos do bolsonarismo foi possível de ser articulado, uma vez que

[...] líderes políticos não agem no vácuo, e o caldo político-cultural que permite a Bolsonaro e seus apoiadores ameaçarem outros poderes da República do Brasil está relacionado a uma variedade de valores culturais de cunho autoritário que emergiam naquela conjuntura específica pós-impeachment de 2016. (Guazina, 2021, p. 54)

Messenberg (2017) defende que o PT e as esquerdas foram eleitos bodes expiatórios em uma estratégia que buscou amenizar o ódio e as frustrações de parcelas da sociedade, como se fossem um mal a ser combatido no país. “A personificação do mal permite, assim, seu fácil reconhecimento e, por conseguinte, a vigilância e o combate [...] o mal reafirma a identidade

dos grupos sociais que se consideram majoritários e apresenta-se como a antítese da normalidade” (Messenberg, 2017, p. 635).

Na campanha à Presidência, Bolsonaro lançou mão dos discursos que foram defendidos durante sua trajetória, com acréscimo da narrativa de combate à corrupção endêmica na política institucional brasileira, marcos retóricos que funcionaram como poderosos condutores emocionais para adesão de parte da sociedade aos ideais da extrema direita no país (Chagas-Bastos, 2019). Tudo isso por meio de estratégias que tiveram como principal canal as plataformas de mídias sociais e o contato direto com potenciais eleitores.

Por meio de ações de comunicação agressiva, com alto potencial de engajamento e desintermediada dos veículos de comunicação tradicionais, o ex-capitão do Exército construiu um circuito de disseminação de desinformação e notícias falsas nas redes que contribuiu para a consolidação dos vínculos identitários bolsonaristas entre os eleitores insatisfeitos com a realidade do país, impactados pelo contexto de crises globais de representação e pelo cenário político conturbado, materializando o sucesso eleitoral de Bolsonaro.

É interessante recordar, como pontuado por Oliveira (2021), que nesse período Bolsonaro seguiu falando para um grupo muito restrito, mas atraiu outros setores da sociedade que o consideraram “única opção de voto” e foi favorecido por suas ideias não terem passado por nenhum teste. O então candidato não participou dos debates eleitorais no primeiro nem no segundo turno, seguindo as recomendações médicas, devido à recuperação do atentado a faca que sofreu em 6 de setembro de 2018, durante passeata em Juiz de Fora, Minas Gerais.¹⁶

Para Mendes e Silva (2022), junto com agressividade, radicalismo e aproximação aos grupos religiosos e liberais, Bolsonaro utilizou o atentado como estratégia política para não ir aos debates durante a campanha eleitoral, evitando colocar suas ideias à prova e obrigando os outros candidatos a debater temas polêmicos entre si e expor suas imagens ao desgaste, e para instigar a imagem pública de um homem “abençoado por Deus” por ter sobrevivido ao esfaqueamento.

De acordo com Chagas-Bastos (2020), já como presidente, Bolsonaro falhou em mostrar a efetividade e a liderança fora das mídias sociais. Segundo esse autor, logo nos primeiros dias de governo, a aura da vitória desapareceu rapidamente diante das articulações pouco efetivas com o Parlamento. Desse modo, o autor sugere que as falsas batalhas políticas entre Bolsonaro

¹⁶ Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora.
<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2025.

e os membros do governo serviram para mobilizar o eleitorado e disfarçar a falta de agenda política para conter o desemprego e a economia estagnada, mantendo Bolsonaro como figura antissistema e transgressora, conforme um dos marcos de sua campanha eleitoral.

Essa leitura vai na linha do que propõe Oliveira (2021) sobre o egoísmo característico da vida política de Bolsonaro e sua tendência de priorizar o plano pessoal e familiar, que ganhou mais visibilidade com sua chegada à Presidência. O autor esclarece que o ex-capitão se mostrou incapaz e claramente desinteressado por formar grupo político ou estimular a prática partidária, sendo conduzido abertamente apenas pelos seus interesses e o dos filhos, em um “sistema onde aliados são meros agregados de ocasião”, sempre colocados em uma categoria de submissão ao controle da família Bolsonaro (Oliveira, 2021, p. 70).

2.2 POPULISMO DE BOLSONARO: ELEMENTOS DA ESTRATÉGIA POLÍTICA DISCURSIVA DO 38º PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO BRASIL

As análises sobre Jair Bolsonaro realizadas até aqui tornam possível a identificação de elementos da comunicação populista em suas ações político-discursivas para a construção da imagem de líder corajoso e heroico, remetendo à estratégia populista que “implica a emergência de uma figura forte e carismática, que concentra o poder e mantém uma conexão direta com as massas” (Mudde; Kaltwasser, 2017, p. 4).

Com base no estudo sobre as fotos publicadas pelos perfis oficiais de Bolsonaro durante a campanha de 2018, Fischer e Vaz (2020) entendem que houve a tentativa de conquistar grande adesão na sociedade pela promoção de um sentimento de familiaridade com a figura política do então candidato, “particularmente popular, que vivencia um cotidiano que se não chega a ser humilde, é certamente desprovido de sofisticação e requinte – uma figura afeita a costumes simples, desprovida de ostentação e não habituada aos holofotes” (Fischer; Vaz, 2020, p. 135).

Bronze e Ribeiro (2021, p. 83) indicam que a construção do populismo de Bolsonaro acontece na medida em que sua imagem foi propagada como herói, o que pode ter-lhe rendido ainda mais sucesso, já que essa narrativa tem ampla adesão em sociedades desiguais como a brasileira, “em que pese a falta de oportunidades”, e acaba “sendo propagada com maior facilidade quando há uma quebra na confiança do povo nos partidos e nas lideranças tradicionais”.

Nesse caminho, como identificam Guazina (2021) e Bronze e Ribeiro (2021), compreendemos que a defesa do povo único, “puro”, parte da noção de que o Brasil enfrentava

uma guerra com inimigos externos, definidos de forma personalizada e focada em grupos particulares. Na estratégia populista de Bolsonaro, o *out-group* é composto por integrantes das maiorias sociais como mulheres, pessoas negras, indígenas, LGBTQIAP+, entre outros, geralmente vinculados por ele ao espectro político das esquerdas. Já o *in-group* é formado basicamente por aqueles com quem o político estabelece algum vínculo identitário: militantes bolsonaristas, militares, políticos da base do governo, religiosos neopentecostais, por exemplo.

Segundo Oliveira (2021), o populismo de Bolsonaro se traduz em uma ideia plana, ou seja, discurso fechado, simplificado, que reduz o diálogo com o outro, por meio da repetição de “verdades absolutas”, compartilhadas por uma minoria e com implicações negativas para a “democracia comunicada”. Para o autor, a repulsa ao outro (*out-group*) se dá pelas condições de contrapor o que o *in-group* tem como verdade única. Qualquer um que ouse apresentar o mundo como “um lugar de pluralidade de ideias” é compreendido como “inimigo” (Oliveira, 2021, p. 73-74).

Depreendemos da análise do autor que é nesses termos que o autoritarismo está contido no populismo de Bolsonaro e aplicado em uma estratégia discursiva que apela à linguagem ofensiva, ao exercício da força pela violência verbal e a ataques aos adversários políticos, reais ou imaginários, principalmente por meio das plataformas de mídias sociais. “O fato é o maior pavor dos Bolsonaros, porque pode, necessariamente, levar ao teste da ideia, obrigando o aprofundamento do debate que desloca os seus argumentos rasos. É diante do fato que o mito treme” (Oliveira, 2020, p. 75).

Para ilustrar a repulsa pelo outro e as limitações com o debate democrático que vai além do que é proposto por seus aliados, Oliveira (2020) indica que o político manteve a estratégia utilizada na campanha no exercício presidencial. Assim, Bolsonaro orientou seus discursos e atitudes pelas reações dos seus seguidores nas plataformas de mídias sociais, dando prioridade às demandas do seu grupo de apoio, formado por profissionais da segurança pública, evangélicos, militares, ruralistas, caminhoneiros, entre outros, e impondo uma situação em que que “o resto da sociedade é visto como complemento de ocasião” (Oliveira, 2021, p. 70).

Nas análises de Oliveira e Maia (2021), outra característica do populismo bolsonarista é a valorização da linguagem popular para contrapor o politicamente correto, por meio da união do antielitismo, na medida em que Bolsonaro responsabiliza o *establishment* pelas dificuldades enfrentadas pela população e se mostra insatisfeito com a classe política, mesmo fazendo parte dela há mais de 30 anos, e se colocando como *outsider* que “desafia a autoridade legítima do *establishment* (Oliveira; Maia, 2021, p. 98).

De acordo com essas autoras, o populismo de Bolsonaro também se caracteriza pelo ataque ao politicamente correto, pela defesa da “unicidade popular”, por meio de discursos que consideram as demandas de pessoas negras, indígenas e da população LGBTQIAP+ , bem como de outras minorias políticas, como insignificantes, invisibilizando as diferenças étnico-raciais, sociais e a existência do racismo na sociedade brasileira, ao argumento do “um povo só”, que seria composto pelos “cidadãos de bem” (Oliveira; Maia, 2021, p. 102).

A postura de dar soluções simples às situações complexas e a personalização das experiências políticas reforçam o discurso de Bolsonaro de ser único representante das “vontades do povo” e capaz de solucionar os problemas do país, apelos comuns de líderes populistas, o que configura também uma ameaça à democracia (Oliveira, Maia, 2021). Isso porque o excesso de simplificação de questões políticas, associado à ideia de um só povo (unificação popular) e da figura do líder como uma espécie de salvação divina “mina as estruturas da democracia liberal” (Oliveira, Maia, 2021, p. 107).

Oliveira e Maia (2021, p. 108) relacionam ao populismo bolsonarista a projeção de um futuro ideal em que Bolsonaro é o único salvador, que aglutina outras características que alicerçam a luta contra o politicamente correto, na medida em que “há nessa promessa uma espécie de salvação divina, e, ao mesmo tempo, a projeção de um único e legítimo líder a representar o povo”.

Além disso, com base nas análises dos autores, salientamos que as constantes comparações com os governos do PT, do presidente Lula (2003-2010) e da ex-presidenta Dilma Rousseff (2011-2016), se configuram no populismo bolsonarista no elemento “nós x eles”. Para se contrapor a essas personagens, o ex-presidente recorreu aos ataques contra o PT, ativistas, jornalistas, acadêmicos, artistas, cientistas e à negação da política vigente, bem como às políticas públicas de redistribuição de renda e promoção da igualdade racial e de gênero realizadas nos anos anteriores.

No populismo de Bolsonaro, as críticas às elites e o reforço ao sentimento *antiestablishment* residem, ainda, nos ataques a jornalistas, veículos de comunicação tradicional, classe política e membros do Judiciário, a depender do posicionamento desses atores políticos sobre suas atitudes ou medidas à frente do Executivo federal. Nesses casos, compreendemos, apoiados em Mudde e Kaltwasser (2017), que a estratégia político-discursiva de Bolsonaro parece estar centrada na defesa de que as elites e o *establishment* atrapalham tanto a vida dele como governante quanto a do povo.

Ainda no que diz respeito aos ataques às elites políticas, Guazina (2021) sinaliza que a retórica já fazia parte da construção discursiva de Bolsonaro e dos bolsonaristas antes da chegada de Bolsonaro à Presidência. Na mesma linha, Mendes e Silva (2022, 85) lembram que, nesse período, Bolsonaro costumava concentrar suas críticas ao Congresso e convocar apoiadores para manifestações contra o grupo de parlamentares e os governos petistas.

Todavia, pontuam os autores, no período como presidente, as relações de governança com o Legislativo exigiram negociar com os partidos considerados mais ao centro do espectro político brasileiro, o chamado Centrão, que constitui maioria no Parlamento, para garantir a aprovação de medidas em troca de cargos no Executivo. Esse movimento foi visibilizado por Bolsonaro como ideia bélica de “se render” ou não aos inimigos e redirecionou seus ataques aos membros do STF.

Lembramos aqui que a questão que primeiro insuflou as críticas de Bolsonaro ao STF foi a abertura do Inquérito 4781, ou das *Fake News*, em março de 2019, para investigar denúncias do uso de desinformação, acusações caluniosas e ameaças contra os ministros da Suprema Corte e seus familiares¹⁷.

Em seguida, em abril de 2020, a Corte deu início a uma nova investigação para apurar a participação de aliados de Bolsonaro em manifestações contra o Supremo e o Congresso, ocorridas durante a pandemia da Covid-19. A investigação é polêmica por ter sido iniciada sem a solicitação do Ministério Público Federal (MPF), da Procuradoria-Geral da República (PGR) ou de outra autoridade policial, como recomenda o processo penal, e está sob a relatoria do ministro Alexandre de Moraes¹⁸.

Em dezembro de 2024, a Corte prorrogou o Inquérito 4781 por mais 180 dias, alegando que outras oitivas seriam necessárias até a finalização do processo que investiga, ainda, a existência de uma estrutura montada dentro do Palácio do Planalto, durante o Governo Bolsonaro, para divulgar informações inverídicas, ações de difamação e injúria contra o STF e seus membros, além da participação de apoiadores de Bolsonaro em atividades e financiamento

¹⁷ Ministro do STF determina bloqueio de contas na *internet* suspeitas de atacar a Corte. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/ministro-do-stf-determina-bloqueio-de-contas-na-internet-suspeitas-de-atacar-corte-1-23539157>. Acesso em: 14 abr. 2025.

¹⁸ Entenda inquérito do STF sobre manifestações antidemocráticas <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/15/entenda-inquerito-do-stf-sobre-manifestacoes-antidemocraticas.ghhtml>. Acesso em: 14 abr. 2025.

de ações em defesa do fechamento do Supremo e do Congresso, e desacreditar as eleições brasileiras¹⁹.

Durante a pandemia da Covid-19, os ataques ao STF se intensificaram também por conta da ação da Corte para garantir as medidas sanitárias contra o avanço da doença no país (Guazina, 2021). No início da crise sanitária, pesquisadores, cientistas, médicos e outros profissionais da saúde, bem como governadores que divergiam da postura negacionista do Executivo federal com relação às medidas para evitar o avanço da doença no país, foram alvo de campanhas difamatórias protagonizadas por Bolsonaro e disseminadas pela militância bolsonarista.

Por meio de uma narrativa que minimizou a gravidade da doença e deslegitimou o enfrentamento à pandemia, Bolsonaro propagou desinformação sobre as vacinas e defendeu o uso de medicamentos sem eficácia, em uma estratégia que Guilherme Casarões e David Magalhães (2020) entendem como populismo médico.

Na concepção de Monari, Araújo, Sousa e Sacramento (2021, p. 3), a partir do panorama global de infodemia, durante a crise sanitária, Bolsonaro fez da sua página na plataforma de mídias sociais Twitter “um registro oficial de suas ações sobre a Covid-19 e das medidas de combate ao vírus” e “como o principal difusor das ações promovidas por ele e sua equipe”. O ex-presidente promoveu uma agenda “para aprofundar divisões sociais”, num populismo anticientífico que “significa promover políticas que são populares ao ‘povo’, mas não entre os intelectuais, os cientistas e os especialistas” (Monari *et al.*, 2021, p. 17).

Para Seibt e Dannenberg (2021), Bolsonaro abordou a responsabilidade do governo federal na pandemia de maneira enganosa, responsabilizando o Executivo estadual e o municipal, bem como o Judiciário, pelas medidas de controle da doença. Para os autores, ao atacar as outras instituições democráticas e desmoralizar autores políticos, o presidente se encaixou nas características de comportamento autoritário indicadas por Levitsky e Ziblatt (2018).

Ainda sobre a presença da narrativa *antiestablishment* na estratégia política discursiva de Bolsonaro, Fischer e Vaz (2020) compreendem que a revolução antissistema proposta pelo bolsonarismo, como quer se fazer crer em seu discurso, é superficial e não busca a renovação do sistema político que tanto critica, uma vez que

¹⁹ STF prorroga inquérito das *fake news* por 180 dias. Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-prorroga-inquerito-das-fake-news-por-180-dias/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

[...] o ideário bolsonarista apresenta tão somente uma ilusória proposição de renovação do *status quo*, do sistema que declara corrompido e viciado [...]. Ao alimentar-se do antissísmico associado ao antipetismo, consegue êxito travestindo posturas atreladas ao domesticismo, ao imprevisto e ao isolacionismo como atributos preciosos, indispensáveis ao ocupante da cadeira da presidência. (Fischer; Vaz, 2020, p. 153)

De acordo com Cesarino (2019, p. 534), a estratégia de Bolsonaro ao se apresentar como político *outsider*, que não participou de “conchavos” durante os anos em que esteve como deputado federal, pode ser compreendida como retórica populista *antiestablishment* por estar alinhada à ascensão de uma “liderança carismática, supostamente a partir de fora do *establishment*, como aquele que reivindica a pureza necessária para reintroduzir a ordem em um sistema irreversivelmente corrompido”.

Por outro lado, a questão da segurança pública se manifesta no populismo do ex-capitão principalmente na defesa das Forças Armadas e em medidas autoritárias favoráveis à ampliação do acesso às armas pela população e de priorização das forças de segurança no orçamento público (Goés; Lindner, 2021). Quanto à defesa do combate à corrupção, tema presente na campanha eleitoral e durante o governo, Guazina (2020) e Silva e Rodrigues (2021) apontam que a politização do tema pode ser entendida como parte da estratégia de disseminação da autoimagem de honesto, repetida à exaustão, em contraposição à série de indícios de denúncias de gestão ilícita de recursos públicos durante os anos de governo, que se misturam com a perseguição à esquerda e às elites intelectuais.

A religiosidade e a defesa dos valores e da moral cristã também são pontos fundantes do discurso populista de Jair Bolsonaro. Esses elementos se manifestam nas contínuas referências ao Cristianismo como parte da identidade da nação, bem como nas menções a Deus, citação de passagens bíblicas em discursos públicos e postagens em seus perfis nas plataformas de mídias sociais. Esses elementos criam o cenário para e o reforço da agenda de costumes contra o politicamente correto e as questões de gênero, entre elas o aborto e a defesa da manutenção dos papéis tradicionais de homens e mulheres na sociedade e contrários aos direitos da comunidade LGBTQIAP+ (Bronze; Ribeiro, 2020; Mendes; Silva, 2022).

De acordo com Gagliardi, Guazina e Albuquerque (2025), ainda compõem o elemento anti-instituições do populismo bolsonarista os elogios ao militarismo e ao período da ditadura militar brasileira, que Bolsonaro nega ter ocorrido, os constantes ataques do ex-presidente às

urnas eletrônicas, ao STF, a ministros da Corte, ao Congresso Nacional, aos veículos de comunicação e aos cientistas.

O estilo político de Bolsonaro é caótico e muitas vezes reativo e teve um impacto enorme nas instituições políticas brasileiras que atingiram as diversas estruturas governamentais e minaram o diálogo entre governo e sociedade, afetando o sistema de freios e contrapesos, com atuação direta do Presidente da República para desconstruir políticas públicas consolidadas que incentivavam a participação da sociedade e garantia de direitos em uma sociedade desigual. (Gagliardi; Guazina; Albuquerque, 2025, p. 106)

Já o elemento anticomunismo no populismo bolsonarista, que de acordo com esses autores é comum a outras lideranças do fenômeno, funcionou como fator contextual que foi explorado pelo ex-presidente para construir elementos contrários aos partidos de esquerda, principalmente o PT. Os autores consideram que Bolsonaro se colocou como antídoto ao “risco do comunismo”, o que permitiu que ele recebesse apoio de grupos conservadores (Gagliardi; Guazina; Albuquerque, 2025).

Do ponto de vista econômico, Vaz e Fischer (2020, p. 134) indicam que o bolsonarismo está ligado a uma racionalidade neoliberal que mirou “comprimir salários e gastos públicos, reduzir direitos adquiridos e enfraquecer mecanismos de solidariedade”, buscando dar prioridade à lógica da mão de obra de baixo custo e do aumento da produtividade. De forma adicional, o populismo de Bolsonaro entrelaça o “discurso anticorrupção, o punitivismo, à hostilidade com minorias e o neoliberalismo, sendo o elemento central nessa articulação a ideia de meritocracia” (Silva; Rodrigues, 2021, p. 93).

Sobre o neoliberalismo como definidor do populismo de direita radical bolsonarista, Tanscheit (2023) situa que o tema se constituiu eleitoralmente para a sociedade brasileira por meio das disputas políticas entre o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e o PT (Partido dos Trabalhadores), a partir da “principal distinção entre a direita e a esquerda não mais relacionado ao papel dado ao ‘mercado’ *versus* ‘Estado’, mas orientado em torno do apoio ou não às privatizações” (Tanscheit, 2023, p. 11 – tradução livre).

A autora argumenta que o neoliberalismo esteve conectado à direita brasileira desde os anos 1990, todavia candidatos com ideais exclusivamente neoliberais não ganharam eleições presidenciais desde 2002. Para Tanscheit (2023, p. 12), “Bolsonaro foi capaz de renovar o neoliberalismo por meio de sua conexão com os elementos ideológicos do populismo de direita radical em todo o mundo. Em vez de o neoliberalismo desaparecer, ele ressurge como um quarto atributo definidor do PRR (*Populist Radical Right's*) brasileiro”.

Também consideramos como parte do populismo bolsonarista a estratégia comum entre populistas de extrema direita (Mudde, 2019; Gerbaudo, 2018; Waisboard, 2018) de utilizar páginas ou perfis pessoais em plataformas de mídia social digital como espaços para dar vazão à comunicação pública e desintermediada com os cidadãos. Por meio de uma retórica agressiva e com alto potencial de engajamento, o presidente registrou opiniões e ações do governo e, por vezes, deu carga ao circuito de disseminação de desinformação e notícias falsas.

Outro aspecto a ser considerado no populismo de Bolsonaro, de acordo com a bibliografia atual, é o uso de desinformação como parte da estratégia discursiva do ex-presidente. Esse uso teve seu ápice no período da pandemia da Covid-19. Camargo Penteado, Goya e Santos (2022) analisam que Bolsonaro utilizou os perfis nas plataformas de mídias sociais para sua comunicação populista, por meio da aposta na comunicação caótica, mesclando conteúdos de cunho pessoal e institucionais da Presidência da República. Uma vez que há “uma forte correlação entre desordem informacional e comunicação populista, o que tem impactado no desenvolvimento de políticas e ações de enfrentamento à pandemia e também colocam em risco a própria democracia” (Camargo Penteado; Goya; Santos, 2022, p. 255-256).

Durante a crise sanitária da Covid-19, o ex-presidente realizou, por meio de suas páginas nas plataformas de mídias sociais, “um registro oficial de suas ações sobre a Covid-19 e das medidas de combate ao vírus”, atuando como “como o principal difusor das ações promovidas por ele e sua equipe”, numa espécie de complemento à assessoria de comunicação da Presidência e ao Diário Oficial (Monari *et al.*, 2021, p. 3; 11).

Na perspectiva de Aggio, Vaz e Castro (2022, p. 10; 22) as *lives*, transmissões ao vivo pela página na plataforma de vídeo realizadas semanalmente pelo ex-presidente, também se caracterizam como elementos da comunicação populista bolsonarista, uma vez que serviram para a difusão de conteúdos “falsos e desinformativos e tocar em abordagens com contornos relativamente populistas ao sustentar, com frequência, uma narrativa de oposição entre ‘nós e eles’ no contexto do combate à pandemia”.

Entender a desinformação como componente preponderante da agenda populista bolsonarista parte também do entendimento de que a estratégia não se restringiu às mídias sociais, mas contou com a participação de agentes públicos, canais oficiais do governo, declarações publicadas na imprensa e se concretizam na agenda política do governo federal (Ares *et al.*, 2022). Exemplo disso é a articulação entre desinformação, por meio da propagação de falas públicas de ataques às universidades brasileiras e da acusação de

[...] doutrinação comunista de jovens feitas por ministros do governo Bolsonaro, principalmente durante a gestão de Ricardo Veléz e Abraham Weintraub, por exemplo. Bem como por atos administrativos, como restrições orçamentárias e intervenções administrativas que sustentaram a massiva propaganda de desinformação, à medida que “o Governo bolsonarista usa a desinformação para fazer sentido no mundo a partir das óticas do autoritarismo, conservadorismo e capitalismo. (Ares *et al.*, 2022, p. 62)

Araújo e Soares-Campos (2023, p. 145) articulam as características do populismo autoritário ao terreno da agenda ambiental, salientando como traço comum aos populistas de extrema direita na conjuntura internacional o ataque aos grupos sociais e às agendas relacionados à defesa do meio ambiente e proteção dos ecossistemas, “sob o argumento que tais riquezas pertencem à ‘nação’ e devem ser usadas para o seu desenvolvimento”.

Populistas autoritários tendem a atacar danos oficiais, demonizar supostos inimigos externos como “antipatriotas”, estimular medos além da exploração de recursos naturais como moeda de troca de apoio político, geralmente com desprezo pelos direitos humanos e ambientais. O populismo se esforça para ressignificar a “natureza” como “nacional”: u território nacional, com recursos nacionais e autossuficiência nacional. O populista atua, assim, de maneira a obscurecer ideias globais ou transfronteiriças em nome da defesa do “nós”. (Araújo; Soares-Campos, 2022, p. 145)

Para os autores, a experiência com o Governo Bolsonaro oferece argumentos que acentuam a relação entre a agenda antiambiental e o populismo autoritário, o que, empiricamente, pode ser comprovado pelo “desinvestimento em instituições de proteção ambiental, do negacionismo em relação a dados científicos ou, ainda, do estímulo à violência contra povos originários” (Araújo; Soares-Campos, 2022, p. 145).

Por fim, na política externa, Bolsonaro mantém a narrativa dos populistas globais, numa luta contrária às organizações que compõem o sistema de governança global. Durante a pandemia, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi o principal alvo dos ataques do presidente e da militância bolsonarista, que anteriormente eram destinados à ONU.

Outro ponto nessa agenda é a submissão aos Estados Unidos, mais fortemente defendida pelo atual presidente americano Donald Trump, e o enfrentamento ao que o bolsonarismo compreende como “globalismo”, termo utilizado para condenar órgãos supranacionais e estratégias de governança global para solução de problemas comuns, como no caso da pandemia da Covid-19, que teve o ex-chanceler brasileiro Ernesto Araújo como um de seus principais defensores (Gagnani, 2019).

É interessante destacar a aproximação de Bolsonaro aos elementos da extrema direita internacional, conforme identificados por Mudde (2019). Por exemplo, embora o tema de imigração seja mais comum aos populistas de extrema direita do Norte Global, Bolsonaro já se posicionou contrário aos refugiados, quando os denominou como “escória do mundo” (Azevedo, 2015). Além disso, frequentemente recorreu a narrativas depreciativas sobre imigrantes venezuelanos, compreendendo-os como ameaça à nação e aos brasileiros (Mudde, 2019), em sua constante rivalidade contra a Venezuela e o presidente do país, Nicolás Maduro.

No próximo capítulo, apresentaremos a estratégia metodológica que utilizamos para analisar os enquadramentos populistas nos editoriais publicados pelos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* sobre o Governo Bolsonaro. Temos como referência o entendimento de Gamson e Modigliani (1989) dos *framings* como pacotes interpretativos para mapear a ocorrência dos elementos comuns ao populismo nos textos, com base na definição proposta por Entman (1993).

3 O PAPEL POLÍTICO DOS EDITORIAIS: A VOZ DOS VEÍCULOS E AS CARACTERÍSTICAS DA IMPRENSA BRASILEIRA

Neste capítulo, realizamos um levantamento dos estudos brasileiros que se dedicaram a compreender os acontecimentos recentes por meio da cobertura editorial de jornais nacionais e internacionais, tendo como referência que esses textos que carregam e defendem a opinião das empresas de comunicação, seus anunciantes, são endereçados às elites políticas e financeiras do país. Também propomos uma reflexão sobre a constituição do mercado brasileiro de comunicação e como as raízes ideológicas dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e o *Globo* podem servir como orientadores da cobertura editorial do Executivo federal.

Os editoriais são o único lugar no jornal em que as opiniões dos veículos de comunicação estão explicitamente representadas. Espaços de poder e influência – a ponto de estarem localizados em destaque e deferência no projeto gráfico dos periódicos –, são utilizados pelas empresas para impactar indiretamente a arena política e a opinião pública (Firmstone, 2019). Têm papel poderoso para informar, moldar o debate público e influenciar a audiência, bem como a agenda interna de cobertura, os veículos da concorrência etc., atuando “como a manifestação mais tangível do poder da imprensa” (Firmstone, 2019, p. 3).

Nas considerações de Guerreiro Neto (2016), nem mesmo a crise dos jornais impressos, a partir da popularização da internet, abalou o espaço significativo ocupado pelos editoriais na arena política. Embora já não tenham a mesma influência junto à opinião pública, seguem ocupando um polo de reiteração de autoridade e de identidade.

Isso porque os editoriais jornalísticos funcionam como indicadores do relacionamento entre a imprensa e a política. O modelo de estruturação argumentativa mostra que são construídos com a finalidade de intervir na deliberação pública, definindo e resumindo objetivamente a situação, provendo uma avaliação do evento ou tema e concluindo com recomendações e expectativas para a solução da questão em debate (Teun van Dijk, 1992).

Segundo Guerreiro Neto (2016), o surgimento do jornalismo editorial é decorrente do processo de profissionalização do jornalismo moderno, que levou o processo de produção das notícias a buscar ideais de neutralidade e objetividade. No início do século XIX, esse formato se estabeleceu, impulsionado pela relação entre o jornalismo e o campo da política, com ação importante para a conformação do sistema político da época. Somente no século XX, houve um crescimento no número de colunistas, atuando para explicar os acontecimentos e atendendo demandas dos leitores (Guerreiro Neto, 2016).

Nas análises de Firmstone (2019, p. 4), o editorial nasceu “como um formato distinto em resposta às normas e valores associados ao estabelecimento do jornalismo como profissão” e passou a fazer parte dos periódicos para uma rigorosa separação entre textos objetivos (notícias e reportagens) e opinativos (artigos, cartas ao leitor, editoriais). A autora concebe que também serviram como trunfo para que os jornalistas pudessem salientar que as notícias que produziam eram independentes dos interesses do capital e dos donos dos jornais: “Durante as eleições, os jornais tradicionalmente usam sua voz editorial para endossar um candidato ou partido. O endosso de candidatos políticos é uma ‘parte integrante do mecanismo eleitoral’ indicando o partidarismo do jornal” (Firmstone, 2019, p. 5).

Lia Seixas (2009, p. 83), em busca das definições dos gêneros jornalísticos, aponta que é tênue o limite entre informação e opinião nos noticiários e pode ser medido “por uma relação complexa entre objeto, tópicos jornalísticos (saber social compartilhado) e ato de comunicação jornalístico”, porque as diferenças entre esses gêneros estão além do aspecto textual e/ou linguístico, “mas uma combinação frequente de elementos extralinguísticos e linguísticos”.

Guerreiro Neto (2016) compreende que o jornalismo se organiza em três categorias específicas de opinião: a do editor, a do jornalista e a do leitor. “A opinião do editor é expressa pelos editoriais e pela linha do jornal: a política editorial. O editorial seria, assim, a opinião do jornal apenas metonimicamente, considerando que a opinião do jornal equivale a do editor e dos proprietários” (Guerreiro Neto, 2016, p. 94). Na mesma linha, Beltrão (1980) argumenta que é por meio desses textos que o grupo proprietário manifesta suas opiniões sobre acontecimentos que têm relevância para seus negócios.

Marques de Melo (1985, p. 79) entende que o editorial é um espaço de contradições, onde o discurso constitui “uma teia de articulações políticas e por isso representa um exercício permanente de equilíbrio semântico”, ou seja, não é apenas a opinião do proprietário do periódico, “mas de um consenso de opiniões de diferentes núcleos que participam da propriedade da empresa”, que consideram, por exemplo, as disputas internas das redações e as pressões de governos e anunciantes.

No dia a dia da produção jornalística, a acepção de Guerreiro Neto (2016, p. 94) denota que os editoriais funcionam como “linha mestra”, guiando o posicionamento institucional dos jornais, “a ponto de se alterar mais lentamente do que as estruturas de pensamento que produzem as opiniões individuais”, por exemplo. Isto é, mesmo que os editores e jornalistas que produzem os editoriais tenham alterado a forma de compreender determinado cenário ou fenômeno, o reflexo disso no texto não é imediato.

Mesmo que inconsistentes entre si, as notícias são visivelmente marcadas por esse mecanismo de coerção que é a linha editorial. O que importa aqui é perceber que os jornais mantêm, senão opiniões para situações específicas, ao menos diretrizes opinativas relativamente consolidadas, seguidas por vezes mesmo com trocas no comando. (Guerreiro Neto, 2016, p. 94)

A partir dessas considerações, é possível depreender que o que torna um editorial único é a diferenciação dele dos outros espaços em que opiniões são publicadas nos jornais. De forma resumida, pode-se afirmar que um editorial é onde os julgamentos das empresas jornalísticas estão representados. Refletem o ponto de vista de um pequeno grupo de jornalistas especialistas que fazem parte das discussões sobre as linhas editoriais dos jornais, os temas que figuraram no texto do dia, sem a necessidade de consultar todo o *staff* da redação (Firmstone, 2019).

Como gênero que melhor ilustra as tensões e pressões entre os interesses público e privado no jornalismo, o editorial “se configura mais nitidamente como um espaço para o jornal ‘fazer política’ e pressionar o poder público, além de ser uma forma de colocar assuntos na pauta coletiva de discussões” e podem ser vistos como um “conselheiro para os leitores”, na medida em que buscam ali “opiniões atualizadas sobre temas diversos”. Assim, o editorial é o compromisso do jornal com o leitor, que “espera uma orientação” sobre o que pensar com relação aos temas em debate público (Mont’Alverne; Marques, 2015, p. 122-128).

A leitura de editoriais dos jornais diários, por exemplo, inspira-nos a compreensão de que as instituições jornalísticas procuram dizer aos dirigentes do aparelho burocrático do Estado como gostariam de orientar os assuntos públicos. E não se trata de uma atitude voltada para perceber as reivindicações da coletividade e expressá-las a quem de direito. Significa muito mais um trabalho de ‘coação’ ao Estado para a defesa de interesses dos segmentos empresariais e financeiros que representam. (Mont’Alverne; Marques, 2015, p. 128)

A partir dessas premissas, e tendo em vista as contribuições de Entman (1993; 2004), Guazina, Prior e Araújo (2018), Firmstone (2019) e Guerreiro Neto (2016), compreendemos a capacidade dos editoriais de definir discursivamente as situações da conjuntura, promover uma avaliação dos acontecimentos e indicar recomendações de melhoria e expectativas para a solução de problemas, principalmente relacionados à arena política e à relação dos cidadãos com o Estado. Nas próximas páginas, resgatamos contribuições sobre os veículos de comunicação como atores políticos, tendo os editoriais como espaço para pressionar agentes representativos e lançar luz sobre questões que merecem a atenção do público.

3.1 OS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO COMO ATORES POLÍTICOS

Para compreender como os editoriais exercem influência na arena política, como introduzimos neste capítulo, é necessário resgatar a concepção do jornalismo como instituição social complexa, formatada em processos que prezam os ideais de objetividade, imparcialidade e clareza informativa (Cook, 2011). Assim, a capacidade dos veículos de organizar a sociedade lhes permite, por vezes, flexibilizar esses pilares orientadores em nome da necessidade de destacar interesses e posições em determinado contexto (Schudson, 2003).

De acordo com Eberwein, Porlezza e Splendore (2015), os veículos de comunicação são comunicadores políticos e desempenham papel fundamental na arena política ao se constituírem como espaço comunicacional autorizado onde os debates desse campo acontecem, função que aumenta a capacidade de orientar as escolhas políticas dos cidadãos. Desse modo, os veículos definem as regras de visibilidade que devem ser seguidas pelos agentes do campo político em busca da cobertura dos seus atos pelos noticiários. É, portanto, nessa relação de interdependência que o jornalismo consolida sua atuação política.

Na tentativa de contrabalançar desejos e necessidades, há o esforço tanto dos jornalistas quanto dos agentes políticos para levar os temas ao conhecimento do público, muitas vezes em contraponto ao que é visibilizado nos perfis pessoais e institucionais em plataformas de mídias sociais. Essa relação não é harmoniosa, mas busca equilíbrio entre os conflitos técnicos e semânticos que compõem as rotinas de produção jornalística, as necessidades da política e os interesses comerciais dos veículos de comunicação (Biroli, 2010; Cook, 2011).

De forma alternada, jornalistas e atores políticos influenciam a construção da agenda de temas que serão recebidos e discutidos pela audiência. Nesse processo, são estabelecidos acordos que, somados às rotinas de produção jornalística, contribuem para decidir quem será entrevistado, o tema a ser abordado, as perguntas, as respostas etc. (Biroli, 2010).

Além disso, é possível identificar a atuação política dos veículos quando estão “debaixo de um alto grau de partidarismo” ou são de propriedade de políticos, com conexões entre as organizações de mídia, partidos ou candidatos, e em momentos em que os veículos atuam politicamente para a promoção de campanhas de conscientização social, engajamento em atividades beneficentes ou causas humanitárias (Eberwein; Porlezza; Splendore, 2015, p. 3).

Ainda de acordo com os autores, a atuação dos veículos de comunicação também pode orientar crenças sociais ao conferir espaços a vozes e opiniões que expressam interesses de

grupos específicos ou endossam posições, candidatos ou partidos políticos. Essa é uma prática comum do jornalismo editorial, uma vez que esses textos são historicamente reservados à opinião dos veículos, reforçando a alta credibilidade dos noticiários junto à audiência (Eberwein; Porlezza; Splendore, 2015).

Entretanto, no caso do Brasil, existem especificidades na relação entre os meios e o campo político, com impactos significativos sobre o modelo de jornalismo praticado no país. Aqui, o grau de interdependência desses dois campos é acentuado. Historicamente, o governo atua como um dos principais financiadores das organizações de comunicação, as quais, por sua vez, operam como oligarquias que integram as elites política e econômica do país, como explicam Eberwein, Porlezza e Splendore (2015).

O resultado da influência do jornalismo norte-americano no cenário brasileiro promoveu uma lógica de modernização autoritária (Albuquerque, 2010) e contribuiu para a emergência de dilemas sobre como o desequilíbrio entre governo e partidos, comuns em democracias presidencialistas, impactariam a produção noticiosa e quais seriam seus efeitos (Magalhães, 2015).

Dessa forma, é possível compreender que, no Brasil, eles têm papel protagonista, pois, em sistemas em que os partidos têm pouca relevância na dinâmica política, como o brasileiro, a imprensa reivindica e ocupa lugar importante na mediação do processo de comunicação entre o público e os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário (Magalhães, 2015).

Essas análises trazem à tona o fato de que a relação entre os veículos de comunicação e a política no Brasil foi influenciada pelo modelo anglo-americano no que se refere ao aspecto de quarto poder que entende a notícia como relato isento de opinião, reforçando o papel da mídia como mediadora das relações entre governo e cidadãos. Todavia, no Brasil, a noção de jornalismo foi reconstruída pelos próprios jornalistas, uma vez que, durante o período da ditadura (1964-1985), a imprensa “reivindicou um papel político ativo, como fiadora da democracia e suas instituições” (Albuquerque, 2010, p. 8).

As questões comerciais ganharam prevalência no jornalismo brasileiro a partir da década de 1950, colocando de lado as determinações políticas que não desapareceram completamente das redações, pois os grupos políticos representavam a possibilidade de apoio para que o sistema de mídia pudesse garantir sua sobrevivência. Isso acontecia por meio da venda de espaços publicitários, da concessão de créditos especiais e de incentivos financeiros (Ribeiro, 2003).

Além dessas questões, destaque-se a falta de políticas públicas de regulamentação da atividade dos veículos de comunicação no Brasil (Ramos; Santos, 2007), e seus impactos na produção e disseminação de informações, para a manutenção da função democrática da mídia, já que aqui ainda predomina a concentração de empresas comunicação sob forma de propriedade privada (Marinoni, 2015).

3.2 ELABORAÇÃO DO VALOR POLÍTICO DOS EDITORIAIS DOS *QUALITY PAPERS*

Os editoriais revelam sua atuação política ao explicar a hipoderme do cenário político de forma que as notícias, por perseguir os ideais de objetividade, não conseguem, bem como ao tentar orientar e convocar a audiência para a ação sobre determinada agenda. Ainda que não tenha relevância quantitativa (altos índices de leitores), o prestígio dos editoriais dos jornais *mainstream* está ancorado na influência qualitativa: “por evidenciar a empresa jornalística enquanto *player* disposto a dialogar com autoridades de outros campos, a exemplo da Política e da Economia” do país (Mont’Alverne; Athanásio; Marques, 2018, p. 410).

Segundo os autores, os editoriais servem a duas diferentes dimensões: (i) comercial, por estabelecer relação com a audiência e se diferenciar da concorrência, a fim de estabelecer a própria imagem pública, defender seus posicionamentos e buscar credibilidade; e (ii) política, ao se propor a influenciar a sociedade em campos que são “externos aos limites do jornalismo”, na tentativa de se configurar como “*player* no ambiente democrático” (Mont’Alverne; Athanásio; Marques, 2018, p. 410).

Da concepção de Mont’Alverne e Marques (2015), é possível depreender certo grau de ação política dos editoriais na tentativa de definir a agenda de debates públicos, seja sugerindo o tema, seja enquadrando as questões que merecem o interesse coletivo. A forma como os editoriais salientam determinados aspectos dos assuntos diários pode influenciar como o debate acontecerá, além de aumentar a responsabilidade do governo perante a audiência, revelando as condições de pressionar os agentes representativos. Para Orosa *et al.* (2023, p. 487), “A função do editorial como intérprete autorizado da atualidade, se exerce não só no enfoque concedido ao tema, mas também na própria seleção do mesmo como elemento destacado da atualidade”.

Isso porque, segundo Mont’Alverne e Marques (2015, p.132), as empresas tendem a abordar temas, considerando que sua opinião será levada em conta pelos demais agentes do debate público, especialmente os agentes políticos: “o periódico passa a exercer função de agente político, tentando usar do poder do qual dispõe para preservar seus interesses”.

Enquanto pode usar de seu capital social para pressionar os agentes políticos, a empresa tem de lidar com a necessidade de oferecer à audiência um produto que atenda a determinadas expectativas, exprimindo uma tensão entre os interesses privados e coletivos presentes na configuração do produto jornalístico. (Mont’Alverne; Marques. 2015, p.133)

De tal modo, os editoriais, ainda que profundamente distintos das notícias, também partem de critérios de noticiabilidade que guiam a seleção de fatos da cobertura jornalística factual para veicular posicionamentos dominantes, já que acontecimentos que envolvem as elites políticas têm mais chance de se tornarem notícia (O’Neil, 2010).

Como apontam muitos autores, tal como Firmstone (2019), Mont’Alverne e Marques (2015; 2019) e Guerreiro Neto (2016), entre outros, o poder político dos editoriais é elaborado durante todas as fases da sua produção, que engloba critérios de noticiabilidade, emprestados da cobertura noticiosa, e aqueles específicos do texto editorial, funcionando como mais um marcador de distinção desses formatos jornalísticos.

De acordo com Firmstone (2008), a seleção do tópico que será discutido no editorial é o passo mais importante do processo. São quatro os fatores motivadores para a decisão: (i) avaliação sobre a atualidade do tema, de acordo com as premissas dos valores-notícia; (ii) nível de importância editorial, cujo julgamento está baseado em três motivações individuais – interesse coletivo sobre o assunto, interesse individual do jornalista como grupo e interesse do editor – e uma motivação relacionada à política editorial do veículo como organização; (iii) possibilidade de impactar os leitores; e (iv) relevância do assunto no debate mais ampliado dos veículos de comunicação e a possibilidade de exercer alguma influência externa à mídia.

Firmstone (2008, p. 222) aponta ainda, ao examinar as rotinas e práticas da produção jornalística, que os valores editoriais guiam a seleção dos temas de maneira significativamente diferente de como os valores-notícia são operacionalizados para selecionar os fatos que compõem os noticiários: “[...] embora os valores-notícia constituam um dos mais importantes valores editoriais, o julgamento dos jornalistas sobre importância editorial atribuída a uma questão motiva decisões na mesma medida”.

Esses julgamentos relacionados aos valores editoriais, portanto, variam entre os jornais, e cada um deles carrega mais ou menos peso no processo de decisão, de acordo com o nível de importância do jornal no campo social: “Valores editoriais não são universais porque dependem da dinâmica de um conjunto de circunstâncias específicas do jornal” (Firmstone, 2008, p. 225).

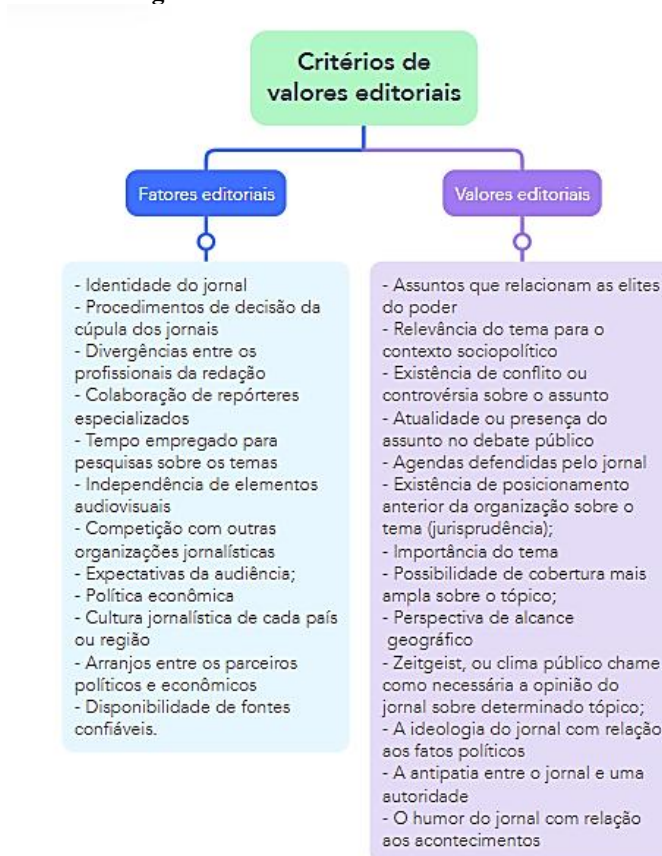
Assim, Firmstone (2008) sugere que os jornalistas responsáveis por escrever os editoriais, normalmente os que cobrem as editorias de política, internacional e país, ou os editores dessas editorias (*leader-writing journalists*), ocupam posição de influência por, ao menos, quatro fatores: (i) determinar o nível e a natureza qualitativa das opiniões; (ii) oferecer recursos para produção dos textos (informação de contexto, apuração, dados); (iii) moldar a cobertura de acordo com suas atitudes pessoais (tipo de fontes a que têm acesso, por exemplo); e (iv) ao cumprir o papel de especialistas.

Numa evolução dos debates dessa autora, e a partir das contribuições de Marques e Mont’Alverne (2019), é possível identificar a evidência de três tipos de escolhas feitas pelos editorialistas no momento da produção dos textos: (i) agenda endereçada; (ii) seleção do posicionamento do jornal com relação ao tema tratado; e (iii) hierarquia à qual o editorial é submetido no *design* gráfico do jornal. Ao selecionar os temas que merecem um editorial, os jornais indicam sua preferência ideológica e “quais assuntos são vistos por uma organização jornalística como um valor editorial” (Marques; Mont’Alverne, 2019, p. 5).

Nesse contexto, propõem ainda uma categorização dos critérios de editorialidade que consideram a ocorrência de dois tipos de elementos influentes na seleção dos temas a serem editorializados: (i) fatores editoriais, que são elementos de contexto que influenciam o editorial e não podem ser verificados durante a análise do texto; e (ii) valores editoriais, que podem ser investigados empiricamente em cada texto (Marques; Mont’Alverne, 2019).

Assim, os estudiosos brasileiros partem da proposta de Galtung e Ruge (1965) e Harcup e O’Neil (2001; 2016) sobre elaboração e aprimoramento dos critérios de noticiabilidade (valor-notícia) que determinam quando um acontecimento pode se tornar notícia, para indicar uma proposta de categorização dos critérios de valores editoriais (critérios de editorialidade), a fim de identificar os passos que tornam um tema suscetível a ser discutido em um editorial, que se organizam conforme a Figura 1.

Figura 1 – Critérios de valores editoriais



Fonte: A autora, com base em Marques e Mont'Alverne (2019, p. 11).

Outro flagrante de atuação política dos editoriais é a escolha dos personagens citados nos textos. Em estudo de 2017, Mont'Alverne propôs que a visibilidade que os meios oferecem aos agentes políticos depende do tipo de texto em que é mencionado. Quando essas personagens são nomeadas em editoriais, é como se a cobrança a esse agente estabelecesse um diálogo entre o governo e as elites políticas e econômicas (Mont'Alverne, 2017).

A autora considera que as empresas também se dirigem a personagens públicos específicos quando endereçam suas questões às instituições. Todavia, nos editoriais, parecem ser ainda mais exigentes, pois a prioridade é por personagens com mais acesso ao poder de decisão, reforçando que um agente, para figurar nesse espaço, é importante que tenha capital político considerável (Mont'Alverne, 2017).

Quando instituições do Estado são personagens desses textos, isso pode revelar que as empresas de comunicação buscam se posicionar como entes similares, ao propor um diálogo por meio dos editoriais, visto que se colocam como capazes de legitimar demandas e necessidades para o funcionamento do regime democrático (Mont'Alverne, 2017).

[...] os editoriais são endereçados aos agentes políticos detentores do poder de decisão ou a instituições significativas para a democracia e para o sistema político do país, sendo uma maneira de os periódicos estabelecerem um diálogo com eles e os pressionarem quanto à adoção de agendas que julga prioritárias – procurando formatar a agenda de preocupações da sociedade e do campo político. (Mont’Alverne, 2017, p. 28)

Pimentel, Marques e Santos (2021, p. 9) defendem que o papel político dos editoriais é baseado na premissa de que, ao agendar os temas e tomar posições quanto a determinados assuntos e atores, as organizações jornalísticas acabam por “transformar o comportamento das autoridades representativas, apoiando a tese relacionada ao que chamam de ‘mediatização’”.

Os autores argumentam que os enquadramentos dos temas nos editoriais são uma herança do papel político do jornalismo, que se expressa também na forma como a cobertura noticiosa não necessariamente confere a mesma atenção aos agentes envolvidos no processo democrático: “A influência dos editoriais na arena política pode ser revelada por um apoio explícito (ou rejeição) de partidos políticos e candidatos para a defesa de interesses privados ligados às organizações jornalísticas” (Pimentel; Marques; Santos, 2021, p. 9).

Os enquadramentos também têm função política nos editoriais. Guazina, Prior e Araújo (2018) indicam que esses textos revelam e transmitem a opinião e os valores das instituições jornalísticas, por isso a análise desse material torna possível acessar o posicionamento político dos grupos de mídia e as dinâmicas das coberturas noticiosas sobre determinados temas, a agenda predominante e as narrativas construídas sobre os eventos políticos.

Assim, os autores articulam a ação dos enquadramentos de direcionar atenção a determinados aspectos dos fatos em detrimento de outros com os editoriais, como gênero textual argumentativo, cujo papel importante é orientar os assuntos em debate público, definir e enquadrar a realidade política por meio dos princípios, normas e valores ideológicos que guiam as empresas jornalísticas (Guazina; Prior; Araújo, 2018).

Todavia, para Marques e Mont’Alverne (2015), os limites da atuação política dos editoriais estão no fato de que não costumam problematizar as estruturas mais fundamentais do sistema político. Para os autores, por mais que os editoriais questionem os fatos da vida política, principalmente em casos de corrupção, eles não se aprofundam nos problemas estruturais da política do país: “O editorial acaba trabalhando com uma concepção naturalizada do que é política e de como as ações políticas se desenrolam” (Mont’alverne; Marques, 2015, p. 130).

Entendemos, portanto, como principal significado do jornalismo editorial o poder de persuasão, característica da função dos veículos de comunicação para a manutenção de contextos democráticos. Entretanto, a concentração da propriedade dessas empresas nas mãos de uma elite, como no caso brasileiro, é uma questão para se observar, principalmente no que diz respeito à relação de paralelismo entre os jornais e os partidos políticos, bem como o papel dos veículos para a democracia, como aponta Firmstone (2019).

3.3 A VOZ DA *FOLHA DE S. PAULO*, *D'O GLOBO* E *D'O ESTADO DE S. PAULO* DURANTE AS CRISES POLÍTICAS NO BRASIL (2007-2022)

Os veículos de comunicação também se alimentam de crises políticas como forma de garantir audiência e visibilidade. É por meio da cobertura exaustiva de escândalos de corrupção, dificuldades na relação entre os poderes, desentendimentos entre agentes políticos, por exemplo, que buscam manter certo grau de influência tanto nas decisões institucionais quanto na forma como o cidadão as compreende.

Embora as plataformas de mídias sociais possam ter reduzido esse poder, ao minar a necessidade de intermediação entre essas personagens e seus eleitores, a mudança ainda não ocorreu a ponto de anular a *commodity* de credibilidade dos veículos (Gomes, 2018), que seguem utilizando as coberturas noticiosas como pilar da relação de interdependência com a política institucional, agindo ora para alimentar conflitos, ora para acomodar consensos (Guazina, 2008; Biroli, 2010).

No caso dos editoriais, o padrão argumentativo dos textos, sob a aura do direito das empresas à perspectiva e à opinião sobre o cenário político, confere uma liberdade que não é totalmente possível na cobertura noticiosa, devido aos padrões e critérios que a lida com o relato factual ainda obedece. Dessa forma, esses textos também são espaços para identificar problemas, diagnosticar causas, fornecer julgamento moral e recomendações sobre as recorrentes crises políticas brasileiras nos últimos anos, realizando o poder político e uma das principais funções desses textos na fiscalização do Executivo federal.

Miguel e Coutinho (2007) analisaram a cobertura editorial dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* sobre o caso do Mensalão, escândalo envolvendo denúncias de corrupção e compra de votos em troca de apoio político no Congresso Nacional que afetou o primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006). De acordo com os autores, o exame desses jornais tornou possível compreender que a imprensa brasileira atuou

de forma “incendiária”, alimentando as “crises políticas de maneira irresponsável na busca desenfreada pelas melhores manchetes” (Miguel; Coutinho, 2007, p. 980).

Essa postura, afirmam os autores, encontra ecos nas críticas sobre o denunciismo da cobertura política brasileira, identificado de maneira recorrente em estudos da área de Comunicação e Política, fazendo “da mídia um espaço de linchamento moral permanente e um instrumento nas mãos dos interesses em conflito na política” (Miguel; Coutinho, 2007, p. 99).

Da análise dos textos que carregavam a opinião dos *quality papers*, Miguel e Coutinho (2007, p. 119) compreenderam que os enquadramentos davam conta de que a crise política era resultado de corrupção e fisiologismo, operando para o descumprimento das regras legais e normas morais tácitas que, na concepção dos jornais, “deveriam reger o comportamento político”.

A partir da compreensão da dependência dos agentes políticos dos veículos de comunicação para configurar suas imagens públicas, ainda que as mídias sociais tenham tomado espaço considerável nessa seara nos últimos anos, Mont’Alverne e Marques (2013) investigaram os editoriais do jornal *O Estado de S. Paulo* para compreender os elementos utilizados para elaborar a imagem pública da ex-presidenta Dilma Rousseff (2011-2016).

Para os autores, o estudo dos editoriais tornou possível diagnosticar que a relação entre o Governo Rousseff e o jornal *O Estado de S. Paulo* foi pautada pela divergência de perspectiva. Também indica que o jornal apresentou Rousseff como gestora pouco confiável, incompetente para enfrentar a crise econômica, autoritária e sem capacidade para negociação (Mont’Alverne; Marques, 2013). Mesmo com esses resultados, Mont’Alverne e Marques (2013) evitaram afirmar que as discordâncias se deveram às preferências políticas do jornal, mas alinhadas ao lugar natural dos veículos de crítica aos mandatários de ocasião.

Todavia, dez anos após a publicação do estudo e tendo como bases análises sobre a ação dos veículos de comunicação brasileiros de endosso ao golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, em 2016, a construção da imagem pública de Dilma pelas páginas do *Estadão* respondeu à oposição tanto política quanto ideológica do jornal ao governo do PT. Dessa forma, compreendemos a movimentação do *Estadão* dentro do espaço de controvérsia legítima, pontuado pelos autores, mas os resultados da pesquisa revelam a tentativa de minar a credibilidade e a confiança no governo da então presidenta.

Nesse sentido, o resgate histórico do posicionamento político e ideológico dos três principais jornais brasileiros, elaborado por Azevedo (2018) como contexto sócio-histórico para uma análise da cobertura editorial das eleições presidenciais brasileiras de 1989 e 2014, reforça

o *zeitgeist* antiesquerda e antipetista das empresas jornalísticas, por meio de um posicionamento crítico dos periódicos que é anterior à chegada do PT ao Executivo federal, em 2002.

Nas análises, Azevedo (2018, p. 285) afasta a vinculação da cobertura crítica aos candidatos do partido como a realização do papel de “cão de guarda” dos jornais, noção teórica que prega a independência entre os meios e o campo político, conforme a teoria liberal do jornalismo, argumentando que os três noticiários “já tinham e mantiveram uma posição fortemente negativa em relação ao petismo desde sua primeira participação no pleito presidencial de 1989”.

No estudo, o autor identifica ainda que os editoriais foram predominantemente negativos com relação a Lula da Silva, nos pleitos de 2003 e 2006, e a Dilma Rousseff, em 2010 e 2014, e que os enquadramentos dominantes pregavam radicalidade e corrupção nos atos dos candidatos à Presidência, com argumentos semelhantes aos utilizados contra as forças políticas de centro-esquerda entre 1951 e 1954 (era democrática do Governo Vargas) e de 1961 a 1964 (durante o Governo Jânio Quadros) (Azevedo, 2018).

Dessa forma, o autor caracteriza o paralelismo político da imprensa brasileira, a partir de Seymour-Ure (1974), ao identificá-lo na análise dos editoriais, e argumenta que “o antipetismo tem raízes ideológicas numa versão política liberal que se opõe às ideias nacionalistas, estatistas e desenvolvimentistas do trabalhismo do passado e do petismo no presente” (Azevedo, 2018, p. 187).

No estudo em que discutem o papel político dos editoriais, Guazina, Prior e Araújo (2018) realizam uma análise dos enquadramentos nos editoriais de noticiários nacionais e internacionais sobre o *impeachment* de Rousseff. Os estudiosos concluem do exame dos argumentos preponderantes que os jornais brasileiros *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* insistiram na ideia de que Rousseff se colocou como vítima do processo que encurtou seu mandato em 2016.

Nos textos, atuaram enfatizando a constitucionalidade do *impeachment* e refutaram as denúncias de golpe promovidas pela ex-presidenta e seus aliados, assumindo uma posição de oposição, na medida em que desconstruíram argumentos e defenderam ideias da acusação (e do campo da oposição ao governo), em meio a um processo de depreciação da imagem pública da ex-presidenta.

Além disso, embora a legitimidade do processo estivesse em disputa no campo político e na cobertura dos veículos de comunicação, é interessante destacar que Guazina, Prior e Araújo (2018) pontuam, com base nos resultados da análise, que nenhum dos três noticiários chega a

discutir se o impedimento da ex-presidenta foi resultado dos atos dos quais ela foi acusada, de que teria realizado manobras orçamentárias para maquiar as contas do governo, ou ponderado se seria motivo suficiente para um processo de *impeachment*.

Por sua vez, na compreensão dos autores, os editoriais dos jornais *Público*, *El País*, *The Guardian*, *Le Monde* e *The New York Times* foram céticos sobre o processo de impedimento da ex-presidenta, salientando aspectos não pontuados pelos nacionais, indicando dúvidas e expressando preocupações com os efeitos do encurtamento do mandato de Dilma. Os argumentos encontrados nos textos evidenciaram também o papel de Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara Federal, como elemento desestabilizador do governo, junto com o vice-presidente Michel Temer (Guazina; Prior; Araújo, 2018).

Em estudo semelhante, que marca os resultados de anos de turbulência política e econômica no Brasil e inauguração do populismo de extrema direita no cenário nacional, Araújo e Prior (2020) partiram de elementos e categorias do fenômeno como antielitismo, antipluralismo, moralismo e sentimento antipolítica, bem como da retórica “nós x eles”, anticorrupção e estímulo à negatividade sobre os rumos do país, para analisar editoriais de noticiários nacionais e internacionais publicados durante as eleições de 2018, com foco na disputa à Presidência da República do Brasil.

Dessa vez, na análise dos enquadramentos preponderantes na cobertura editorial da *Folha de S. Paulo*, *d'O Globo* e *d'O Estado de S. Paulo*, Araújo e Prior (2020) chegaram aos resultados que permitem compreender que os editoriais analisados incorporaram em seus argumentos categorias situadas como constituintes do populismo, inclusive a retórica “nós x eles”, o reforço ao sentimento antipolítica e a preocupação com o futuro do país, e comparações que colocavam Jair Bolsonaro e Fernando Haddad, candidato derrotado do PT, como faces da mesma moeda, indicando que ambos defendiam ideais contrários à democracia brasileira.

Os autores concluem que os noticiários brasileiros contribuíram para naturalizar a candidatura de Bolsonaro e analisam que, ainda que reconhecessem o viés autoritário de suas propostas, o apoio ao ex-deputado federal esteve relacionado à possibilidade de mudança na política econômica. Além disso, com os argumentos de comparação entre Bolsonaro e Haddad, os jornais colaboraram favoravelmente para o líder da extrema direita (Araújo; Prior 2018).

O viés neoliberal e a tendência da imprensa comercial de defender os interesses das elites também foram alvo de investigação na cobertura editorial. Essa perspectiva orientou Araújo e Soares-Campos (2021) no exame dos discursos dos jornais *O Globo* e *O Estado de S.*

Paulo sobre as propostas de reforma da Previdência Social encampadas nos governos de Michel Temer (2016-2018), no fim de 2016, e de Jair Bolsonaro (2018-2022).

Os resultados desse estudo apontam para a existência de padrões argumentativos nos editoriais publicados pelos dois periódicos, orientados pela defesa do liberalismo econômico, na medida em que os defende em argumentos analíticos sobre a economia do país, conferindo, por exemplo, protagonismo ao ministro da Fazenda de Bolsonaro, Paulo Guedes, na pauta de reformas de caráter neoliberal, promessa de campanha do ex-presidente. De acordo com os autores, tal visibilidade “reforça a importância da agenda apresentada por ele, na perspectiva do editorialista do Estadão” (Araújo; Soares-Campos, 2022, p. 1.030).

Também é importante destacar, como argumento recorrente, de acordo com Araújo e Soares-Campos (2022), a crítica ao tamanho do Estado, que revela que os jornais sustentaram a defesa da inevitabilidade da reforma por meio de previsões calamitosas para o futuro da economia brasileira. Os jornais também lançaram mão de discursos de crítica à social-democracia com argumentos contrários a “intervenções econômicas e sociais do Estado para promover justiça social dentro do sistema capitalista”. Na leitura dos autores, a forma como o argumento foi construído “equivale a dizer que, no Brasil, estaríamos vivendo acima das nossas possibilidades” (Araújo; Soares-Campos, 2022, p. 1.031).

O último padrão argumentativo identificado nos editoriais dos jornais brasileiros esteve baseado em recomendações de que o país deveria seguir o exemplo de países ricos, desconsiderando os fracassos de medidas neoliberais implementadas outrora por essas nações. Em conclusão, Araújo e Soares-Campos (2022) entendem que os jornais apoiaram as duas propostas de reforma da Previdência, reforçando discursos para criar consenso sobre a urgência das medidas na defesa de uma perspectiva neoliberal.

A relação entre populismo autoritário e a agenda ambiental implementada pelo Governo Bolsonaro também foi núcleo para uma investigação na cobertura editorial dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* e em noticiários internacionais, no estudo dos mesmos autores (Araújo; Campos, 2022). Eles explicam que a análise do Governo Bolsonaro oferece argumentos que acentuam a relação entre a agenda antiambiental e o populismo autoritário, que pode ser comprovada no “desinvestimento em instituições de proteção ambiental, do negacionismo em relação a dados científicos ou, ainda, do estímulo à violência contra povos originários” (Araújo; Soares-Campos, 2022, p. 145).

Ao mapear os enquadramentos editoriais, Araújo e Campos (2022) observaram chaves semânticas de intensificação das críticas à agenda ambiental do governo e ações que

fragilizavam as instituições públicas para a questão ambiental, bem como *framings* que se relacionam à retórica do populismo autoritário, como o estímulo à violência, ao medo e ao desrespeito às instituições ambientais, o reforço ao nacionalismo e o ataque aos objetivos globais de proteção do meio ambiente, bem como às elites e aos dados oficiais sobre desmatamento no país.

Para mapear como a grande imprensa brasileira lidou com o tema de autoritarismo nas últimas décadas, Gagliardi, Tavares e Albuquerque (2022) se debruçaram numa análise de conteúdo dos editoriais d’*O Globo*, da *Folha de S. Paulo* e d’*O Estado de S. Paulo* a fim de compreender como o conceito foi empregado entre 2003, com a chegada de Lula da Silva (PT) à Presidência da República, até 2021, segundo ano de mandato de Jair Bolsonaro.

Por meio dos resultados apresentados pela pesquisa, é possível notar que, em quase 20 anos, os jornais promoveram debates que rechaçaram experiências autoritárias, principalmente quando relacionadas ao contexto latino-americano, mais especificamente ao governo de Hugo Chaves e Nicolás Maduro na Venezuela. Durante as eleições de 2018, a análise dos autores revela o movimento de normalização de Bolsonaro, repetindo as comparações com seu adversário Fernando Haddad, como já identificado em estudos anteriores, em nome da defesa de uma política econômica neoliberal, agenda de campanha do candidato, que iria ao encontro dos interesses dos jornais. Já na chegada de Bolsonaro à Presidência, os episódios autoritários receberam críticas dos jornais, acompanhadas de comparações aos governos do PT, ainda que os casos tivessem diferenças e pesos evidentes (Gagliardi, Tavares; Albuquerque, 2022).

De modo geral, as análises da cobertura editorial dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* sobre os acontecimentos políticos recentes revelam as nuances históricas do caminho percorrido pelas empresas de comunicação para se tornarem os principais noticiários do país. No próximo tópico, discutem-se as características dos veículos de comunicação brasileiros no que tange às relações com o campo político na defesa de agendas de interesse, historicamente alinhadas às elites do país.

3.4 REFLEXÕES SOBRE OS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL: RELAÇÕES ENTRE A MÍDIA E O CAMPO POLÍTICO E DEFESA DAS AGENDAS DA ELITE ECONÔMICA

O alinhamento dos veículos de comunicação tradicionais brasileiros com as elites é histórico. Expressa-se tanto na concentração da propriedade dos veículos nas mãos de famílias

detentoras de poder político e econômico quanto na defesa de pautas que beneficiam os negócios relacionados. A relação se estabeleceu por conta da influência dos veículos no debate público e junto às personagens proeminentes na política institucional, sejam as que chegam ao poder escolhidas por chefes dos Executivos ou via pleito. Também são fatores centrais o investimento em publicidade e de recursos públicos para o fomento do mercado de comunicação no país (Albuquerque, 2012; Azevedo, 2006).

Assim, a imprensa brasileira tem agentes e agendas preferenciais e não mede esforços para garantir que recebam visibilidade e conquistem centralidade no debate público. As páginas de jornais contam, diariamente, as cenas da íntima relação entre os meios, as elites e suas agendas de interesse, superando aproximações partidárias, ao reafirmar pautas próprias, e abandonando, por vezes, a função pilar de defesa da democracia em nome delas. Compreendemos, portanto, que discutir o cenário é condição para notar a razão de os editoriais manterem a força de agenda e a influência no país, ainda que em meio às inovações tecnológicas que transformaram a forma como as pessoas acessam e consomem informação.

Em trabalho que analisa a relação entre os meios e a política no Brasil, a partir dos modelos ideais propostos por Hallin e Mancini (2004), Azevedo (2006, p. 89) destaca características fundamentais que os constituem e são predominantes no jornalismo brasileiro, “orientado prioritariamente para as elites e permeável à influência dos públicos fortes”: o tardio estabelecimento do mercado da imprensa; o monopólio familiar das empresas de comunicação de massa; a baixa diversidade dos conteúdos produzidos e divulgados; e a baixa circulação de jornais e número de leitores.

De acordo com o autor, somente na passagem do século XIX para o XX, o mercado de mídia no país começou a ganhar estrutura empresarial com o surgimento de jornais que se transformaram nos que conhecemos atualmente como *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. Esse processo foi fortalecido pela popularização do rádio, na década de 1920; pela modernização gráfica e editorial dos jornais, entre 1960 e 1970; e pela chegada da televisão, que promoveu a expansão das redes nacionais de rádio. “Somente a partir dos anos 1980 é que nossos sistemas de mídia ganharam uma feição inequívoca de uma indústria de massa, com a televisão ocupando um lugar central no mercado nacional de entretenimento e informação” (Azevedo, 2006, p. 93).

Sobre a baixa circulação de jornais, Azevedo (2006), tendo como contexto meados dos anos 2000, relaciona o acesso da população brasileira à educação e o pouco hábito de leitura como fatores que estimulam um jornalismo orientado ao interesse das elites, uma vez que, sem

povo interessado nas notícias publicadas, os jornais intensificaram o interesse nas pautas desse grupo. Todavia, quase 20 anos se passaram desde a publicação do trabalho, e os dados sobre analfabetismo e escolarização no país mudaram radicalmente, enquanto o perfil dos jornais e a tiragem pouco se alteraram.

Enquanto em 2006 os três jornais alvo da investigação – *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* – registraram, respectivamente, 230,9 milhões, 307,9 milhões e 274,9 milhões na média anual de exemplares impressos (Azevedo, 2006), em 2023, a média de jornais impressos e digitais publicados foi de 214,4 mil do *Estadão*, 340,9 mil da *Folha* e 375,8 mil d’*O Globo*, de acordo com dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) compilados pelo Mídia Dados Brasil 2024²⁰.

Das análises do autor que justificavam o hábito de leitura de jornais há 20 anos, a baixa escolarização da população é fator explicativo para os números de tiragem de noticiários no país. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dão conta de que, em 2024, 5,4% da população ainda são analfabetos, diante dos quase 11,6% apresentados por Azevedo (2006). Mais da metade da população, ou 54,4%, a partir dos 25 anos de idade, tem, pelo menos, o ensino básico obrigatório (IBGE, 2024).

Sobre isso, o autor defende que é também resultado da falta de notícias dirigidas aos eleitores das classes populares o foco dos grandes jornais na cobertura política e econômica, além da adoção de um modelo de jornalismo mais opinativo. É possível acrescentar ainda que, atualmente, 48,9% dos jornais do Brasil estão localizados na região Sudeste (Mídia Dados Brasil, 2024), o que revela a deficiência de um mercado de imprensa suficientemente abrangente para o perfil do mercado de mídia no país.

Nesse sentido, um levantamento do *site* Poder 360, a partir de dados do IVC publicados em 2023, revelou queda na circulação de jornais impressos no ano anterior²¹. Entre os dados, destaca-se a informação dos dez jornais impressos com maior média de circulação de exemplares impressos em 2022: *O Globo* (60,777 jornais); *Estadão* (60,446 jornais); *Folha* (48.215 jornais); *Zero Hora* (41,425 jornais); *Extra* (35,105 jornais); *Meia Hora* (27,905 jornais); *Valor* (14,541 jornais); *Estado de Minas* (11,128 jornais); *Correio Braziliense* (11,044

²⁰ O Mídia Dados Brasil é um projeto do Grupo de Mídia de São Paulo que agrupa e analisa informações sobre o mercado de comunicação brasileiro. Disponível em: <https://midiadados.gm.org.br/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

²¹ PODER 360, Jornais impressos: circulação despenca 16,1% em 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/jornais-impressos-circulacao-despenca-161-em-2022/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

jornais); e *O Tempo* (9,816 jornais). Destes, somente o *Extra* e o *Meia Hora* são considerados jornais populares (Amaral, 2018).

Albuquerque (2012, p. 78) indica que os jornais brasileiros adotam um estilo de escrita “contido” e a prioridade da cobertura é para temas políticos e econômicos, que “equilibram sua baixa penetração entre as classes populares com uma grande capacidade de definir a agenda, enquadrar questões e influenciar percepções e comportamentos ao nível das elites”.

Por outro lado, é fundamental salientar que as mídias sociais se constituíram como um novo meio de informação, que pode ter superado a centralidade historicamente construída da TV, ainda que, no Brasil, 100% dos municípios tenham cobertura de TV aberta, seja por antena ou satélite (Mídia Dados Brasil, 2024). Informações do levantamento “Como o Brasileiro se Informa”, por exemplo, dão conta de que, em 2024, 24% das pessoas preferiam buscar informações nos portais de notícias da imprensa tradicional, enquanto 21% o faziam pelos *sites* de mídias sociais e 17% pela televisão.

O panorama acima delineado suscita um novo olhar para o cenário, que considere como as inovações tecnológicas impactaram o mercado de imprensa no país. Nesse sentido, Santos Junior e Albuquerque (2019, p. 7) analisaram o papel que os *sites* de mídias sociais passaram a desempenhar na mediação da dinâmica da comunicação política, ao ponto que “desinstitucionalizaram a produção e circulação de informação e opinião, reduzindo o controle hegemônico do jornalismo e das empresas midiáticas nacionais” sobre essa agenda.

Os autores sugerem que a lógica da comunicação política pautada em um complexo midiático perdeu a centralidade nas últimas décadas por conta das evoluções tecnológicas, a partir do nascimento da TV a cabo, que marca o início da quebra no paradigma que proporcionou a segmentação da audiência e a separação dos gêneros em notícia, entretenimento e ideologia. “As ferramentas digitais surgem como uma novidade capaz de, ao menos, reduzir a hegemonia no controle informacional e dar voz aos atores periféricos” (Santos Junior; Albuquerque, 2019, p. 19).

Todavia, ao analisar o surgimento de novos personagens políticos, grupos e pessoas que não conquistavam espaço nos meios tradicionais, os autores indicam cautela devido ao impacto das novas tecnologias na redução das assimetrias de acesso e consumo de informações políticas no país, bem como o fato de os conteúdos dos *sites* de mídias sociais terem menos credibilidade que os veículos de comunicação já estabelecidos.

Outra característica estrutural do sistema de mídia brasileiro, que permaneceu ao longo dos anos, são as reduzidas pluralidade e diversidade de fontes de informação e de temas

considerados “cruciais para a efetividade do debate das questões públicas e das decisões políticas ou para a deliberação crítica e racional no âmbito da esfera pública” (Azevedo, 2006 p. 97). Isso porque o autor reflete que os temas de interesse competem para conquistar a atenção pública e só se transformam em questões de interesse na medida em que ganham visibilidade nos noticiários.

Assim sendo, o sistema de mídia brasileiro ainda é controlado pelas mesmas famílias, que têm poder político e econômico sobre os setores de telecomunicações no país, mídia impressa e *online*, bem como outros veículos e ramificações importantes do sistema de mídia, como parques gráficos, revistas, jornais, portais e TV por assinatura. O monopólio familiar do sistema brasileiro de mídia se fortaleceu com a Constituição Federal e a troca de outorgas por favores e relações políticas (Azevedo, 2006).

Em estudo pioneiro na análise de editoriais, Fonseca (2003) investigou o posicionamento da grande imprensa brasileira sobre direitos sociais dos trabalhadores e direito à greve, à luz das discussões sobre a Constituinte, entre 1987 e 1988. A análise revela o alinhamento dos jornais *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* à agenda do mercado financeiro, revelando como característica da imprensa brasileira o conservadorismo patronal dos jornais e a defesa das elites e, nas considerações do autor, os periódicos como aparelhos privados de hegemonia.

O autor identifica argumentos e descreve como “perversidade” dos veículos o ataque contra direitos sociais, “em nome da produção da riqueza”, reforçando a visão de mundo patronal por meio da retórica de que uma “mentalidade atrasada”, favorável aos direitos sociais, precisava ser substituída por outra “moderna”, alinhada aos interesses da “iniciativa privada”: “a grande imprensa se opõe aos direitos sociais – com vistas à obtenção de uma nova hegemonia, ultraliberal” (Fonseca, 2003, p. 76).

No estudo, o autor também chama atenção para a recorrência com que os jornais se colocam como “conhecedores dos interesses dos trabalhadores”, como “uma antiga estratégia da grande imprensa se autôn timer-se intérprete da sociedade, inclusive dos trabalhadores, e procura interferir diretamente no conflito de classes” (Fonseca, 2003, p. 77).

Isso porque, nos momentos em que os jornais fazem defesas acaloradas em nome do povo ou da nação, vemos o uso da retórica populista que, nas considerações do autor, “trata-se da velha estratégia de universalização dos interesses particulares, perfeitamente possível nas entidades unilaterais como a grande imprensa” (Fonseca, 2003, p. 88).

Em conclusão, Fonseca (2003) sugere que, mesmo tendo perfis editoriais e ideológicos historicamente distintos, os veículos de comunicação analisados não divergiram sobre a introdução dos direitos sociais e à greve na Constituinte.

Tudo isso apenas confirma o caráter não plural, autoritário e conservador, voltado à vulgarização e à divulgação de ideias da grande imprensa em determinados momentos tidos como críticos. Sua visão de democracia sege historicamente a das elites brasileiras, nas quais a própria imprensa se insere: a democracia autoritária, no sentido de restrita, parcial. (Fonseca, 2003, p. 90)

Nesse contexto, Azevedo (2006) compreende também que as relações políticas entre os jornais se estabeleceram desde a gênese do mercado brasileiro de comunicação, já que os veículos atuavam na defesa de pautas públicas, principalmente em apoio às políticas reformistas e nacionalistas do período da ditadura brasileira (1946-1964).

Nas concepções de Albuquerque (2012), durante esse momento da história do Brasil, a maioria dos jornais mostrou traços de paralelismo (Hallin; Mancini, 2004, p. 80), uma vez que os conteúdos midiáticos estiveram “fortemente ligados aos interesses políticos”, além de, muitas vezes, cumprirem o papel de atuar como vozes políticas de determinados grupos. “Essa conexão com atores políticos foi essencial para a sobrevivência dos jornais e organizações” (Albuquerque, 2012, p. 80).

A baixa circulação e a ausência de investimentos significativos em publicidade privada não permitiram o desenvolvimento de um mercado de imprensa. Em vez disso, a saúde econômica dos jornais dependia dos investimentos do governo, publicidade de organizações que pertenciam ao Estado, empréstimos para serem pagos ‘no dia do juízo final’ ou também como subornos. (Albuquerque, 2012, p. 81 – tradução livre)

Em estudo anterior, Albuquerque (2010) avalia que o acirramento do regime militar teve impacto devastador para o paralelismo político da imprensa brasileira, ao dissolver partidos e substituí-los por dois não competitivos: o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e a Aliança Renovadora Nacional (Arena). Nesse período, examina o autor, as organizações de mídia eram subservientes ao governo ditatorial e apenas alguns poucos veículos da imprensa alternativa tentaram resistir. Além disso, Albuquerque (2010) aponta que parte considerável da imprensa brasileira retirou o apoio ao governo militar e passou ao confronto, em busca de ampliar os limites da liberdade que havia sido cerceada pelo autoritarismo.

No entanto, o autor compreende que o período foi lucrativo para as principais organizações de mídia do país, pois promoveu o crescimento massivo dessas empresas por meio de investimentos promovidos pelo governo militar. Como consequência, ao final do regime militar, essas empresas atuaram de forma ativa e fortalecida no papel político pela transição democrática e consolidação da democracia no país.

Azevedo (2006) compreende que, com a redemocratização do país, em 1985, os sistemas de mídia e político retomaram os embates partidários. O autor propõe que, mesmo mantidas as características históricas do sistema de mídia brasileiro, algumas mudanças foram notadas, por exemplo, a forte expansão das redes de TV aberta e o aperfeiçoamento da legislação eleitoral sobre uso de rádio e TV, em busca de um patamar de igualdade política e comunicativa entre os candidatos.

Por outro lado, na operação comercial no jornal impresso, as mudanças que vieram com a modernização e a incorporação de rotinas jornalísticas foram “acompanhadas por políticas comerciais e de marketing agressivas, que transformaram conceitualmente os jornais em prestadores de serviços e os antigos leitores em consumidores” (Azevedo, 2006, p. 105).

A partir desse momento, as principais empresas de mídia adotaram “uma atitude abrangente voltada para o mercado”, se forçaram a se afastar dos partidos políticos, grupos políticos em particular, e a promover medidas para aumentar o pluralismo das políticas editoriais, mas mantiveram a atuação nas ações de interferência no debate público brasileiro (Albuquerque, 2012, p. 81-82).

Também é necessário trazer outro aspecto ao debate: a profissionalização do jornalismo no país impactou a consolidação do mercado de imprensa, principalmente por conta da influência norte-americana na produção noticiosa, a partir da década de 1950. De tal modo, as reformas empreendidas inicialmente no jornal *Diário Carioca* buscaram modernizar o jornalismo e tiveram como base que o jornalismo praticado no Brasil estava defasado em relação a outros países, e propuseram uma abordagem do tipo “revolução vinda de cima” para dar conta do problema (Albuquerque, 2010, p. 105).

A partir desse cenário, e propondo um contraponto aos estudos que têm analisado esse processo no país, Albuquerque (2010) cunhou o conceito de “modernização autoritária” do jornalismo, uma vez que o processo foi orientado por uma noção de superioridade entre um grupo social localizado nas elites (o Norte Global), em relação aos demais grupos na sociedade; e a defesa de uma solução autoritária para “proporcionar um atalho” à modernidade e superar a

distância entre a sociedade que estaria atrasada e as outras que estão mais avançadas (Albuquerque, 2010, p. 103).

Em conclusão, o autor registra que a reforma do *Diário Carioca* tem importância significativa na modernização do jornalismo brasileiro por inspirar iniciativas similares, como é o caso da *Folha de S. Paulo*. Entre as inovações que merecem destaque está a atribuição do papel central do manual de redação “como um elemento pivotal da transformação”, que passou a oferecer as diretrizes para a produção jornalística, funcionando como elemento de controle dos profissionais (Albuquerque, 2010, p. 109). Tais elementos foram importados do jornalismo americano e adaptados ao brasileiro, tendo os jornalistas como atores-chave nesse processo (Albuquerque, 2010).

Ainda sobre a profissionalização do jornalismo brasileiro, Albuquerque (2012) destaca que a adoção do estilo de texto centrado no fato e de métodos de apuração de informações em larga escala foi elemento de orgulho profissional dos jornalistas, que passaram a dominar um ofício especializado. Para o autor, a exigência do diploma universitário de Jornalismo para exercer a atividade, ação empregada pelo regime ditatorial no país, impulsionou a universidade como espaço para construção de uma identidade profissional, que abandonou a aura vocacional pela garantia de que os jornalistas fossem vistos como trabalhadores e estimulou a visão crítica sobre o papel da imprensa.

É preciso ainda considerar a distribuição desigual de poder dos veículos de comunicação no país. Em busca de desconstruir a “geografia moral” dos veículos de comunicação brasileiros, Albuquerque e Pinto (2014) pontuam que uma lógica de polarização imposta a partir dos modelos britânico e norte-americano de estrutura da imprensa influenciou o cenário brasileiro, dividindo o sistema de mídia em dois: situado nas capitais São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, onde estão as maiores empresas de comunicação do país; e os meios periféricos, que reúnem grupos de mídia dos demais estados do país, descritos como não possuidores das mesmas características das mídias de centro, como profissionalismo e autonomia financeira editorial.

Todavia, os autores apontam a divisão como ineficiente, pois apresenta lacunas, uma vez que tal simplificação dificulta identificar que os veículos de comunicação do país são diversos tanto na produção de informações quanto na relação com a política institucional. Albuquerque e Pinto (2014) compreendem que esses sistemas, embora apresentem disparidades, são complementares, uma vez que a propriedade dos veículos da região Sudeste, concentrada nas mãos das elites, estabeleceu uma lógica na qual os veículos produzem os conteúdos que são reproduzidos pela mídia regional, de forma que

[...] tal lógica de funcionamento instituiu uma complementariedade entre os dois eixos, pois sedia no centro as matrizes que institucionalizaram padrões de transmissão e programação responsáveis pela configuração de parte significativa dos veículos regionais, nos diversos pontos da margem. (Albuquerque; Pinto, 2014, p. 554)

Os autores discutem ainda que os dois eixos receberam intervenção estatal para criar infraestrutura para expansão do mercado de mídia no país, foram beneficiados com verbas de publicidade oficial e atuam a partir de interesses variados entre proprietários de mídia e políticos, ainda que o modo de os ilustrar seja distinto.

A verificação de maior autonomia nos grupos midiáticos de alcance nacional é um fato saliente, mas isso não implica que as organizações tidas como nacionais também não operem por meio de laços com a política. A mídia brasileira aposta na estratégia de sua reivindicação de legitimidade até mesmo nos casos em que os proprietários de veículos são políticos ou mantêm laços com a política (Albuquerque; Pinto, 2014).

A partir das considerações apresentadas, buscamos delinear como a construção histórica da agenda dos jornais brasileiros se deu em torno da ideia de que os editoriais dos maiores jornais do país expressam posicionamentos de entes fiscalizadores do Executivo federal. Refletimos ainda sobre como as relações entre os meios, a política e as elites são orientadoras das opiniões da imprensa, enquanto instituição da sociedade, sobre a conjuntura política e econômica do país.

No próximo capítulo, apresentamos um debate teórico sobre enquadramento noticioso e delineamos a estratégia metodológica que dá suporte à análise dos editoriais publicados em 300 dias do Governo Bolsonaro, em busca de compreender se, com a emergência de um líder populista de extrema direita à Presidência da República do Brasil, os jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* podem ter utilizado elementos da retórica populista para enquadrar argumentos nos textos que carregam as opiniões das empresas jornalísticas.

4 REFLEXÕES SOBRE ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS EM TEXTOS EDITORIAIS

Neste capítulo, buscamos discutir o conceito de *news framing* que nos auxilia a analisar os enquadramentos populistas nos editoriais dos jornais brasileiros *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* e sobre o Governo Bolsonaro. O objetivo é propor um levantamento de contribuições teórico-metodológicas que mapeiam os enquadramentos nos textos noticiosos, bem como as contribuições de estudiosos brasileiros na área de Comunicação e Política. Com essas reflexões como âncora, desenvolvemos uma estratégia metodológica para a proposta analítica que apresentamos²².

Os estudos de Análise de Enquadramento (*Framing Analysis*) têm sido aplicados em investigações sobre jornalismo político, em busca de tornar possível destacar elementos do discurso dos veículos de comunicação que revelem sua capacidade de influenciar o campo político e a forma como as pessoas interpretam os acontecimentos e ele relacionados.

Partindo das concepções de Eberwein, Porlezza e Splendore (2015), compreendemos o papel dos veículos como os primeiros comunicadores políticos, visto que atuam elaborando o espaço comunicacional onde os debates políticos e as lutas democráticas se desenrolam. De acordo com Gamson e Modigliani (1989), funcionam como uma das esferas em que se constrói a opinião pública sobre os acontecimentos.

É por meio dessa função que os veículos de comunicação consolidaram a capacidade de orientar o que os cidadãos sabem e compreendem sobre os fatos políticos, o que salienta a necessidade de análises periódicas que deem conta dos processos e das estratégias de produção noticiosa, principalmente em tempos da cobertura dessa arena, uma das principais editoriais do jornalismo moderno.

²² Uma primeira versão deste capítulo foi elaborada em parceria com Franciane Meleu e apresentada no 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizados entre 9 e 11 de novembro de 2022, na Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2022/trabalhos/analise-de-enquadramento-em-comunicacao-e-politica-estudo-sobre-os-trabalhos-apr?lang=pt-br>. Acesso em: 10 dez. 2022.

4.1 REFLEXÕES TEÓRICAS PARA ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS DOS TEXTOS DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO

Em Goffman (1986), compreendemos que os enquadramentos definem o conjunto de princípios que organizam e governam os acontecimentos sociais, por meio do envolvimento subjetivo do sujeito, permitindo a definição da situação, também antecipado por Baetson, em estudos realizados no campo da psicologia, no início da década de 1950. Nessa perspectiva, Mendonça e Simões (2012) explicam que os *frames* não são estratégias construídas por atores sociais para influenciar os interlocutores, mas por uma estrutura de sentidos delineada de forma processual nas interações entre os sujeitos, que faz que os atores se engajem no tema, de acordo com cada situação.

É de Tuchman (1978), na obra *Making The News*, a proposta pioneira que indicou a possibilidade de se mapearem enquadramentos noticiosos capazes de definir e contribuir para o que os indivíduos entendem como realidade. Embora a autora tenha identificado a ação negociada dos veículos de comunicação tanto em torno da construção dos *framings* quanto dos critérios que definem quais fatos merecem ser noticiados, Scheufele (1999) critica que ela não explica como poderiam ser aplicados às notícias, mas oferece os primeiros passos para a continuidade de análises sobre o conceito de enquadramento noticioso.

No mapeamento das teorias para a definição do termo, o pesquisador brasileiro Mauro Porto (2004) sugere que a compreensão dos enquadramentos como instrumentos de poder acontece a partir do debate sobre como determinantes psicossociais afetam as escolhas das pessoas, realizado na pesquisa de Tversky e Khaneman (1984).

Em seus estudos, os autores demonstram como a aplicação de quadros distintos para a formulação do mesmo problema pode afetar a forma como as pessoas optam pelas soluções. Consequentemente, defendem que não somente a manipulação do fato pode orientar as decisões dos sujeitos, mas também a forma como são enquadradas as informações sobre os acontecimentos (Tversky; Khaneman, 1981) (Khaneman; Tversky, 1984).

Nesse mesmo cenário histórico, Gitlin (1980) desenvolveu um estudo sobre a cobertura dos movimentos sociais americanos contrários à Guerra do Vietnã e o papel da imprensa na formação desses grupos. Como conclusão das análises, o autor propôs que os enquadramentos são padrões de ênfase e exclusão de informações, utilizados para organizar os acontecimentos para os jornalistas e a audiência.

Conforme Porto (2004), a tradição dos estudos sobre os enquadramentos em textos noticiosos é consolidada por Gamson, liderando um grupo de outros acadêmicos das Ciências Sociais em meados da década de 1980, nos Estados Unidos, que desenvolveu análises de discurso sobre a cobertura noticiosa de temas relacionados ao Estado e ao governo, com objetivo de mapear a relação entre os veículos de comunicação e a política.

Nesse sentido, destacamos a proposta teórica de Gamson e Modigliani (1989) como referência desta pesquisa para a compreensão dos enquadramentos. Os autores definem os *framings* como ideia central e organizadora que conecta os eventos. Nos veículos de comunicação, funcionam como pacotes interpretativos que indicam para a audiência o significado específico sobre os fatos, estão organizados em pacotes de mídia e são compostos por símbolos ou dispositivos de significado, como metáforas, *slogans* ou imagens que sugerem o cerne do enquadramento (Gamson; Modigliani, 1989).

Em suma, em *We Keep America on Top of the World*, Hallin (1994) entende os *framings* na perspectiva do ângulo que os jornalistas dão para o relato dos fatos. O autor sugere que esses profissionais podem elaborar enquadramentos específicos conforme os acontecimentos políticos da conjuntura, por exemplo, durante a corrida eleitoral em que o *frame* corrida de cavalos (*horse race*) é predominante na cobertura normalmente focada no desempenho dos candidatos.

Por fim, chegamos ao estudioso americano Entman (1993), que, a partir da concepção de Goffman (1986), compreende os *framings* como recursos simbólicos que os veículos de comunicação utilizam para organizar as informações nas notícias. O autor entende a análise dos enquadramentos como um paradigma de pesquisa, sugerindo que, para enquadrar os fatos, os meios selecionam certos aspectos da realidade para ressaltá-los no texto comunicativo, por meio da promoção da “definição particular de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou um tratamento recomendado” (Entman, 1993, p. 52). Nesse processo, a mídia revela a dimensão política dos *framings*, sugerindo que pode perpassar toda a estratégia de produção jornalística (Pozobon; Shaefer, 2015; Mendonça; Simões, 2012).

Em trabalho posterior, Entman (2004) desenvolve uma análise da cobertura política da imprensa norte-americana sobre os temas relacionados aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. A partir desse acontecimento, o autor reflete que a construção dos enquadramentos dominantes é elaborada em cascata e recebe a influência hierárquica de vários agentes dos Poderes Executivo e Legislativo, passando por especialistas nacionais, internacionais, empresas de comunicação, jornalistas, até chegar à audiência.

No desenvolvimento desse conceito, destacamos ainda a proposta de Entman e Nikki Usher (2018) sobre como os impactos da evolução tecnológica para a democratização da produção de conteúdo na internet colocou o cidadão conectado como ator ativo para os enquadramentos na perspectiva da construção em cascata. Entretanto, nesse processo, o poder dos algoritmos, a polarização dos contextos políticos, o poder das elites econômicas e de informação ainda são hegemônicos, pois se conformam no sentido de controlar a produção e a circulação de informações, em conformidade com as preferências e os usos do domínio político que detêm (Entman; Usher, 2018).

A partir desse panorama conceitual, consideramos que os enquadramentos fazem relação com os sentidos compartilhados coletivamente e não são exclusivos dos veículos de comunicação, podendo ser compartilhados por outras arenas de debate (Vimiero; Dantas, 2009). Assim, temos como propósito nesta pesquisa unir as vertentes de análise da situação interativa e de conteúdo discursivo para a investigação dos enquadramentos no *corpus* selecionado (Mendonça; Simões, 2012).

Consideramos que a conjuntura brasileira durante o Governo Bolsonaro, que entendemos como populista de extrema direita, é a situação histórica de referência na qual buscamos mapear os pacotes interpretativos (Gamson; Modigliani, 1989) relacionados à retórica populista presente nos editoriais publicados pelos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, que analisam momentos importantes da gestão.

No próximo tópico, refletimos sobre as pesquisas em análise de enquadramento desenvolvidas no campo da Comunicação e Política no Brasil, tendo o trabalho desenvolvido por esses pesquisadores como ativos fundamentais para elaboração de uma estratégia metodológica para análise dos enquadramentos noticiosos, a partir do contexto sociopolítico que abriga esta pesquisa.

4.2 ANÁLISES DE ENQUADRAMENTO NOTICIOSO: CONTRIBUIÇÕES BRASILEIRAS NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO E POLÍTICA

A Análise dos Enquadramentos Noticiosos está entre as bases teórico-metodológicas dos estudos de Comunicação e Política (Rizzoto; Antonelli; Ferraciacioli, 2017). A partir disso, recorreremos a Porto (2004) para salientar que, embora a definição de um conceito sobre *News Framing Analysis* não seria possível ou desejável, a superação dessa necessidade pode

acontecer por meio de estratégias de operacionalização específicas e estreitamente alinhadas aos objetivos das pesquisas que buscam compreender as relações entre jornalismo e política.

Mendonça e Simões (2012) se debruçaram em diferentes operacionalizações analíticas do conceito de enquadramento, resgatando os principais estudos brasileiros desenvolvidos. Os autores recorreram às raízes conceituais do termo em Goffman (1986) e Bateson (1954) para apresentar como vinham sendo realizadas pesquisas no Brasil, no campo dos discursos midiáticos, embora a aplicação do termo não se restrinja a essa área de estudo.

A importância desse trabalho está na definição das possibilidades de estudos em *framing analysis* em Análise da Situação Interativa, que busca compreender como os sujeitos têm quadros para dar sentido ao mundo; em Análise de Conteúdo Discursivo, que avalia como os enquadres operam para dar sentido aos fatos; e em Análise de Efeito Estratégico (*frame effects*), voltada à investigação do efeito produzido pelos enquadres como estratégia discursiva para compreender como podem influenciar o posicionamento da audiência dos veículos de comunicação sobre determinada questão.

Como resultado dessa reflexão, Mendonça e Simões (2012) destacam que as vertentes de análise da situação interativa e de conteúdo discursivo dos enquadramentos se completam, sendo interessante combiná-las nas pesquisas que utilizam o conceito, na medida em que a produção dos discursos acontece nos processos de interação entre os sujeitos, sendo “preciso sempre ter em mente o pano de fundo sociocultural mais amplo que envolve a mobilização dos enquadramentos e as lutas políticas em torno dos quadros” (Mendonça; Simões, 2012, p. 197).

Também integra os esforços de acadêmicos brasileiros pela solução da imprecisão do conceito de enquadramento o trabalho de Campos (2014). O autor realiza uma Análise de Correspondência Simples (ASC), que consiste em uma técnica de análise estatística de dados categóricos, com apoio de *software*, para mapear os *framings* presentes nas coberturas das ações afirmativas no ensino superior brasileiro, entre 2002 e 2009, na *Folha de S. Paulo* e no *O Globo*.

Nessa pesquisa, Campos (2014) propõe um debate sobre os níveis de enquadramento que operam dentro da cobertura jornalística, indicando que editores e jornalistas exercem papel fundamental na difusão dos enquadramentos interpretativos, mas a construção desses *frames* acontece fora das redações e conta com a participação de diversos atores sociais, como colonistas de opinião e personagens citados nas reportagens.

A partir dessa compreensão, Campos (2014) sugere a existência de três tipos de *framings* que ocorrem no nível textual e se referem: ao ângulo da notícia, editorial, implícitos nos textos, com possibilidade de efeito no longo prazo, podendo expressar as rotinas do veículo

e orientar as relações entre o leitor e o conteúdo publicado; e no nível interpretativo, que são elaborados no editorial e difundidos pelos repórteres com interpretações de atores sociais externos à prática jornalística, mas que podem ser incorporados pelos veículos.

A pesquisa desenvolvida por Rizzoto, Antonelli e Ferracioli (2017, p. 86) discute o estudo dos *framings* que investigam o relacionamento entre os veículos de comunicação e o campo político na contemporaneidade, principalmente na América Latina, onde os autores percebem haver “uma crescente investida midiática contra os governos progressistas eleitos”.

Os autores analisaram a cobertura da *Folha de S. Paulo* sobre a abertura do processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. Para isso, adotaram como orientação metodológica a ocorrência dos enquadramentos genéricos (*generic news frames*) de Semetko e Valkenburg (2010) e Iyengar (1991) e específicos do problema da notícia (*issue-specific news frames*), conforme Entman (1993) sobre *framings* de definição do problema, diagnóstico das causas, julgamentos morais e soluções ou recomendações para solução do problema.

Como resultado dessa estratégia teórico-metodológica, os autores identificaram que o jornal enquadrou o fato, tendo como problema a disputa política, cuja causa predominante era luta pelo poder, em uma cobertura em que parte significativa das notícias não apontava julgamentos ou eventuais soluções para o problema. A pesquisa mostra que a cobertura dos *quality papers* teve como *framing* genérico majoritário o conflito e se debruçou nos episódios relacionados ao acontecimento, renunciando às informações sobre o contexto sociopolítico do país e revelando “claro posicionamento ideológico dos veículos de comunicação” (Rizzoto, Antonelli; Ferracioli, 2017, p. 94).

Os pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Participação Política (Compa) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Rizzoto, Prudencio e Sampaio (2017; 2018), realizaram análise de enquadramento multimodal para mapear o padrão de cobertura dos principais jornais brasileiros sobre o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, ocorrido entre dezembro de 2015 e agosto de 2016.

O método, de acordo com os autores, combina a análise das fotografias e fotomontagens nas notícias, das narrativas preponderantes nas reportagens e dos enquadramentos noticiosos, de acordo com as funções definidas por Entman (1993). Rizzotto, Prudencio e Sampaio (2017) indicam que a metodologia é capaz de evidenciar os meandros da cobertura política, que poderiam não ser identificados numa análise clássica dos enquadramentos.

Tendo como recurso de análise essa estratégia, os resultados encontrados pelos autores revelam que os veículos trataram o *impeachment* de Rousseff como tema ordinário do cenário

político, mera disputa entre grupos rivais, o que pode ter contribuído para a despolitização do fato e para a legitimação do processo contra a presidenta (Rizzotto; Prudencio; Sampaio, 2017).

Em trabalho subsequente, os autores entendem que a cobertura jornalística do *impeachment* foi favorável à saída de Rousseff e, mesmo sem apoiá-lo diretamente, os veículos analisados atuaram pela normalização do golpe, por meio da ênfase ao conflito político e da ausência de julgamentos morais nos textos, numa cobertura que não demonstrou a excepcionalidade de um processo como aquele (Prudencio; Rizzotto; Sampaio, 2018).

É fundamental destacar a pesquisa de Liziane Guazina, Helder Prior e Bruno Araújo (2018) que aplicou a metodologia de análise de enquadramento aos estudos sobre o poder político dos editoriais, por meio de uma investigação nos textos com as opiniões dos jornais brasileiros *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*; e internacionais *Público*, *El País*, *Le Monde*, *The Guardian* e *New York Times* sobre o último mês do processo de *impeachment* de Rousseff.

Por meio das funções de Entman (1993), os autores observaram o ponto de vista dos noticiários, a relação entre o governo do PT e a oposição, as causas indicadas para o processo de *impeachment*, o tratamento recomendado pelos atores políticos e a solução para a crise política que o país atravessava naquele momento.

Também investigando os enquadramentos em editoriais, Araújo e Prior (2020) realizaram uma análise nos textos com as opiniões dos jornais brasileiros e internacionais que abordaram a disputa à Presidência da República, entre Jair Bolsonaro, então filiado ao Partido Social Liberal (PSL), e Fernando Haddad (PT), durante as eleições de 2018 no Brasil. Nessa pesquisa, os autores consideram como elementos do enquadramento as características do populismo (Canovan, 1999; Laclau, 2005; Mudde, 2004) como estilo de comunicação política (Gerbaudo, 2018; Jagers; Walgrave, 2007; Waisbord, 2018). Os pesquisadores articulam essas reflexões às perspectivas sobre populismo da mídia e os debates promovidos por Mazzoleni (2008), Hameleers, Bos e Vreese (2017) e Krämer (2014).

Concluído o breve levantamento das contribuições brasileiras que orientam esta pesquisa, no próximo tópico, discutimos a operacionalização do conceito de populismo como enquadramento utilizável nos editoriais, na medida em que compreendemos que elementos como o discurso de apelo ao povo, a retórica “nós x eles”, antielite e *antiestablishment* (Laclau, 2013; Mudde; Kaltwasser, 2017) podem ser usados pelos veículos de comunicação para enquadrar os fatos políticos, principalmente em contextos de governo identificados com o

fenômeno, como no caso brasileiro. As considerações apresentadas são as bases teóricas para mapear o uso dessa retórica na cobertura editorial da conjuntura política.

4.3 POPULISMO COMO ENQUADRAMENTO DOS EDITORIAIS DOS *QUALITY PAPERS*

Mazzoleni (2008) compreende que movimentos e lideranças populistas estão aptos para explorar a tendência da mídia de visibilizar acontecimentos que quebram a rotina, tanto que já introduziram em suas estratégias de comunicação os critérios adotados pela imprensa para definir se um fato merece ou não ser noticiado. Nesses casos, a cumplicidade entre os veículos de comunicação e os populistas pode não ser intencional, mas fruto da midiaticização da política.

A perspectiva do *media populism*, ou populismo da mídia (Mazzoleni, 2014), sugere que a retórica populista pode ser articulada ao estilo de comunicação adotado pelos noticiários. Ou seja, a mídia utiliza elementos como apelo ao povo, retórica “nós x eles”, estímulo à rivalidade entre cidadãos comuns e elites e indignação contra um governo corrupto, de forma dramatizada ou que apela aos sentimentos das pessoas. Nesse entendimento, elementos populistas podem também fazer parte da ideologia dos veículos de comunicação (Mazzoleni, 2014; Krämer, 2014).

Em pesquisa sobre os efeitos da emocionalização na comunicação populista, Michael Hameleers, Linda Bos e Claes de Vresse (2017) resgatam o potencial persuasivo dessas mensagens que incluem manipulação dos medos e esperanças dos cidadãos comuns para formular soluções fáceis para questões sociais complexas, ao mesmo tempo em que atribuem a culpa dos problemas à classe política. De acordo com os autores, esses discursos enfatizam a bondade do povo, enquanto reforçam a ideia de que o sistema (*establishment*) é corrupto, recorrendo à emoção, à raiva e ao medo às ameaças que partiriam das elites políticas.

Os autores argumentam que os veículos de comunicação utilizam o recurso emocional da atribuição de culpa como estrutura da cobertura das questões políticas. Dessa forma, podem cumprir papel central na disseminação de mensagens populistas ao povo. Por meio do uso do elemento “nós x eles” como enquadramento, a mídia explora que a classe política é casualmente responsável pelos problemas, enquanto avalia moralmente a vontade do povo como “boa” e a influência das elites como “má”, se conectando com os três primeiros definidores dos *news framings* indicados por Entman (1993): definição do problema, causa e indicação de solução ou julgamento moral (Hameleers; Bos; Vresse, 2017).

Portando, Hamелеers, Bos e Vreese (2017) explicam que o “nós x eles” pode ser utilizado como enquadramento noticioso, visto que revela em seu núcleo de interpretação argumentos do discurso populista. Desse modo, quando os meios expõem os cidadãos a esse elemento, operam para que possam interpretar a sociedade como binária, contribuem para que a audiência possa interpretar quem são os “eles” ou os “outros”, implicando processos psicológicos de criação de estereótipos que se tornam acessíveis “quando os cidadãos pensam sobre política” (Hameleers; Bos; Vresse, 2017, p. 5).

Ao compreender populismo enquanto estratégia de comunicação política, Mazzoleni e Bracciale (2018) nos auxiliam a depreender que a retórica de apelo ao povo pode estar presente no conteúdo dos veículos, em forma de enquadramentos que presumem, indicam ou convocam o consentimento das pessoas aos discursos e ideais que estão sendo apresentados e têm potencial para colocar o povo como prioridade nas questões políticas, seja de forma simbólica ou retórica.

Os estudiosos explicam que o apelo ao povo pode ser empregado por meio de categorias de um *index* populista como: (i) soberania do povo, que o vê como legislador máximo traído pelas elites; (ii) classe, que se refere ao povo como cidadãos desprivilegiados, como classe socioeconômica carente; e (iii) cultural, que faz referências ao “nosso povo”, ou grupo que compartilha mesmos valores, religião, história, costumes (Mazzoleni; Bracciale, 2018).

A partir da definição de Vreese *et al.* (2018) do papel dos veículos na definição de estratégias comunicacionais populistas, depreendemos ainda que discursos antielite presentes em conteúdos noticiosos costumam condenar o *establishment* e os detentores do poder e tendem a indicar a existência de um sistema que não funciona bem e tem potencial para ampliar a visibilidade ou o reconhecimento da ação dos veículos de comunicação como agentes políticos.

Por fim, para operacionalizar esses conceitos como categorias de análise dos enquadramentos populistas nos *quality papers*, nos inspiramos na pesquisa de Dias, von Bülow e Gobbi (2021) sobre os discursos produzidos pelos movimentos de direita favoráveis ao *impeachment* de Rousseff. As autoras brasileiras identificaram os *framings* populistas de antagonismo, que reforçavam a existência de um povo virtuoso que estava nas ruas *versus* um inimigo a ser combatido – o governo, a esquerda e o PT –, e de reducionismo, que abreviou as pautas abrangentes dos manifestantes em um significado único.

As referências acima citadas ajudam a compor o quadro teórico-metodológico que permite identificar os enquadramentos populistas na cobertura editorial dos *quality papers* sobre os 300 dias do Governo Bolsonaro, por meio do mapeamento dos argumentos preponderantes relacionados aos elementos de apelo ao povo, “nós x eles”, reforço aos

sentimentos antielite e *antiestablishment* e inseridos como centrais dos enquadramentos que definem os problemas tratados e suas causas e que indicam soluções ou realizam um julgamento moral, conforme Entman (2004).

5 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA: ENQUADRAMENTOS COMO PACOTES INTERPRETATIVOS NOS EDITORIAIS DA IMPRENSA BRASILEIRA

Neste capítulo, apresentamos a estrutura analítica construída para investigar o uso de enquadramentos populistas na cobertura editorial dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, publicados entre 1º de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2022, que analisaram acontecimentos relacionados ao governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Buscamos descrever as etapas cumpridas para a análise dos textos, a escolha do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) como *software* para análise dos dados, os itens que compõem o *Livro de Códigos*, disponível no Apêndice I, bem como os resultados do teste de confiabilidade de Alfa de Krippendorff (ou *Krippendorff's Alpha*).

Entendemos os enquadramentos como pacotes interpretativos cujos *framings* se relacionam tanto no contexto social em que os textos foram publicados quanto na estrutura dos editoriais, tornando possível a construção de núcleos de interpretação que são utilizados pelos jornais para dar sentido aos diversos temas políticos relacionados ao Executivo federal no período destacado (Gamson; Modigliani, 1989).

Para a elaboração dessa noção, Gamson e Modigliani (1989) partiram do estudo dos discursos produzidos pelos veículos de comunicação norte-americanos que tratavam do tema da energia nuclear. Os autores postulam que os enquadramentos são formados por metáforas, bordões, imagens, apelos morais e outros símbolos discursivos que, utilizados em conjunto ou de forma combinada, contribuem para a construção da cultura de uma questão política.

Os autores compreendem cultura como um kit de ferramentas composto por símbolos, histórias, rituais e visões de mundo que podem ser utilizados pelos cidadãos para resolver diferentes problemas sociais. Entendem ainda que a cobertura noticiosa política pode fornecer alguns desses instrumentos essenciais para a elaboração do que se compreende sobre os fatos, já que a construção dos sentidos é um fenômeno social.

Ao discutir a natureza dos discursos produzidos pelos veículos de comunicação e o alcance no debate público, Gamson e Modigliani (1989) evitam defender a influência da mídia na opinião pública, mas compreendem que as notícias e outros produtos midiáticos são parte de um processo ao qual as pessoas recorrem para construir significados sobre os acontecimentos, e não o único meio para entendê-los. De tal modo, propõem que a mídia tem papel complexo na construção da cultura sobre a questão em debate com atuação central para a elaboração dos enquadramentos para a audiência, mesmo não sendo o único fórum em que se organiza a

opinião pública. Assim, esses discursos podem ser concebidos a partir de uma série de “pacotes de interpretação, que possuem uma estrutura interna em que a ideia que organiza e confere sentidos aos acontecimentos relevantes é o enquadramento, que opera ‘sugerindo qual é a questão’ para o público” (Gamson; Modigliani, 1989, p. 3 – grifo dos autores).

Depreendemos, portanto, a partir de Gamson e Lasch (1983), que os enquadramentos são elaborados a partir de:

- i) Metáforas;
- ii) Exemplos (históricos pelos quais se desenham lições sobre o assunto);
- iii) Bordões;
- iv) Representações; e
- v) Imagens, que também operam como dispositivos de argumentação, sendo: as raízes da questão ou uma análise casual do fato; as consequências e os tipos de efeitos relacionados; e os apelos aos princípios morais da audiência.

É possível ainda depreender que os pacotes interpretativos têm a função de construir sentidos ao longo do tempo, incorporando os novos acontecimentos e fornecendo significados plausíveis e consistentes aos *framings*, num processo de valor que vai sendo agregado conforme o tema se desenrola no debate público. Todavia, os enquadramentos nem sempre devem ser confundidos com posicionamentos dos veículos, pois há ocasiões em que tendem a descrever as ambivalências sobre as questões políticas, e não defender um dos lados do debate (Gamson; Modigliani, 1989).

Com base na proposta desses autores, entendemos que o processo de elaboração da cultura da questão política se dá por meio de três classes amplas, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Construção da questão política dos enquadramentos

Processo de construção da cultura da questão política	a) Ressonância cultural , foco em um pacote interpretativo composto por símbolos que são naturais e familiares para a audiência;
	b) <i>sponsor activities</i> , ou o modo como formadores de opinião (organizações, especialistas, profissionais) abordam os temas políticos e ganham visibilidade na mídia para promover determinada compreensão sobre um tema, atuando como atores importantes no processo de elaboração dos enquadramentos; e
	c) práticas tradicionais dos veículos de comunicação , que agregam valor ao processo de formatação dos pacotes interpretativos, à medida que optam pelos argumentos oficiais como garantia de credibilidade, raramente incluindo interpretações contrastantes nas notícias.

Fonte: A autora, a partir de Gamson e Modigliani (1989, p. 6-9).

Nesse aspecto, Entman (2004) sugere que diversos atores políticos, entre eles os porta-vozes das instituições de governo e Estado e jornalistas, têm potencial para exercer influência de forma distinta e hierárquica na construção dos enquadramentos noticiosos. Esse processo, explica o autor, pode conectar posicionamentos oficiais, de especialistas e outras fontes da sociedade civil organizada, aos sentimentos da população sobre um tema, formando, por fim, redes de conhecimento sobre determinados assuntos.

Apreendemos que a ideia metafórica do enquadramento em cascata de Entman (2004) constitui uma possibilidade de compreender a proposta de Gamson e Modigliani (1989) sobre a elaboração da cultura da questão política e dos pacotes interpretativos utilizados pelos meios para retratá-la para a audiência. Isso ocorre porque tanto Gamson e Modigliani (1989) quanto Entman (2004) defendem que alguns atores políticos exercem mais influência do que outros na construção do *framings* dominantes presentes nas notícias, bem como na forma como as ideias podem ser combinadas e apresentadas ao público.

Entman (2004) concebe ainda que a rede de jornalistas, formada por repórteres, editores e colunistas, trabalha em interface constante com as elites do sistema político. Então, o processo de elaboração em cascata dos *news framings* acontecem nos níveis:

- i) Administração, ou o Poder Executivo;
- ii) Outras elites, membros do Congresso e assessores, ex-políticos, especialistas e lideranças internacionais; e
- iii) Veículos de comunicação, jornalistas e empresas de comunicação.

De acordo com o teórico, essa relação é um ponto fundamental para a divulgação dos enquadramentos, pois nem sempre é possível identificar quem influencia e quem é influenciado nesse processo (Entman, 2004). Para ilustrar o percurso teórico metodológico elaborado para analisar os editoriais dos *quality papers* sobre o Governo Bolsonaro, apresentamos a seguir o Quadro 2 com as contribuições dos autores âncora para esta pesquisa, os quais tornam possível a investigação sobre como o *zeitgeist* populista (Mudde, 2004) pode ter sido propício para que os meios adotassem elementos desse discurso como enquadramentos nos editoriais.

Quadro 2 – Principais contribuições para a elaboração da estratégia metodológica

	Autores	Contribuições
Análise dos enquadramentos noticiosos	Gamson e Modigliani (1989)	Compreensão dos enquadramentos como pacotes interpretativos construídos pelos veículos de comunicação, operando como uma ideia central que dá sentidos aos acontecimentos e sugere à audiência qual a principal questão do debate.
	Entman (1993)	Indica a dimensão política dos enquadramentos noticiosos pela capacidade de operarem para a definição dos problemas, da interpretação das causas, de uma avaliação moral e das recomendações de tratamento para as questões tratadas pelos textos noticiosos.
	Entman (2004)	Noção de que os enquadramentos noticiosos são elaborados em cascata e com a participação de diferentes atores sociais, que contribuem em níveis distintos nesse processo, até chegar à audiência.
Veículos de comunicação e os fenômenos populistas	Mazzoleni (2014)	Discute a implicação dos veículos de comunicação no crescimento de fenômenos populistas, bem como o <i>mediapopulism</i> , em que os veículos de comunicação utilizam os elementos da retórica populista em suas coberturas, seja por meio de ideologia ou de imperativos comerciais, criando um clima de opinião favorável ao populismo político.
	Jagers e Walgrave (2007)	Definição do populismo como estilo de comunicação política em que os autores políticos (lideranças, partidos, políticos, grupos de interesse e jornalistas) se referem ao povo para mostrar a realidade ou proximidade com os cidadãos (<i>thin populism</i>); ou podem combinar em suas estratégias retóricas os elementos de apelo ao povo, antielitismo e exclusão dos outros, entre outros (<i>thick populism</i>).
	Vreese <i>et al.</i> (2018)	Análise sobre o populismo como estratégia de comunicação política, compreendendo que os ideais desse fenômeno podem ser comunicados por atores sociais ao público, seja por meio das páginas de políticos em plataformas de mídias sociais ou pelos meios tradicionais de comunicação.
Enquadramentos populistas	Mazzoleni e Bracciale (2017)	Indicação de que o elemento populista de apelo ao povo pode estar inserido como forma de enquadramento em conteúdo da mídia que indica ou convoca os sentimentos das pessoas, colocando os cidadãos como prioridade nas questões políticas de forma simbólica ou retórica.
	Hameleers, Bos e Vreese (2017)	Sugere que os meios podem resgatar o potencial persuasivo das mensagens populistas para formular soluções fáceis para questões sociais complexas e atribuir a culpa dos problemas sociais à classe política, por meio da retórica do “ nós x eles ”.
	Mazzoleni (2014)	Sugere que os meios utilizam de forma combinada os elementos populistas de apelo ao povo e o “ nós x eles ” para estimular a rivalidade entre cidadãos comuns e elites ou a indignação contra um governo corrupto.

	Vreese <i>et al.</i> (2018)	A partir do debate sobre populismo como estratégia de comunicação, depreende-se da análise dos autores que o discurso antielite pode estar presente nos conteúdos noticiosos em críticas ao <i>establishment</i> .
	Dias, von Bülow e Gobbi (2021)	Operacionalização dos elementos populistas de antagonismo (povo virtuoso x inimigos) e reducionismo (que reduz as queixas abrangentes a um significado único) nas estratégias discursivas dos movimentos sociais de direita durante as manifestações favoráveis ao <i>impeachment</i> da ex-presidenta Dilma Rousseff (2013-2016).
Elementos do populismo bolsonarista	Fischer e Vaz, (2020); Bronze e Ribeiro (2021); Guazina (2021); Oliveira (2021); Mendes e Silva (2022); Cesarino (2019); Casarões e Magalhães (2020); Azevedo (2015); Silva e Rodrigues (2021); Messenberg (2017); Tanscheit (2023); Gagliardi, Guazina e Albuquerque (2025); Monari, Araújo e Sousa; Sacramento (2021); Seibt e Dannenberg (2021); Aggio, Vaz e Castro (2021); Ares <i>et al.</i> (2022).	Análises de estudiosos brasileiros que identificam os elementos do populismo de Jair Bolsonaro, ou populismo bolsonarista, introjetados na dimensão do discurso e na agenda política. Entre eles, conceituam a construção da imagem de herói no discurso <i>outsider</i> lançado pelo ex-presidente. O “ apelo ao povo ” está localizado na narrativa que indica a existência do povo puro, o “cidadão de bem, patriota”, em contraposição a minorias políticas como pessoas negras, indígenas, da comunidade LGBTQIAP+. Também faz parte a redução do diálogo amplo e a defesa de “ verdades absolutas ”, onde ainda está contido o elemento autoritário do populismo de Bolsonaro. Os autores indicam que a retórica “ nós x eles ” está centrada no ataque às esquerdas e, principalmente, ao PT. Já o reforço ao sentimento antiestablishment e anti-instituições reside nos ataques aos jornalistas, veículos de comunicação, classe política, membros do Judiciário e cientistas sempre que se manifestam de maneira crítica ou contrária aos posicionamentos de Bolsonaro, bem como no discurso que o apresenta como líder de um movimento de “renovação do status quo” . Nessas concepções, o populismo bolsonarista também está localizado na aproximação aos militares e forças de segurança , por meio da defesa de privilégios para esse grupo, e, ainda, no uso da religiosidade e na defesa dos valores e da moral cristã como agenda política. O alinhamento do populismo bolsonarista à extrema direita global se dá, principalmente, no ataque aos imigrantes de nacionalidade venezuelana e na luta contra o “globalismo” e as organizações do sistema internacional de governança. Outras características do populismo bolsonarista que merecem destaque são a defesa do neoliberalismo , do militarismo e do regime ditatorial brasileiro (1964-1985) . O uso da desinformação como estratégia de comunicação política também é identificado como um elemento do populismo bolsonarista.

Fonte: A autora, com base nos autores supracitados.

Como buscamos apresentar no Quadro 2, para investigar os enquadramentos populistas nos editoriais dos *quality papers*, recorreremos ao conceito de Gamson e Modigliani (1989), que entendem os *framings* como pacotes interpretativos para identificá-los, como indica o roteiro de Entman (2004), nos argumentos inseridos nos editoriais para definir as causas, o julgamento moral e a indicação de recomendações para solução das questões discutidas.

Para a análise dos enquadramentos populistas, entendemos que a operacionalização de **apelo ao povo** se refere às considerações que indicam que os meios recorrem a esse elemento da retórica para convocar o sentimento das pessoas e colocar o cidadão como prioridade dos temas políticos, conforme sugerem Mazzoleni e Bracciale (2018). Para o “**nós x eles**”, as análises de Mazzoleni (2014) e Hameleers, Bos e Vreese (2017) indicam que os meios podem utilizar argumentos que atribuem a culpa dos problemas sociais à classe política e estimular a contraposição entre o cidadão comum e as elites ou um governo corrupto. Com relação ao reforço ao sentimento **antielite** e **antiestablishment**, partimos de Vreese *et al.* (2018), para quem a mídia pode acessar o repertório populista para criticar o sistema político.

Os enquadramentos bolsonaristas estão escritos de forma detalhada no capítulo 2 deste estudo e nos ajudam a compreender como agendas defendidas pelo ex-presidente compuseram a cobertura editorial dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* durante momentos centrais do governo, localizados em editoriais publicados em 300 dias, entre 1º de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2022.

5.1 ROTEIRO PARA A ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS POPULISTAS

O entrecruzamento entre os conceitos da estratégia metodológica de análise dos enquadramentos presentes nos veículos de comunicação, os elementos teóricos que caracterizam o discurso populista e o populismo bolsonarista, descritos no Quadro 2, tem por objetivo operacionalizar as categorias para análise dos editoriais dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. A partir desse esforço, o objetivo é identificar se, quando e como os *quality papers* brasileiros recorreram ao uso de elementos da retórica populista na cobertura editorial do governo Bolsonaro (2019-2022).

Buscamos analisar os *framings* populistas por meio do mapeamento dos argumentos preponderantes que fazem referência aos elementos de **apelo ao povo**, **reforço ao sentimento antielite** e **antiestablishment** e “**nós x eles**” nos editoriais dos *quality papers* brasileiros. Usamos como método o roteiro de Entman (2004) para identificar os *framings* que expressam os

problemas tratados pelos textos, as causas, o julgamento moral e as indicações de recomendação de tratamento ou solução para os problemas analisados nos textos.

Para a análise que estamos propondo, temos como hipóteses que os *quality papers* inseriram nos editoriais sobre o Governo Bolsonaro enquadramentos populistas, ocasionando o fenômeno do *media populism* (Mazzoleni, 2004), que podem ter contribuído para a disseminação de discursos presentes na agenda bolsonarista. Compreendemos que a postura da imprensa, nesse caso, por ter sido por meio da normalização do comportamento disruptivo de lideranças do fenômeno, bem como de narrativas que promovem a validação de posicionamentos históricos dos veículos, como a resistência a políticos, partidos e agendas localizadas no espectro político da esquerda progressista. Esses argumentos podem estar centralizados na crítica ao PT e na defesa da lógica neoliberal como orientadora das políticas de governo.

Esse exercício se baseou nos conceitos apresentados como estratégia metodológica que discutem populismo como enquadramento para elaborar os pacotes interpretativos, em referência às construções teóricas de Gamson e Modigliani (1989), de apelo ao povo, “nós x eles”, reforço ao sentimento antielite e *antiestablishment*, que apresentamos no Quadro 3.

Quadro 3 – Pacotes interpretativos e enquadramentos populistas

Elementos populistas	Apelo ao povo	Nós x eles	Sentimento antielite/ <i>antiestablishment</i>
Pacotes interpretativos	Argumentos utilizados pelos <i>quality papers</i> que apresentam como núcleo de sentido o desejo da população, a defesa dos seus interesses e necessidades, inserindo o povo brasileiro como o principal interessado no tema político tratado.	Ocorrem em argumentos nos editoriais que os jornais assumem de forma explícita um dos lados do tema tratado ou se coloca como parte. Também pode ser encontrado em narrativas que comparam o Governo Bolsonaro com os governos petistas ou outros adversários políticos, frequentemente do espectro das esquerdas.	Presentes em argumentos dos jornais em que a ideia central é a crítica às elites ou ao <i>establishment</i> , como parlamentares, membros do Judiciário, servidores públicos, entre outros. Ainda pode ser identificado em argumentações críticas ao sistema sociopolítico e ideológico brasileiro ou aos direitos trabalhistas e previdenciários.

Fonte: A autora, com base nos autores teóricos citados.

Em seguida, identificamos nos editoriais que formam o *corpus* as ideias centrais dos argumentos preponderantes utilizados pelos noticiários para expressar as definições para as causas do problema, para o julgamento moral ou indicações de recomendações ou solução para

as questões relacionadas ao Governo Bolsonaro, segundo roteiro de investigação dos *news framings* propostos por Entman (2004).

Por meio desse mapeamento, identificamos os enquadramentos populistas temáticos, que se manifestam nos editoriais analisados e podem ocorrer de forma isolada ou combinada, operando como núcleo de interpretação nos argumentos presentes na cobertura editorial dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* sobre o Governo Bolsonaro, conforme descritos no Quadro 4.

Quadro 4 – Enquadramentos populistas temáticos

Elementos populistas	Apelo ao povo	Nós x eles	Sentimento antielite/ <i>antiestablishment</i>
<i>Framings</i> temáticos mapeados na análise teste	Vontade do povo como prioridade	Antipetismo e antiesquerdas	Crítico aos “privilégios” trabalhistas
	Povo como solução dos problemas	Cidadãos x Estado	Crítico à máquina estatal
	Autoridade do povo exercida por meio do voto		Crítico ao sistema político

Fonte: A autora, com base nos autores teóricos citados.

Utilizamos os Quadros 3 e 4 como *script* para a identificação dos enquadramentos populistas na cobertura editorial dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, a partir dos editoriais publicados pelos *quality papers* com análise sobre o Governo Bolsonaro.

De acordo com a proposta teórica que compreende o populismo enquanto discurso e estratégia de comunicação (Canovan, 1999; Jegers; Walgrave, 2007; Mazzoleni, 2014; Vreese *et al.*, 2018), identificamos os enquadramentos populistas como ideias centrais dos argumentos que expressam definições para causas dos problemas tratados, julgamento moral e recomendação de tratamento ou solução (Entman, 1993; 2004) nos editoriais dos jornais.

Para análise dos editoriais dos jornais *O Estado de S. Paulo* (OESP), *Folha de S. Paulo* (FSP), e *O Globo* (OG) que analisaram o Governo Bolsonaro, foram coletados 3.423 textos, publicados pelos *quality papers*, entre 1º de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2022, sendo FSP: 1.048; OESP: 1.444; e OG: 931 textos.

Para a coleta, realizada entre abril de 2020 e dezembro de 2022, identificamos o editorial publicado na versão impressa dos noticiários, disponibilizada diariamente pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Jornal Digital* no link: <https://digital.estadao.com.br/>; *Folha de S. Paulo*, *Edição Folha*, no link: <https://acervo.folha.uol.com.br/digital>; e *O Globo*, como *Edição digital*

no link: <https://jornaldigital.oglobo.globo.com>. A maior parte dos textos foi coletada dia a dia. Nos casos de textos coletados em datas diferentes, acessamos as versões impressas disponíveis nos acervos digitais dos periódicos.

Foram selecionados para análise neste estudo os editoriais publicados em cada um dos noticiários em três momentos críticos: os 100 primeiros dias de governo (OESP: 123; FSP: 84; e OG: 50); 100 dias durante a pandemia da Covid-19 (OESP: 91; FSP: 73; e OG: 49); e 100 últimos dias do mandato de Bolsonaro (OESP: 80; FSP: 50; e OG: 51). A escolha dos **períodos de publicação dos editoriais**, conforme descrito na análise, se deu por representar etapas representativas dos principais acontecimentos do Governo Bolsonaro, dando condições para aferir a relação com a imprensa nos momentos mais nevrálgicos da gestão: o início, a crise na pandemia e o período eleitoral.

Para a identificação dos editoriais que compõem o *corpus* da pesquisa e análise no SPSS, seguimos as seguintes etapas:

- i) Identificação do jornal;
- ii) Data de publicação na versão impressa dos *quality papers*;
- iii) Título dado pelo jornal ao editorial;
- iv) Período de publicação do editorial;
- v) Tipo de editorial;
- vi) O enquadramento principal;
- vii) Localização do enquadramento principal;
- viii) Ocorrência de argumentos alinhados com a retórica populista; e
- ix) Localização do enquadramento populista.

Realizamos a análise do *corpus*, descrito com detalhamento no próximo item deste capítulo, em quatro etapas: na primeira, identificamos nas versões impressas dos jornais os editoriais que tinham como problema enquadrado a gestão Bolsonaro de 1/1/2019 a 31/12/2022, entre abril de 2020 e janeiro de 2023. Em alguns momentos do período, a coleta se deu diariamente, nos três periódicos.

A segunda etapa, de exame dos editoriais, ocorreu entre agosto de 2023 e setembro de 2024 e consistiu na releitura de todo o *corpus* e na limpeza dos editoriais coletados, a fim de que somente os textos expressamente relacionados ao Governo Bolsonaro compusessem o *corpus* analisado. Na terceira etapa, entre dezembro de 2024 e fevereiro de 2025, realizou-se o recorte do conteúdo a ser analisado que permitiu chegar aos 681 textos, dos três veículos, publicados

em 300 dias de Bolsonaro como chefe do Executivo federal. Por fim, na quarta etapa, da análise da ocorrência de enquadramentos populistas na cobertura editorial sobre o governo, aplicamos as categorias construídas no *Livro de Códigos*.

A categoria do *Livro de Códigos* que diz respeito à **Identificação do Jornal** foi cunhada a partir das condições oferecidas pelo *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) para o cruzamento de informações entre os jornais analisados. Dessa forma, foram atribuídos os seguintes códigos, conforme o Quadro 5.

Quadro 5 – Identificação do jornal

Código	Jornais
1	<i>O Estado de S. Paulo</i> (OESP)
2	<i>Folha de S. Paulo</i> (Folha ou FSP)
3	<i>O Globo</i> (OG)

Fonte: A autora.

A segunda categoria do *Livro de Códigos* trata da **Data de Publicação** do editorial entre 1º de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2022, que compreende o Governo Bolsonaro. É importante destacar que é comum, nos três periódicos, que os textos sejam publicados no *site* dos jornais na noite anterior ou mesmo quando o fato recebe conhecimento público e é republicado na versão impressa a ser distribuída no dia seguinte.

O **Título do Editorial** que analisa o Governo Bolsonaro também faz parte do *Livro de Códigos*, todavia é uma categoria de identificação do texto. Por outro lado, o **Período da Publicação** é categoria que merece destaque, uma vez que se configura como central para a escolha do *corpus* analisado neste estudo – 300 dias de Bolsonaro como chefe do Executivo federal –, e está identificado no *Livro de Códigos*, conforme o Quadro 6. É importante salientar que analisamos a ocorrência do *media populism* nos textos dos jornais, e não no tema tratado.

Quadro 6 – Período de publicação do editorial

Código	Período de publicação	Identificação
1	100 primeiros dias do Governo Bolsonaro	Editoriais publicados pelos três jornais durante os 100 primeiros dias de governo, que vai de 1º de janeiro de 2019 a 9 de abril de 2019.
2	100 dias durante a pandemia da Covid-19	Editoriais publicados durante a emergência sanitária da pandemia da Covid-19, entre 6 de fevereiro de 2020 e 22 de maio de 2022. Para o estudo, foram selecionados de forma aleatória, com apoio da ferramenta de conversação de Inteligência Artificial (IA) generativa Claude.AI.
3	100 últimos dias do governo Bolsonaro	Editoriais publicados nos últimos 100 dias do Governo Bolsonaro, que vai de 23 de setembro a 31 de dezembro de 2022.

Fonte: A autora.

Apresentadas as categorias de identificação dos editoriais analisados, as utilizadas para análise dos enquadramentos populistas nos textos são as seguintes. Em **Tipo de Editorial**, estão categorizados como: 0) Neutro; 1) Negativo; e 2) Positivo, categoria que também compõe o *Livro de Códigos*. A categoria foi elaborada considerando o papel político dos editoriais de fiscalizar e avaliar a qualidade das ações do Executivo, identificada conforme o Quadro 7.

Quadro 7 – Tipo de editorial

Código	Tipo de editorial	Identificação
0	Neutro	Editoriais que analisam as ações do governo federal, ou de membros do Executivo, de forma neutra.
1	Positivo	Textos que analisam as medidas do governo federal, ou membros do Executivo, de forma positiva e, por vezes, até elogiosa.
2	Negativo	Editoriais negativamente críticos às ações do governo federal, ou membros do Executivo. Costumam a responsabilizar o presidente da República e ministros por problemas e cobrar soluções de forma incisiva e negativa.

Fonte: A autora.

A categoria do *Livro de Códigos* que diz respeito ao tema tratado pelos editoriais está nomeada como **Enquadramento Principal**. Essa categoria considera o elemento de maior destaque no texto, a partir do tema em discussão em todo o editorial, e trata-se de categoria temática, identificada a partir da análise dos textos.

É importante salientar que, diferente das notícias e da proposta de pirâmide invertida do jornalismo, criada no início do século XX por Carl Tiuí Hummenigge e posteriormente batizada

por Edwin Shuman (Salaverria, 2005, p. 109), nos editoriais, por se tratar de conteúdo opinativo-analítico, o argumento preponderante do texto pode não estar localizado nos primeiros parágrafos. Dessa forma, foram atribuídos conforme o Quadro 8.

Quadro 8 – Enquadramento principal

Código	Enquadramento principal	Identificação
1	Gestão Bolsonaro	Quando o enquadramento preponderante define como problema a agenda política implementada pelo Governo Bolsonaro e os membros do primeiro escalão.
2	Populismo de Bolsonaro	Quando o argumento preponderante da notícia trata de questões da agenda ideológica do presidente da República e seus impactos na governança. Incluem avaliações realizadas pelos jornais que têm como centro posicionamentos públicos (sejam oficiais, discursos e conteúdos postados nas mídias sociais).
3	Agenda Econômica	São enquadramentos em que, no argumento preponderante, os jornais analisam a agenda econômica do Governo Bolsonaro, o desempenho dos índices e do ministro Paulo Guedes. Embora faça parte das análises sobre a gestão, esse enquadramento tem categoria própria, uma vez que os três jornais defendem temas de interesse particular, que não necessariamente coincidem com a do governo, e deixam explícito nos textos.
4	Relação com o Congresso	Editoriais cujo argumento preponderante é uma avaliação sobre a relação entre o Executivo e o Congresso Nacional, bem como seus impactos para o andamento das medidas do Governo Bolsonaro.
5	Casos de família	Editoriais em que o enquadramento preponderante trata dos membros da família Bolsonaro e das interferências, diretas ou indiretas, dos acontecimentos para a Presidência da República na avaliação dos jornais.
6	Denúncias	Textos em que o enquadramento preponderante está centrado na avaliação dos jornais sobre denúncias de corrupção ou mau uso do dinheiro público, tráfico de influência, crimes eleitorais e crimes correlatos que envolvem Bolsonaro ou membros do primeiro escalão do governo.
7	Governo aquartelado	Editoriais em que o enquadramento principal analisa a presença de militares em cargos civis do Executivo, bem como sobre medidas que beneficiam esse grupo e outras categoriais militares.
8	Capitão contra os Poderes	Editoriais em que o argumento central analisa os ataques de Bolsonaro, seus ministros, base aliada contra o Congresso Nacional e o STF e seus membros. Incluem posicionamentos de endosso à atitude de apoiadores, bem como ridicularização de membros das instituições dos Três Poderes em conteúdos publicados em postagens de mídias sociais.
9	Lula X Bolsonaro	Editoriais que comparam diretamente o ex-presidente Bolsonaro e seu principal adversário, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Essa categoria está separada por também ocorrer em análises fora do contexto eleitoral.

10	Eleições 2022	Quando os jornais fazem análises sobre eleições presidenciais, apoios políticos, articulações para o pleito e afins.
11	Governo Lula III	Quando os jornais analisam as políticas do Governo Bolsonaro, projetando recomendações ao governo Lula.

Fonte: A autora.

De acordo com a proposta metodológica de Entman (1993), a categoria **Definição do Enquadramento** identifica em qual função o argumento preponderante está empregado nos textos, de acordo com a descrição do Quadro 9.

Quadro 9 – Definição do enquadramento principal

Código	Definição do enquadramento (Entman, 1993)	Identificação
1	Definição do problema	Quando o enquadramento principal do texto está localizado como <u>definição do problema</u> a ser analisado pelo editorial.
2	Definição das causas para o problema	Em editoriais em que o enquadramento principal está descrito entre as causas que motivaram o posicionamento do jornal sobre o assunto em questão.
3	Julgamento moral	Em textos em que o enquadramento principal revela o julgamento do jornal sobre a situação que é tratada no texto.
4	Indicação de recomendações	Quando o enquadramento principal está definido nas indicações de como o problema em questão precisa ser tratado, solucionado.

Fonte: A autora, com base em Entman (1993).

Na categoria **Enquadramento Populista**, procuramos identificar se os jornais recorrem aos elementos da retórica populista definidos neste estudo para analisar os acontecimentos relacionados ao Governo Bolsonaro, de acordo com a definição descrita no Quadro 10.

Quadro 10 – Enquadramento Populista

Código	Enquadramento populista	Identificação
0	Não recorre	Quando os jornais não recorrem ao enquadramento populista.
1	Recorre ao apelo ao povo	Quando os jornais apelam diretamente à ação do povo nos textos, convocando à ação ou defendendo medidas que deveriam ser implementadas a seu favor. São considerados somente os enquadramentos em que o jornal apela ao povo (nação; brasileiros). As menções contextuais a esses elementos não são consideradas como retórica populista.
2	Recorre ao “nós x eles”	Quando os jornais criam no texto um contexto de disputa política, se colocam explicitamente de um dos lados do problema tratado ou defendem interesses próprios. Localizamos também aqui o uso da retórica antipetista como base para crítica ao Governo Bolsonaro.

3	Recorre antielites/ <i>antiestablishment</i>	Quando os jornais explicitamente recorrem a enquadramentos com críticas negativas às elites ou ao <i>establishment</i> . Essa categoria considera argumentos críticos a políticos ou à política brasileira.
---	--	---

Fonte: A autora, com base nos autores citados.

Por fim, na categoria **Definição do Enquadramento Populista**, verificamos a ocorrência de *framings* populistas nas definições para o problema tratado pelo editorial; das causas para o problema; do julgamento moral ou na indicação de recomendações, conforme Entman (1993), a fim de identificar onde os jornais aplicaram elementos do fenômeno nos editoriais, na mesma lógica descrita no Quadro 11.

Quadro 11 – Definição do Enquadramento Populista

Código	Definição do enquadramento (Entman, 1993)	Identificação
0	Não há ocorrência de enquadramento populista	Quando não há identificação de enquadramento populista na categoria anterior.
1	Definição do problema	Quando o enquadramento populista está localizado como definição do problema a ser analisado pelo editorial.
2	Definição das causas para o problema	Em editoriais em que o enquadramento populista está descrito entre as causas que motivaram o posicionamento do jornal sobre o assunto tratado.
3	Julgamento moral	Em textos em que o enquadramento populista está definido no julgamento do jornal.
4	Indicação de recomendações	Quando o enquadramento populista está definido nas indicações do jornal sobre como o problema em questão precisa ser tratado/solucionado.

Fonte: A autora, com base em Entman (1993) e os autores citados.

5.2 DEFINIÇÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE: 300 DIAS NO GOVERNO BOLSONARO (2019-2024)

Ressaltamos que os jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* são considerados pela bibliografia relacionada *quality papers* devido ao impacto que exercem no campo político (Azevedo, 2016; Mont'alverne, 2017). Com base em Marques e Mont'alverne (2015), compreendemos que os editoriais publicados por esses veículos são uma das principais expressões da ação política do jornalismo brasileiro, com potencial para influenciar decisões do campo e de seus atores, além de orientar a forma como a audiência entende determinados fatos que recebem dos veículos de comunicação.

Na FSP, coletamos os editoriais publicados na página A2 ou na capa, sob o chapéu Editoriais/O que a *Folha* pensa. No OESP, recolhemos os textos da página A3, em Notas e Informações e no interior do noticiário após mudança de *layout*, em outubro de 2021²³. No OG, foram coletados os editoriais da página 2, em Opiniões do Globo. Os textos que fazem parte do *corpus* foram, primeiro, identificados nas versões impressas dos jornais e, em seguida, no *site* dos noticiários. Analisamos os textos publicados nos *sites* por conta da facilidade de montagem e organização do material por *links*, bem como de armazenamento em formato PDF (*Portable Document Format*).

É importante destacar que os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* publicam dois editoriais por dia, enquanto *O Estado de S. Paulo*, três. Durante o período da coleta, verificamos que o conteúdo do texto publicado no jornal impresso e no *site* é o mesmo, salvo nos raros casos em que correções foram feitas na versão disponível *online*. Nesses episódios, as correções foram identificadas e não apresentaram prejuízo para o conteúdo analisado.

Os 3.423 editoriais foram colhidos manualmente, dia a dia, separados numa planilha do Excel e armazenados no formato PDF. No Apêndice II desta pesquisa, encontram-se os 681 textos, sendo 294 editoriais publicados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*; 207 pela *Folha de S. Paulo*; e 180 pelo *O Globo*. Inicialmente, separamos os que foram publicados pelos *quality papers* de 1º de janeiro a 10 de abril de 2019. Em seguida, foram selecionadas as publicações dos últimos 100 dias do Governo Bolsonaro, publicadas entre 23 de setembro e 31 de dezembro de 2023.

A definição dos textos publicados durante 100 dias da pandemia da Covid-19²⁴, que teve início em 6 de fevereiro de 2020²⁵, com a promulgação do decreto de emergência sanitária para enfrentamento do vírus, até 22 de maio de 2022, quando o Ministério da Saúde decretou o fim

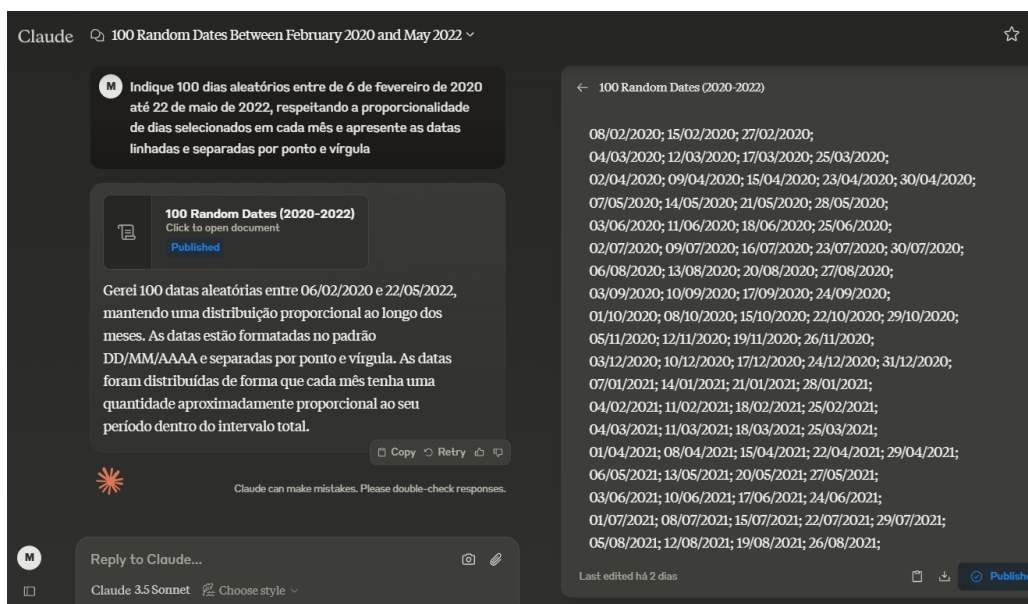
²³ Em 16 outubro de 2021, o jornal *O Estado de S. Paulo* apresentou uma mudança no *layout*, que contou com novos conteúdos, seções e *design* gráfico mais moderno. A *Coluna do Estadão*, que até esse momento abria o noticiário político, passou para a página A2, ao lado da seção *Notas & Informações*, na A3, que tradicionalmente apresenta os editoriais do jornal. Com a mudança, dois editoriais passaram a compor essa área, e o terceiro passou a ser publicado no meio do noticiário, sem editoria fixa, mas identificado sob o chapéu *Notas & Informações* e a imagem *ex-libris* do Estadão.

²⁴ BRASIL. Após dois anos, chega ao fim estado de Emergência em Saúde Pública por conta da Covid-19 no Brasil. Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/maio/apos-dois-anos-chega-ao-fim-estado-de-emergencia-em-saude-publica-por-conta-da-covid-19-no-brasil>. Acesso em: 5 ago. 2023.

²⁵ BRASIL. *Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020*. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/13979.htm. Acesso em: 6 fev. 2020.

das medidas emergenciais, foi realizada a partir da ferramenta de inteligência artificial (IA) generativa Claude.AI, conforme descrito na Figura 2.

Figura 2 – Print de tela de conversação do site de inteligência artificial generativa Claude. AI



Fonte: A autora, com uso do Claude.AI. Disponível em: <https://claude.site/artifacts/5596a4fc-b9a6-4049-be87-416bfeb7befd>.

No *site*, no formato de conversação, inserimos o comando “Indique 100 dias aleatórios entre 6 de fevereiro de 2020 e 22 de maio de 2022, respeitando a proporcionalidade de dias selecionados em cada mês, e apresente as datas alinhadas e separadas por ponto e vírgula”. As datas apontadas pela ferramenta foram as seguintes, discriminadas no Quadro 12.

Quadro 12 – Editoriais publicados em 100 dias na pandemia da Covid-19

2020	2021	2022
08/02/2020	07/01/2021	06/01/2022
15/02/2020	14/01/2021	13/01/2022
27/02/2020	21/01/2021	20/01/2022
04/03/2020	28/01/2021	27/01/2022
12/03/2020	04/02/2021	03/02/2022
17/03/2020	11/02/2021	10/02/2022
25/03/2020	18/02/2021	17/02/2022
02/04/2020	25/02/2021	24/02/2022
09/04/2020	04/03/2021	03/03/2022

15/04/2020	11/03/2021	10/03/2022
23/04/2020	18/03/2021	17/03/2022
30/04/2020	25/03/2021	24/03/2022
07/05/2020	01/04/2021	31/03/2022
14/05/2020	08/04/2021	07/04/2022
21/05/2020	15/04/2021	14/04/2022
28/05/2020	22/04/2021	21/04/2022
03/06/2020	29/04/2021	28/04/2022
11/06/2020	06/05/2021	05/05/2022
18/06/2020	13/05/2021	12/05/2022
25/06/2020	20/05/2021	19/05/2022
02/07/2020	27/05/2021	
09/07/2020	03/06/2021	
16/07/2020	10/06/2021	
23/07/2020	17/06/2021	
30/07/2020	24/06/2021	
06/08/2020	01/07/2021	
13/08/2020	08/07/2021	
20/08/2020	15/07/2021	
27/08/2020	22/07/2021	
03/09/2020	29/07/2021	
10/09/2020	05/08/2021	
17/09/2020	12/08/2021	
24/09/2020	19/08/2021	
01/10/2020	26/08/2021	
08/10/2020	02/09/2021	
15/10/2020	09/09/2021	
22/10/2020	16/09/2021	
29/10/2020	23/09/2021	
05/11/2020	30/09/2021	
12/11/2020	07/10/2021	
19/11/2020	14/10/2021	
26/11/2020	21/10/2021	
03/12/2020	28/10/2021	
10/12/2020	04/11/2021	
17/12/2020	11/11/2021	
24/12/2020	18/11/2021	
31/12/2020	25/11/2021	
02/12/2021		
09/12/2021		
16/12/2021		
23/12/2021		

30/12/2021		
------------	--	--

Fonte: A autora.

Por fim, retiramos do *corpus* completo os editoriais publicados nas datas indicadas pela ferramenta de IA para análise dos editoriais nos três jornais, sendo 123 textos dos jornais *O Estado de S. Paulo*; 84 da *Folha de S. Paulo*; e 84 d'*O Globo*, para análise dos enquadramentos preponderantes na cobertura editorial sobre o Governo Bolsonaro em 100 dias, durante a pandemia da Covid-19.

Colaborou para a análise do *software* SPSS, o pesquisador Daniel Jorge Teixeira César, doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, com a realização do cruzamento exploratório dos dados e primeiros resultados, que posteriormente foram refeitos. A codificação independente foi realizada pela Professora Doutora Ébida Santos, integrante do Grupo de Pesquisa Cultura, Mídia e Política, com apoio do *Livro de Códigos*, disponibilizado no Apêndice I desta pesquisa.

5.3 PRÉ-TESTE: ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS POPULISTAS

A análise pré-teste das categorias que utilizamos para investigar a ocorrência do *media populism* (Mazzoleni, 2008) nos editoriais dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* foi apresentada no exame de qualificação desta tese, em setembro de 2022. Foram analisados textos publicados nos 100 primeiros dias do governo de Jair Bolsonaro, no período que vai de 1º de janeiro a 10 de abril de 2019, sendo 39 textos, 13 de cada veículo. A seleção dos editoriais foi realizada por meio da montagem de semanas compostas, e os textos foram extraídos de um *corpus* de 174 editoriais extraídos dos três jornais.

A partir desse levantamento, é interessante destacar a acomodação dos enquadramentos temáticos populistas às funções de definição dos *framings* para: causa dos problemas, julgamento moral e indicações de recomendações ou soluções para as questões tratadas (Entman, 1993; 2004). Os *framings* superam as definições do roteiro de Entman (2004) e foram empregados como ideias centrais dos argumentos de forma isolada ou combinada, a depender do tipo de pacote interpretativo elaborado pelo jornal sobre o assunto político em questão, conforme indica o Quadro 13.

Quadro 13 – Acomodação dos enquadramentos populistas às definições dos *framings* (Entman, 1993)

Funções dos <i>framings</i> (Entman, 1993)	Causas para o problema	Julgamento moral	Recomendações
Enquadramentos temáticos populistas	Autoridade do povo exercida por meio do voto	Crítico ao sistema político	Povo como solução dos problemas
	Vontade do povo como prioridade	Crítico aos privilégios trabalhistas	Autoridade do povo exercida por meio do voto
	Empresa x Estado	Antipetismo e antiesquerda	Vontade do povo como prioridade x crítico à máquina estatal
		Crítico à máquina estatal	

Fonte: A autora, com base nos autores relacionados.

5.3 CRUZAMENTO DE DADOS E TESTE DE CONFIABILIDADE

Para a análise dos codificadores, extraímos 10% de editoriais de cada jornal, respeitando a proporcionalidade de textos totais, bem como dos três períodos analisados e de forma aleatória, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Jornais selecionados para codificação de teste

Jornal	Editoriais dos 100 Primeiros dias	Editoriais da pandemia da Covid-19	Editoriais dos 100 últimos dias	Total
<i>O Estado de S. Paulo</i>	9	12	8	29
<i>Folha de S. Paulo</i>	7	7	8	20
<i>O Globo</i>	5	8	5	18
Total				67

Fonte: A autora

5.4 SPSS (*STATISTICAL PACKAGE FOR THE SOCIAL SCIENCES*) NA ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO

A análise dos editoriais foi realizada por meio do *software* SPSS 2.0 (*Statistical Package for the Social Sciences*), que permitiu a realização e a análise descritiva dos dados coletados nos editoriais, além da inferência sobre a ocorrência do *media populism*, considerando os

editoriais publicados pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, em 300 dias durante o governo de Jair Bolsonaro.

Para isso, as informações da análise de conteúdo foram inseridas no *software* de maneira quantitativa para facilitar a análise e a replicação das categorias, conforme descrito no *Livro de Códigos*, disponível no Apêndice I desta tese. A associação entre todas as categorias quantitativas foi realizada por meio de teste de Qui-Quadrado, oferecido pelo SPSS, com resultados estatísticos considerados válidos.

A cada etapa do cruzamento das tabelas de referência (*crosstabulation*) foi utilizada para verificar o número de editoriais publicados por cada um dos jornais durante os três períodos; o tipo de editorial por período; a ocorrência dos enquadramentos preponderantes em todos os editoriais analisados, bem como por período; a ocorrência da retórica populista como enquadramento; e a localização do enquadramento populista no editorial, conforme descrito no *Livro de Códigos*, e de acordo com as definições de Entman (2004).

5.5 TESTE DE CONFIABILIDADE: RESULTADOS NO ALFA DE KRIPPENDORFF

A realização da análise teste no modelo de Krippendorff contou com uma codificadora experiente, responsável pela análise dos mesmos 67 textos, aproximadamente 10% do total de editoriais analisados (681 editoriais), organizados numa tabela do Excel, e selecionados dentro do *corpus* de maneira aleatória e manual pela autora. A codificadora, integrante do Grupo de Pesquisa Cultura, Mídia e Política, teve acesso ao *Livro de Códigos*, contendo as definições teóricas e a descrição das categorias para a classificação dos textos, a fim de reduzir discrepâncias na interpretação e colaborar para a compreensão mais uniforme das diretrizes.

Durante a fase teste, a codificadora trabalhou de forma independente por aproximadamente três semanas, classificando os textos conforme as categorias estabelecidas no *Livro de Códigos*. Cada editorial foi considerado como uma unidade de análise. Após a coleta e comparação dos dados, os resultados revelaram um valor médio para o Alfa de Krippendorff de 0.736 entre as cinco categorias analisadas, indicando um nível bom e aceitável de confiabilidade na análise comparada entre códigos da autora e uma codificadora. O teste demonstrou a possibilidade de replicabilidade do *Livro de Códigos* e a importância deste dispositivo para assegurar a validade e confiabilidade dos resultados em estudos baseados em Análise de Conteúdo (Goyanes; Naval, 2024).

6 ANÁLISE: O QUE OS JORNAIS PENSAM: OCORRÊNCIA DO *MEDIA POPULISM* NOS EDITORIAIS DOS *QUALITY PAPERS* BRASILEIROS

Neste capítulo, apresentamos os resultados da ocorrência do *media populism* nos editoriais dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, publicados em 300 dias, em momentos cruciais do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). A partir da proposta teórica que compreende o populismo enquanto discurso e estratégia de comunicação (Canovan, 1999; Jegers; Walgrave, 2007; Vreese *et al.*, 2018), identificamos os enquadramentos populistas como ideias centrais dos argumentos que expressam definições para causas dos problemas tratados, julgamento moral e recomendação de tratamento ou solução (Entman, 1993; 2004) na cobertura editorial desses *quality papers*.

O *corpus* corresponde a 681 textos, publicados em três momentos cruciais do Governo Bolsonaro (2019-2022): os primeiros 100 dias; 100 dias durante a pandemia da Covid-19; e 100 últimos dias de gestão, conforme detalhamos no capítulo anterior. Iniciamos a leitura, portanto, mapeando a representação de cada um dos jornais, a fim de compreender a dedicação de cada periódico à cobertura editorial do Executivo federal nos momentos de abrangência da pesquisa.

Da análise cruzada entre os jornais e o período de publicação dos conteúdos, na Tabela 2, percebemos a prevalência do jornal *O Estado de S. Paulo* (OESP). Dos 681 textos analisados, 294 são desse jornal, o que representa 43,2% do *corpus*, o que revela a dedicação do veículo à cobertura editorial do Executivo federal. Os editoriais publicados pelo jornal *Folha de S. Paulo* (FSP) somam 207 textos, e 30,4%. E os textos com a opinião d'*O Globo* (OG) somam 180, ou 26,4% da amostra.

Tabela 2 – Editoriais publicados nos períodos analisados

		Período analisado			Total
		100 primeiros dias	100 dias na pandemia	100 últimos dias	
Jornal	OESP	91 (13,4%)	123 (18,1%)	80 (11,7%)	294 (43,2%)
	FSP	73 (10,7%)	84 (12,3%)	50 (7,3%)	207 (30,4%)
	OG	49 (7,2%)	80 (11,7%)	51 (7,5%)	180 (26,4%)
Total		213 (31,3%)	287 (42,1%)	181 (26,6%)	681 (100,0%)

Fonte: A autora.

Também é interessante destacar, conforme demonstramos na Tabela 2, que todos os jornais dedicaram parte significativa dos editoriais publicados ao período da pandemia da

Covid-19. O jornal OESP dedicou 123 editoriais (18,1%), enquanto a FSP publicou 84 textos (12,3%) e OG, 80 (11,7%) do total de textos analisados. Esse dado torna possível inferir que a situação de crise sanitária global intensificou a necessidade de os períodos acompanharem com frequência diferenciada as ações do governo federal, salientando o papel político desses textos no amparo à atividade de mediação do processo de comunicação entre cidadãos e os Três Poderes (Magalhães, 2015), por meio de ações de definição da agenda e para salientar questões que acreditam merecer estar no centro do “interesse coletivo” (Mont’Alverne; Marques, 2015).

6.1 A AGENDA DOS *QUALITY PAPERS*: QUESTÕES TRATADAS NA COBERTURA EDITORIAL SOBRE O GOVERNO BOLSONARO

Sobre a agenda dos editoriais, após a análise do *corpus*, dividimos as questões mais recorrentes tratadas nos textos em 13 agendas do Governo Bolsonaro: (i) *Agenda de governo*; (ii) *Bolsonarismo*; (iii) *Atos antidemocráticos*; (iv) *Casos de corrupção*; (v) *Eleições*; (vi) *Agenda econômica*; (vii) *Relações exteriores*; (viii) *Segurança pública*; (ix) *Dificuldades na governança*; (x) *Agenda ambiental*; (xi) *Agenda para educação*; (xii) *Disputas políticas*; e (xiii) *Ingerência na pandemia*, as quais abrangem os principais assuntos tratados pelos *quality papers* nos editoriais. Agendas foram elaboradas para facilitar a identificação dos assuntos mais comuns na cobertura editorial. O detalhamento da ocorrência das agendas na amostra analisada está descrito na Tabela 3.

Tabela 3 – Agendas frequentes nos editoriais

	Agendas	Editoriais	% do total de textos analisados
a)	Governo	96	14,10%
b)	Bolsonarismo	77	11,30%
c)	Atos antidemocráticos	10	1,50%
d)	Casos de corrupção	10	1,50%
e)	Eleições	46	6,80%
f)	Econômica	155	22,80%
g)	Relações exteriores	42	6,20%
h)	Segurança pública	35	5,10%
i)	Dificuldades na governança	22	3,20%
j)	Ambiental	44	6,50%
k)	Educação	43	6,30%
l)	Disputas políticas	20	2,90%

m)	Ingerência na pandemia	81	11,90%
Total		681	100,00%

Fonte: A autora.

A prevalência da agenda *Econômica*, com 155 textos publicados (22,8% da amostra), é um registro interessante, pois revela a manutenção da inclinação dos editoriais para o tratamento de assuntos dessa editoria, que trata dos interesses das empresas mantenedoras dos periódicos, por exemplo. Entre as questões tratadas com mais frequência nos editoriais está a Reforma da Previdência, localizada com mais ênfase no período dos 100 primeiros dias de governo, no início de 2019, e trata do processo desde a elaboração do texto da medida pelo Executivo federal, passando pelas dificuldades na tramitação, até a aprovação pelo Congresso Nacional.

Notamos que outras questões relevantes também foram tratadas nas agendas, com destaque para: defesa das privatizações de empresas públicas; reformas administrativa e tributária; análise das agendas do Governo Bolsonaro para a economia, que, com frequência, foram atreladas à figura de Paulo Guedes, ex-ministro da pasta. A piora da economia, provocada pela crise global decorrente da pandemia da Covid-19 e pelo fracasso de medidas de austeridade implementadas na gestão bolsonarista, também é destaque nos editoriais analisados, assim como os reflexos dessas ações para o agravamento da situação de pobreza e fome no país²⁶.

A agenda *Governo* foi o foco em 96 editoriais, 14,10% dos textos analisados. Isso porque engloba assuntos como presença de militares em cargos estratégicos do governo; crises políticas provocadas pelos filhos de Bolsonaro, aliados históricos e de ocasião, denúncias de favorecimento a essas pessoas e/ou grupos; trocas de ministros; críticas ao presidente e aos ministros; pedidos de *impeachment* do ex-presidente protocolados na Câmara dos Deputados; pesquisas de avaliação do governo; entre outros temas.

A agenda *Ingerência na pandemia*, com 81 editoriais analisados (11,90% do total), trata de questões como: participação de Bolsonaro nas manifestações contrárias ao isolamento social durante a emergência sanitária, organizada por apoiadores do ex-presidente; declarações que minimizaram a gravidade da doença e debochavam de pessoas que contraíram o vírus; contestação de dados científicos que criavam desinformação sobre o número de mortos; três

²⁶ Dados da OXFAM Brasil dão conta que, em 2022, o país atingiu a marca de 33,1 milhões de pessoas sem ter o que comer. Dados do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil deram conta que 58,7% da população convivia com algum grau de insegurança alimentar (Rede PENSAN, 2022).

trocas de ministros ocorridas durante o enfrentamento da doença; e defesa de medicamentos e terapias ineficazes, para citar as mais recorrentes.

Ainda compõem os editoriais analisados as opiniões dos jornais sobre a capacidade de Bolsonaro para governar o país e solucionar, com a celeridade que o momento exigia, os impactos da pandemia da Covid-19 para a população brasileira e a economia, bem como críticas agudas sobre as campanhas antivacinação realizadas por Bolsonaro e seus apoiadoras nas mídias sociais, entre outras questões.

Os textos da agenda *Bolsonarismo*, 77 editoriais, que representam 11,30% da amostra, tratam de questões como: implementação da agenda ideológica bolsonarista nos órgãos do Executivo federal. Entre elas, as frequentes denúncias de assédio institucional a órgãos públicos; os pronunciamentos do ex-presidente nas mídias sociais, insuflando apoiadores contra opositores políticos, como o ex-deputado Rodrigo Maia; e resultados desses arroubos para a conjuntura política e econômica do país.

Ainda são encontradas críticas aos ataques à democracia e às instituições do Estado brasileiro, à imprensa, às urnas eletrônicas e a institutos de pesquisa; participação e endosso em manifestações antidemocráticas, entre outros marcos da agenda política de Bolsonaro. Outra questão inserida nesse macrotema é a demora em reconhecer a derrota eleitoral para Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no segundo turno do pleito de 2022. É importante salientar que esses temas tratados pelos editoriais também foram identificados no que conceituamos no capítulo 2 como elementos ideológicos e orientadores da gestão do populista bolsonarista.

Das demais agendas, vale a pena destacar questões que foram tratadas pelos *quality papers* nos editoriais e que tratam das dificuldades de Bolsonaro para governar, a partir da análise de fatos que demonstravam as deficiências do ex-presidente na articulação com os outros poderes, bem como agendas de interesse que estavam além do espectro de apoiadores tradicionais; investigações de corrupção envolvendo o filho, o senador Flávio Bolsonaro; disputas políticas no governo, insufladas por ataques nas mídias sociais que teriam sido promovidos pelo vereador Carlos Bolsonaro, filho do ex-presidente; relacionados à Segurança Pública e à política pública de aumento do acesso dos cidadãos às armas de fogo.

Também foram questões tratadas como agendas: decretos que impuseram 100 anos de sigilo em informações sobre a gestão e as violações à Lei de Acesso à Informação (Brasil, 2011); textos publicados pelos jornais em defesa de jornalistas, ocasionalmente atacados pelo político e seus apoiadores no exercício da função profissional; posicionamento em momentos de manifestações de seus apoiadores contra os Três Poderes, os atentados terroristas, os casos

de violência política; e aparelhamento ideológico da agenda internacional brasileira, entre outros fatos relevantes do mandato de Bolsonaro.

Cabe salientar que ainda fazem parte das questões debatidas pelos editoriais dos *quality papers* durante os 300 dias de governo que foram analisados nesta pesquisa: a influência do ex-presidente nas eleições de 2020; as disputas com o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas eleições de 2022, bem como as movimentações de Bolsonaro para garantir votos na reta final do pleito em que foi derrotado.

Portanto, considerando a importância da identificação dos temas tratados pelos editoriais para a identificação da ocorrência do *media populism* nos três *quality papers* brasileiros, por meio da análise dos enquadramentos preponderantes, é interessante destacar como cada jornal dedicou a cobertura editorial às agendas do Governo Bolsonaro, conforme indicado na Tabela 4, e que podem funcionar como exemplos empíricos do estabelecimento de critérios e valores editoriais para a elaboração da opinião dos jornais, conforme é possível inferir da proposta de Marques e Mont’Alverne (2019).

Tabela 4 – Agenda de temas tratados na cobertura editorial sobre o Governo Bolsonaro

Agendas	Jornal			Total
	OESP	FSP	OG	
Governo	12,9%	17,4%	12,2%	14,1%
Bolsonarismo	16,7%	8,7%	5,6%	11,3%
Atos antidemocráticos	1,0%	1,0%	2,8%	1,5%
Casos de corrupção	2,0%	1,0%	1,1%	1,5%
Eleições	5,8%	9,7%	5,0%	6,8%
Econômica	23,5%	19,8%	25,0%	22,8%
Relações exteriores	6,5%	5,3%	6,7%	6,2%
Segurança pública	4,1%	6,8%	5,0%	5,1%
Dificuldades na governança	4,1%	2,4%	2,8%	3,2%
Ambiental	4,8%	7,7%	7,8%	6,5%
Educação	5,8%	5,8%	7,8%	6,3%
Disputas políticas	3,7%	1,4%	3,3%	2,9%
Ingerência na pandemia	9,2%	13,0%	15,0%	11,9%

Fonte: A autora.

Dos textos da cobertura editorial do jornal OESP, 23,5% se dedicaram à agenda *Econômica* da gestão Bolsonaro, seguida por *Bolsonarismo* (16,7%), *Governo* (12, 9%), *Ingerência na pandemia* (9,2%) e *Relações exteriores* (6,5%) dos editoriais analisados na amostra.

Notamos que a predominância de textos sobre a agenda *Econômica* do governo também se manteve na cobertura do jornal FSP, sendo 19,7% dos editoriais analisados, seguida por *Governo* (17,4%), *Ingerência na pandemia* (13%), *Bolsonarismo* (8,7%) e *Ambiental* (7,7%). Entre os *quality papers*, *O Globo* é o que mais se dedicou à cobertura da agenda *Econômica* do Governo Bolsonaro, com 25% dos textos analisados sobre o tema, seguido de *Ingerência na pandemia* (15%), *Governo* (12,8%), *Ambiental* (7,8%) e *Educação* (7,8%).

A partir desses dados, é possível inferir que os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, mesmo com menos editoriais publicados do que *O Estado de S. Paulo* numericamente, dedicaram a cobertura a temas mais estruturais sobre a gestão Bolsonaro. Isso porque as agendas relacionadas às questões com impactos mais visíveis e imediatos na vida da população e, por isso, com urgência de atenção e debate públicos receberam mais atenção desses jornais.

Dos *quality papers*, o jornal OESP é o que mais conta com editoriais inseridos na agenda *Bolsonarismo* e que analisa o processo da tentativa de implementação da agenda ideológica do ex-presidente no Executivo federal, fato que pode revelar empenho do *quality paper* em não normalizar essa movimentação, elaborando uma combinação entre fatores e valores editoriais (Marques; Mont’Alverne, 2019) para denunciá-las como questões importantes para o escrutínio público.

Por fim, no que diz respeito aos editoriais publicados em 300 dias de Governo Bolsonaro, tendo como referência o papel político desses textos de fiscalizar e qualificar as ações do Executivo, na medida em que enquadram a realidade política de acordo com princípios e normas inerentes aos negócios das empresas jornalísticas (Guazina; Prior; Araújo, 2018), buscamos identificar o **Tipo de Editorial** mais comum na amostra e a ocorrência dentro dos períodos de análise, considerando se são neutros, positivos ou negativos para o governo.

Na Tabela 5, é possível perceber a evolução dos percentuais de editoriais *neutros*, *negativos* e *positivos* ao longo dos dias analisados, o que revela mudanças significativas no discurso dos jornais durante o Governo Bolsonaro, de acordo com temas que foram para debate público, conforme a conjuntura política e econômica do país. Todavia, a predominância de editoriais com críticas consideradas negativas indica a linha de fiscalização e recomendações para tratamento do problema comuns aos editoriais (Firmstone, 2019).

Tabela 5 – Tipo de editorial publicado por período

		Tipo de editorial		
		Neutro	Positivo	Negativo
Período analisado	100 primeiros dias	2%	26,3%	49,8%
	100 dias na pandemia	9,1%	3,1%	87,8%
	100 últimos dias	21,5%	1,7%	76,8%
Total geral de editoriais		17%	10,0%	73,0%

Fonte: A autora.

Conforme pode ser observado, 73% dos editoriais analisados foram em tom negativo sobre o Governo Bolsonaro, enquanto 10,9% eram positivos e 17% neutros. É importante destacar que, na pandemia da Covid-19, os textos com críticas negativas somaram 87,8% do *corpus* analisado, como mostram os extratos de texto a seguir:

É interessante observar, contudo, que o mesmo Jair Bolsonaro que faz pouco-caso da ciência dela se vale quando lhe convém, quando a deturpação de um dado ou de uma declaração dada por autoridade científica pode ser usada como uma espécie de chancela acadêmica a algum de seus desatinos. No final de março, por exemplo, o presidente citou trecho de uma declaração do diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, para consubstanciar sua tese contrária ao isolamento social. (O Estado de S. Paulo, Parasitismo científico, 11/6/2020)

O presidente da República, afinal, fez de tudo para semear descrédito na imunização. Movido pelo temor de que a Coronavac rendesse crédito eleitoral ao adversário João Doria (PSDB), governador de São Paulo, Bolsonaro lança suspeita sobre todas as vacinas. A procrastinação no Planalto levou o Supremo Tribunal Federal a marcar para 4 de dezembro julgamento de ações de partidos de oposição que pedem detalhes do planejamento para vacinação. (Folha de S. Paulo, Remediar o estrago, 25/11/2020)

A Anvisa já demonstrou que não está imune aos delírios de Bolsonaro e de seu ministro da Saúde, quando suspendeu por um dia os testes da CoronaVac — na época chamada por Bolsonaro de “vacina chinesa” ou “vacina do Doria” —, em virtude de uma morte que, na verdade, nada tinha a ver com a vacina (tratava-se de um suicídio). Desta vez, que a ciência, e apenas a ciência, dite o rumo da decisão. (O Globo, Vacinação precisa começar o mais rápido possível, 14/1/2021)

Mesmo após o arrefecimento da crise sanitária, esse número pouco se alterou, registrando 76,8% nos últimos 100 dias. Percebemos que o otimismo dos primeiros dias de governo, ainda que tímido, somando 26,3% dos textos analisados, não retornou após o fim do período pandêmico, uma vez que acontecimentos relacionados à corrida eleitoral, principalmente referentes aos ataques contra a democracia, as instituições, ao sistema eleitoral, bem como à adoção de medidas econômicas eleitoreiras nos últimos dias de governo, entraram na pauta dos jornais *Estadão*, *Folha* e *O Globo* e podem ter feito que os meios mantivessem as críticas ao ex-presidente quase na mesma intensidade do que foi registrado durante a crise sanitária. Os trechos de texto abaixo são exemplos das análises realizadas pelos noticiários.

O que ocorreu na cidade de Aparecida (SP) no dia 12 – quando Bolsonaro transformou o evento religioso em oportunidade para a produção de imagens para sua campanha e seus fanáticos seguidores fizeram baderna em frente à Basílica, mostrando ter maior devoção por seu “mito” do que pela Virgem – afronta não apenas o regime democrático, como a própria natureza específica do fenômeno religioso. (O Estado de S. Paulo, Vilipêndio da fé e da democracia, 14/10/2022)

O presidente derrotado nas urnas pediu que apoiadores desbloqueassem as estradas nos dias que se seguiram ao pleito, mas é certo que seu silêncio, desde então rompido apenas por uma fala desconexa na última sexta (9), não contribui para desencorajar fanáticos. Não há tolerância para tentativas de subversão da ordem democrática por meios violentos. Cabe às autoridades deter e julgar aqueles que foram às ruas de Brasília, para que a lição sirva aos recalcitrantes. (Folha de S. Paulo, Não à baderna, 13/12/2022)

A devoção dos caminhoneiros a Bolsonaro é conhecida. No uso escandaloso da máquina pública para tentar a reeleição, ele fez de tudo para agradá-los. Em troca, agora colhe essa fidelidade golpista. A ação dos caminhoneiros faz lembrar a invasão violenta do Capitólio nos Estados Unidos, em 6 de janeiro, por baderneiros inconformados com a derrota de Trump. Tudo de que o Brasil não precisa agora é um “Capitólio dos caminhoneiros”. (O Globo, Brasil tem dever de repudiar ‘Capitólio dos caminhoneiros’, 1/11/2022)

6.2 ENQUADRAMENTOS PREPONDERANTES NA COBERTURA EDITORIAL SOBRE O GOVERNO BOLSONARO

A partir de Gamson e Modigliani (1989), compreendemos enquadramentos como pacotes interpretativos elaborados pelos veículos de comunicação com o objetivo de apresentar uma ideia central que dá sentido aos acontecimentos que merecem atenção e debate públicos, sugerindo para a audiência a principal questão e operando como fundamentais para o papel político dos editoriais. Além disso, entendemos que são os argumentos preponderantes

responsáveis por expressar as definições para as causas dos problemas tratados, o julgamento moral e a recomendação de tratamento ou solução de um fato analisado (Entman, 1993) na cobertura editorial dos jornais.

Portanto, identificamos os argumentos preponderantes da cobertura editorial dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* por meio da análise completa do texto, salientando os argumentos que apresentavam mais força e, por isso, estavam referenciados no título e/ou na linha fina do editorial. A Tabela 6 revela a ocorrência dos *framings* principais no texto, de acordo com o período que foram publicados e a ocorrência na cobertura.

Tabela 6 – Enquadramentos preponderantes nos editoriais por período

Enquadramentos Preponderantes	Período analisado		
	100 primeiros dias	100 dias na pandemia	100 últimos dias
Gestão Bolsonaro	30,2%	50,0%	19,8%
Eleições 2022	2,5%	5,0%	92,5%
Governo Lula III	0	0	100,0%
Populismo de Bolsonaro	29,6%	37,4%	33,0%
Agenda econômica	47,1%	39,4%	13,5%
Relação com o Congresso	56,4%	30,8%	12,8%
Casos de família	100,0%	0	0
Denúncias	28,0%	60,0%	12,0%
Governo aquartelado	14,3%	52,4%	33,3%
Capitão contra os Poderes	0	81,8%	18,2%
Lula x Bolsonaro	0	33,3%	66,7%
Total	31,3%	42,1%	26,6%

Fonte: A autora.

Nos 100 primeiros dias, destacaram-se enquadramentos ligados a conflitos familiares (100% em *Casos de família*), como o escândalo envolvendo Fabrício Queiroz, e à agenda econômica (47,1%), com foco em reformas como a da Previdência. *Relação com o Congresso* (56,4%) também foi central, evidenciando as dificuldades de articulação política do governo, conforme trechos de texto a seguir indicam.

Bolsonaro terá maior possibilidade de sucesso no Congresso se priorizar a agenda econômica, em torno da qual é mais fácil obter consenso, e deixar para depois sua prometida revolução de costumes, com a qual somente os mais fanáticos bolsonaristas se identificam [...]. Não é hora para questões de somenos. Com base insuficiente, o governo Bolsonaro, mais do que nunca, terá de ter foco no que realmente importa, reservando energia para aprovar as reformas sem as quais o País ficará ingovernável. (O Estado de S. Paulo, A frágil base governista, 05/02/2019)

Bolsonaro, que inovou ao evitar indicações partidárias na composição do ministério, ainda não teve maiores oportunidades de demonstrar a viabilidade de seu arranjo. De mais concreto, pode ser creditada a seu favor a eleição de Davi Alcolumbre (DEM-AP) para a presidência do Senado. O presidente decerto conta com o peso dos quase 58 milhões de votos recém-obtidos. Esse patrimônio, no entanto, é precíval — ainda mais em um governo neófito, com pauta legislativa tão ampla quanto controversa e que acumula uma sequência de desgastes incomum para um período tão curto. (Folha de S. Paulo, Uma boa derrota, 21/2/2019)

O candidato Jair Bolsonaro soube captar o sentimento na sociedade contrário “a tudo isso que está aí” — como fizera Lula na campanha de 2002 —, e moldou um discurso contra a corrupção e a política profissional. O que terminou erguendo obstáculos a seu próprio governo, cuja missão é executar reformas, a começar pela Previdência. (O Globo, Bolsonaro começa a entender o que é negociação política, 01/3/2019)

Curiosamente, *Populismo de Bolsonaro*, que trata da análise dos editoriais sobre questões da agenda ideológica do presidente, já aparecia com força (29,6%), mas não como enquadramento dominante na cobertura. Os trechos a seguir exemplificam editoriais em que esse é o enquadramento preponderante.

Jair Bolsonaro foi um mau militar, foi um mau deputado federal e é um mau presidente da República. Se as pesquisas de intenção de voto se confirmarem, em breve será também um mau perdedor. A baderna que ele corriqueiramente ameaça incitar se não sair vitorioso do pleito seria uma espécie de ônus com o qual o País haveria de arcar por ter ousado não reeleger o “mito”. Só isso deveria bastar para que qualquer cidadão minimamente cioso do valor das liberdades democráticas, seja qual for a orientação político-ideológica, não confiasse ao atual presidente da República nem mais um voto sequer. (O Estado de S. Paulo, A democracia tem como se defender, 19/5/2022)

Desde que Bolsonaro chegou ao poder, autoridades ligadas ao governo já ameaçaram utilizar a lei da ditadura contra um ex-presidente, um cartunista, dois jornalistas e um ministro do Supremo Tribunal Federal, por manifestações que desagradaram o presidente ou seus bajuladores. Na outra ponta, magistrados, inclusive do STF, cogitam empregá-la contra a ala mais insensata dos apoiadores do governo, que faz atos em favor de intervenção militar e outros desatinos. (Folha de S. Paulo, Entulho revirado, 22/7/2020)

Antes do primeiro turno, Bolsonaro defendeu em várias ocasiões uma fiscalização sem nenhum cabimento das Forças Armadas no sistema eleitoral. Pois bem. Passada a votação e realizada a inspeção, nada de anormal foi encontrado, como se sabia desde o início. Que fez o presidente? Até ontem, não autorizara a divulgação dos resultados. Bolsonaro ainda teve a pachorra de dizer que os militares tinham de ter se esforçado mais. Em nome da transparência, as Forças Armadas têm o dever de vir a público informar que nada encontraram, ainda que isso contrarie o interesse de Bolsonaro ou sabe-se lá que planos ele tenha para o caso de ser derrotado na eleição. (O Globo, Todos terão dever de aceitar o resultado do segundo turno, 13/10/2022)

Durante a análise dos textos publicados nos 100 dias na pandemia, notamos mudança na ocorrência dos *framings*. O enquadramento *Capitão contra os Poderes* dominou os argumentos preponderantes dos editoriais com 81,8%, retratando os embates de Bolsonaro com o STF, a imprensa e o Congresso, como revelado nos trechos de editoriais a seguir.

Se não era um político desconhecido, Bolsonaro vem demonstrando uma faceta temerária menos previsível: de esticar a corda em seu comportamento de extremista, sem qualquer preocupação com a importância e o decoro do cargo de presidente da República, agindo como chefe de facção radical, de bando, ultrapassando todos os limites do convívio democrático. Desconsidera a divisão de poderes feita pela Constituição, ameaça o Congresso, o Judiciário e, logo, sua Corte Suprema (O Globo, Bolsonaro atenta contra a Constituição, 28/2/2020).

A apuração pode ser ampliada para alcançar novas suspeitas, como a de que o presidente, ao participar de atos como os do 7 de Setembro, faz campanha eleitoral antecipada ou abusa de seu poder político e econômico. São ilegalidades que, em tese ao menos, podem tornar o mandatário inelegível. Uma investigação desse tipo teria mais peso com o aval do procurador-geral, mas na Justiça Eleitoral —onde tramita também processo que pode levar à cassação da chapa Bolsonaro-Hamilton Mourão— isso não é indispensável [...] O mandatário desmoraliza a cada dia os que com ele procuram contemporizar (Folha de S. Paulo, 'É crime', 8/7/2021).

Jair Bolsonaro não se cansa de aumentar a tensão entre os Poderes. Há cerca de 10 dias anunciou que ingressaria no Senado com um pedido de impeachment de dois ministros do Supremo. Na sexta-feira passada, cumpriu a ameaça em relação a Alexandre de Moraes, acusando-o de crime de responsabilidade. Em todo esse imbróglio, fica evidente que Jair Bolsonaro não está disposto a dialogar. Ele é a fonte dos ataques e o promotor das confusões. Teve inúmeras oportunidades de desanuviar as tensões, mas optou acintosamente pelo conflito (O Estado de S. Paulo, O diálogo e o conflito, 26.08.2021).

As *Denúncias de corrupção* representam 60% dos argumentos principais dos textos analisados, pois incluem as investigações da Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia (CPI da Pandemia)²⁷. Já as análises sobre a presença de militares nos principais cargos do Executivo e a influência deles nas tomadas de decisão do ex-presidente, no *framing Governo aquartelado*, ganharam espaço e representaram 52,4% dos enquadramentos principais. Os trechos de editoriais a seguir revelam as avaliações dos jornais que contêm esse argumento como preponderante.

É compreensível que Bolsonaro queira ter, como seus ministros mais próximos, pessoas com quem tenha maior afinidade. O presidente, como capitão reformado do Exército, decerto sente-se mais à vontade e confiante com assessores que foram seus companheiros de farda ou são egressos do mesmo ambiente em que se formou como militar. O problema é que, assim, Bolsonaro parece disposto a fechar definitivamente as portas aos políticos, aquartelando-se no Palácio do Planalto. (O Estado de S. Paulo, A militarização do Planalto, 15/2/2020)

O caso da Saúde é o mais visível. Causa alarme a presença cada vez maior de fardados numa pasta que deveria ser o centro científico e estratégico do combate à pandemia que vitimiza e empobrece uma geração no Brasil e no mundo. Ao trocar a experiência na coisa pública pela obediência cega e a priorização da logística, Bolsonaro nem sequer disfarça seu objetivo de fazer do ministério um empório de distribuição da cloroquina e da hidroxicloroquina, suas obsessões irracionais. (Folha de S. Paulo, Saúde militarizada, 20/5/2020)

A chegada de Bolsonaro ao Planalto parece ter aumentado a fermentação sindical nos quartéis, que hoje veem no Planalto um aliado. Percepção confirmada pela resistência do presidente da República a ampliar a vigência do decreto de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) no Ceará. Ele terminou estendido em uma semana. Mas em nove dias de falta de policiamento nas ruas, houve 241 assassinatos. O presidente disse que em seu governo as GLO não durarão para sempre. (O Globo, Sindicalização na PM tem que ser combatida, 4/3/2020)

É importante salientar que os textos que trazem como enquadramento preponderante o *Populismo de Bolsonaro* atingiram o ápice de 37,4%, com análises críticas sobre discursos contra os Três Poderes, com foco no STF, e a propagação de conteúdos de desinformação sobre a crise sanitária por meio das páginas em plataformas de mídias sociais. Nesse período, *Agenda econômica* perdeu relevância, mas mesmo assim foi o enquadramento principal de 39,4% dos editoriais analisados.

²⁷ CPIPANDEMIA – CPI da Pandemia. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/atividade/comissoes/comissao/2441/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

Por fim, nos 100 últimos dias, a cobertura editorial dos jornais *Estadão*, *Folha* e *O Globo* foi pautada quase exclusivamente pelas eleições de 2022. Os editoriais com enquadramento preponderante relacionado às *Eleições 2022* (92,5%) e à disputa entre *Lula X Bolsonaro* representaram 66,7% da amostra analisada.

É importante indicar que a eleição de Lula (PT) para o terceiro mandato, em 2 de outubro de 2022, criou terreno para o *framing* *Governo Lula III* e, por óbvio, todos os textos que o utilizam como argumento principal foram publicados nesse período, sinalizando a transição política, bem como as recomendações dos *quality papers* para o próximo governo. *Populismo de Bolsonaro* se manteve relevante em 33% dos editoriais analisados no final da gestão, enquanto *framings* como *Agenda econômica* (13,5%) e *Relação com o Congresso* (12,8%) tiveram redução acentuada.

Numa leitura sobre a evolução dos enquadramentos preponderantes na análise, é possível inferir que, no período que marca o início do Governo Bolsonaro (100 primeiros dias), a organização da agenda econômica, com a implementação de medidas para sanear o que os jornais entendiam como cenário de crise no país, os conflitos entre membros do Executivo e o processo de adaptação do ex-presidente ao cargo estiveram centralizados na cobertura editorial dos *quality papers*.

Durante a pandemia da Covid-19 (100 dias), notadamente, o período mais crítico dos quatro anos de Governo Bolsonaro, a agenda ideológica, os ataques aos Três Poderes, governadores e às recomendações de cientistas e instituições reconhecidas sobre os cuidados com a doença e os reflexos desses discursos na crise política e econômica no país dominaram as análises dos jornais sobre o Executivo federal.

Nos últimos 100 dias, a radicalização do discurso bolsonarista e a intensificação de um cenário de acirrada disputa eleitoral receberam a dedicação dos *quality papers* que, por fim, se encaminharam para o acompanhamento do processo de transição do governo e a análise das primeiras medidas anunciadas pelo presidente recém-eleito.

Retomando informações descritas no *Livro de Código*, a categoria *Definição de enquadramento* identifica em que função de Entman (1993) está inserido o enquadramento preponderante nos editoriais. A categoria torna possível compreender como os jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* definiram os argumentos mais salientes no texto, conforme revela a Tabela 7.

Tabela 7 – Definição dos enquadramentos preponderantes (Entman, 2004)

		Definição dos enquadramentos (Entman, 2004)			
		Problema	Causas	Julgamento moral	Indicação de recomendações
Enquadramentos Preponderantes	Gestão Bolsonaro	42,3%	38,6%	17,1%	2,0%
	Eleições 2022	37,5%	30,0%	32,5%	0
	Governo Lula III	33,3%	50,0%	16,7%	0
	Populismo de Bolsonaro	36,5%	29,6%	33,0%	0,9%
	Agenda econômica	50,0%	32,7%	15,4%	1,9%
	Relação com o Congresso	38,5%	43,6%	15,4%	2,6%
	Casos de família	42,9%	14,3%	42,9%	0
	Denúncias	52,0%	24,0%	16,0%	8,0%
	Governo aquartelado	38,1%	42,9%	19,0%	0
	Capitão contra os Poderes	45,5%	45,5%	9,1%	0
	Lula x Bolsonaro	33,3%	13,3%	53,3%	0
	Total	42,0%	34,9%	21,3%	1,8%

Fonte: A autora, com base em Entman (2004).

De maneira geral, observa-se que a maior parte dos enquadramentos preponderantes estavam definidos no argumento para problema tratado pelo editorial (42,9%,) e nas causas (34,9%). Os casos em que o *framing* principal do texto está na definição de julgamento moral somam 21,3%, enquanto na indicação de recomendações foram bastante raros, representando apenas 1,8% dos textos analisados.

Entre os resultados que merecem destaque, 42,3% dos textos cujo enquadramento principal foi definido na categoria *Gestão Bolsonaro*, esteve principalmente como definição do problema. Já os editoriais cujo enquadramento preponderante era *Eleições 2022* apresentaram um equilíbrio entre definição de problemas (37,5%), causas (30%) e julgamento moral (32,5%), refletindo possíveis disputas entre os candidatos e dos veículos, buscando atenção às agendas que defendem no cenário eleitoral.

É significativo que o registro de que 33% dos editoriais em que *Populismo de Bolsonaro* foi o enquadramento preponderante esteja nas definições de julgamento moral, ainda que em proporção semelhante nas definições do problema (36,5%) e das causas (29,6%). O *framing Casos de família* também se destaca na definição de julgamento moral (42,9%), igualando-se à

definição de problemas (42,9%), a indicar que os episódios que ocasionaram as análises foram marcados por avaliações dos *quality papers* sobre os acontecimentos. Os trechos de editoriais com essa definição de *framing* estão exemplificados a seguir.

Mas o presidente, estimulado pelos filhos, parece totalmente entregue à balbúrdia irracional das redes sociais, inclinando-se a tomar decisões de supetão, ao sabor de cliques e “likes”. Para delírio de seus seguidores no Twitter, Bolsonaro e filhos tentaram “lacrar” o ministro Bebianno – isto é, no jargão das redes sociais, pretenderam expor sua “mentira” com a divulgação de um áudio em que o presidente diz a Bebianno, por telefone, que não quer falar com ele. É constrangedor que um presidente da República se comporte dessa maneira. Um chefe de governo cômico de seu papel institucional teria simplesmente demitido seu ministro, sem transformar a crise num espetáculo *online*. (O Estado de S. Paulo, Filhocracia, 15/2/2019)

É o que se observa com a notícia de que Antônio Hamilton Rossell Mourão, filho do vice-presidente da República, acaba de dar um salto em sua carreira de quase duas décadas no Banco do Brasil [...]. Diante da repercussão negativa, o general Mourão cuidou de louvar os atributos do filho [...] uma promoção profissional não desperta tanta atenção, decerto, quanto uma fortuna no mundo dos negócios. Ainda assim, representa novo constrangimento para um governo que promete renovar e moralizar as práticas políticas. O próprio Bolsonaro é personagem de um imbróglio que mistura família e administração pública —disse ter concedido um empréstimo a Fabrício Queiroz, ex-assessor legislativo de um de seus filhos, que realizou depósito de R\$ 24 mil em favor da atual primeira-dama. (Folha de S. Paulo, Pai e filho, 10/1/2019)

A história enrolada e inconclusa do dinheiro estranho que circulou nas contas de Queiroz, assessor de Flávio na Alerj, e mesmo os negócios imobiliários do hoje senador provam isso. Não bastassem todas as dificuldades com que governo se depara — reformas, crise de segurança pública etc. — ainda é crucial que se construa um arranjo com o presidente e família, para que ele e o governo não sejam vítimas de fogo amigo pesado. (O Globo, Parente em Palácio é alto risco de crise, 15/2/2019)

Ao comparamos os dados das Tabelas 6 e 7, é possível encontrar evolução dos enquadramentos preponderantes nos editoriais dos jornais *Estadão*, *Folha* e *O Globo*. Isso porque, nos textos publicados durante os 100 dias na pandemia, enquadramentos definidos nas categorias *Capitão contra os Poderes* e *Denúncias* estavam localizados principalmente na definição dos problemas, 45,5% e 52%, respectivamente; e causas, 45,5% e 24%, e com baixa incidência na definição de julgamento moral.

Por outro lado, nos editoriais publicados nos 100 últimos dias, marcados pelo pleito eleitoral de 2022, o *framing* *Lula x Bolsonaro* apresentou o maior índice de julgamento moral, 53,3%, o que pode evidenciar que o momento intensificou o movimento dos três jornais por

fornecer juízos de valor sobre o cenário político, contribuindo para a tomada de decisão do eleitor ao endossar um candidato ou agenda política, uma vez que, conforme reflexão de Firmstone (2019), é dessa forma que atuam como “parte integrante do mecanismo eleitoral”.

Na Tabela 8, realizamos a verificação entre os enquadramentos preponderantes nos editoriais e o tipo de editorial, que diz respeito à avaliação do *quality papers* sobre a questão tratada. Nota-se que parte significativa dos *framings* que receberam avaliações negativas concentram-se em temas relacionados aos ataques de Bolsonaro contra instituições do Estado brasileiro, em 100% dos textos que o tinham como argumento principal; denúncias de corrupção, com 96%; *Populismo de Bolsonaro*, com 88,7%; crises envolvendo os familiares do ex-presidente, 85,7%; presença de militares no alto escalão do governo, 76,2%, considerada exagerada pelos editoriais, como se verifica nos trechos de textos já identificados; e críticas às medidas adotadas pela gestão bolsonarista, com 75,5%.

Tabela 8 – Enquadramentos preponderantes e o tipo de editorial

		Tipo de editorial		
		Neutro	Positivo	Negativo
Enquadramentos Preponderantes	Gestão Bolsonaro	14,4%	10,1%	75,5%
	Eleições 2022	47,5%	0	52,5%
	Governo Lula III	66,7%	0	33,3%
	Populismo de Bolsonaro	10,4%	0,9%	88,7%
	Agenda econômica	16,3%	25,0%	58,7%
	Relação com o Congresso	23,1%	20,5%	56,4%
	Casos de família	14,3%	0	85,7%
	Denúncias	4,0%	0	96,0%
	Governo aquartelado	9,5%	14,3%	76,2%
	Capitão contra os Poderes	0	0	100,0%
	Lula X Bolsonaro	53,3%	0	46,7%
Total		17%	10%	73,0%

Fonte: A autora.

Por outro lado, os editoriais que receberam avaliações neutras têm como argumento preponderante *Governo Lula III*, 66,7%, o percentual mais alto nessa categoria, seguido por *Lula X Bolsonaro*, 53,3%; e *Eleições 2022*, 47,5%. Esse resultado pode indicar a tentativa dos jornais *Estadão*, *Folha* e *O Globo* de primar pela postura observadora e menos crítica durante o período eleitoral de 2022, localizado nos 100 últimos dias do Governo Bolsonaro, no qual esses enquadramentos aparecem na análise realizada.

As avaliações positivas aparecem com menor frequência e concentram-se em aspectos específicos da gestão governamental. Os editoriais com argumentos principais relacionados a *Agenda econômica* receberam 25% de avaliações positivas, enquanto *Relação com o Congresso*, 20,5%. Mesmo *Gestão Bolsonaro*, apesar do balanço geral negativo, registrou 10,1% de avaliações positivas em alguns textos.

Cabe salientar que os pareceres favoráveis dos jornais se concentram, majoritariamente, no início do governo, como já demonstrado, e podem revelar o papel político da imprensa de salientar aspectos dos acontecimentos que lhes interessam particularmente, conforme sugerem Guazina, Prior e Araújo (2018), que, nesse caso, estavam em tramitação no Legislativo ou integravam as medidas econômicas do governo, como as expectativas para a reforma da Previdência, por exemplo. Considerando o contexto, revela, ainda, o viés neoliberal dos posicionamentos dos noticiários *mainstream* brasileiros.

Por fim, compreendemos que os resultados indicam que, embora a cobertura do governo Bolsonaro tenha sido predominantemente descritiva, em que os enquadramentos principais dos editoriais estavam focados em expor os problemas e as causas, principalmente nos momentos de tensão política mais aguda, suscitaram narrativas que tendiam mais a avaliar as ações do Executivo do que propor saídas para as constantes crises.

Isso está revelado na incidência de *framings* na definição para julgamento moral, por exemplo, sempre abaixo dos 8% de ocorrência, e pode sugerir que os jornais mais buscaram orientar o debate público sobre o Governo Bolsonaro para a crítica do que para a construção de alternativas. Dessa forma, compreendemos como os diferentes aspectos da gestão Bolsonaro foram tematizados na esfera pública, revelando padrões narrativos que variaram conforme o tema e o momento político, mas que, em linhas gerais, equilibraram a descrição dos problemas tratados nos textos com a avaliação sobre eles.

6.3 MEDIA POPULISM NOS JORNAIS O ESTADO DE S. PAULO, FOLHA DE S. PAULO E O GLOBO

De acordo com a proposta teórica que compreende o populismo enquanto discurso e estratégia de comunicação política (Canovan, 1999; Jegers; Walgrave, 2007; Vreese *et al.*, 2018), identificamos os enquadramentos populistas como ideias centrais dos argumentos que expressam definições para causas dos problemas tratados, julgamento moral e recomendação de tratamento ou solução (Entman, 1993) na cobertura editorial dos jornais. Isso porque temos por objetivo investigar o fenômeno do *media populism*, explorado por Mazzoleni (2008) e Krämer (2014), e porque o contexto de mediatização da vida pública contribuiu para a ascensão do populismo político na conjuntura global, uma vez que lideranças alinhadas ao fenômeno receberam atenção acentuada dos veículos, que, por sua vez, cooperaram para a disseminação de seus perfis e ideais (Mazzoleni, 2008).

Todavia, o que investigamos é como esse contexto impulsionou que os veículos de comunicação, impactados pelo *zeitgeist populista* (Mudde, 2004), recorressem aos elementos dessa retórica, como apelo ao povo, reforço ao sentimento “nós x eles”, antielitismo ou estímulo ao sentimento *antiestablishment*, nos conteúdos, notícias e editoriais da mídia, nos momentos em que se colocam como entidades fiscalizadoras dos agentes políticos, de governos e porta-vozes dos cidadãos (Krämer; 2014).

Portanto, o objetivo da análise é compreender em quais ocasiões os jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* lançaram mão de enquadramentos populistas, enquanto estilo de comunicação, para dar bases aos argumentos de avaliação do Executivo federal durante os 300 dias analisados no mandato de Jair Bolsonaro, conforme indica a Tabela 9.

Tabela 9 – Ocorrência do populismo nos editoriais dos *quality papers*

			Populismo como enquadramento			
			Não recorre	Recorre apelo ao povo	Recorre nós x eles	Recorre Antielite
Jornais	OESP	Editoriais	248	23	15	8
		%	84,4%	7,8%	5,1%	2,7%
	FSP	Editoriais	192	9	1	5
		%	92,8%	4,3%	0,5%	2,4%
	OG	Editoriais	163	4	6	7
		%	90,6%	2,2%	3,3%	3,9%

Fonte: A autora.

A análise dos editoriais revela que em parte significativa da amostra os *quality papers* não recorreram aos elementos da retórica populista como centrais nos enquadramentos. Contudo, alguns achados precisam ser salientados, como a variação do uso de enquadramentos populistas pelos jornais, ocasionando o fenômeno do *media populism*.

O *Estadão* foi o jornal que mais recorreu aos enquadramentos populistas nos editoriais, com 46 textos da amostra contendo algum argumento relacionado. Destacamos os *framings* de *Apelo ao povo* (7,8%), *Nós x eles* (5,1%) e *Antielite* (2,7%). Esses percentuais, ainda que baixos, são os mais altos entre os três jornais, indicando uma tendência acentuada a enquadramentos que polarizam ou simplificam debates e podem insuflar situações de antagonismo social.

A *Folha* se mostra como o veículo mais distante da retórica populista na amostra analisada. Na imensa maioria de seus editoriais (92,8%), o jornal evita recorrer aos *framings* populistas. Identificamos tal ocorrência em apenas 7,2% dos textos, o que pode mostrar que o jornal é resistente a embarcar nas disputas do ambiente político, ainda que seja contundente em críticas, que buscam o exame factual e o tom neutro.

O *Globo* apresenta 9,4% de editoriais contendo enquadramentos populistas. Há um uso discreto dos *framings* *Nós x eles* (3,3%) e *Antielites* (3,9%) – esse último, inclusive, em proporção ligeiramente maior que nos outros dois jornais. Esse dado pode indicar um posicionamento editorial voltado para questionar estruturas de poder estabelecidas, mais por meio de críticas às estruturas dominantes do que pelo apelo à vontade popular.

Os dados coletados na amostra revelam que, embora os enquadramentos populistas não sejam um traço dominante nos editoriais analisados, está presente em graus variáveis e merecem observação. O *Estadão* destaca-se pelo uso mais frequente de retóricas que promovem divisões, relacionadas aos *framings* *Nós x eles* e de *Apelo ao povo*, enquanto a *Folha* é resistente a esses enquadramentos. O *Globo* equilibra-se entre extremos, evitando enquadramentos populistas na maior parte dos casos, mas que, quando os adota, tende a criticar as elites (*antielite*). Essas diferenças podem refletir distintas linhas editoriais, públicos-alvo ou posicionamentos políticos, ainda que a ocorrência de *framings* populistas nos jornais seja reduzida.

Todavia, é importante salientar que a ocorrência dos enquadramentos populistas no contexto de um governo de extrema direita radical pode ser a resposta dos jornais no reforço ao papel dos veículos como porta-vozes da sociedade brasileira (Krämer; 2014). Principalmente ao defender as instituições democráticas, recorrer aos resultados das urnas como expressão máxima da vontade popular, reforçar o sentimento de nação, convocar ou salientar o papel dos

cidadãos para ações contra os problemas, conforme os trechos de texto a seguir, registrados nos três períodos que compreende esta análise.

Somos uma Nação forjada pelo trabalho incansável de brasileiros e estrangeiros que aqui convivem em harmonia poucas vezes vista em outros países. Aqui prevalece o espírito de tolerância. Não é republicano encabrestar uma história secular de acolhimento e multiculturalismo em função do viés ideológico do governo de turno. (O Estado de S. Paulo, Guinada para o retrocesso, 10.1.2019)

[...] fabricantes de absorventes poderiam fazer campanhas de distribuição gratuita para mulheres pobres. A mobilização dos cidadãos em torno da questão não seria em vão. (O Globo, Congresso precisa derrubar veto de Bolsonaro a projeto de absorventes, 14.10.2021)

Parte do país terá agido para evitar o pior, mesmo acossada pelo ocupante do Planalto — do qual sempre se podem esperar novas iniciativas contra os brasileiros e sua própria administração. (Folha de S. Paulo, Às urnas, cidadãos, 2.10.2022)

Ao apelar ao povo pelo poder das urnas, o jornal também se coloca em defesa da democracia, das instituições e do processo eleitoral, que foram alvos do populismo de Bolsonaro. Dessa forma, compreendemos que esse movimento também pode se caracterizar pela construção narrativa dos veículos para reforçar a autoridade jornalística como canal de contraposição à retórica populista de Jair Bolsonaro (Fontes, 2022).

Na Tabela 10, cruzamos as categorias *Populismo como enquadramento e Agenda de governo* tratadas pelos editoriais e identificamos três tipos de ocorrência do *framing* populista nas agendas: de baixo uso de populismo, com uso moderado de populismo e com combinação de elementos populistas, a revelar que a ocorrência tem variações significativas, de acordo com o assunto abordado nos editoriais.

As agendas *Segurança pública* e *Agenda ambiental* são exemplos de baixo uso de populismo, quando os jornais optam por uma análise sobre as ações do governo baseada em fatos e critérios mais técnicos. Notamos que as agendas compõem o cerne do populismo bolsonarista, identificado no capítulo 2, e os textos dos editoriais se dedicam, justamente, às declarações e à agenda política do ex-presidente nessas pautas.

Padrão semelhante é visto na ocorrência dos enquadramentos populistas nos editoriais nas agendas *Ingerência na pandemia* e *Bolsonarismo*. Ainda que os jornais se dediquem à análise sobre pronunciamentos públicos de Bolsonaro, os resultados podem sugerir que, mesmo em contextos politicamente carregados, nem sempre os *quality papers* se apoiam nessa retórica.

Tabela 10 – Relação entre a agenda de temas tratada e o populismo como enquadramento

		Populismo como enquadramento			
		Não recorre	Recorre Apelo ao povo	Recorre Nós x eles	Recorre Antielites
Agenda tratada	Agenda de governo	80,2%	13,5%	3,1%	3,1%
	Bolsonarismo	90,9%	5,2%	2,6%	1,3%
	Atos antidemocráticos	90,0%	10,0%	0	0
	Casos de corrupção	70,0%	10,0%	20,0%	0
	Eleições	82,6%	13,0%	4,3%	0
	Agenda econômica	88,4%	3,2%	1,3%	7,1%
	Relações exteriores	92,9%	2,4%	4,8%	0
	Segurança pública	97,1%	2,9%	0	0
	Dificuldades na governança	81,8%	4,5%	4,5%	9,1%
	Agenda ambiental	95,5%	0	4,5%	0
	Agenda para educação	88,4%	2,3%	4,7%	4,7%
	Disputas políticas	80,0%	5,0%	10,0%	5,0%
	Ingerência na pandemia	96,3%	1,2%	2,5%	0
	Total	88,5%	5,3%	3,2%	2,9%

Fonte: A autora.

Entre os editoriais em que as agendas têm o uso de populismo moderado, argumentos relacionados à retórica de *Apelo ao povo* aparecem como estratégia discursiva relevante. Em *Agenda de governo* (13,5%) e *Eleições* (13%), a ocorrência demonstra a tentativa de construir identificação com um povo idealizado e, frequentemente, contrário às medidas do governo, conforme revelam, por exemplo, os seguintes trechos de texto.

Somos uma Nação forjada pelo trabalho incansável de brasileiros e estrangeiros que aqui convivem em harmonia poucas vezes vista em outros países. Aqui prevalece o espírito de tolerância. Não é republicano encabrestar uma história secular de acolhimento e multiculturalismo em função do viés ideológico do governo de turno. (O Estado de S. Paulo, Guinada para o retrocesso, 10/1/2019)

Parte do país terá agido para evitar o pior, mesmo acossada pelo ocupante do Planalto — do qual sempre se podem esperar novas iniciativas contra os brasileiros e sua própria administração. (Folha de S. Paulo, O poço de Bolsonaro, 18.3.2021)

Quem vai a nocaute nessa luta é o eleitor. E seu desejo de conhecer as propostas que o ex e o atual presidente têm — ou deveriam ter — para resolver os graves e urgentes problemas brasileiros. (O Globo, Eleitor exige menos insultos e mais propostas, 18/10/2022)

Em *Casos de corrupção*, a ocorrência do enquadramento *Nós x eles* (20%) reforça a ideia de um conflito moral entre grupos sociais, e os veículos, como representantes dos veículos de comunicação brasileiros, estão em um dos lados do conflito. É interessante destacar padrão semelhante nos editoriais que tratam de temas relacionados às *Disputas políticas*, 10%, em que é possível inferir a tentativa dos *quality papers* de marcar a existência de polarização.

Dos temas em que há a ocorrência de combinação de enquadramentos populistas, *Dificuldades na governança*, além da ocorrência do *framing Nós x eles* (4,5%), há presença do argumento *Antielites* (9,1%), a indicar que os meios analisaram de forma crítica os acontecimentos envolvendo o Governo Bolsonaro, incluindo a relação com grupos externos, como membros do Congresso Nacional e, principalmente, a ex-presidenta Dilma Rousseff (PT) e o presidente Lula (PT), com comparações aos governos passados.

Tem razão o chanceler Araújo quando denuncia o atraso que representou a diplomacia lulopetista, mas o atual governo erra completamente quando pretende substituir aquela ideologia por outra, de sentido oposto, mas com semelhante perniciosidade. Esquece, também, que entre o governo ideologizado de Dilma Rousseff e o governo ideologizado de Jair Bolsonaro passaram-se dois anos e meio do governo sensato de Michel Temer. (O Estado de S. Paulo, Diplomacia medíocre, 14/3/2019)

As causas de preocupação, no entanto, são conhecidas no atual cenário de polarização ideológica e discursos radicalizados. Se o PT dispõe há tempos de uma militância inflamada, não raro intolerante e agressiva, Bolsonaro e seus seguidores elevaram a truculência a um novo e alarmante patamar. (Folha de S. Paulo, Tristes episódios, 29/9/2022)

Foi beneficiado em 2018 por uma conjunção feliz para ele, em que a debacle da esquerda, desestabilizada pelo desastre ético lulopetista e pela teimosia do ex-presidente Lula em continuar dono do PT, somada à falta de nomes para ocupar espaços no centro, permitiu a sua eleição, com a ajuda de muitos que usaram o voto para punir o PT. (O Globo, Bolsonaro atenta contra a Constituição, 27/3/2020)

Por outro lado, no macrotema *Agenda econômica*, embora o discurso majoritariamente não seja populista (88,4%), o enquadramento *Antielites* aparece em 7,1% dos casos, refletindo narrativas contra classes privilegiadas, localizadas nos militares e servidores públicos. O *framing Apelo ao povo* (3,2%) é seguido pelo *Nós x eles* (1,3%). Dos resultados, inferimos que as agendas que envolvem análises sobre conflitos e meandros da política, *Casos de corrupção* e *Disputas Políticas*, são as que mais tendem à ocorrência do enquadramento populista.

Para quem consulta sem qualquer viés político e corporativista os números previdenciários e as discrepâncias existentes entre as categorias — em que ficam evidentes os privilégios dos servidores públicos em geral —, é evidente que esta reforma, se for bem-feita, ajudará mais a distribuir melhor a renda no país do que muito programa dito social. (O Globo, Bolsonaro faz o certo ao optar pela reforma ampla, 1/2/2019)

A diferença, desta vez, é que o corporativismo da elite do funcionalismo pode contar com a ajuda, aparentemente involuntária, do presidente da República. Foi assinado por ele o projeto que pretende elevar a remuneração dos militares, generoso a ponto de praticamente esterilizar a poupança esperada com as novas regras propostas para as pensões. (Folha de S. Paulo, Certa deterioração, 24/3/2019)

São essas elites políticas, portanto, as responsáveis por incitar uma polarização que não encontra ressonância real senão entre os extremistas — que, pelo barulho que fazem, acabam por ganhar visibilidade e dar a impressão de que falam por muitos. (O Estado de S. Paulo, Cooperação não é utopia, 1/1/2021)

Esses dados mostram que a ocorrência do *media populism* não é um fenômeno uniforme e depende do contexto temático. Enquanto algumas agendas favorecem a polarização, outras a evitam, seja por estratégia comunicacional, seja pela natureza do assunto. A análise reforça que, mesmo em governos populistas, nem todos os temas são abordados da mesma forma — e entender essas variações é essencial para desvendar como o populismo se manifesta na prática.

Na Tabela 11, a análise dos dados revela um padrão claro de variação na ocorrência de enquadramentos populistas nos editoriais dos *quality papers* ao longo de três períodos críticos de uma administração: 100 primeiros dias de governo, 100 dias na pandemia e 100 últimos dias da gestão Bolsonaro, e revela a adaptabilidade ao tema e ao contexto dos elementos do fenômeno também nos veículos de comunicação.

Tabela 11 – Relação entre período e a ocorrência do enquadramento populista

		Populismo como enquadramento			
		Não recorre	Recorre ao apelo ao povo	Recorre ao Nós x eles	Recorre a Antielites
Período analisado	100 primeiros dias	81,7%	6,6%	5,2%	6,6%
	100 dias na pandemia	92,0%	3,8%	2,4%	1,7%
	100 últimos dias	91,2%	6,1%	2,2%	0,6%

Fonte: A autora.

Nos 100 primeiros dias de governo, observa-se o uso mais intenso da retórica populista, com 18,4% dos editoriais com enquadramentos principais alinhados aos elementos dessa retórica. Entendemos que a frequência do uso dos *framings* de *Apelo ao povo* e *Antielites* (6,6%) e *Nós x eles* (5,2%) podem revelar a estratégia dos jornais de estabelecer conexão com a audiência, ao adotarem na narrativa temas que pairavam na sociedade brasileira, por conta da crise política e econômica que deu as bases, por exemplo, para a ascensão do populismo de extrema direita no país, demarcar o posicionamento político com relação ao governo e deslegitimar a gestão anteriormente eleita, como revelam os trechos de texto a seguir.

A sociedade foi fraturada pela cizânia promovida a método de governo pelas hostes lulopetistas e as contas públicas foram carcomidas pela incúria e pelo populismo desbragado da presidente cassada Dilma Rousseff. (O Estado de S. Paulo, Desassossego, 13/1/2019)

A fragilidade do atual processo de recuperação econômica constitui fenômeno ainda não inteiramente compreendido. Boa parte do pandemônio provocado pelo governo de Dilma Rousseff (PT), afinal, já foi revertido. (Folha de S. Paulo, Otimismo diluído, 9/4/2019)

Notamos a mudança no cenário durante os 100 dias na pandemia, quando o número de editoriais com enquadramentos populistas como preponderantes sofre redução drástica, aparecendo em apenas 7,9%, na soma da ocorrência dos *framings* populistas, dos textos analisados. Os dados sugerem que, na situação de crise acentuada, os *quality papers* podem ter evitado ainda mais o uso desses elementos nas análises sobre o Governo Bolsonaro.

Nos 100 últimos dias de governo, os dados mostram um padrão interessante na ocorrência de enquadramentos populistas nos editoriais dos três jornais. Enquanto o *framing* de *Apelo ao povo* se mantém em nível moderado (6,1%), as críticas a elites desaparecem completamente, e os argumentos relacionados à retórica *Nós x eles* reduzem de forma significativa (2,2%). A partir dessa configuração, podemos inferir que os editoriais passam a convocar os cidadãos no momento marcado pela disputa eleitoral, abandonando as críticas às elites do país, uma vez que a possibilidade de mudança de governo abre o momento para discutir agendas que são de interesse das empresas de comunicação. Todavia, a análise dos textos indica o encaminhamento de redução do discurso de polarização, como revelam os trechos de editoriais a seguir.

Como o sol aparece todas as manhãs no leste, as escolhas da soberania popular serão apuradas com eficiência e respeitadas, e os eleitos tomarão posse e exercerão seus mandatos nos limites da lei. Vida longa à democracia brasileira. (O Estado de S. Paulo, Às urnas cidadãos, 2/10/2022)

Seja qual for a escolha do eleitorado, a Folha se compromete a fazer uma cobertura crítica ao próximo governo. E a zelar pela democracia. (Folha de S. Paulo, Uma eleição crucial, 30/10/2022)

Neste ano, a inflação caiu e o emprego cresceu com força. Trata-se de um legado a preservar, para o bem-estar social e a despeito do retrocesso civilizatório a ser revertido ao redor — tendo em mente que agenda econômica nenhuma compensa ou justifica a corrosão da democracia. (O Globo, Bolsonaro fora, 31/12/2022)

Por fim, a Tabela 12 traz a localização dos enquadramentos populistas presentes no editorial na definição dos *framings*, revelando a utilização estratégica desses recursos pelos *quality papers*.

Tabela 12 – Ocorrência do enquadramento populista e a definição do *framing* (Entman, 2004)

		Populismo como enquadramento			
		Não recorre	Recorre apelo ao povo	Recorre nós x eles	Recorre antielites
Definição do Enquadramento	Não se aplica	99,8%	0,2%	0	0
	Definição do problema	26,7%	33,3%	33,3%	6,7%
	Causa do problema	15,4%	7,7%	30,8%	46,2%
	Julgamento moral	4,3%	47,8%	23,9%	23,9%
	Soluções indicadas	0	63,6%	18,2%	18,2%

Fonte: A autora.

Localizados com mais ocorrência em *Definição do problema*, observa-se uma distribuição equilibrada entre os principais enquadramentos populistas. Tanto o *Apelo ao povo* quando *Nós x eles* aparecem em 33,3% dos casos, enquanto o *framing Antielites* ocorre em 6,7%. Essa distribuição relativamente homogênea sugere que, ao identificar problemas, o discurso populista recorre simultaneamente à mobilização da identidade popular e à demarcação de campos antagônicos na sociedade.

Nos enquadramentos localizados na definição de causas do problema, o padrão muda radicalmente, com o *framing* *Antielites* dominando (46,2% dos casos); o *Nós x eles* ocorre em 30,8%; e *Apelo ao povo* aparece em 15,4% dos editoriais analisados. Essa configuração revela que, ao explicar as origens dos problemas, os jornais tendem a atribuir culpa às elites, reduzindo significativamente o apelo direto ao povo como referência, como já identificado.

Entre os *framings* que ocorreram no julgamento moral dos jornais nos editoriais, o enquadramento *Apelo ao povo* assume a liderança (47,8% das ocorrências), seguido por *Antielites* e *Nós x eles* (23,9%). Esse padrão indica que, ao fazer avaliações éticas, os jornais se apoiaram no ideal de vontade popular como critério moral fundamental para as análises sobre o Governo Bolsonaro e podem ter utilizado a crítica às elites e à polarização como recurso complementar.

Finalmente, nos *framings* localizados como soluções indicadas, *Apelo ao povo* alcança o ápice (63,6% dos casos), enquanto *Nós x eles* e *Antielites* aparecem em 18,2% das ocorrências cada. Essa distribuição demonstra que, ao propor ações e medidas, os jornais podem ter recorrido à legitimidade popular como fundamento principal, mantendo os outros elementos como coadjuvantes.

Em conclusão, as análises sugerem que os jornais modularam o uso dos enquadramentos populistas de forma estratégica, utilizando esses *framings* na cobertura editorial para definir problemas, atribuir às elites, principalmente políticas, as causas dos problemas em questão, bem como se fiando do apelo ao povo para tecer juízos morais e indicar as soluções populares para os problemas do Governo Bolsonaro, adaptando a mensagem às diferentes necessidades argumentativas comuns da cobertura do Executivo federal.

CONCLUSÕES

O *media populism* nos três *quality papers* brasileiros é minoritário no período analisado, mas estratégico. Essa afirmação resume os resultados da análise da ocorrência dos enquadramentos populistas nos editoriais publicados pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* em 300 dias do governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

Por meio da análise de 681 textos publicados em três períodos decisivos para a gestão – 100 primeiros dias, 100 dias na pandemia da Covid-19 e 100 últimos dias –, identificamos nos *framings* presentes nos editoriais desses veículos para a definição das causas do problema do julgamento moral e da indicação de recomendações (Entman, 1993; 2004) as ideias centrais relacionadas aos elementos de apelo ao povo, “nós x eles”, reforço ao sentimento antielite e *antiestablishment* (Laclau, 2013; Mudde Kaltwasser, 2017).

Compreendemos “populismo” como discurso (Jagers; Walgrave, 2007) e estratégia de conteúdo e estilo de comunicação (Vreese *et al.*, 2018), com potencial para ser operacionalizado por diferentes atores políticos em comunicados com o público, seja por meio das mídias sociais ou da mídia (Mazzoleni, 2004; Kramer, 2014). Entendendo os veículos de comunicação como atores políticos (Eberwein; Porlezza; Splendore, 2015; Cook, 2011), discutimos a elaboração de enquadramentos noticiosos de referencial populista nos editoriais, tendo como contexto sócio-histórico a emergência da extrema direita na política nacional.

Para a proposta metodológica, relacionamos a compreensão da definição dos enquadramentos de Entman (2004; 1993) com a visão de Gamson e Modigliani (1989) dos *framings* como pacotes interpretativos elaborados e utilizados pelos meios para retratar a cultura política sobre um tema, para a audiência, para investigar a ocorrência de enquadramentos populistas nos editoriais dos jornais.

O estudo dos três principais jornais do país – *O Estado de S. Paulo* (*Estadão* ou OESP), *Folha de S. Paulo* (*Folha* ou FSP) e *O Globo* (OG) – revela padrões distintos na adoção de elementos da retórica populista nos editoriais. A análise permite compreender que, se nos argumentos predominantes nos textos, os *quality papers* evitam enquadramentos relacionados ao fenômeno, a ocorrência de elementos como apelo ao povo e discurso “nós x eles” e antielite revela estratégias discursivas que merecem observação.

Dos resultados, notamos que o OESP se destaca como o veículo que mais recorre a elementos populistas nos editoriais, mas também é aquele com maior número de textos analíticos sobre as ações do Executivo federal durante o Governo Bolsonaro. Entendemos que

esse padrão pode ser indicativo de que o jornal elabore identificação com o povo brasileiro construído de forma idealizada e que, para defender suas agendas de interesse, estimule debates entre ideias antagônicas, refletindo uma linha editorial mais engajada em determinados temas políticos.

O jornal *O Globo* apresenta perfil intermediário no que diz respeito à ocorrência de enquadramentos populistas nos editoriais sobre o Governo Bolsonaro. Contudo, chama atenção a ocorrência do *framing* relacionado às narrativas críticas às elites, registrada em proporção superior com relação aos outros jornais. Essa leitura pode indicar uma postura editorial mais voltada para o questionamento de estruturas de poder estabelecidas no país sem, no entanto, se colocar como parte dela e necessariamente recorrer a outros elementos populistas como argumento central das análises realizadas nos editoriais.

Em contraste marcante, a FSP aparece como o veículo que menos adotou enquadramentos populistas nos editoriais analisados. Destaca-se a baixíssima ocorrência do *framing* relacionado à retórica “nós x eles”, o que pode indicar a postura do veículo de evitar polarizações na análise sobre as medidas do governo federal na amostra analisada, mantendo um discurso descritivo do cenário e que, ainda que exista julgamento moral sobre os fatos, não apela ao uso do populismo numa tentativa de criar padrões de identificação com a audiência.

É importante destacar que, na análise focada nos períodos estudados – 100 primeiros dias de governo, 100 dias durante a pandemia e 100 dias finais de mandato de Bolsonaro –, o uso dos enquadramentos populistas pelos *quality papers* se adaptou estrategicamente aos momentos mais nevrálgicos do governo. Isso porque cada uma marca ciclos do governo em que a temperatura da opinião pública se alterou, impactando a cobertura editorial do cenário.

Por fim, salientamos que a busca por identificar o *media populism* nos principais jornais brasileiros revelou que o uso de argumentos alinhados à retórica populista não é aleatório e busca padrões que reflitam as identidades editoriais dos veículos analisados. Entendemos que esse processo pode impactar a forma como a audiência interpreta os fatos analisados nos editoriais, levantando questões sobre como os padrões de ocorrência da retórica populista nos textos que carregam as opiniões dos jornais podem intensificar ou em diferentes contextos políticos, abrindo possibilidades de novas investigações.

Isso porque entendemos que o debate sobre a ocorrência do fenômeno do *media populism* na imprensa brasileira, em um contexto sociopolítico de um governo populista de extrema direita, necessita de contribuições ainda mais diversas sobre cenário e implicações do fenômeno no país, a partir de uma perspectiva histórica.

Esta pesquisa tornou possível perceber que os jornais presumem que os ideais do populismo também são compartilhados pela audiência, que no caso dos editoriais é composta por formadores de opinião, com relação aos temas tratados. Então, os *quality papers* parecem se dedicar a assumir o papel de porta-vozes dos sentimentos da população brasileira, podendo chegar próximo aos limites democráticos no exercício de fiscalizar os políticos e poderes da república (Krämer, 2014).

Essa percepção é resultado da análise dos enquadramentos populistas na cobertura editorial e se assemelha aos resultados alcançados por estudos sobre a atuação dos veículos de comunicação do país na cobertura do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, que discutimos nesta pesquisa como referência metodológica, como Guerreiro, Guazina e Le Cam (2025), Guazina, Araújo e Prior (2018), Prudêncio, Rizzoto e Sampaio (2017), Rizzotto, Antonelli e Ferracioli (2017), entre outros.

As hipóteses da pesquisa se confirmam em parte, pois os resultados revelam que os *quality papers* operacionalizaram, por meio dos enquadramentos, discursos populistas de apelo ao povo, reforço ao sentimento “nós x eles”, antielite e *antiestablishment* na cobertura editorial sobre o Governo Bolsonaro. Dessa forma, configurou o *media populism* como estratégia dos veículos para fiscalizar o Executivo federal, desempenhando o papel político da mídia.

A pesquisa atingiu os objetivos de mapear a ocorrência do discurso populista na cobertura editorial no período estudado por meio da análise dos enquadramentos, verificando como foram empregados pelos jornais como pacotes interpretativos (Gamson; Modigliani, 1989), na medida em que revelou que a ocorrência do *media populism* na cobertura se realizou de forma uniforme, mas dependeu da agenda em debate nos textos. Os resultados ainda revelam que, enquanto algumas questões tratadas pelos jornais tendiam a favorecer a polarização, outras evitavam estimulá-la, indicando que, mesmo em governos com traços populistas, os temas não são abordados pelos noticiários da mesma forma.

A ocorrência do *media populism* também se confirma na análise da ocorrência do fenômeno nos três períodos analisados. Nos 100 primeiros dias de governo, observa-se o uso mais intenso da retórica populista, revelando a estratégia dos jornais de estabelecer uma conexão com a audiência em resposta ao sentimento de que a eleição de Jair Bolsonaro colocava fim à crise política e econômica que o país vivia, uma vez que a agenda política apresentada pelo ex-presidente, quando candidato ao pleito de 2018, indicava medidas que dariam conta do cenário com bases neoliberais alinhadas às agendas históricas da grande imprensa.

Por outro lado, durante os 100 dias na pandemia, a ocorrência de enquadramentos populistas nos editoriais sofre uma redução e pode sugerir que, em situações de crise acentuada, os jornais podem ter evitado ainda mais o uso desses elementos nas análises sobre o Governo Bolsonaro.

Nos 100 últimos dias de governo, que inclui a derrota de Bolsonaro no pleito de 2022, apenas o *framing* de apelo ao povo se mantém nos mesmos níveis dos outros períodos nos jornais analisados. Com base nos resultados, inferimos que os *quality papers* passaram a concentrar a convocação à ação cidadã, estimulada pelo pleito iminente, a indicar o entendimento da provável mudança de governo como oportunidade de as empresas de comunicação apresentarem nos editoriais suas agendas de interesse ao próximo presidente do país.

Os resultados da pesquisa nos levam a ainda refletir sobre a retórica populista como característica dos veículos de comunicação, uma vez que ilustra um panorama em que os jornais tanto defendem a democracia como convivem com mecanismos que se sustentam em narrativas de ruptura deste modelo como o populismo de extrema direita no Brasil, que compõe o contexto histórico desta análise.

Uma vez que, em Laclau (2013) compreendemos como característica do populismo a possibilidade de transformar demandas de determinados grupos em pleitos da sociedade, à medida que os veículos de comunicação fizeram uso estratégico da retórica na cobertura editorial do governo Bolsonaro, se fizeram valer desta possibilidade para angariar apoio popular às agendas criticadas nesses textos. Assim, identificamos que o *media populismo* nos veículos analisados alinha-se à perspectiva do fenômeno como ideologia afinada (Mudde; Kaltwasser, 2017), uma vez que utiliza marcos do discurso populista como estratégia de comunicação política (Jagers; Walgrave, 2000).

A retórica populista pode ser vista tanto nos textos com críticas negativas à gestão bolsonarista como aqueles que demonstram certo apoio às agendas de governo. Ainda que na agenda econômica, por exemplo, possamos considerar a busca de apoio popular vinculada, principalmente, ao compromisso dos jornais com a defesa histórica das pautas de interesse das elites financeiras e alinhadas ao neoliberalismo, nos textos negativamente críticos à Bolsonaro, que são majoritários nesta análise, também estão compostos por temas de interesse da maioria da população.

Nesses casos, como revelam as reflexões de Krämer (2014), a ocorrência do *media populism* reside nos discursos destinados à audiência dos veículos que indicam o favoritismo a

determinados grupos políticos, como as elites financeiras; e promoção de hostilidade contra outros, como políticos e agendas alinhadas às esquerdas; afastamento das instituições da democracia representativa e do Estado, apelo aos sentimentos da população, entre outros.

Podemos afirmar que os editoriais importam à luta política, à medida que podem operar como canal entre as elites financeiras e midiáticas e os personagens em disputa neste campo. Sabemos, como já discutido nos capítulos anteriores, que esses textos não são voltados ao grande público consumidor de notícias, mas para audiências e finalidades específicas. O uso da retórica populista também pode servir como estratégia dos jornais para se colocarem, também no espaço editorial, como porta-vozes dos sentimentos da sociedade contra a classe política alheia à vida real da população, conforme elabora Krämer (2014).

Nesse sentido, a identificação de Mazzoleni (2014), sobre quatro fases do populismo mediatizado, os resultados da análise dos editoriais dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* relevam que os textos estão inseridos no que o autor sugere como fase Estabelecida, ao tentarem cobrar de Bolsonaro comportamentos que consideravam necessários para solucionar os problemas do país, identificado nas análises dos editoriais publicados nos primeiros 100 dias de governo; e de Declínio, quando passaram a aprofundar as críticas à gestão; agenda ideológica; membros do governo e às denúncias de corrupção e favorecimento a membros da família e aliados políticos.

A partir dessa leitura, também é possível depreender que a imprensa brasileira se institucionalizou para dar conta do cenário político atípico, até aquele momento, de um líder de extrema direita como chefe do Executivo brasileiro. Os resultados da análise mostram esse movimento nos momentos em que recorreu à retórica populista para defender posicionamentos, refletindo tanto a identidade editorial dos veículos como agendas de interesse tanto das elites econômicas e, muitas vezes, da população brasileira, principalmente no contexto de crise aguda provocada pela pandemia da Covid-19.

Destacamos ainda que o *media populism* é um conceito que não se encerra nesta tese, mas que está em construção, oferecendo múltiplas possibilidades de análise no campo da Comunicação e Política. São estudos importantes, por exemplo, aqueles dedicados à cobertura noticiosa dos efeitos de medidas de governos populistas em temas como direitos humanos, imigração e economia; como os veículos de comunicação se aproveitam da ruptura da ordem, comum às notícias e editoriais sobre lideranças populistas, na escolha dos conteúdos a serem publicados em seus perfis na plataforma X. Ainda é uma análise possível a comparação entre a

ocorrência do *media populism* em momentos específicos e semelhantes dos governos do ex-presidente Bolsonaro e do presidente em exercício Luiz Inácio Lula da Silva.

Ressaltamos que o estudo apresenta limitações que devem ser consideradas para a compreensão dos resultados apresentados. Embora o *corpus* inicial seja de 3.423 textos publicados nos quatros anos do Governo Bolsonaro, a investigação foi realizada com 681 textos, aproximadamente 20% do total, em três momentos considerados mais críticos da gestão. Acreditamos que o *corpus* analisado oferece caminhos para entender a cobertura editorial do período, mas não esgota as possibilidades de investigação sobre a ocorrência do *media populism* em outros momentos da gestão bolsonarista.

Assim, a identificação dos enquadramentos populistas pelos jornais chama para a necessidade de aprofundamento do debate sobre as possibilidades de que a emergência da extrema direita no Brasil tenha contribuído para que a mídia adotasse esses *framings* com o fim de apresentar suas opiniões, por meio dos editoriais, e defender pautas de interesse, alinhadas com a agenda do Governo Bolsonaro ou que por ele poderiam estar ameaçadas.

Todavia, não temos por objetivo afirmar que o contexto sócio-histórico brasileiro motiva o fenômeno do *media populism* nos *quality papers* do país, ainda que os resultados da análise teste sinalizem para a ocorrência do fenômeno. Por outro lado, é importante notar como os meios, além de recorrer ao apelo ao povo, também preenchem a “concha vazia” com outros elementos ideológicos relacionados ao populismo, como antagonismo, reforço ao sentimento antielite e *antiestablishment*, mesmo o jornalismo se configurando como uma das instituições mais consolidadas do sistema que ensaia enfrentar.

REFERÊNCIAS

AGGIO, Camilo; VAZ, Geraldo Frances Fonseca; DECASTRO, Thomaz Moreira Arantes. As lives no pico. **Revista Compolítica**, v. 12, n. 1, p. 5, 2022.

ALBUQUERQUE, Afonso. Populismo, elitismo e democracia: reflexões a partir da Operação Lava Jato. **Mediapolis: Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, Coimbra, n. 12, p. 17-30, 2020.

ALBUQUERQUE, Afonso. Protecting democracy or conspiring against it? Media and politics in Latin America: A glimpse from Brazil. **Sage Journals**, v. 20, n. 7, p. 906-923, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1464884917738376>. Acesso em: 20 abr. 2025.

ALBUQUERQUE, Afonso de. On Models and Margins: Comparative Media Models Viewed from a Brazilian Perspective. In: HALLIN, D. C.; MANCINI, P. (eds.). **Comparing media systems beyond the western world**. New York: Cambridge University Press, 2012. p. 72-95. DOI: 10.1017/CBO9781139005098.006.

ALBUQUERQUE, Afonso de. A modernização autoritária do jornalismo brasileiro. **Alceu**, v. 10, n. 20, p. 100-115, 2010.

ALBUQUERQUE, Afonso de. Another ‘Fourth Branch’: Press and political culture in Brazil. **Journalism**, v. 6, n. 4, p. 486-504, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1177/1464884905056817>.

ARAÚJO, Bruno; PRIOR, Helder. Framing Political Populism: the role of the media in framing the election of Jair Bolsonaro. **Journalism Practice**, v. 15, p. 226-242, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/17512786.2019.1709881>.

ARES, Graziela *et al.* Memória e desinformação: os ataques da extrema-direita às universidades brasileiras. **Relações Internacionais**, n. 73, p. 53-66, 2022.

AZEVEDO, Fernando. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, v. 12, n. 1, p. 88-113, 2006.

AZEVEDO, Rita. Setembro de 2015: Bolsonaro chama refugiados de “escória do mundo”. **Revista Exame**, 2015. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

BIROLI, Flávia. Técnicas de poder, disciplinas do olhar: aspectos da construção do “jornalismo moderno” no Brasil. **História**, v. 26, n. 2. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742007000200007>.

BONONE, Luana M. Construção de método para pesquisas de Frame Analysis. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 78-87, fev. 2017. ISSN 1984-6924.

BRASIL. Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº

11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 nov. 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm. Acesso em: 21 abr. 2025.

BRONZE, Ana Paula; RIBEIRO, Vasco. A matriz do comportamento do político populista: uma perspectiva da ascensão do bolsonarismo no Brasil. **Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, nº 12, p. 83-99, 2020. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-6019_12_5.

CAMARGO PENTEADO, Claudio Luis *et al.* Populismo, desinformação e Covid-19: comunicação de Jair Bolsonaro no Twitter. **Media & Jornalismo**, v. 22, n. 40, p. 239-260, 2022.

CAMPOS, Luiz Augusto. A identificação de enquadramentos através da análise de correspondências: um modelo analítico aplicado à controvérsia das ações afirmativas raciais na imprensa. **Opinião Pública**, v. 20, n. 3, 2014. <https://doi.org/10.1590/1807-01912014203377>.

CANOVAN, Margaret. Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy. **Political Studies**, v. 47, n. 1, p. 2-16, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9248.00184>.

CAPDEVILA, Luc; VERGNIOLE, François; VINEL, Jean-Christian. Populismos nas Américas. **IdeAs – Open Edition Journals**, v. 14, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4000/ideas.6968>.

CASARÕES, Guilherme; MAGALHÃES, David. The hydroxychloroquine alliance: how far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug. **Revista de Administração Pública**, v. 55, n. 1, p. 197-214, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-761220200556>.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232>.

CHADWICK, Andrew. **The hybrid media system**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

CHAGAS-BASTOS, Fabrício H. “Political Realignment in Brazil: Jair Bolsonaro and the Right Turn”. **Revista de Estudios Sociales**, p. 69, p. 92-100, 2019. DOI: <https://doi.org/10.7440/res69.2019.08>.

DE PAULA, Camila Mont'Alverne Barreto. **Qual reforma política se debate no Brasil?** Um estudo sobre a cobertura noticiosa e editorial da Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo (1989-2017). Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2021. (Tese; v. 1).

DIAS, Tairine; Von Bülow, Marisa; GOBBI, Daniel. Populist Framing Mechanisms and the Rise of Right-wing Activism in Brazil. **Latin American Politics and Society**, v. 63, n. 3, p. 69-92, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1017/lap.2021.22>.

EBERWEIN, Tobias; PORLEZZA, Colin; SPLENDORE, Sergio. Verbete “Media as political actors”. In: MAZZOLENI, Gianpietro. (ed.). **The International Encyclopedia of Political Communication**. 1. ed. London: Wiley-Blackwell, 2015, p. 1-9.

ENTMAN, Robert M. **Projections of power**: Framing news, public opinion, and US foreign policy. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

ENTMAN, Robert M.; USHER, Nikki. Framing in a fractured democracy: Impacts of digital technology on ideology, power and cascading network activation. **Journal of Communication**, v. 68, n. 2, p. 298-308, 2018.

ENTMAN, Robert M.; ROJECKI, Andrew. Freezing out the public: elite and media framing of the U.S. anti-nuclear movement. **Political Communication**, v. 10, n. 2, p. 155-173, 1993.

FIRMSTONE, Julie. Editorial Journalism and Newspapers’ Editorial Opinions. **Oxford Research Encyclopedia of Communication**. Published online March 2019. DOI: <https://dx.doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.803>.

FISCHER, Sandra; VAZ, Aline. Populismo no Brasil de contrapositores: manipulação do autêntico e profanação do contrário. Agenda Política. **Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos**, São Carlos, v. 8, n. 1, p. 131-156, 2020. DOI: <https://doi.org/10.31990/10.31990/>.

FONSECA, Francisco. O conservadorismo patronal da grande imprensa brasileira. **Opinião Pública**, v. 9, n. 2, p. 73-92. 2003). DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-62762003000200004>.

FONTES, Giulia. **Populismo e autoridade jornalística**: Uma análise de editoriais e notícias publicados durante a primeira metade do governo Bolsonaro. 2022. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2022.

GAGLIARDI, Juliana; GUAZINA, Liziane; DE ALBUQUERQUE, Afonso. “Supreme Is the People”–Populist Elements. Media, **Populism and Hate Speech**, v. 6, p. 98, 2025.

GALITO, Maria S. **Populismo**: conceptualização do fenómeno. Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento (CEsA), n. 158, 2017. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/14156/1/wp158.pdf>. Acesso: 13 maio 2022.

GAMSON, William.; MODIGLIANI, Andre. Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. **American Journal of Sociology**, v. 95, p. 1-37, 1989.

GIELOW, Igor. Lula chega a 39%, aponta Datafolha; sem ele, Bolsonaro lidera. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22.08.2018. Pesquisas eleitorais. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/lula-chega-a-39-aponta-datafolha-sem-ele-bolsonaro-lidera.shtml>. Acesso em: 14 abr. 2024.

GITLIN, Todd. **The whole world is watching** – mass media in the making & unmaking of the New Left. Berkeley: University of California Press, 1980.

GOÊS, Bruno; LINDNER, Julia. Ministério da Defesa lidera verba para investimentos em 2022. **O Globo**, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/ministerio-da-defesa-lidera-verba-para-investimentos-em-2022-25329706>. Acesso em: 25 ago. 2022.

GOMES, Wilson. Por que a comunicação é tão importante quando se pensa a democracia?. In: MENDONÇA, Ricardo; CUNHA, Eleonora. (org.). **Introdução à Teoria Democrática**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2018, p. 334-340.

GOYANES, Manuel; PIÑEIRO-NAVAL, Valeriano. Análisis de contenido en SPSS y KALPHA: Procedimiento para un Análisis Cuantitativo Fiable con la Kappa de Cohen y el Alpha de Krippendorff. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, v. 30, n. 1, p. 125-142, mar. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5209/esmp.92732>.

GRAGNANI, Juliana. O que é 'globalismo', termo usado pelo novo chanceler brasileiro e por Trump?. **BBC Brasil**. Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46786314>. Acesso em: 25 ago. 2022.

GUAZINA, Liziane; SOUSA-SILVA, Mara Karina; SANTOS, Ébida *et al.* Análise exploratória da comunicação do governo federal a partir de três princípios da comunicação pública. In: JORGE, Thaís Mendonça. (org.). **Desinformação: O mal do século – Distorções, inverdades, fake news: a democracia ameaçada**. Brasília: Supremo Tribunal Federal/Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2023.

GUAZINA, Liziane. Populismos de direita e autoritarismos: apontamentos teóricos para estudos sobre a comunicação populista. **Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, n. 12, p. 49-66, 2021. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-6019_12_5.

GUAZINA, Liziane; PRIOR, Hélder; ARAÚJO, Bruno. Framing of a Brazilian Crisis: Dilma Rousseff's Impeachment in National and International Editorials, **Journalism Practice**, 2018. DOI: 10.1080/17512786.2018.1541422.

GUERREIRO, Ana Gabriela; GUAZINA, Liziane; LE CAM, Florence. The Constructions of "Otherness" Through the Mainstream Media: The Normalization of Jair Bolsonaro's Far-Right Discourse by Brazilian Newspapers. In: **The Palgrave Handbook on Right-Wing Populism and Otherness in Global Perspective**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2025. p. 181-202.

HALLIN, Daniel; MANCINI, Paolo. Ten Years After Comparing Media Systems: What Have We Learned? **Political Communication**, v. 34, n. 2, p. 155-171, 2017. DOI: 10.1080/10584609.2016.1233158.

HALLIN, Daniel; MANCINI, Paolo. **Comparing Media Systems: Three Models of Media and Politics**. New York, NY: Cambridge University Press, 2004.

HALLIN, Daniel. **We keep America on top of the world**. New York: Routledge, 1994.

HAMELEERS, Michael; BOS, Linda; DE VREESE, Claes H. "They Did It": The effects of emotionalized blame attribution in populist communication. **Communication Research**, v. 44, n. 6, p. 870-900, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/0093650216644026>.

HUNTER, Wendy; POWER, Timothy J. Bolsonaro and Brazil's Illiberal Backlash. **Journal of Democracy**, v. 30, n. 1, p. 68-82, 2019. DOI:10.1353/jod.2019.0005.

JAGERS, Jan; WALGRAVE, Stefaan. Populism as political communication style: An empirical study of political parties' discourse in Belgium. **European Journal of Political Research**, v. 46, n. 3, p. 319-345, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1475-6765.2006.00690.x>.

KAHNEMAN, Daniel; TVERSKY, Amos. The framing of decisions and the psychology of choice. In: ELSTER, J. (ed.). **Rational choice**. New York: New York University Press, 1986. p. 123-141.

KALIL, Isabela. As origens do bolsonarismo. **Revista Época**, 13/12/2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/isabela-kalil/as-origens-do-bolsonarismo-1-24134678>. Acesso em: 13 jun. 2022.

KRÄMER, Benjamin. Media populism: A conceptual clarification and some theses on its effects. **Communication Theory**, v. 24, n. 1, p. 42-60, 2014.

KUHN, Raymond. The first Blair government and political journalism. In: KUHN, Raymond; NEVEU, Erick. (org.). **Political Journalism: New challenges, new practices**. London: Taylor and Francis, 2004, p. 65-86.

KUHN, Raymond; NEVEU, Erik. (org.). **Political journalism: New challenges, new practices**. London: Taylor and Francis, 2004.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LAGUNES, Paul; ODILLA, Fernanda; SVEJNAR, Jan. **Corrupção e o escândalo da Lava Jato na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021.

LEITE, Ana Gabriela Guerreiro Viola da Silveira. A normalização do discurso de Jair Bolsonaro pela mídia mainstream brasileira. 2023. **Tese** (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2023.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

LÖWY, Michael. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. (org.). **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 49-54.

MAZUÍ, Guilherme. Jair Bolsonaro é eleito presidente e interrompe série de vitórias do PT. **G1**, 28.08.2018. Eleições 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>. Acesso em: 14 abr. 2024.

MAZZOLENI, Gianpetro; BRACCIALE, Roberta. Socially mediated populism: the communicative strategies of political leaders on Facebook. **Palgrave Communications**, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1057/s41599-018-0104-x>.

MAZZOLENI, Gianpetro. Mediatization and Political Populism. *In*: ESSER, Frank; STRÖMBÄCK, Jesper. **Mediatization of Politics** – Understanding the Transformation of Western Democracies. Palgrave MacMillan, 2014, p. 51-70.

MENDES, André; SILVA, Terezinha. O populismo no Brasil: as estratégias utilizadas por Bolsonaro para chegar ao poder. **Media & Jornalismo**, v. 22, n. 40, p. 79-104, 2022. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-5462_40_4.

MENDONÇA, Ricardo. F.; SIMÕES, Paula. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, p. 187-201, 2012.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 621-648, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004>.

MIGUEL, Luís Felipe. Golpe. *In*: **O Blog do Demodê**. 5 de março de 2018. Disponível em: <https://grupo-demode.tumblr.com/post/171564606847/golpe>. Acesso em: 15 jul. 2022.

MONARI, Ana Carolina Pontalti *et al.* Legitimando um populismo anticiência: análise dos argumentos de Bolsonaro sobre a vacinação contra Covid-19 no Twitter. **Liinc em Revista**, v. 17, n. 1, p. e5707-e5707, 2021.

MONT'ALVERNE, Camila; MARQUES, Francisco; PAULO, J. A. A opinião da empresa no jornalismo brasileiro: Um estudo sobre a função e a influência política dos editoriais. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 12, n. 1, p. 121-137, 2015.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, C. Rovira. What is populism. *In*: **Populism**: a very short introduction. Nova York, Oxford University Press, 2017, p. 1-20.

MUDDE, Cas. **Populist Radical Right Parties in Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MUDDE, Cas. **The Far Right Today**. Cambridge: Polity Press, 2019.

NASCIMENTO, Leonardo; ALECRIM, Mylena; OLIVEIRA, Jéfte; OLIVEIRA, Mariana; COSTA, Saulo. “Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”: 30 anos (1987-2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais brasileiros. **Plural**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 135-171, 2018. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2018.149019.

NORRIS, Pippa; INGELHART, Ronald. **Cultural Backlash**: Trump, Brexit and Authoritarian Populism. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

OLIVEIRA, Pedro P. A “ideia plana” e a repulsa ao Outro: o caso Bolsonaro(s). **Mediapolis** – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público, n. 12, p. 67-81, 2020. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-6019_12_4.

OLIVEIRA, Bruna Silveira de; MAIA, Rousiley. Redes bolsonaristas: ataque ao politicamente correto e conexões com o populismo autoritário. **Confluências**, Niterói, v. 22, n. 3, p. 83-114, dez. 2020/mar. 2021.

PAULINO, Fernando O.; WAISBORD, Silvio. Las narrativas del populismo reaccionario. **Mediapolis** – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público, n. 12, p. 67-81, 2020. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-6019_12_2.

PENTEADO, Claudio Luiz, C.; GOYA, Denise; DOS SANTOS, Patrícia; JARDIM, Luiza. Populismo, desinformação e Covid-19: comunicação de Jair Bolsonaro no Twitter. **Media & Jornalismo**, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 239-260, 2022. DOI: 10.14195/2183-5462_40_12.

PERISSINOTTO, Renato. Por que golpe? Texto apresentado em encontro no Instituto de Estudos Sociais e Políticos-UERJ, em 07/10/2016. Disponível em: https://www.academia.edu/29221192/Por_que_golpe. Acesso em: 15 jul. 2021.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A. A. C. (org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador/São Paulo: Edufba/Editora da Unesp, 2004, p. 78-104.

POSTILL, J. Populism and social media: a global perspective. **Media, Culture & Society**, v. 40, n. 5, p. 754-765, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/0163443718772186>.

POZOBON, Rejane de Oliveira; SCHAEFER, Ricardo. Perspectivas contemporâneas das pesquisas sobre enquadramento: uma proposta de sistematização conceitual. **Revista Interin**, v. 19, n. 1, p. 120-136, 2015.

PRUDENCIO, Kelly.; RIZZOTTO, Carla.; SAMPAIO, Rafael. Cardoso. A Normalização do Golpe: o esvaziamento da política na cobertura jornalística do “impeachment” de Dilma Rousseff. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 2, p. 08-36, ago. 2018/nov. 2018.

REBOUÇAS, Hébelly da S.; COSTA, Débora S.; SILVA, Larissa; GONÇALVES, Janayde de C.; NASCIMENTO, Adannick F. Lula e Bolsonaro populistas? A visão de populismo dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo em alusão aos dois presidentes brasileiros. **Revista Media & Jornalismo**, v. 22, n. 40, p. 121-140, 2022. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-5462_40_6.

REDE PENSSAN. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. Rio de Janeiro: Rede PENSSAN, 2022. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2024.

REESE, Stephen. Prologue – framing public life: a bridging model for media research. In: REESE, Stephen; GANDY JR., Oscar; GRANT, August. (ed.). **Framing public life**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2001. p. 7-31.

REIS, Daniel A. Notas para a compreensão do Bolsonarismo. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 46, n. 1, p. e36709, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2020.1.36709>.

RIZZOTTO, Carla.; ANTONELLI, D.; FERRACIOLI, P. A política nas páginas dos jornais: uma discussão metodológica sobre o enquadramento noticioso. **Alaic – Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 13, n. 24, p. 84-95, 2016.

RIZZOTTO, Carla; PRUDENCIO, Kelly; SAMPAIO, Rafael. Tudo normal: a despolitização no enquadramento multimodal da cobertura do impeachment de Dilma Rousseff. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 39, n. 3, p. 111-130, set./dez. 2017.

SÁ E SILVA, Fabio C. M. From Car Wash to Bolsonaro: Law and Lawyers in Brazil's Illiberal Turn (2014–2018). **Journal of Law and Society**, 47. 10.1111/jols.12250, 2020.

SÁ E SILVA, Fabio C. M. “Fora STF nasceu com a Lava-Jato”, diz pesquisador que estudou posts de Deltan no Facebook. Agência Pública. **Carta Capital**, 18 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/fora-stf-nasceu-com-a-lava-jato-diz-pesquisador-que-estudou-posts-de-deltan-no-facebook/>.6. Acesso em: 18 ago. 2022.

SALAVERRIA, Ramón. **Redacción periodística en Internet**. Pamplona: EUNSA, 2005.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; SABBATINI, Marcelo; LIMONGI, Ricardo. **Diretrizes para o uso ético e responsável da inteligência artificial generativa: um guia prático para pesquisadores**. Boletim Técnico do PPEC, v. 10, p. e025003-e025003, 2024.

SCHEUFELE, Dietram A. Framing as a Theory of Media Effects, **Journal of Communication**, v. 49, n. 1, p. 103-122, March 1999. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1999.tb02784.x>.

SEIBT, Taís; DANNENBERG, Murilo. Pandemia, desinformação e discurso autoritário: os sentidos das declarações de Jair Bolsonaro no Twitter a partir de checagens do Aos Fatos. **Liinc em Revista**, v. 17, n. 1, p. e5687-e5687, 2021.

SEMETKO, Holli A; VALKENBURG, Patti M. Framing European politics: A content analysis of press and television news. **Journal of Communication**, v. 50, n. 2, p. 93-109, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2000.tb02843.x>.

SILVA, Mayra; RODRIGUES, Theófilo. O Populismo de Direita no Brasil: Neoliberalismo e Autoritarismo no Governo Bolsonaro Right-Wing Populism in Brazil: Neoliberalism and Authoritarianism in the Bolsonaro Government. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, v. 26, p. 86, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2021.1v26n1p86>.

SOUSA-SILVA, Mara Karina. **Muito além das “pedaladas”**: uma análise dos enquadramentos da cobertura política do *site* Deutsche Welle Brasil sobre o *impeachment* de Dilma Rousseff. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2019.

SOUSA, Darcon; SOUSA, Júnior Camilo. Pontos de contato: as relações entre o discurso da extrema-direita e a religiosidade evangélica no Brasil. **MovimentAção**, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 09-21, 2020. DOI: 10.30612/mvt.v7i12.11918.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**: entenda como você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

TAGGART, Paul. Populism and representative politics in contemporary Europe. **Journal of Political Ideologies**, v. 9, n. 3, p. 269-288, 2004. DOI: 10.1080/1356931042000263528.

TANSCHKEIT, Talita. Jair Bolsonaro and the defining attributes of the populist radical right in Brazil. **Journal of Language and Politics**, v. 22, n. 3, p. 324-341, 2023.

TATAGIBA, Luciana. Os protestos e a crise brasileira. Inventário inicial das direitas em movimento. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 11-38, 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **Making The News**, New York: The Free Press, 1978.

TVERSKY, Amos; KAHNEMAN, Daniel. The framing of decisions and the psychology of choice. **Science**, v. 211, n. 4481, p. 453-458, 1981. DOI: <https://doi.org/10.1126/science.7455683>.

VAN DIJK, Teun A. *et al.* Opinions and ideologies in the press. **Approaches to media discourse**, v. 21, n. 63, 1998.

VIMEIRO, A. C; DANTAS, M. “Entre o explícito e o implícito: proposta para a análise de enquadramentos da mídia”. **Revista Lumina**, v. 3, n. 2, p. 01-16, dez. 2009.

VREESE, Claes H.; ESSER, Frank; AALBERG, Toril; REINEMANN, Carsten; STANYER, James. Populism as an Expression of Political Communication Content and Style: A New Perspective. **The International Journal of Press/Politics**, v. 23, n. 4, p. 423-438, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/1940161218790035>.

VREESE, Claes; PETER, Jochen; SEMETKO, Holli. Framing Politics at the Launch of the Euro: A Cross-National Comparative Study of Frames in the News. **Political Communication**, v. 18, n. 2, p. 107-122, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1080/105846001750322934>.

WAISBORD, Silvio. The elective affinity between post-truth communication and populist politics. **Communication Research and Practice**, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/22041451.2018.1428928>.

WALSH, Kenneth. The First 100 Days: Franklin Roosevelt Pioneered the 100-Day Concept. **U.S. News**, 12 February 2009. Disponível em: <https://www.usnews.com/news/history/articles/2009/02/12/the-first-100-days-franklin-roosevelt-pioneered-the-100-day-concept>. Acesso em: 14 abr. 2024.

WEBER, Maria Helena. A perversa narrativa presidencial e a comunicação pública.
Comunicação e política no contexto da pandemia: Breves reflexões, v. 1, p. 31-40, 2021.

APÊNDICE I

LIVRO DE CÓDIGOS

O entrecruzamento entre os conceitos da estratégia metodológica de análise dos enquadramentos presentes nos veículos de comunicação, os elementos teóricos que caracterizam o discurso populista e o populismo bolsonarista, tem como objetivo operacionalizar as categorias para análise dos editoriais dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. A partir desse esforço, o objetivo é identificar se, quando e como os *quality papers* brasileiros recorreram ao uso de elementos da retórica populista na cobertura editorial do Governo Bolsonaro (2019-2022)

Buscamos analisar os *framings* populistas por meio do mapeamento dos argumentos preponderantes que fazem referência aos elementos de *apelo ao povo*, reforço ao sentimento *antielite* e *antiestablishment* e *nós x eles* nos editoriais dos *quality papers* brasileiros. Para isso, usamos como método o roteiro de Entman (2004) para identificar os *framings* que expressam os problemas tratados pelos textos, as causas, o julgamento moral e as indicações de recomendação de tratamento ou solução para os problemas analisados nos textos.

Para a análise que estamos propondo, temos como hipóteses que os *quality papers* inseriram nos editoriais sobre o Governo Bolsonaro enquadramentos populistas, ocasionando o fenômeno do *media populism* (Mazzoleni, 2004), e que podem ter contribuído para a disseminação de discursos presentes na agenda bolsonarista. Compreendemos que a postura da imprensa, nesse caso, por ter sido por meio da normalização do comportamento disruptivo de lideranças do fenômeno, bem como de narrativas que promovem a validação de posicionamentos históricos dos veículos, como a resistência a políticos, partidos e agendas localizadas no espectro político da esquerda progressista. Esses argumentos podem estar centralizados na crítica ao PT e na defesa da lógica neoliberal como orientadora das políticas de governo.

De tal modo, esse exercício teve como base os conceitos apresentados como estratégia metodológica que discutem populismo como enquadramento para elaborar os pacotes interpretativos, em referência às construções teóricas de Gamson e Modigliani (1989), de *apelo ao povo*, “*nós x eles*”, reforço ao sentimento *antielite* e *antiestablishment*, que apresentamos no Quadro 1:

Quadro 1 – Pacotes interpretativos e enquadramentos populistas

Elementos populistas	Apelo ao povo	Nós x eles	Sentimento antielite/antiestablishment
Pacotes interpretativos	Argumentos utilizados pelos <i>quality papers</i> que apresentam como núcleo de sentido o desejo da população, a defesa dos seus interesses e necessidades, inserindo o povo brasileiro como o principal interessado no tema político tratado.	Ocorrem em argumentos nos editoriais que os jornais assumem de forma explícita um dos lados do tema tratado ou se coloca como parte. Também pode ser encontrado em narrativas que comparam o governo Bolsonaro com os governos petistas ou outros adversários políticos, frequentemente do espectro das esquerdas.	Presentes em argumentos dos jornais em que a ideia central é de crítica às elites ou ao <i>establishment</i> , como parlamentares, membros do Judiciário, servidores públicos, entre outros. Ainda pode ser identificado em argumentações críticas ao sistema sociopolítico e ideológico brasileiro ou aos direitos trabalhistas e previdenciários.

Fonte: A autora, com base nos autores teóricos citados.

Em seguida, identificamos nos editoriais que formam o *corpus* as ideias centrais dos argumentos preponderantes utilizados pelos noticiários para expressar as definições para as causas do problema, para o julgamento moral ou indicações de recomendações ou solução para os as questões relacionadas ao Governo Bolsonaro, segundo roteiro de investigação dos *news framings* proposto por Entman (2004).

Por meio desse mapeamento, identificamos os enquadramentos populistas temáticos, que se manifestam nos editoriais analisados e podem ocorrer de forma isolada ou combinada, operando como núcleo de interpretação nos argumentos presentes na cobertura editorial dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* sobre o Governo Bolsonaro, conforme descritos no Quadro 2.

Quadro 2 – Enquadramentos populistas temáticos

Elementos populistas	Apelo ao povo	Nós x eles	Sentimento antielite/antiestablishment
Framings temáticos mapeados na análise teste	Vontade do povo como prioridade	Antipetismo e antiesquerdas	Crítico aos “privilégios” trabalhistas
	Povo como solução dos problemas	Cidadãos x Estado	Crítico à máquina estatal
	Autoridade do povo exercida por meio do voto		Crítico ao sistema político

Fonte: A autora, com base nos autores teóricos citados.

Desta forma, utilizamos os Quadros 1 e 2 como *script* para a identificação dos enquadramentos populistas na cobertura editorial dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de*

S. Paulo e *O Globo*, a partir dos editoriais publicados pelos *quality papers* com análise sobre o governo de Jair Messias Bolsonaro.

De acordo com a proposta teórica que compreende o populismo enquanto discurso e estratégia de comunicação (Canovan, 1999; Jegers; Walgrave, 2007; Mazzoleni, 2014; Vreese *et al.*, 2018), buscamos identificar os enquadramentos populistas como ideias centrais dos argumentos que expressam as definições para as causas dos problemas tratados, o julgamento moral e a recomendação de tratamento ou solução (Entman, 1993; 2004) na cobertura editorial dos jornais.

Para a análise dos editoriais dos jornais *O Estado de S. Paulo* (OESP), *Folha de S. Paulo* (FSP), e *O Globo* (OG) que analisaram o governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, foram coletados 3.423 textos, publicados pelos *quality papers*, entre 1º de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2022, sendo FSP: 1.048; OESP: 1.444; e OG: 931 textos.

Para a coleta, realizada entre abril de 2020 e dezembro de 2022, identificamos o editorial publicado na versão impressa dos noticiários, disponibilizada diariamente pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Jornal Digital* no link: <https://digital.estadao.com.br/>; *Folha de S. Paulo*, *Edição Folha*, no link: <https://acervo.folha.uol.com.br/digital>; e *O Globo*, como *Edição digital* no link: <https://jornaldigital.oglobo.globo.com>. A maior parte dos textos foi coletada dia a dia. Nos casos de textos coletados em datas diferentes, acessamos as versões impressas disponíveis nos acervos digitais dos periódicos.

Desses, foram selecionados para análise neste estudo os editoriais publicados em cada um dos noticiários em três momentos críticos: os 100 primeiros dias de governo (OESP: 123; FSP: 84; e OG: 50); 100 dias durante a pandemia da Covid-19 (OESP: 91; FSP: 73; e OG: 49); e os 100 últimos dias do mandato de Bolsonaro (OESP: 80; FSP: 50; e OG: 51). A escolha dos **Períodos de publicação dos editoriais**, conforme descrito na análise, se deu por representar etapas representativas dos principais acontecimentos do Governo Bolsonaro, dando condições para aferir a relação com a imprensa nos momentos mais nevrálgicos da gestão: o início, a crise na pandemia e o período eleitoral.

Para a identificação dos editoriais que compõem o *corpus* da pesquisa e análise no SPSS, seguimos as seguintes etapas:

- A. Identificação do jornal;
- B. Data de publicação na versão impressa dos *quality papers*;
- C. Título dado pelo jornal ao editorial;
- D. Período de publicação do editorial;

- E. Tipo de editorial;
- F. O enquadramento principal;
- G. Localização do enquadramento principal;
- H. Ocorrência de argumentos alinhados com a retórica populista; e
- I. Localização do enquadramento populista.

Realizamos a análise do *corpus* em quatro etapas: na primeira, identificamos nas versões impressas dos jornais os editoriais que tinham como problema enquadrado a gestão Bolsonaro de 1/1/2019 a 31/12/2022, entre abril de 2020 e janeiro de 2023. Em alguns momentos do período, a coleta se deu diariamente nos três periódicos.

A segunda etapa, de exame dos editoriais, ocorreu entre agosto de 2023 e setembro de 2024 e consistiu na releitura de todo o *corpus* e na limpeza dos editoriais coletados, a fim de que somente os textos expressamente relacionados ao Governo Bolsonaro compusessem o *corpus* analisado. Na terceira etapa, entre dezembro e fevereiro de 2025, realizou-se o recorte do conteúdo a ser analisado, e se chegou aos 681 textos, dos três veículos, publicados em 300 dias de Bolsonaro como chefe do Executivo federal. Em seguida, realizamos a quarta etapa, de análise da ocorrência de enquadramentos populistas na cobertura editorial sobre o governo, aplicando as categorias construídas no *Livro de Códigos*, Apêndice I.

A categoria do *Livro de Códigos* diz respeito à **Identificação do Jornal** e foi cunhada a partir das condições oferecidas pelo *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) para o cruzamento de informações entre os jornais analisados. Dessa forma, foram atribuídos os seguintes códigos, conforme o Quadro 3.

Quadro 3 – Identificação do jornal

Código	Jornais
1	<i>O Estado de S. Paulo</i> (OESP)
2	<i>Folha de S. Paulo</i> (Folha ou FSP)
3	<i>O Globo</i> (OG)

Fonte: A autora.

A segunda categoria do *Livro de Códigos* trata da **Data de Publicação** do editorial, entre 1º de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2022, que compreende o Governo Bolsonaro.

É comum nos três periódicos que os textos sejam publicados no *site* dos jornais na noite anterior ou mesmo quando o fato recebe conhecimento público e republicado na versão impressa a ser distribuída no dia seguinte.

O **Título do Editorial** que analisa o Governo Bolsonaro também faz parte do *Livro de Códigos*, todavia é uma categoria de identificação do texto. Por outro lado, o **Período da Publicação** é categoria que merece destaque, uma vez que se configura como central para a escolha do *corpus* analisado neste estudo: 300 dias de Bolsonaro como chefe do Executivo federal do Brasil e estão identificados no *Livro de Códigos* conforme Quadro 4.

Quadro 4 – Período de publicação do editorial

Código	Período de publicação	Identificação
1	100 primeiros dias do Governo Bolsonaro	Editoriais publicados pelos três jornais durante os 100 primeiros dias de governo, que vai de 1º de janeiro de 2019 a 9 de abril de 2019.
2	100 dias durante a pandemia da Covid-19	Editoriais publicados durante a emergência sanitária da pandemia da Covid-19, entre 6 de fevereiro de 2020 e 22 de maio de 2022. Para o estudo, foram selecionados de forma aleatória, com apoio da ferramenta de conversação de inteligência artificial (IA) generativa Claude.AI.
3	100 últimos dias do Governo Bolsonaro	Editoriais publicados nos últimos 100 dias do Governo Bolsonaro, que vai de 23 de setembro a 31 de dezembro de 2022.

Fonte: A autora.

Apresentadas as categorias de identificação dos editoriais analisados, as utilizadas para análise dos enquadramentos populistas nos textos são as seguintes. Em **Tipo de Editorial**, estão categorizados como: 0) Neutro; 1) Negativo; e 2) Positivo, e também compõe o *Livro de Códigos*. A categoria foi elaborada considerando o papel político dos editoriais de fiscalizar avaliar a qualidade das ações do Executivo e identificada conforme Quadro 5.

Quadro 5 – Tipo de editorial

Código	Tipo de editorial	Identificação
0	Neutro	Editoriais que analisam as ações do governo federal, ou de membros do Executivo, de forma neutra.
1	Positivo	Textos que analisam as medidas do governo federal, ou membros do Executivo, de forma positiva e, por vezes, até elogiosa.
2	Negativo	Editoriais negativamente críticos às ações do governo federal, ou membros do Executivo. Costumam responsabilizar o presidente da República e ministros por problemas e cobrar soluções de forma incisiva e negativa.

Fonte: A autora.

A categoria do *Livro de Códigos* que diz respeito ao tema tratado pelos editoriais está nomeada como **Enquadramento Principal** e considera o elemento de maior destaque no texto, a partir do tema em discussão em todo o editorial e trata-se de categoria temática, identificada a partir da análise dos textos.

É importante salientar que, diferente das notícias e da proposta de pirâmide invertida do jornalismo, criada no início do século 20 por Carl Tiuí Hummenigge e posteriormente batizada por Edwin Shuman (Salaverria, 2005), nos editoriais, por se tratar de conteúdo opinativo analítico, o argumento preponderante do texto pode não estar localizado nos primeiros parágrafos. Dessa forma, foram atribuídos conforme Quadro 6.

Quadro 6 – Enquadramento principal

Código	Enquadramento principal	Identificação
1	Gestão Bolsonaro	Quando o enquadramento preponderante define como problema a agenda política implementada pelo governo Bolsonaro e os membros do primeiro escalão.
2	Populismo de Bolsonaro	Quando o argumento preponderante da notícia trata de questões da agenda ideológica do presidente da República e seus impactos na governança. Incluem avaliações realizadas pelos jornais que têm como centro posicionamentos públicos (sejam oficiais, discursos e conteúdos postados nas mídias sociais).
3	Agenda Econômica	São enquadramentos em que no argumento preponderante os jornais analisam a agenda econômica do governo Bolsonaro, o desempenho dos índices, bem como do ministro Paulo Guedes. Embora faça parte das análises sobre a gestão, este enquadramento tem categoria própria, uma vez que os três jornais defendem temas de uma de interesses particular que não necessariamente é a mesma do governo e deixam explícito nos textos.
4	Relação com o Congresso	Editoriais cujo argumento preponderante é uma avaliação sobre a relação entre o Executivo e o Congresso Nacional,

		bem como seus impactos para o andamento das medidas do governo Bolsonaro.
5	Casos de Família	Editoriais em que o enquadramento preponderante trata dos membros da família Bolsonaro e das interferências, diretas ou indiretas, dos acontecimentos para a Presidência da República na avaliação dos jornais
6	Denúncias	Textos em que o enquadramento preponderante está centrado na avaliação dos jornais sobre denúncias de corrupção ou mau uso do dinheiro público, tráfico de influência, crimes eleitorais e crimes correlatos que envolvem Bolsonaro ou membros do primeiro escalão do governo
7	Governo aquartelado	Editoriais em que o enquadramento principal analisa a presença de militares em cargos civis do Executivo, bem como sobre medidas que beneficiam este grupo e outras categoriais militares
8	Capitão contra os Poderes	Editoriais em que o argumento central analisa os ataques de Bolsonaro, seus ministros, base aliada contra o Congresso Nacional e o STF e seus membros. Incluem posicionamentos de endosso à atitude de apoiadores, bem como ridicularização de membros das instituições dos Três Poderes em conteúdos publicados em postagens de mídias sociais
9	Lula X Bolsonaro	Editoriais que comparam diretamente o ex-presidente Bolsonaro e seu principal adversário presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Esta categoria está separada por também ocorrer em análises foram do contexto eleitoral.
10	Eleições 2022	Quando os jornais fazem análises sobre as eleições presidenciais, apoios políticos, articulações para o pleito e afins.
11	Governo Lula III	Quando os jornais analisam as políticas do governo Bolsonaro projetando recomendações ao governo Lula.

Fonte: A autora.

De acordo com a proposta metodológica de Entman (1993), a categoria **Definição do Enquadramento** identifica em qual função o argumento preponderante está empregado nos textos como, de acordo com a descrição do Quadro 7.

Quadro 7 – Definição do enquadramento principal

Código	Definição do enquadramento (Entman, 1993)	Identificação
1	Definição do problema	Quando o enquadramento principal do texto está localizado como definição do problema a ser analisado pelo editorial.
2	Definição das causas para o problema	Em editoriais que enquadramento principal está descrito entre as causas que motivaram o posicionamento do jornal sobre o assunto em questão.
3	Julgamento moral	Em textos em que enquadramento principal revela o julgamento do jornal sobre a situação que é tratada no texto.
4	Indicação de recomendações	Quando o enquadramento principal está definido nas indicações de como o problema em questão precisa ser tratado, solucionado.

Fonte: A autora, com base em Entman (1993).

Na categoria **Enquadramento Populista**, procuramos identificar se os jornais recorrem aos elementos da retórica populista nos editoriais definidos neste estudo para analisar os acontecimentos relacionados ao governo Bolsonaro, de acordo com a definição descrita no Quadro 8, a seguir. É importante salientar que buscamos analisar a ocorrência do *media populism* nos textos dos jornais e não no tema tratado.

Quadro 8 – Enquadramento Populista

Código	Enquadramento populista	Identificação
0	Não recorre	Quando os jornais não recorrem ao enquadramento populista
1	Recorre ao apelo ao povo	Quando os jornais apelam diretamente à ação do povo nos textos, convocando à ação ou defendendo medidas que deveriam ser implementadas a seu favor. São considerados somente os enquadramentos em que o jornal apela ao povo (nação; brasileiros). As menções contextuais a esses elementos não são consideradas como retórica populista.
2	Recorre ao nós x eles	Quando os jornais criam no texto um contexto de disputa política, se colocam explicitamente de um dos lados do problema tratado ou defendem interesses próprios. Localizamos também aqui o uso da retórica antipetista como bases para crítica ao governo Bolsonaro.
3	Recorre antielites/ <i>antiestablishment</i>	Quando os jornais explicitamente recorrem enquadramentos críticos negativos às elites ou ao <i>establishment</i> . Esta categoria considera argumentos críticos a políticos ou a política brasileira são considerados.

Fonte: A autora, com base nos autores citados.

Por fim, a categoria **Definição do Enquadramento Populista**, verificamos a ocorrência do *framings* populista nas definições para problema tratado pelo editorial; das causas para o problema; do julgamento moral ou na indicação de recomendações, conforme Entman (1993), a fim de identificar onde jornais aplicaram elementos do fenômeno nos editoriais, na mesma lógica descrita no Quadro 9.

Quadro 9 – Definição do enquadramento Populista

Código	Definição do enquadramento (Entman, 1993)	Identificação
0	Não há ocorrência de enquadramento populista	Quando não há identificação de enquadramento populista na categoria anterior.
1	Definição do problema	Quando o enquadramento populista está localizado como definição do problema a ser analisado pelo editorial.
2	Definição das causas para o problema	Em editoriais que o enquadramento populista está descrito entre as causas que motivaram o posicionamento do jornal sobre o assunto tratado
3	Julgamento moral	Em textos em que o enquadramento populista está definido no julgamento do jornal.

4	Indicação de recomendações	Quando o enquadramento populista está definido nas indicações do jornal sobre como o problema em questão precisa ser tratado/solucionado.
---	----------------------------	---

Fonte: A autora, com base em Entman (1993) e os autores citados.

APÊNDICE II

EDITORIAIS DOOS *QUALITY PAPERS* ANALISADOS

JORNAL	PERÍODO	DATA	TÍTULO	LINK
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	01/01/2019	A missão de Bolsonaro	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-missao-de-bolsonaro,70002662567
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	02/01/2019	A posse de Bolsonaro	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-posse-de-bolsonaro,70002663726
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	03/01/2019	Poderes harmônicos	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,poderes-harmonicos,70002665051
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	03/01/2019	Ganhos para os cofres públicos	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,ganhos-para-os-cofres-publicos,70002665053
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	04/01/2019	A perigosa ilusão do Plano B	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-perigosa-ilusao-do-plano-b,70002666331
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	05/01/2019	Confusão	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,confusao,70002667691
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	06/01/2019	Ideologia	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,ideologia,70002668660
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	07/01/2019	Obscurantismo	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,obscurantismo,70002669366
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	08/01/2019	Justiça e responsabilidade	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,justica-e-responsabilidade,70002670903

OESP	100 PRIMEIROS DIAS	09/01/2019	Comunicação republicana	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,comunicacao-republicana,70002672187
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	10/01/2019	Guinada para o retrocesso	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,guinada-para-o-retrocesso,70002673652
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	11/01/2019	Militares e a Previdência	https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/editorial-do-estadao-os-militares-e-a-previdencia/
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	12/01/2019	Uma âncora para o governo	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,uma-ancora-para-o-governo,70002676294
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	13/01/2019	Desassossego	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,desassossego,70002677070
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	16/01/2019	Recuo importante	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,recuo-importante,70002680816
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	17/01/2019	Brasil-Argentina bom começo	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,brasil-argentina-bom-comeco,70002682534
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	17/01/2019	A posse de armas	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-posse-de-armas,70002682543
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	18/01/2019	Bolsonaro no palco mundial	https://www.estadao.com.br/opiniao/no-palco-mundial
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	18/01/2019	A comunicação do governo	não encontrado online
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	19/01/2019	A Venezuela e o papel do Brasil	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-venezuela-e-o-papel-do-brasil,70002685541
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	19/01/2019	O discurso e a prática	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-discurso-e-a-pratica,70002685542

OESP	100 PRIMEIROS DIAS	22/01/2019	O destino da Justiça do Trabalho	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-destino-da-justica-do-trabalho,70002689199
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	23/01/2019	Dois passos para o crescimento	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,dois-passos-para-o-crescimento,70002690298
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	24/01/2019	Bolsonaro em Davos	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,bolsonaro-em-davos,70002691926
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	26/01/2019	As dúvidas sobre o governo	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,as-duvidas-sobre-o-governo,70002694905
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	27/01/2019	Muito a explicar	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,muito-a-explicar,70002695758
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	27/01/2019	É o que temos para hoje'	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,e-o-que-temos-para-hoje,70002695762
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	28/01/2019	Recuperar os investimentos	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,recuperar-os-investimentos,70002696814
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	29/01/2019	Sinais mistos nas contas externas	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,sinais-mistos-nas-contas-externas,70002698351
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	30/01/2019	Ineficiência e corrupção	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,ineficiencia-e-corrupcao,70002699765
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	30/01/2019	A pressão corporativista	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-pressao-corporativista,70002699776
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	01/02/2019	Reforma para todos	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,reforma-para-todos,70002702683
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	05/02/2019	Os desafios dos números	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,os-desafios-dos-numeros,70002707887

OESP	100 PRIMEIROS DIAS	05/02/2019	A frágil base governista	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-fragil-base-governista,70002707888
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	06/02/2019	O pontapé inicial da reforma	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-pontape-inicial-da-reforma,70002709344
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	06/02/2019	As verbas das universidades	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,as-verbas-das-universidades,70002709352
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	07/02/2019	O pacote do ministro Moro	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-pacote-do-ministro-moro,70002710939
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	07/02/2019	Transparência	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,transparencia,70002710953
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	10/02/2019	No palanque da ideologia	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,no-palanque-da-ideologia,70002714565
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	11/02/2019	Outra reforma necessária	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,outra-reforma-necessaria,70002715784
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	12/02/2019	Governar não é tuitar	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,governar-nao-e-tuitar,70002717306
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	12/02/2019	Igreja e Estado	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,igreja-e-estado,70002717311
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	12/02/2019	A ministra tem razão	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-ministra-tem-razao,70002717315
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	14/02/2019	O MEC e os livros literários	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-mec-e-os-livros-literarios,70002720400
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	15/02/2019	Filhocracia'	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,filhocracia,70002721951

OESP	100 PRIMEIROS DIAS	16/02/2019	Finalmente, a reforma	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,finalmente-a-reforma,70002723607
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	17/02/2019	Pragmatismo para crescer	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,pragmatismo-para-crescer,70002724553
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	19/02/2019	Muito ajuda quem não atrapalha	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,muito-ajuda-quem-nao-atrapalha,70002726876
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	20/02/2019	Não basta baratear o emprego	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,nao-basta-baratear-o-emprego,70002728301
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	21/02/2019	Governo nasce com a reforma	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,governo-nasce-com-a-reforma,70002729998
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	21/02/2019	O tom presidencial	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-tom-presidencial,70002730009
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	22/02/2019	O jabuti de Paulo Guedes	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-jabuti-de-paulo-guedes,70002731322
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	23/02/2019	O pacote-punição de Moro	https://www.estadao.com.br/opiniao/o-pacote-punicao-de-moro/2
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	24/02/2019	O espectro do populismo	https://www.estadao.com.br/opiniao/o-espectro-do-populismo
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	25/02/2019	Nada de novo sob o sol	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,nada-de-novo-sob-o-sol,70002734577
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	28/02/2019	Sem margem para errar	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,sem-margem-para-errar,70002738525
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	02/03/2019	Baixa resistência a pressões	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,baixa-resistencia-a-pressoes,70002741214

OESP	100 PRIMEIROS DIAS	03/03/2019	É preciso convicção	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,e-preciso-conviccao,70002742147
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	04/03/2019	Convite oportuno, recusa irresponsável	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,convite-oportuno-e-recusa-irresponsavel,70002743032
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	05/03/2019	Bolsonaro e o teste do PIB	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,bolsonaro-e-o-teste-do-pib,70002743857
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	07/03/2019	O debate sobre o pacote anticrime	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-debate-sobre-o-pacote-anticrime,70002745755
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	08/03/2019	Quebrando louças	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,quebrando-loucas,70002747286
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	08/03/2019	O governo e o Congresso	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-governo-e-o-congresso,70002747290
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	09/03/2019	Fardo pesado	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,fardo-pesado,70002748539
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	12/03/2019	A missão do Estado	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-missao-do-estado,70002751686
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	12/03/2019	Guedes, economia e ideologia	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,guedes-economia-e-ideologia,70002751700
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	14/03/2019	Diplomacia medíocre	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,diplomacia-mediocre,70002754642
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	14/03/2019	Educação à deriva	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,educacao-a-deriva,70002754654
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	18/03/2019	Excelente começo	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,excelente-comeco,70002758903

OESP	100 PRIMEIROS DIAS	18/03/2019	Os Conselhos do Executivo	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,os-conselhos-do-executivo,70002758912
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	19/03/2019	O 'Guru' do presidente	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-guru-do-presidente,70002760289
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	19/03/2019	Popularidade em queda	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,popularidade-em-queda,70002760336
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	20/03/2019	Tropeçando na Casa Branca	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,tropecando-na-casa-branca,70002761531
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	20/03/2019	A questão da reciprocidade	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-questao-da-reciprocidade,70002761534
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	21/03/2019	Vitória sim, mas de Trump	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,vitoria-sim-mas-de-trump,70002763042
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	22/03/2019	A reforma dos militares	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-reforma-dos-militares,70002764228
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	23/03/2019	Trombada com a realidade	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,trombada-com-a-realidade,70002765552
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	24/03/2019	Só a 'vontade de Deus' não basta	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,so-vontade-de-deus-nao-basta,70002766082
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	24/03/2019	Desconfiança no presidente	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,desconfianca-no-presidente,70002766083
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	24/03/2019	Moro e as agruras da política	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,moro-e-as-agruras-da-politica,70002766086
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	26/03/2019	Procura-se um presidente	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,procura-se-um-presidente,70002767978

OESP	100 PRIMEIROS DIAS	27/03/2019	O 'abacaxi' da Previdência	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-abacaxi-da-previdencia,70002769347
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	28/03/2019	O MEC preocupa	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-mec-preocupa,70002770603
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	29/03/2019	Deserto de projetos	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,deserto-de-projetos,70002771903
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	30/03/2019	Os riscos do ENEM	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,os-riscos-do-enem,70002773124
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	31/03/2019	O 'aprendiz de presidente'	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-aprendiz-de-presidente,70002773932
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	31/03/2019	Discussão inoportuna	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,discussao-inoportuna,70002773937
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	05/04/2019	Brigando com a realidade	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,brigando-com-a-realidade,70002779869
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	06/04/2019	A coisa certa	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-coisa-certa,70002781174
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	09/04/2019	A lição dos 100 dias	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-licao-dos-100-dias,70002784397
OESP	100 PRIMEIROS DIAS	10/04/2019	O problema é de gestão	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-problema-e-de-gestao,70002785573
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	15/02/2020	A militarização do Planalto	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-militarizacao-do-planalto,70003198199
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	27/02/2020	O presidente e os golpistas	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-presidente-e-os-golpistas,70003211411
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	04/03/2020	Irresponsável tolerância	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,irresponsavel-tolerancia,70003218903

OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	12/03/2020	O vazio deixado pela inépcia do MEC	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-vazio-deixado-pela-inepcia-do-mec,70003229315
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	17/03/2020	Um presidente contra o País	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,um-presidente-contra-o-pais,70003235724
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	25/03/2020	O valor estratégico da ajuda ao trabalhador	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-valor-estrategico-da-ajuda-ao-trabalhador,70003246646
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	02/04/2020	O mesmo de sempre	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-mesmo-de-sempre,70003257120
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	15/04/2020	Excesso de generosidade	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,excesso-de-generosidade,70003271158
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	23/04/2020	Bolsonaro e a democracia	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,bolsonaro-e-a-democracia,70003279715
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	30/04/2020	A ética triunfa	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-etica-triunfa,70003287831
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	07/05/2020	A pergunta	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-pergunta,70003294847
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	14/05/2020	O Brasil precisa saber	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-brasil-precisa-saber,70003302263
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	21/05/2020	Crime ambiental	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,crime-ambiental,70003309490
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	28/05/2020	Ignorância da Lei	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,ignorancia-da-lei,70003316871
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	03/06/2020	Reformas negligenciadas	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,reformas-negligenciadas,70003322789
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	11/06/2020	Parasitismo científico	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,parasitismo-cientifico,70003331192
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	11/06/2020	Os militares no governo	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,os-militares-no-governo,70003331196
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	18/06/2020	A caravana passa	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-caravana-passa,70003336564
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	25/06/2020	Desmatamento e fuga de capital	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,desmatamento-e-fuga-de-capital,70003343805
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	25/06/2020	O PIB do negacionismo	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-pib-do-negacionismo,70003343792

OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	02/07/2020	Educação, fundamento do país	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,educacao-fundamento-do-pais,70003351233
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	09/07/2020	A vida, o vírus e a política	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-vida-o-virus-e-a-politica,70003358266
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	23/07/2020	Um governo abaixo do seu papel	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,um-governo-abaixo-de-seu-papel,70003373016
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	13/08/2020	A debandada	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-debandada,70003397480
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	20/08/2020	Orçamento sem truques	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,orcamento-sem-truques,70003405740
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	27/08/2020	Perdido no espaço	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,perdido-no-espaco,70003414303
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	03/09/2020	O perigo da ignorância	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-perigo-da-ignorancia,70003423530
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	03/09/2020	Pauta comercial do governo	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,pauta-comercial-e-de-governo,70003423553
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	10/09/2020	O sequestro do Brasil	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-sequestro-do-brasil,70003431712
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	17/09/2020	Darwinismo social	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,darwinismo-social,70003440769
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	24/09/2020	As consequências vêm depois	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,as-consequencias-vem-depois,70003449993
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	01/10/2020	A inflação do Alvorada	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-inflacao-do-alvorada,70003458599
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	22/10/2020	Um presidente contra a Saúde	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,um-presidente-contra-a-saude,70003484026
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	29/10/2020	Confusão sobre o nada	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,confusao-sobre-o-nada,70003492891
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	29/10/2020	Apoio tóxico	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,apoio-toxico,70003492905
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	05/11/2020	O abismo	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-abismo,70003501534
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	12/11/2020	Bolsonaro no mundo da lua	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,bolsonaro-no-mundo-da-lua,70003510935
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	26/11/2020	No País das Maravilhas	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,no-pais-das-maravilhas,70003528433

OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	03/12/2020	Improviso na educação	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,improviso-na-educacao,70003537508
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	03/12/2020	Fuga da realidade	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,fuga-da-realidade,70003537515
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	10/12/2020	Um país no purgatório	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,um-pais-no-purgatorio,70003546359
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	17/12/2020	Demolidor da República e seus cúmplices	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-demolidor-da-republica-e-seus-cumplices,70003554723
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	31/12/2020	A Nação, refém do descaso	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-nacao-refem-do-descaso,70003567003
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	07/01/2021	O Bolsonaro de sempre	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-bolsonaro-de-sempre,70003572945
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	07/01/2021	A causa do despreparo da população	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-causa-do-despreparo-da-populacao,70003572955
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	14/01/2021	Uma grave ameaça ao país	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,uma-grave-ameaca-contr-o-pais,70003580582
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	21/01/2021	A alternativa a Bolsonaro	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-alternativa-a-bolsonaro,70003588463
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	28/01/2021	A hora de prestar contas	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,hora-de-prestar-contas,70003596518
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	04/02/2021	MP da vacina	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-mp-da-vacina,70003604598
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	11/02/2021	De novo, o imposto aberração	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,de-novo-o-imposto-aberracao,70003612459
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	04/03/2021	A troca de chefia no Inep	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-troca-de-chefia-no-inep,70003635320
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	04/03/2021	Investimento no caos	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,investimento-no-caos,70003635339
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	11/03/2021	A crise no Ipea	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-crise-do-ipea,70003643535
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	25/03/2021	Presidente improvisado	https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-presidente-improvisado,70003659185

OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	01/04/2021	O preço da liberdade é a eterna vigilância	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-preco-da-liberdade-e-a-eterna-vigilancia,70003666928
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	01/04/2021	Cooperação não é utopia	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,cooperacao-nao-e-utopia,70003666929
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	08/04/2021	Notas dissonantes	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,notas-dissonantes,70003673992
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	08/04/2021	Incompetência estrutural	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,incompetencia-estrutural,70003674005
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	08/04/2021	O MEC e o ensino domiciliar	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-mec-e-o-ensino-domiciliar,70003674029
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	15/04/2021	Ameaças e arreganhos	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,ameacas-e-arreganhos,70003681533
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	15/04/2021	Uma enorme trapalhada	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,uma-enorme-trapalhada,70003681565
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	15/04/2021	A política ambiental	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-politica-ambiental,70003681537
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	22/04/2021	O meio ambiente que os brasileiros desejam	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-meio-ambiente-que-os-brasileiros-desejam,70003689056
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	29/04/2021	Economia da obediência	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,economia-da-obediencia,70003697314
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	06/05/2021	Autoincriminação	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,autoincriminacao,70003705299
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	13/05/2021	Mais um recorde de desmatamento legal	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,mais-um-recorde-de-desmatamento-ilegal,70003713195
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	20/05/2021	O uso eleitoral do Bolsa Família	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-uso-eleitoreiro-do-bolsa-familia,70003720416
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	27/05/2021	Presidencialismo de submissão	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,presidencialismo-de-submissao,70003727598
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	03/06/2021	Indisciplina premiada	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,indisciplina-premiada,70003735413
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	24/06/2021	TSE pede provas a Bolsonaro	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-tse-pede-provas-a-bolsonaro,70003756588

OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	01/07/2021	O dever de cada um	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-dever-de-cada-um,70003764819
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	15/07/2021	As relações civis-militares	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,as-relacoes-civis-militares,70003778761
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	22/07/2021	O poder das saúvas	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-poder-das-sauvas,70003785773
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	22/07/2021	A omissão do MEC	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-omissao-do-mec,70003785779
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	29/07/2021	Bolsonaro entrega a alma do governo	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,bolsonaro-entrega-a-alma-do-governo,70003792917
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	29/07/2021	O apagão nos sistemas do CNPq	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-apagao-nos-sistemas-do-cnpq,70003792937
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	05/08/2021	Um país prisioneiro das eleições	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,um-pais-prisioneiro-das-eleicoes,70003800505
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	05/08/2021	Os precatórios da campanha da reeleição	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,os-precatorios-da-campanha-de-reeleicao,70003800529
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	12/08/2021	O valor da palavra de Bolsonaro	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-valor-da-palavra-de-bolsonaro,70003807980
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	19/08/2021	Sombra nos mercados	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,sombra-nos-mercados,70003814812
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	26/08/2021	O diálogo e o conflito	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-dialogo-e-o-conflito,70003821477
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	26/08/2021	Governando mundo fake	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,governando-num-mundo-fake,70003821489
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	02/09/2021	Estagnação, desemprego, inflação	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,estagnacao-desemprego-inflacao,70003828519
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	09/09/2021	O País não vai se intimidar	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-pais-nao-vai-se-intimidar,70003834825
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	16/09/2021	Um eficaz muro de contenção	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,um-eficaz-muro-de-contencao,70003841178

OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	23/09/2021	Privatizando o orçamento	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,privatizando-o-orcamento,70003847767
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	30/09/2021	Combustível para a demagogia	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,combustivel-para-a-demagogia,70003854823
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	30/09/2021	Propaganda descarada	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,propaganda-descarada,70003854921
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	14/10/2021	O preço do desprezo à ciência	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-preco-do-desprezo-a-ciencia,70003867446
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	21/10/2021	Populismo a custas dos pobres	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,populismo-a-custa-dos-pobres,70003874767
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	28/10/2021	A desfaçatez da PEC dos Precatórios	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-desfazatez-da-pec-dos-precatorios,70003882033
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	04/11/2021	Quando a ignorância fala mais alto	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,quando-a-ignorancia-fala-mais-alto,70003888429
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	11/11/2021	O esquisito critério do fundo de segurança	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-esquisito-criterio-do-fundo-de-seguranca,70003895039
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	18/11/2021	A falta de uma reforma administrativa	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-falta-de-uma-reforma-administrativa,70003901390
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	18/11/2021	Retrocesso na vacinação de crianças	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,retrocesso-na-vacinacao-de-criancas,70003901404
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	18/11/2021	Negacionismo como critério	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,negacionismo-como-criterio,70003901410
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	25/11/2021	Aqui jaz a responsabilidade fiscal	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,aqui-jaz-a-responsabilidade-fiscal,70003907747
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	02/12/2021	Bolsonaro rasga a fantasia	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,bolsonaro-rasga-a-fantasia,70003913755
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	09/12/2021	Política educacional de afogadilho	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,politica-educacional-de-afogadilho,70003920913
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	16/12/2021	A consciência da maioria	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-consciencia-da-maioria,70003927374

OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	23/12/2021	O Orçamento privatizado	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-orcamento-privatizado,70003933677
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	30/12/2021	Energia mais cara e mais suja	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,energia-mais-cara-e-mais-suja,70003937596
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	06/01/2022	Desleixo com a educação	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,desleixo-com-a-educacao,70003942543
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	13/01/2022	Muito dinheiro para bem atendidos	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,muito-dinheiro-para-os-bem-atendidos,70003948926
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	20/01/2022	A única meta bolsonarista	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-unica-meta-bolsonarista,70003955314
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	27/01/2022	Rumo à OCDE, apesar de Bolsonaro	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,rumo-a-ocde-apesar-de-bolsonaro,70003961523
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	03/02/2022	Judiciário rechaça ameaças às eleições	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,judiciario-rechaca-ameaca-as-eleicoes,70003968083
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	10/02/2022	‘Está entendendo como funciona?’	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,esta-entendendo-como-funciona,70003974409
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	17/02/2022	Bolsonaro paga a conta	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,bolsonaro-paga-a-conta,70003981313
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	24/02/2022	Só a vacina leva à normalidade	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,so-a-vacina-leva-a-normalidade,70003988707
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	03/03/2022	Não é hora de neutralidade	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,nao-e-hora-de-neutralidade,70003995916
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	03/03/2022	Corte de IPI, como nos tempos do PT	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,corte-de-ipi-como-nos-tempos-do-pt,70003995897
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	17/03/2022	Não à exploração em terra indígena	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,nao-a-exploracao-em-terra-indigena,70004010648
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	24/03/2022	Assim Bolsonaro trata a educação	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,assim-bolsonaro-trata-a-educacao,70004017624

OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	31/03/2022	Comunicação pública, benefícios privados	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,comunicacao-publica-beneficios-privados,70004024663
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	07/04/2022	Medo da luz do dia	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,medo-da-luz-do-dia,70004031363
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	21/04/2022	O grande salto para trás	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-grande-salto-para-tras,70004044118
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	21/04/2022	A cruzada farsesca da gasolina barata	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-cruzada-farsesca-da-gasolina-barata,70004044135
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	28/04/2022	Muito show, pouco agro	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,muito-show-pouco-agro,70004050291
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	28/04/2022	Eleições devem ser pacíficas	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,eleicoes-devem-ser-pacificas,70004050344
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	05/05/2022	A Petrobras real e a Petrobras populista	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-petrobras-real-e-a-petrobras-populista,70004057358
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	12/05/2022	É do TSE a palavra final sobre eleição	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,e-do-tse-a-palavra-final-sobre-eleicao,70004063905
OESP	100 DIAS NA PANDEMIA	19/05/2022	A democracia tem como se defender	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-democracia-tem-como-se-defender,70004070136
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	23/09/2022	Guerra bolsonarista contra as pesquisas	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,guerra-bolsonarista-contra-as-pesquisas,70004146933
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	25/09/2022	Bolsonaro prejudica Bolsonaro	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,bolsonaro-prejudica-bolsonaro,70004147548
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	27/09/2022	Profissionais do improviso	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,profissionais-do-improviso,70004148008
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	28/09/2022	O medo que corrói a democracia	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-medo-que-corroi-a-democracia,70004148329

OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	29/09/2022	A intolerável ameaça de Bolsonaro	https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-intoleravel-ameaca-de-bolsonaro,70004148614
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	30/09/2022	É preciso devolver o Estado aos brasileiros	https://www.estadao.com.br/opiniao/e-preciso-devolver-o-estado-aos-brasileiros/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	01/10/2022	Debate reflete miséria na campanha	https://www.estadao.com.br/opiniao/debate-reflete-a-miseria-da-campanha/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	02/10/2022	Governo explora os mais pobres	https://www.estadao.com.br/opiniao/o-governo-explora-os-mais-pobres/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	02/10/2022	Nem Bolsonaro, nem Lula	https://www.estadao.com.br/opiniao/nem-bolsonaro-nem-lula/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	02/10/2022	Petrobras requer gestão técnica	https://www.estadao.com.br/opiniao/petrobras-requer-gestao-tecnica/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	03/10/2022	O pior dos pesadelos	https://www.estadao.com.br/opiniao/o-pior-dos-pesadelos/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	03/10/2022	Sem retrocessos regulatórios em 2023	https://www.estadao.com.br/opiniao/sem-retrocessos-regulatorios-em-2023/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	04/10/2022	A onda reacionária	https://www.estadao.com.br/opiniao/a-onda-reacionaria/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	04/10/2022	Eleição desmoraliza o golpismo	https://www.estadao.com.br/opiniao/eleicao-desmoraliza-o-golpismo/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	05/10/2022	Não é só Lula que deve ser cobrado	https://www.estadao.com.br/opiniao/nao-e-so-lula-que-deve-ser-cobrado/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	05/10/2022	A importância das pesquisas eleitorais	https://www.estadao.com.br/opiniao/a-importancia-das-pesquisas-eleitorais/

OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	07/10/2022	Compra de votos explícita	https://www.estadao.com.br/opiniao/compra-de-votos-explicita/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	08/10/2022	Riscos e oportunidades do Supremo	https://www.estadao.com.br/opiniao/riscos-e-oportunidades-do-supremo/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	09/10/2022	O triunfo dos caquistocratas	https://www.estadao.com.br/opiniao/o-triunfo-dos-caquistocratas/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	11/10/2022	Carcomendo a democracia	https://www.estadao.com.br/opiniao/carcomendo-a-democracia/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	11/10/2022	O teste de estresse da Justiça Eleitoral	https://www.estadao.com.br/opiniao/o-teste-de-estresse-da-justica-eleitoral/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	13/10/2022	Um país com medo	https://www.estadao.com.br/opiniao/um-pais-com-medo/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	14/10/2022	Vilipêndio da fé e da democracia	https://www.estadao.com.br/opiniao/vilipendio-da-fe-e-da-democracia/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	14/10/2022	Estranho silêncio da Defesa	https://www.estadao.com.br/opiniao/o-estranho-silencio-da-defesa/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	15/10/2022	O bolsonarismo e sua perversa disjuntiva	https://www.estadao.com.br/opiniao/o-bolsonarismo-e-sua-perversa-disjuntiva/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	17/10/2022	Bolsonaro não tem do que se queixar	https://www.estadao.com.br/opiniao/bolsonaro-nao-tem-do-que-se-queixar/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	18/10/2022	Um debate medíocre	https://www.estadao.com.br/opiniao/um-debate-mediocre/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	19/10/2022	Bolsonaro e as mulheres	https://www.estadao.com.br/opiniao/bolsonaro-e-as-mulheres/

OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	20/10/2022	Desrespeito à desigualdade religiosa	https://www.estadao.com.br/opinio/adesrespeito-a-liberdade-religiosa/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	20/10/2022	Anatomia de um crime eleitoral	https://www.estadao.com.br/opinio/anatomia-de-um-crime-eleitoral/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	21/10/2022	As piruetas retóricas de Lula	https://www.estadao.com.br/opinio/as-piruetas-retoricas-de-lula/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	21/10/2022	Descaso com a educação básica	https://www.estadao.com.br/opinio/descaso-com-a-educacao-basica/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	22/10/2022	TSE cai na arapuca do bolsonarismo	https://www.estadao.com.br/opinio/tse-cai-na-arapuca-do-bolsonarismo/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	22/10/2022	O risco Lula	https://www.estadao.com.br/opinio/o-risco-lula/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	22/10/2022	Bondade que se esfuma	https://www.estadao.com.br/opinio/bondade-que-se-esfuma/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	23/10/2022	Orçamento secreto, o "novo normal"	https://www.estadao.com.br/opinio/orcamento-secreto-o-novo-normal/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	25/10/2022	Do que o bolsonarismo é capaz	https://www.estadao.com.br/opinio/do-que-o-bolsonarismo-e-capaz/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	26/10/2022	Que democracia?	https://www.estadao.com.br/opinio/que-democracia/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	26/10/2022	Ajuste fiscal às custas dos pobres	https://www.estadao.com.br/opinio/ajuste-fiscal-a-custados-pobres/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	27/10/2022	Um urgente plano econômico	https://www.estadao.com.br/opinio/um-urgente-plano-economico/

OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	28/10/2022	Segurança pública demanda realismo	https://www.estadao.com.br/opinio/seguranca-publica-demanda-realismo/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	28/10/2022	Intimidação inaceitável	https://www.estadao.com.br/opinio/intimidacao-inaceitavel/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	29/10/2022	A carta fajuta de Lula	https://www.estadao.com.br/opinio/a-carta-fajuta-de-lula/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	31/10/2022	Lula tem o dever de arrefecer os ânimos	https://www.estadao.com.br/opinio/lula-tem-o-dever-de-arrefecer-os-animos/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	01/11/2022	Por uma transição pacífica	https://www.estadao.com.br/opinio/por-uma-transicao-pacifica/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	02/11/2022	O esperneio de arruaceiros	https://www.estadao.com.br/opinio/o-esperneio-dos-arruaceiros/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	03/11/2022	O ativismo das medidas provisórias	https://www.estadao.com.br/opinio/o-ativismo-das-medidas-provisorias/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	04/11/2022	O mundo político virou a chave	https://www.estadao.com.br/opinio/o-mundo-politico-virou-a-chave/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	05/11/2022	Os adultos na sala	https://www.estadao.com.br/opinio/os-adultos-na-sala/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	06/11/2022	Mais concessões para as estradas	https://www.estadao.com.br/opinio/notas-e-informacoes/mais-concessoes-para-as-estradas/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	08/11/2022	O uso político dos bancos públicos	https://www.estadao.com.br/opinio/o-uso-politico-dos-bancos-publicos/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	09/11/2022	Criando dificuldade para vender facilidade	https://www.estadao.com.br/opinio/criando-dificuldade-para-vender-facilidade/

OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	12/11/2022	Não é dessa oposição que o país precisa	https://www.estadao.com.br/opinio/nao-e-desta-oposicao-que-o-pais-precisa/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	12/11/2022	Uma nota que não deveria existir	https://www.estadao.com.br/opinio/uma-nota-que-nao-deveria-existir/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	13/11/2022	A responsabilidade jurídica de Bolsonaro	https://www.estadao.com.br/opinio/a-responsabilidade-juridica-de-bolsonaro/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	17/11/2022	A bomba fiscal dos Estados	https://www.estadao.com.br/opinio/notas-e-informacoes/a-bomba-fiscal-dos-estados/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	18/11/2022	O Enem resiste	https://www.estadao.com.br/opinio/notas-e-informacoes/o-enem-resiste/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	20/11/2022	Liberdade de expressão não é vale-tudo	https://www.estadao.com.br/opinio/notas-e-informacoes/liberdade-de-expressao-nao-e-vale-tudo/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	23/11/2022	Sem direito de ir e vir	https://www.estadao.com.br/opinio/notas-e-informacoes/sem-direito-de-ir-e-vir/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	24/11/2022	Molecagem	https://www.estadao.com.br/opinio/notas-e-informacoes/molecagem/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	24/11/2022	Superávit embutido na herança maldita	https://www.estadao.com.br/opinio/notas-e-informacoes/superavit-embutido-na-heranca-maldita/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	25/11/2022	Excessos enfraquecem a democracia	https://www.estadao.com.br/opinio/notas-e-informacoes/excessos-que-enfraquecem-a-democracia/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	25/11/2022	Nomeações marotas	https://www.estadao.com.br/opinio/notas-e-informacoes/nomeacoes-marotas/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	26/11/2022	Radiografia de um governo inepto	https://www.estadao.com.br/opinio/radiografia-de-um-governo-inepto/

OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	02/12/2022	Bolsonaro fez a coisa certa	https://www.estadao.com.br/opiniao/bolsonaro-fez-a-coisa-certa/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	03/12/2022	O déficit que Bolsonaro criou	https://www.estadao.com.br/opiniao/o-deficit-que-bolsonaro-criou/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	04/12/2022	O jornalismo profissional sobrevive	https://www.estadao.com.br/opiniao/o-jornalismo-profissional-sobrevive/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	05/12/2022	Mais respeito à Constituição	https://www.estadao.com.br/opiniao/mais-respeito-a-constituicao/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	07/12/2022	estados pagam pela demagogia federal	https://www.estadao.com.br/opiniao/estados-pagam-pela-demagogia-federal/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	09/12/2022	Golpismo é crime	https://www.estadao.com.br/opiniao/golpismo-e-crime/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	13/12/2022	A política do cada um por si	https://www.estadao.com.br/opiniao/a-politica-do-cada-um-por-si-2/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	14/12/2022	Vândalos não têm lugar na democracia	https://www.estadao.com.br/opiniao/vandalos-nao-tem-lugar-na-democracia/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	15/12/2022	O retorno da fila do Auxílio Brasil	https://www.estadao.com.br/opiniao/o-retorno-da-fila-do-auxilio-brasil/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	19/12/2022	Contra os vivos e mortos	https://www.estadao.com.br/opiniao/contra-os-vivos-e-os-mortos/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	22/12/2022	A quem serviu o orçamento secreto	https://www.estadao.com.br/opiniao/a-quem-serviu-o-orcamento-secreto/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	22/12/2022	Boiada sem fim	https://www.estadao.com.br/opiniao/boiada-sem-fim/

OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	28/12/2022	Bagunça golpista exige punição	https://www.estadao.com.br/opinioao/bagunca-golpista-exige-punicao/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	29/12/2022	Uma trajetória em defesa do abuso policial	https://www.estadao.com.br/opinioao/uma-trajetoria-em-defesa-do-abuso-policial/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	31/12/2022	2022 e o retorno da democracia liberal	https://www.estadao.com.br/opinioao/2022-e-o-retorno-da-democracia-liberal/
OESP	100 ÚLTIMOS DIAS	31/01/2023	Guinada ambiental	https://www.estadao.com.br/opinioao/guinada-ambiental/
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	01/01/2019	Esperanças e anseios	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/01/esperancas-e-anseios.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	02/01/2019	Tiro no pé	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/01/tiro-no-pe.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	03/01/2019	Retórica da posse	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/01/retorica-da-posse.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	03/01/2019	O plano B de Guedes	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/01/o-plano-b-de-guedes.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	04/01/2019	O pacote de Moro	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/01/o-pacote-de-moro.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	04/01/2019	O tal globalismo	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/01/o-tal-globalismo.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	05/01/2019	Planos privatistas	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/01/planos-privatistas.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	05/01/2019	Funai esvaziada	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/01/funai-esvaziada.shtml

FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	06/01/2019	Toma lá	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/01/toma-la.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	07/01/2019	Conversa de botequim	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/01/conversa-de-botequim.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	07/01/2019	As cores de Damares	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/01/as-cores-de-damares.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	08/01/2019	Fantasmas do ensino	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/01/fantasmas-do-ensino.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	09/01/2019	Agenda de conflitos	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/01/agenda-de-conflitos.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	10/01/2019	Pai e Filho	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/01/pais-e-filhos.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	11/01/2019	Tolice soberana	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/01/tolice-soberana.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	12/01/2019	Fiascos em série	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/01/fiascos-em-serie.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	13/01/2019	O samba da base militar	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/01/o-samba-da-base-militar.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	16/01/2019	Morticínio armado	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/01/morticinio-o-armado.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	19/01/2019	Convite à moderação	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/01/convite-a-moderacao.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	20/01/2019	Presença exagerada	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/01/presenca-exagerada.shtml

FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	21/01/2019	O preço da confissão	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/01/o-preco-da-confissao.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	23/01/2019	Estreia Internacional	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/01/estreia-internacional.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	27/01/2019	Estelionato à vista	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/01/estelionato-a-vista.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	29/01/2019	Metas econômicas	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/01/metas-economicas.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	03/02/2019	Escolher batalhas	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/escolher-batalhas.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	05/02/2019	Respostas vazias	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/respostas-vazias.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	07/02/2019	Ruído na Previdência	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/ruido-na-previdencia.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	10/02/2019	O teste de Moro	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/o-teste-de-moro.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	11/02/2019	Desafios privatistas	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/desafios-privatistas.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	15/02/2019	Como fabricar crises	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/como-fabricar-crises.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	17/02/2019	Um governo peculiar	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/um-governo-peculiar.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	18/02/2019	65 e 62	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/65-e-62.shtml

FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	19/02/2019	Crise e agenda	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/crise-e-agenda.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	21/02/2019	Sucesso à reforma	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/sucesso-a-reforma.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	21/02/2019	Uma boa derrota	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/uma-baaderrota.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	24/02/2019	A conta dos pobres	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/a-contados-pobres.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	23/02/2019	Aos pedaços	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/aos-pedacos.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	27/02/2019	O disparate do MEC	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/o-disparate-do-mec.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	28/02/2019	A chicana do ministro	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/02/a-chicana-do-ministro.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	01/03/2019	Cerco ao Ibama	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/03/cerco-ao-ibama.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	04/03/2019	Sem carta branca	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/03/sem-carta-branca.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	05/03/2019	Sedução estatal	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/03/seducao-estatal.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	06/03/2019	Sem desconto	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/03/sem-desconto.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	07/03/2019	Governe, presidente	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/03/governe-presidente.shtml

FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	09/03/2019	Linha de defesa	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/linha-de-defesa.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	12/03/2019	Fogueira das crendices	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/fogueira-das-crendices.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	16/03/2019	Cardápio incompleto	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/cardapio-incompleto.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	17/03/2019	Hora de evitar ruído	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/hora-de-evitar-ruido.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	18/03/2019	Déficit de apoio	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/deficit-de-apoio.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	19/03/2019	Balão de oxigênio	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/balao-de-oxigenio.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	19/03/2019	Nova base no gelo	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/nova-base-no-gelo.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	20/03/2019	Sem recíproca	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/sem-reciproca.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	22/03/2019	Privilégio militar	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/privilegio-militar.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	22/03/2019	Mais próximo do Chile	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/mais-perto-do-chile.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	23/03/2019	MEC a perigo	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/mec-a-perigo.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	24/03/2019	Certa deterioração	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/certa-deterioracao.shtml

FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	25/03/2019	Em suspenso	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/em-suspenso.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	25/03/2019	Neurose ambiental	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/neurose-ambiental.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	26/03/2019	Política, velha ou nova	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/politica-velha-ou-nova.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	27/03/2019	Festejo indevido	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/festejo-indevido.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	27/03/2019	A conta do diesel	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/a-conta-do-diesel.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	29/03/2019	Dominó e xadrez	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/domino-e-xadrez.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	31/03/2019	Beabá	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/beaba.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	31/03/2019	Coalizão ou impasse	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/03/coalizao-ou-impasse.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	02/04/2019	Melhor recuo	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/04/melhor-o-recuo.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	04/04/2019	Teoria do vácuo	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/04/teoria-do-vacuio.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	05/04/2019	Corte e costura	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/04/corte-e-costura.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	05/04/2019	Enem acidentado	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/04/enem-acidentado.shtml

FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	06/04/2019	Remover o entulho	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/04/remover-o-entulho.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	07/04/2019	Tropeço inicial	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/04/tropeco-inicial.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	08/04/2019	Prestígio militar	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/04/prestigio-militar.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	09/04/2019	Otimismo diluído	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/04/otimismo-diluido.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	09/04/2019	Mais desistências	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/04/mais-desistencias.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	15/02/2020	Negócios à parte	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/02/negocios-a-parte.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	27/02/2020	Limite a Bolsonaro	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/02/limite-a-bolsonaro.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	04/03/2020	É a reforma	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/03/e-a-reforma.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	17/03/2020	Presidente confinado	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/03/president-e-confinado.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	17/03/2020	Como gastar na crise	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/03/como-gastar-na-crise.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	25/03/2020	Ir e vir	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/03/ir-e-vir.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	02/04/2020	Procura-se estadista	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/04/procura-se-estadista.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	30/04/2020	Desvio de finalidade	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/04/desvio-de-finalidade.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	30/04/2020	O papel de Guedes	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/04/o-papel-de-guedes.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	14/05/2020	Reunião fatídica	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/05/reuniao-fatidica.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	21/05/2020	Saúde militarizada	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/05/saude-militarizada.shtml

FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	28/05/2020	Sujos e mal lavados	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/05/sujos-e-mal-lavados.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	03/06/2020	Os militares e a lei	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/06/os-militares-e-a-lei.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	03/06/2020	Muitos para trás	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/06/muitos-para-tras.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	11/06/2020	Risca no chão	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/06/risca-no-chao.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	18/06/2020	Rastros bolsonaristas	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/06/rastros-bolsonaristas.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	25/06/2020	Custo ambiental	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/06/custo-ambiental.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	02/07/2020	Educação à deriva	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/07/educacao-a-deriva.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	09/07/2020	Custoso desgoverno	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/07/custoso-desgoverno.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	16/07/2020	Batalha inglória	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/07/batalha-ingloria.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	23/07/2020	A metamorfose	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/07/a-metamorfose.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	23/07/2020	Entulho revirado	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/07/entulho-revirado.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	30/07/2020	Boiada normativa	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/07/boiada-normativa.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	13/08/2020	Os debandados	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/08/os-debandados.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	13/08/2020	Rever a meia-entrada	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/08/rever-a-meia-entrada.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	03/09/2020	Campanha antivacina	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/09/campanha-antivacina.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	10/09/2020	Cloroquina encalhada	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/09/cloroquina-encalhada.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	17/09/2020	Indecisão eleitoreira	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/09/indecisao-eleitoreira.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	01/10/2020	Retrato do atraso	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/09/retrato-do-atraso.shtml

FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	22/10/2020	Conter Bolsonaro	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/10/conter-bolsonaro.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	29/10/2020	Imune à urgência	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/10/imune-a-urgencia.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	12/11/2020	A vacina e a pólvora	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/11/a-vacina-e-a-polvora.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	19/11/2020	Cara de pau	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/11/cara-de-pau.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	26/11/2020	Remediar o estrago	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/11/remediar-o-estrago.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	03/12/2020	A hora da vacina	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/12/a-hora-da-vacina.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	17/12/2020	Melhor que nunca	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/12/melhor-que-nunca.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	17/12/2020	Mais que pirraça	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/12/mais-que-pirraca.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	31/12/2020	A anomalia	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/12/a-anomalia.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	07/01/2021	Presidente quebrado	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/01/president-e-quebrado.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	21/01/2021	Araújo, o estorvo	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/01/araujo-o-estorvo.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	04/02/2021	Feijão com arroz	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/02/feijao-com-arroz.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	04/03/2021	PIB à deriva	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/03/pib-a-deriva.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	18/03/2021	O poço de Bolsonaro	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/03/o-poco-de-bolsonaro.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	25/03/2021	Sob Pressão	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/03/sob-pressao.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	01/04/2021	Ainda o ministério	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/03/ainda-o-ministerio.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	08/04/2021	Justiça torta	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/04/justica-torta.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	08/04/2021	Paralisia histórica	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/04/paralisia-historica.shtml

FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	15/04/2021	A moda do fura-teto	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/04/a-moda-do-fura-teto.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	22/04/2021	Em perigo	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/04/em-perigo.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	29/04/2021	Censo no tribunal	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/04/censo-no-tribunal.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	06/05/2021	Fiasco tributário	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/05/fiasco-tributario.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	13/05/2021	Lula X Bolsonaro	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/05/lula-x-bolsonaro.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	20/05/2021	Cerco a Salles	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/05/salles-na-mira
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	20/05/2021	Missão impossível	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/05/missao-impossivel.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	03/06/2021	Abuso armado	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/06/abuso-armado.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	10/06/2021	Inquérito sem fim	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/06/inquerito-sem-fim.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	24/06/2021	Salles fora	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/06/salles-fora.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	24/06/2021	Grave suspeita	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/06/grave-suspeita.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	01/07/2021	Terremoto na Saúde	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/06/terremoto-na-saude.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	08/07/2021	Circo amazônico	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/07/circo-amazonico.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	22/07/2021	Lista para a PGR	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/07/lista-para-a-pgr.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	22/07/2021	Apesar do MEC	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/07/apesar-do-mec.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	05/08/2021	Ensaio de ditador (capa)	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/08/ensaio-de-ditador.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	12/08/2021	Página virada	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/08/pagina-virada.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	09/09/2021	É crime'	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/09/e-crime.shtml

FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	09/09/2021	Casuísmo digital	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/09/casuismo-digital.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	23/09/2021	Redução de danos	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/09/reducao-de-danos.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	30/09/2021	Vetos em queda	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/09/vetos-em-queda.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	21/10/2021	O fura-teto	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/10/o-fura-teto.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	28/10/2021	Agitador silenciado	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/10/agitador-silenciado.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	18/11/2021	A cara do ENEM	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/11/a-cara-do-enem.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	02/12/2021	Mendonça no STF	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/12/mendonca-a-no-stf.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	09/12/2021	Prática e discurso	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/12/pratica-e-discurso.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	23/12/2021	Contas degradadas	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/12/contas-degradadas.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	06/01/2022	Despreparo de novo	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/01/desprepar-o-de-novo.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	13/01/2022	Além da conta	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/01/alem-da-conta.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	17/02/2022	Disque STF	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/02/disque-stf.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	03/03/2022	Transparência é lei	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/03/transparencia-e-lei.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	03/03/2022	O amigo Vladimir	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/03/o-amigo-vladimir.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	14/04/2022	Réu confesso	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/04/reu-confesso.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	21/04/2022	O nome do crime	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/04/o-nome-do-crime.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	05/05/2022	Querelas inúteis	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/05/querelas-inuteis.shtml
FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	12/05/2022	Bolsos e mentes	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/05/bolsos-e-mentes.shtml

FOLHA	100 DIAS NA PANDEMIA	19/05/2022	Transparência às avessas	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/05/transparencia-as-avessas.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	25/09/2022	Mais um escândalo	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/09/mais-um-escandalo.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	26/09/2022	Licença para gastar	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/09/licenca-para-gastar.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	29/09/2022	Tristes episódios	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/09/tristes-episodios.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	29/09/2022	Garimpo sem controle	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/09/garimpo-sem-controle.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	30/09/2022	Na margem de erro	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/09/na-margem-de-erro.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	30/09/2022	Lobby da bala	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/09/lobby-da-bala.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	01/10/2022	Bate-boca	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/09/bate-boca.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	02/10/2022	Às urnas, cidadãos	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/10/as-urnas-cidadaos.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	03/10/2022	Mais 4 semanas	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/10/mais-4-semanas.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	04/10/2022	Economia eleitoral	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/10/economia-eleitoral.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	05/10/2022	Novo foco	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/10/novo-foco.shtml

FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	07/10/2022	A urna e o cofre	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/a-urna-e-o-cofre.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	08/10/2022	Imunidade ambiental	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/impunidade-ambiental.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	10/10/2022	Disputa renhida	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/disputa-renhida.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	11/10/2022	Chantagem golpista	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/chantagem-golpista.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	12/10/2022	Golpes baixos	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/golpes-baixos.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	12/10/2022	Agricultura e natureza	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/agricultura-e-natureza.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	13/10/2022	Silêncio injustificável	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/silencio-injustificavel.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	15/10/2022	Como gastar	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/como-gastar.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	16/10/2022	Na mesma	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/na-mesma.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	18/10/2022	Outra conversa	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/outra-conversa.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	18/10/2022	Desvio de rota	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/desvio-de-rota.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	19/10/2022	Voto sem coação	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/voto-sem-coacao.shtml

FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	20/10/2022	Dados preocupantes	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/dados-preocupantes.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	20/10/2022	Ensino roubado	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/ensino-roubado.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	21/10/2022	Acirrada e pobre	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/acirrada-e-pobre.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	23/10/2022	Ameaça autocrática (CAPA)	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/ameaca-autocratica.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	23/10/2022	Com quem andas	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/com-quem-andas.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	24/10/2022	Distorção eleitoreira	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/distorcao-eleitoreira.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	24/10/2022	Crença e voto	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/crenca-e-voto.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	25/10/2022	Escândalo aliado	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/escandalo-aliado.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	25/10/2022	Desordem unida	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/desordem-unida.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	28/10/2022	Factoide de véspera	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/factoide-de-vespera.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	29/10/2022	Para o país de ontem	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/para-o-pais-de-ontem.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	30/10/2022	Uma eleição crucial (capa)	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/10/uma-eleicao-crucial.shtml

FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	31/10/2022	Ao centro, Lula	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/10/ao-centro-lula.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	01/11/2022	Crédito perigoso	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/10/credito-perigoso.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	02/11/2022	Sem esperneio	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/11/sem-esperneio.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	11/11/2022	Óbvio sobre a urna	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/11/o-obvio-sobre-a-urna.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	12/11/2022	Vida nova ao ENEM	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/11/vida-nova-ao-enem.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	14/11/2022	Desordem do dia	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/11/desordem-do-dia.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	16/11/2022	A conta da gasolina	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/11/a-conta-da-gasolina.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	21/11/2022	Armas travadas	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/11/armas-travadas.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	26/11/2022	Farsa punida	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/11/farsa-punida.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	01/12/2022	Ambiente ruim	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/11/ambiente-ruim.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	07/12/2022	Sobe e desce da miséria	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/12/sobe-e-desce-da-miseria.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	14/12/2022	Não à baderna	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2022/12/nao-a-baderna.shtml

FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	23/12/2022	Respeito à urna	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/12/respeito-a-urna.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	27/12/2022	Desarmar bombas	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/12/desarmar-bombas.shtml
FOLHA	100 ÚLTIMOS DIAS	31/12/2022	Bolsonaro fora	https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2022/12/bolsonaro-fora.shtml
FOLHA	100 PRIMEIROS DIAS	02/01/2019	Acenos positivos ao entendimento e ao fim das divisões	https://oglobo.globo.com/opinioao/acenos-positivos-ao-entendimento-ao-fim-das-divisooes-23339675
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	03/01/2019	Proposta coerente de um modelo liberal para o país	https://oglobo.globo.com/opinioao/proposta-coerente-de-um-modelo-liberal-para-pais-23341892
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	04/01/2019	A devida importância à segurança	https://oglobo.globo.com/opinioao/a-devida-importancia-a-seguranca-23344252
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	05/01/2019	É equivocado fazer concessões antes da própria reforma	https://oglobo.globo.com/opinioao/e-equivocado-fazer-concessoes-antes-da-propria-reforma-23347911
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	06/01/2019	Muda eixo ideológico, mas a Carta é a mesma	https://oglobo.globo.com/opinioao/muda-eixo-ideologico-mas-carta-a-mesma-23348133
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	09/01/2019	Começa a reforma dos bancos públicos	https://oglobo.globo.com/opinioao/comeca-reforma-dos-bancos-publicos-23356376
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	12/01/2019	Itamaraty tende a ser aparelho ultranacionalista	https://oglobo.globo.com/opinioao/itamaraty-tende-ser-aparelho-ultranacionalista-23365417
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	15/01/2019	Reformas não se resumem à previdência	https://oglobo.globo.com/opinioao/reformas-nao-se-resumem-previdencia-1-23371910
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	16/01/2019	Decreto das armas é temerário	https://oglobo.globo.com/opinioao/decreto-das-armas-temerario-23374909

O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	17/01/2019	Reforma da Previdência tem que incluir militares	https://oglobo.globo.com/opiniao/reforma-da-previdencia-tem-de-incluir-militares-23377734
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	18/01/2019	Otimismo com a sintonia entre Bolsonaro e Macri	https://oglobo.globo.com/opiniao/otimismo-com-sintonia-entre-bolsonaro-macri-23380469
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	23/01/2019	O discurso de Bolsonaro no figurino de Davos	https://oglobo.globo.com/opiniao/o-discurso-de-bolsonaro-no-figurino-de-davos-23393115
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	27/01/2019	Bolsonaro em busca de um discurso responsável sobre o meio ambiente	https://oglobo.globo.com/opiniao/bolsonaro-em-busca-de-um-discurso-responsavel-sobre-meio-ambiente-23403668
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	28/01/2019	Diplomacia pode pôr em risco o acesso a mercados árabes	https://oglobo.globo.com/opiniao/diplomacia-pode-por-em-risco-acesso-mercados-arabes-23404308
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	01/02/2019	Bolsonaro faz o certo ao optar pela reforma ampla	https://oglobo.globo.com/opiniao/bolsonaro-faz-certo-ao-optimar-pela-reforma-ampla-23418200
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	05/02/2019	Há clima para avanço na reforma da Previdência	https://oglobo.globo.com/opiniao/ha-clima-para-avanco-na-reforma-da-previdencia-23428064
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	06/02/2019	Pacote de Moro tem o rigor necessário.	https://oglobo.globo.com/opiniao/pacote-de-moro-tem-rigor-necessario-23431038
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	07/02/2019	Espaço aberto às negociações sobre a Previdência	https://oglobo.globo.com/opiniao/espaco-aberto-as-negociacoes-sobre-previdencia-23433141
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	08/02/2019	As vantagens de uma nova reforma trabalhista	https://oglobo.globo.com/opiniao/as-vantagens-de-uma-nova-reforma-trabalhista-23436610
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	14/02/2019	Bolsonarismo usa armas do PT para animar militantes	https://oglobo.globo.com/opiniao/bolsonarismo-usa-armas-do-pt-para-animar-militantes-23451020
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	15/02/2019	Parente em Palácio é alto risco de crise	https://oglobo.globo.com/opiniao/parente-em-palacio-alto-risco-de-crise-23453714

O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	16/02/2019	Reforma ataca pontos críticos da Previdência	https://oglobo.globo.com/opiniao/reforma-ataca-pontos-criticos-da-previdencia-23457008
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	17/02/2019	Tensões políticas internacionais ofuscam a degradação no clima	https://oglobo.globo.com/opiniao/tensoes-politicas-internacionais-ofuscam-degradacao-no-clima-23457687
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	18/02/2019	Sinais erráticos sobre o liberalismo na economia	https://oglobo.globo.com/opiniao/sinais-erraticos-sobre-liberalismo-na-economia-23457867
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	19/02/2019	Bolsonaro perde confiabilidade em acertos políticos	https://oglobo.globo.com/opiniao/bolsonaro-perde-confiabilidade-em-acertos-politicos-23462424
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	21/02/2019	Reforma coerente enfrenta o desafio da política	https://oglobo.globo.com/opiniao/reforma-coerente-enfrenta-desafio-da-politica-23468483
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	25/02/2019	Bom sinal na liquidação da estatal Valec	https://oglobo.globo.com/opiniao/bom-sinal-na-liquidacao-da-estatal-valec-23474694
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	25/02/2020	Governo age certo ao se distanciar de planos de intervenção na Venezuela	https://oglobo.globo.com/opiniao/governo-age-certo-ao-se-distanciar-de-planos-de-intervencao-na-venezuela-23480877
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	27/02/2019	MEC exorbita ao tentar usar escolas em propaganda	https://oglobo.globo.com/opiniao/mec-exorbita-ao-tentar-usar-escolas-em-propaganda-23483515
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	01/03/2019	Bolsonaro começa a entender o que é negociação política	https://oglobo.globo.com/opiniao/bolsonaro-comeca-entender-que-negociacao-politica-23489978
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	07/03/2019	A resistência ao fim do imposto sindical	https://oglobo.globo.com/opiniao/a-resistencia-ao-fim-do-imposto-sindical-23504000
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	08/03/2019	Não falta trabalho para Jair Bolsonaro	https://oglobo.globo.com/opiniao/nao-falta-trabalho-para-jair-bolsonaro-23506334
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	09/03/2019	Ministro atingido pelo laranjal é um problema	https://oglobo.globo.com/opiniao/ministro-atingido-pelo-laranjal-um-problema-23509183

O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	10/03/2019	Previdência é só a primeira das reformas	https://oglobo.globo.com/opiniao/previdencia-so-primeira-das-reformas-23509256
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	12/03/2019	Guedes se corrige e dá verdadeiro peso ao 'Plano B'	https://oglobo.globo.com/opiniao/guedes-se-corrige-da-verdadeiro-peso-ao-plano-b-23514460
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	15/03/2019	Arriscados acenos de mudanças na política externa	https://oglobo.globo.com/opiniao/arriscados-acenos-de-mudancas-na-politica-externa-23523466
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	17/03/2019	Impressiona a capacidade de a Infraero sobreviver a privatizações	https://oglobo.globo.com/opiniao/impressiona-capacidade-de-infraero-sobreviver-privatizacoes-23525557
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	21/03/2019	Deve ser feito um balanço sensato da viagem	https://oglobo.globo.com/opiniao/deve-ser-feito-um-balanco-sensato-da-viagem-23537840
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	22/03/2019	Reforma serve de biombo para reajuste de soldos	https://oglobo.globo.com/opiniao/reforma-serve-de-biombo-para-reajuste-de-soldos-23541157
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	24/03/2019	MEC continua distante da agenda dos reais problemas da educação	https://oglobo.globo.com/opiniao/mec-continua-distante-da-agenda-dos-reais-problemas-da-educacao-23543411
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	26/03/2019	Bolsonaro precisa afinal assumir o seu mandato	https://oglobo.globo.com/opiniao/bolsonaro-precisa-afinal-assumir-seu-mandato-23549798
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	28/03/2019	Falta de articulação cobra seu preço	https://oglobo.globo.com/opiniao/falta-de-articulacao-cobra-seu-preco-23555332
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	29/03/2019	O confronto como método é receita para o fracasso	https://oglobo.globo.com/opiniao/o-confronto-como-metodo-receita-para-fracasso-23558389
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	30/03/2019	Economia aumenta pressão sobre os políticos	https://oglobo.globo.com/opiniao/economia-aumenta-pressao-sobre-os-politicos-23561033
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	02/04/2019	Visita a Israel atesta política externa ideológica	https://oglobo.globo.com/opiniao/visita-israel-atesta-politica-externa-ideologica-23566439

O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	03/04/2019	Bolsonaro precisa recuperar tempo perdido na reforma	https://oglobo.globo.com/opiniao/bolsonaro-precisa-recuperar-tempo-perdido-na-reforma-23568717
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	04/04/2019	País segue na contramão ao extinguir pardais nas rodovias	https://oglobo.globo.com/opiniao/pais-segue-na-contramao-ao-extinguir-pardais-nas-rodovias-23571308
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	06/04/2019	Vélez nunca foi ministro da Educação	https://oglobo.globo.com/opiniao/velez-nunca-foi-ministro-da-educacao-23577444
O GLOBO	100 PRIMEIROS DIAS	09/04/2019	Desburocratizar é pauta positiva do governo	https://oglobo.globo.com/opiniao/desburocratizar-pauta-positiva-do-governo-23583428
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	08/02/2020	Informação é essencial em epidemias	https://oglobo.globo.com/opiniao/informacao-essencial-em-epidemias-24236954
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	15/02/2020	Guedes é apenas um no governo da verborragia	https://oglobo.globo.com/opiniao/guedes-apanas-um-no-governo-da-verborragia-24250471
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	27/02/2020	Bolsonaro atenta contra a Constituição	https://oglobo.globo.com/opiniao/bolsonaro-atenta-contr-a-constituicao-1-24273636
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	04/03/2020	Sindicalização na PM tem que ser combatida	https://oglobo.globo.com/opiniao/sindicalizacao-na-pm-tem-de-ser-combatida-1-24284220
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	12/03/2020	Coronavírus não está na agenda de Bolsonaro	https://oglobo.globo.com/opiniao/coronavirus-nao-esta-na-agenda-de-bolsonaro-1-24299526
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	17/03/2020	Economia requer medidas como a PEC Emergencial	https://oglobo.globo.com/opiniao/economia-requer-medidas-como-pec-emergencial-1-24308996
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	25/03/2020	Bolsonaro minimiza epidemia e põe Brasil em risco	https://oglobo.globo.com/opiniao/bolsonaro-minimiza-epidemia-poe-brasil-em-risco-24326172
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	02/04/2020	Bolsonaro encontrou na terça o melhor tom	só pdf
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	15/04/2020	STF serve de barreira para conter Bolsonaro	https://oglobo.globo.com/opiniao/stf-serve-de-barreira-para-conter-bolsonaro-1-24371573
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	23/04/2020	Fim do isolamento não pode ter um dia D	https://oglobo.globo.com/opiniao/fim-de-isolamento-nao-pode-ter-um-dia-d-1-24388232
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	30/04/2020	Presidente desrespeita famílias dos mais de 5 mil mortos pela covid-19	https://oglobo.globo.com/opiniao/presidente-desrespeita-familias-dos-mais-de-5-mil-mortos-pela-covid-19-24402196
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	07/05/2020	Bolsonaro sobre avarias no embate com o Moro	https://oglobo.globo.com/opiniao/bolsonaro-sofre-avarias-no-embate-com-moro-1-24413633

O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	14/05/2020	Bolsonaro na difícil busca por uma saída sólida	https://oglobo.globo.com/opiniao/bolsonaro-na-dificil-busca-por-uma-saida-1-24425398
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	21/05/2020	Radicalismo domina a Saúde e a Cultura	https://oglobo.globo.com/opiniao/radicalismo-domina-saude-a-cultura-1-24437466
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	28/05/2020	Operação da PF testa ingerências de Bolsonaro	https://oglobo.globo.com/opiniao/operacao-da-pf-testa-ingerencias-de-bolsonaro-24449219
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	03/06/2020	Radicalismo antiambiental estimula lobby contra acordo Mercosul-UE	https://oglobo.globo.com/opiniao/radicalismo-antiambiental-estimula-lobby-contra-acordo-mercosul-ue-24459425
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	11/06/2020	Governo cria seu próprio Bolsa Família	https://oglobo.globo.com/opiniao/governo-cria-seu-proprio-bolsa-familia-24473416
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	18/06/2020	Bolsonaro reage ao Judiciário independente	https://oglobo.globo.com/opiniao/bolsonaro-reage-ao-judiciario-independente-1-24484890
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	25/06/2020	Governo deu mordomia a Weintraub que se dizia contra todos os privilégios	https://oglobo.globo.com/opiniao/governo-deu-mordomia-weintraub-que-se-dizia-contra-todos-os-privilegios-1-24496600
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	09/07/2020	Problema do meio ambiente fica mais sério	https://oglobo.globo.com/opiniao/problema-do-meio-ambiente-fica-mais-serio-1-24522512
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	16/07/2020	A difícil missão da defesa do meio ambiente	https://oglobo.globo.com/opiniao/a-dificil-missao-da-defesa-do-meio-ambiente-1-24534436
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	13/08/2020	Em vez de mais gastos, é preciso acelerar as reformas	https://oglobo.globo.com/opiniao/em-vez-de-mais-gastos-preciso-acelerar-as-reformas-1-24582886
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	03/09/2020	Um excelente passo para mudar o Estado	https://oglobo.globo.com/opiniao/um-excelente-passo-para-mudar-estado-1-24620347
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	10/09/2020	Populismo não reduz pressão inflacionária	https://oglobo.globo.com/opiniao/populismo-nao-reduz-pressao-inflacionaria-1-24631337
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	24/09/2020	Fuga de capital externo liga o alarme	https://oglobo.globo.com/opiniao/fuga-de-capital-externo-liga-alarme-1-24656568
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	15/10/2020	Até que enfim a privatização dos Correios	https://oglobo.globo.com/opiniao/ate-que-enfim-privatizacao-dos-correios-24692304
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	22/10/2020	A politização irresponsável da pandemia	https://oglobo.globo.com/opiniao/a-politizacao-irresponsavel-da-pandemia-1-24704832
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	12/11/2020	Política externa de Bolsonaro funciona como biruta giratória	https://oglobo.globo.com/opiniao/politica-externa-de-bolsonaro-funciona-como-biruta-giratoria-1-24741065
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	19/11/2020	Deterioração das contas públicas exige resposta urgente do governo	https://oglobo.globo.com/opiniao/deterioracao-das-contas-publicas-exige-resposta-urgente-do-governo-24753823

O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	03/12/2020	Estratégia de vacinação do governo acerta no óbvio e omite o essencial	https://oglobo.globo.com/opiniao/estrategia-de-vacinacao-do-governo-acerta-no-obvio-omite-essencial-24777618
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	31/12/2020	Indulto de Bolsonaro a policiais traduz corporativismo e ideologia	https://oglobo.globo.com/opiniao/indulto-de-bolsonaro-policiais-traduz-corporativismo-ideologia-24818045
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	14/01/2021	Vacinação precisa começar o mais rápido possível	https://oglobo.globo.com/opiniao/vacinacao-precisa-comecar-mais-rapido-possivel-24836815
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	21/01/2021	Enem com abstenção recorde de 52% não pode ser considerado 'sucesso'	https://oglobo.globo.com/opiniao/enem-com-abstencao-recorde-de-52-nao-pode-ser-considerado-sucesso-24847342
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	28/01/2021	Com falta de vacinas, é preciso reforçar prevenção do contágio	https://oglobo.globo.com/opiniao/com-falta-de-vacinas-preciso-reforcar-prevencao-do-contagio-1-24857708
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	11/02/2021	A porteira do meio ambiente está aberta para novas 'boiadas'	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/porteira-do-meio-ambiente-esta-aberta-para-novas-boiadas.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	18/02/2021	Governo está mais empenhado em dar armas do que vacinas ao país	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/governo-esta-mais-empenhado-em-dar-armas-do-que-vacinas-ao-pais.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	25/02/2021	Medidas de contenção à brasileira dificultam combate à Covid-19	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/medidas-de-contencao-brasileira-dificultam-combate-covid-19.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	11/03/2021	Brasil precisa rever posição sobre quebra de patentes na pandemia	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/brasil-precisa-rever-posicao-sobre-quebra-de-patentes-na-pandemia.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	18/03/2021	Apesar da queda na popularidade, apoio a Bolsonaro resiste à pandemia	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/apesar-da-queda-na-popularidade-apoio-bolsonaro-resiste-pandemia.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	25/03/2021	300 mil vidas perdidas	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/300-mil-vidas-perdidas.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	08/04/2021	Bolsonaro desinforma sobre o tratamento precoce contra Covid	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/bolsonaro-desinforma-sobre-o-tratamento-precoce-contr-covid.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	15/04/2021	É um despropósito esperar vacina para começar a CPI	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/e-um-desproposito-esperar-vacina-para-comecar-cpi.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	22/04/2021	A causa da queda do Real tem nome: Jair Bolsonaro	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/causa-da-queda-do-real-tem-nome-jair-bolsonaro.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	29/04/2021	nova mudança na equipe de Guedes desperta ceticismo	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/nova-mudanca-na-equipe-de-guedes-desperta-ceticismo.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	13/05/2021	Wajngarten expõe negligência do governo no combate ao vírus	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/wajngarten-expoe-negligencia-do-governo-no-combate-ao-virus.html

O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	20/05/2021	É necessária ampla investigação sobre os desmandos de Salles	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/e-necessaria-ampla-investigacao-sobre-os-desmandos-de-salles.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	27/05/2021	Para apuração das denúncias, Salles precisa ser afastado	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/para-apuracao-das-denuncias-salles-precisa-ser-afastado.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	03/06/2021	Instituições têm de reagir aos avanços do bolsonarismo	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/instituicoes-tem-de-reagir-avancos-do-bolsonarismo.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	03/06/2021	E se Bolsonaro tivesse ouvido Luana Araújo em vez de Nise Yamaguichi	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/e-se-bolsonaro-tivesse-ouvido-luana-araujo-em-vez-de-nise-yamaguichi.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	10/06/2021	A rede de mentiras e desinformação no Palácio do Planalto	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/rede-de-mentiras-e-desinformacao-no-palacio-do-planalto.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	17/06/2021	Vetar 'passaporte de imunidade' porá o Brasil na contramão do mundo	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/vetar-passaporte-de-imunidade-pora-o-brasil-na-contramao-do-mundo.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	24/06/2021	Salles era só um coadjuvante. O ministro é Bolsonaro	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/salles-era-so-um-coadjuvante-o-ministro-e-bolsonaro.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	01/07/2021	Corrupção na área da Saúde revive no governo Bolsonaro	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/corruptao-na-area-da-saude-revive-no-governo-bolsonaro.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	08/07/2021	O que preocupa na indicação de André Mendonça ao Supremo	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/o-que-preocupa-na-indicacao-de-andre-mendonca-ao-supremo.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	15/07/2021	Mudanças na divulgação de queimadas revela tentativa de controlar dados	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/mudanca-na-divulgacao-de-queimadas-revela-tentativa-de-controlar-dados.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	22/07/2021	Bolsonaro conta com o apoio de Aras na PGR para as eleições 2022	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/bolsonaro-counta-com-apoio-de-aras-na-pgr-para-eleicoes-de-2022.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	19/08/2021	Mudanças no IR torna pior um sistema já péssimo	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/mudancas-no-ir-tornam-pior-um-sistema-ja-pessimo.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	26/08/2021	Perda de confiança no mercado resulta da incerteza política	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/perda-de-confianca-do-mercado-resulta-da-incerteza-politica.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	09/09/2021	Vacinação dos adolescentes deveria estar entre as prioridades	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/vacinacao-dos-adolescentes-deveria-estar-entre-prioridades.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	16/09/2021	Atrasos do MEC atrapalham adoção do novo ensino médio	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/atrasos-do-mec-atrapalham-adocao-do-novo-ensino-medio.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	23/09/2021	Orçamento põe em risco teto de gastos	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/orcamento-poe-em-risco-teto-de-gastos.html

O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	14/10/2021	Congresso precisa derrubar veto de Bolsonaro a projeto de absorventes	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/congresso-precisa-derrubar-veto-de-bolsonaro-projeto-de-absorventes.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	21/10/2021	A imperdoável trapalhada de Bolsonaro com o Auxílio Brasil	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/imperdoavel-trapalhada-de-bolsonaro-com-o-auxilio-brasil.html?li_source=LI&li_medium=news-page-widget
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	28/10/2021	Pedalada na meta envergonha Brasil na COP-26	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/pedalada-na-meta-envergonha-o-brasil-na-cop-26.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	04/11/2021	O mais difícil será o Brasil cumprir as promessas do clima	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/o-mais-dificil-sera-o-brasil-cumprir-promessas-do-clima.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	11/11/2021	Anvisa deve ter independência para decidir sobre vacinação em crianças	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/anvisa-deve-ter-independencia-para-decidir-sobre-vacinacao-em-criancas.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	18/11/2021	Não tem cabimento conceder aumento ao funcionalismo	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/nao-tem-cabimento-conceder-aumento-ao-funcionalismo.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	09/12/2021	Governo erra ao contrariar Anvisa e permitir entrada de não vacinados	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/governo-erra-ao-contrariar-anvisa-e-permitir-entrada-de-nao-vacinados.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	16/12/2021	Bolsonaro planeja reajuste absurdo para policiais	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/bolsonaro-planeja-reajuste-absurdo-para-policiais.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	06/01/2022	É urgente começar a vacinar as crianças contra a covid	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/e-urgente-comecar-vacinar-criancas-contr-a-covid.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	06/01/2022	A lição da invasão do Capitólio para a democracia no Brasil e no mundo	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/licao-da-invasao-do-capitolio-para-democracia-no-brasil-e-no-mundo.html?li_source=LI&li_medium=news-page-widget
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	13/01/2022	Apagão de dados no SUS dificulta combate à Covid	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/apagao-de-dados-no-sus-dificulta-combate-covid.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	27/01/2022	Apreensão de arsenal expõe risco de facilitação do acesso às armas	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/apreensao-de-arsenal-expoe-riscos-da-facilitacao-do-acesso-armas.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	03/03/2022	Descalabro no Orçamento tira verbas de obras contra as chuvas	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/descalabro-no-orcamento-tira-verbas-de-obras-contr-a-chuvas.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	10/03/2022	Governo despreza remédios contra a Covid, com cloroquina não falta	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/governo-despreza-remedios-contr-a-covid-mas-cloroquina-nao-falta.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	24/03/2022	Milton Ribeiro precisa sair com urgência do MEC	https://blogs.oglobo.globo.com/opiniao/post/milton-ribeiro-precisa-sair-com-urgencia-do-mec.html

O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	31/03/2022	Alta rotatividade do MEC prejudica políticas públicas	https://blogs.oglobo.globo.com/opinioao/post/alta-rotatividade-no-mec-prejudica-politicas-publicas.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	07/04/2022	Congresso deveria derrubar veto de Bolsonaro à Lei Paulo Gustavo	https://blogs.oglobo.globo.com/opinioao/post/congresso-deveria-derrubar-veto-de-bolsonaro-lei-paulo-gustavo.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	14/04/2022	É fundamental acelerar concessão de aeroportos	https://blogs.oglobo.globo.com/opinioao/post/e-fundamental-acelerar-concessao-de-aeroportos.html
O GLOBO	100 DIAS NA PANDEMIA	21/04/2022	PGR deveria investigar ação de Bolsonaro no MEC	https://blogs.oglobo.globo.com/opinioao/post/pgr-deveria-investigar-acao-de-bolsonaro-no-mec.html
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	23/09/2022	Crítica de Guedes é pertinente, mas ele não deveria desprezar a fome no Brasil	https://oglobo.globo.com/opinioao/editorial/coluna/2022/09/critica-de-guedes-e-pertinente-mas-ele-nao-deveria-desprezar-a-fome-no-brasil.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	24/09/2022	Não faz sentido fixar metas para reservas internacionais	https://oglobo.globo.com/opinioao/editorial/coluna/2022/09/nao-faz-sentido-proposta-de-fixar-metas-para-reservas-internacionais.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	25/09/2022	Risco de volta da pólio exige urgência do governo federal na vacinação	https://oglobo.globo.com/opinioao/editorial/coluna/2022/09/risco-de-volta-da-polio-exige-urgencia-do-governo-federal-na-vacinacao.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	26/09/2022	Privatizações devem ser encaradas como política de estado	https://oglobo.globo.com/opinioao/editorial/coluna/2022/09/privatizacoes-devem-ser-encaradas-como-politica-de-estado.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	27/09/2022	Contingenciamento das verbas da merenda trouxe fome às escolas	https://oglobo.globo.com/opinioao/editorial/coluna/2022/09/contingenciamento-nas-verbas-da-merenda-trouxe-a-fome-as-escolas.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	28/09/2022	Bolsonaro comete abusos ao decretar sigilo de cem anos	https://oglobo.globo.com/opinioao/editorial/coluna/2022/09/bolsonaro-comete-abusos-ao-decretar-sigilo-de-cem-anos.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	29/09/2022	Brasil precisa criar uma política de Estado para preservar a Amazônia	https://oglobo.globo.com/opinioao/editorial/coluna/2022/09/brasil-precisa-criar-uma-politica-de-estado-para-preservar-a-amazonia.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	01/10/2022	Conflitos não tiram força do debate na TV	https://oglobo.globo.com/opinioao/editorial/coluna/2022/10/conflitos-nao-tiraram-forca-do-debate-na-tv.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	03/10/2022	Segundo turno exige atitude diferente de Lula e Bolsonaro	https://oglobo.globo.com/opinioao/editorial/coluna/2022/10/segundo-turno-exige-atitude-diferente-de-lula-e-bolsonaro.ghtml

O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	03/10/2022	Posição brasileira sobre anexação na Ucrânia causa consternação	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/posicao-brasileira-sobre-anexacao-na-ucrania-causa-consternacao.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	07/10/2022	Ação da PF mostra onde vai parar o orçamento secreto	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/acao-da-pf-mostra-onde-vai-parar-o-orcamento-secreto.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	08/10/2022	Cortes em educação são inaceitáveis	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/cortes-em-educacao-sao-inaceitaveis.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	11/10/2022	Próximo governo terá desafio de reconstruir os programas sociais	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/proximo-governo-tera-desafio-de-reconstruir-os-programas-sociais.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	13/10/2022	Todos terão o dever de aceitar o resultado do segundo turno	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/todos-terao-dever-de-aceitar-o-resultado-do-segundo-turno.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	14/10/2022	Libertação de CAC revela limite da política armamentista de Bolsonaro	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/libertacao-de-cac-revela-limite-da-politica-armamentista-de-bolsonaro.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	15/10/2022	Não há justificativa para perseguição a pesquisas eleitorais	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/nao-ha-justificativa-para-perseguiacao-a-pesquisas-eleitorais.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	15/10/2022	Governo tem obrigação de rever cortes em programas contra aids	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/governo-tem-obrigacao-de-rever-cortes-em-programa-contr-aids.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	16/10/2022	Eleitor exige menos insultos e mais propostas	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/eleitor-exige-menos-insultos-e-mais-propostas.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	17/10/2022	Piora no combate a corrupção dificulta entrada na OCDE	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/piora-no-combate-a-corrupcao-dificulta-entrada-na-ocde.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	18/10/2022	Debate foi mais civilizado, mas não propositivo	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/debate-foi-mais-civilizado-nao-mais-propositivo.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	18/10/2022	TSE precisa equilibrar cerco a fake news e zelo pela liberdade de expressão	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/tse-precisa-equilibrar-cerco-a-fake-news-e-zelo-pela-liberdade-de-expressao.ghtml

O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	19/10/2022	Dar consignado a beneficiários de auxílios é insensatez	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/dar-consignado-a-beneficiarios-de-auxilios-e-insensatez.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	19/10/2022	Brasileiro é o melhor nome para ocupar a presidência do BID	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/brasileiro-e-o-melhor-nome-para-ocupar-a-presidencia-do-bid.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	20/10/2022	Ao se reconciliar com Bolsonaro, Moro joga por terra legado anticorrupção	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/ao-se-reconciliar-com-bolsonaro-moro-joga-por-terra-legado-anticorrupcao.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	23/10/2022	É dever das Forças Armadas publicar 'auditoria' das urnas	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/e-dever-das-forcas-armadas-publicar-auditoria-das-urnas.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	23/10/2022	Filas para receber Auxílio Brasil são desrespeito com população carente	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/filas-para-receber-auxilio-brasil-sao-desrespeito-com-populacao-carente.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	25/10/2022	Bolsonaro não tem como se desvincular de Roberto Jefferson	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/bolsonaro-nao-tem-como-se-desvincular-de-roberto-jefferson.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	27/10/2022	Esvaziamento de fundo científico é fruto de prioridades erradas do Brasil	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/esvaziamento-de-fundo-cientifico-e-fruto-de-prioridades-erradas-do-brasil.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	28/10/2022	TSE fez bem em rejeitar acusação sem evidências	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/tse-fez-bem-em-rejeitar-acusacao-sem-evidencias.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	28/10/2022	Leniência com multas ambientais incentivou o crime e a devastação	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/leniencia-com-multas-ambientais-incentiva-o-crime-e-a-devastacao.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	30/10/2022	Vencedor terá que reunificar país dividido	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/10/vencedor-tera-de-reunificar-pais-dividido.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	01/11/2022	Brasil tem dever de repudiar 'Capitólio dos caminhoneiros'	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/brasil-tem-dever-de-repudiar-capitolio-dos-caminhoneiros.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	02/11/2022	Pronunciamento de Bolsonaro traz sensação de alívio	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/pronunciamento-de-bolsonaro-traz-sensacao-de-alivio.ghtml

O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	02/11/2022	Governo faz bem em dar início à transição do novo mandato de Lula	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/governo-faz-bem-em-dar-inicio-a-transicao-ao-novo-mandato-de-lula.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	04/11/2022	Autoridades precisam investigar e punir quem incentiva atos golpistas	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/autoridades-precisam-investigar-e-punir-quem-incentiva-atos-golpistas.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	09/11/2022	O dilema da direita diante de Bolsonaro	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/o-dilema-da-direita-diante-de-bolsonaro.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	12/11/2022	Forças Armadas revelam sensatez em nota conjunta	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/forcas-armadas-revelam-sensatez-em-nota-conjunta.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	13/11/2022	Investigações sobre bloqueios nas estradas precisam ser rigorosos	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/investigacoes-sobre-bloqueios-nas-estradas-precisam-ser-rigorosas.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	17/11/2022	Diretor da Polícia Rodoviária Federal deveria ser afastado	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/diretor-da-policia-rodoviaria-federal-deveria-ser-afastado.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	19/11/2022	Revogação de decretos armamentistas de Bolsonaro é medida necessária	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/revogacao-de-decretos-armamentistas-de-bolsonaro-e-medida-necessaria.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	20/11/2022	Reerguer Enem esvaziado na gestão Bolsonaro é desafio do novo governo	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/reerguer-enem-esvaziado-na-gestao-bolsonaro-e-desafio-do-novo-governo.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	23/11/2022	Governo precisa passar a oferecer as novas vacinas contra Covid	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/governo-precisa-passar-a-oferecer-as-novas-vacinas-contr-covid.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	25/11/2022	Moraes acertou em aplicar sanção contra o PL	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/moraes-acertou-ao-aplicar-sancao-contr-o-pl.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	26/11/2022	É preciso ficar de olho nas nomeações finais de Bolsonaro	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/e-preciso-ficar-de-olho-nas-nomeacoes-finais-de-bolsonaro.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	27/11/2022	É preocupante o fracasso do Brasil nas metas de vacinação contra a Covid	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/11/e-preocupante-o-fracasso-do-brasil-nas-metas-de-vacinacao-contr-covid.ghtml

O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	02/12/2022	Alta no desmatamento no governo Bolsonaro é inequívoca — e intencional	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/12/alta-no-desmatamento-no-governo-bolsonaro-e-inequivoca-e-intencional.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	05/12/2022	Coordenação do MEC é essencial para superar desigualdades na educação	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/12/coordenacao-do-mec-e-essencial-para-superar-desigualdades-na-educacao.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	15/12/2022	Alta de impostos estaduais evidencia necessidade de reforma tributária	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/12/alta-de-impostos-estaduais-evidencia-necessidade-de-reforma-tributaria.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	17/12/2022	Governo já deveria ter começado a vacinar crianças de até quatro anos	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/12/governo-ja-deveria-ter-comecado-a-vacinar-criancas-de-ate-quatro-anos.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	27/12/2022	O que nos une é muito maior do que nossas diferenças	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/12/o-que-nos-une-e-muito-maior-que-nossas-diferencas.ghtml
O GLOBO	100 ÚLTIMOS DIAS	29/12/2022	Condenador por Carandiru não têm direito a indulto	https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/12/condenados-por-carandiru-nao-tem-direito-a-indulto.ghtml

Fonte: A autora.

APÊNDICE III

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Ao longo da elaboração desta tese, ferramentas de Inteligência Artificial (IA) foram utilizadas para auxiliar em etapas específicas da pesquisa, sempre com supervisão crítica e revisão por parte da autora, com auxílio do manual de uso ético elaborado por Sampaio, Sabbatini, Lomongi (2024).

As principais aplicações incluíram 1) a seleção dos 100 dias durante a pandemia da Covid-19, cujos editoriais publicados pelo *quality papers* foram analisados no estudo; 2) revisão de referência bibliográfica, de acordo com as regras recentes da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) ABNT NBR 14724:2024; 3) tradução do Resumo da pesquisa (Abstract), disponível na página 23.

Salientamos que todo conteúdo gerado pelas ferramentas foi validado e adaptado pela autora, tendo como referência fontes confiáveis. As interpretações e conclusões presentes neste estudo são de inteira responsabilidade da autora.

O objetivo desta declaração é assegurar transparência quanto ao uso responsável de tecnologias de IA, em conformidade com as melhores práticas acadêmicas.



Mara Karina Sousa Barbosa da Silva

Brasília, maio de 2025.